



HAL
open science

Variação em português e em outras Línguas Românicas

Marcia dos Santos Machado Vieira, Vanessa Meireles

► **To cite this version:**

Marcia dos Santos Machado Vieira, Vanessa Meireles. Variação em português e em outras Línguas Românicas. Editora Blucher. Editora Blucher, 2022, 10.5151/9786555501292 . hal-03607293

HAL Id: hal-03607293

<https://hal.science/hal-03607293>

Submitted on 7 Mar 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Marcia dos Santos Machado Vieira
Vanessa Meireles
organizadoras

VARIAÇÃO EM PORTUGUÊS E EM OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Variation en portugais et dans
d'autres langues romanes



VARIAÇÃO EM PORTUGUÊS E EM
OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Conselho editorial

André Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon de Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luis Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

Blucher Open Access

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA
VANESSA MEIRELES
(organizadoras)

VARIAÇÃO EM PORTUGUÊS E EM OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS



2022

Varição em português e em outras línguas românicas
© 2022 Marcia dos Santos Machado Vieira, Vanessa Meireles
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Kedma Marques

Diagramação Taís do Lago

Revisão Samira Panini

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Varição em português e em outras línguas
românicas / organizado por Marcia dos Santos Machado
Vieira, Vanessa Meireles. - São Paulo : Blucher, 2022.
407 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-128-5 (impresso)

ISBN 978-65-5550-129-2 (eletrônico)

Open Access

1. Linguística 2. Língua portuguesa 3. Línguas
românicas 4. Variações linguísticas I. Machado Vieira,
Marcia dos Santos II. Meireles, Vanessa

22-1208

CDD 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística

COMITÉ CIENTÍFICO / COMITÉ SCIENTIFIQUE

Aline Bazenga (Universidade da Madeira – UMA)

Carla Valéria de Souza Faria (Università Ca' Foscari Venezia – UNIVE)

Dennis Castanheira (Universidade Federal Fluminense – UFF)

Fabiane Rocha Nascimento (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ)

Laura Álvarez López (Stockholm University)

Leticia Rebollo Couto (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Loremi Loregian Penkal (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO)

Maria Antónia Ramos Coelho da Mota (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – CLUL)

Maria da Conceição Paiva (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Sandro Drummond Marengo (Universidade Federal de Sergipe – UFS)

Apoio na divulgação científica / Soutien à la diffusion scientifique

Équipe de Recherche ReSO, Université Paul Valéry/Montpellier 3, France

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

<https://reso.www.univ-montp3.fr/>

<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/pt/>

Design e Diagramação / Design et Mise en page

Jeane Nunes da Penha (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Pedro Giovanni Duarte Poppolino (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Equipe de revisão / Équipe de révision

Vanessa Meireles (Université Paul Valéry/Montpellier 3 – UPVM)

Marcia dos Santos Machado Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Eneile Santos Saraiva (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Mariana Meireles de Oliveira Silva (Université de Nanterre)

Ravena Beatriz (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Wendy Salomon (Université Paul Valéry/Montpellier 3 – UPVM)

Les langues dépassent les frontières, pénètrent dans nos pays et esprits via
le tourisme, la culture, Internet, les mouvements migratoires...

Hugues Sheeren¹

Università degli Studi di Firenze

¹ SHEEREN, Hugues. L'intercompréhension: un nouveau souffle pour les langues romanes minoritaires et pour les dialectes? *Lengas – Revue de sociolinguistique: L'Europe romane: identités, droits linguistiques et littérature*, 79, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lengas/1060> (Acesso em: 24 out. 2021).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	17
PREFACE	21
REFERENCES	23
APRESENTAÇÃO	25
PRÉSENTATION	33
1 – AVALIAÇÃO SUBJETIVA DAS VARIANTES ALTAS [I] E [U]: INDICADOR, MARCADOR, ESTEREÓTIPO OU FENÔMENO EM UM CONTINUUM?	41
INTRODUÇÃO	42
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	43
METODOLOGIA	45
DISCUSSÃO	47
TESTE DE REAÇÃO SUBJETIVA.....	47
FRASES DE AVALIAÇÃO POSITIVA.....	47
COMPETÊNCIA	47
INTEGRIDADE PESSOAL	48
ATRATIVIDADE PESSOAL.....	49
AVALIAÇÕES NEGATIVAS.....	50
COMPETÊNCIA	50
INTEGRIDADE PESSOAL	51
ATRATIVIDADE PESSOAL.....	52
TESTE DE INSEGURANÇA LINGUÍSTICA.....	53
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57

2 – SUBJECTIVE EVALUATION OF THE HIGH VARIANTS [I] AND [U]: INDICATOR, MARKER, STEREOTYPE, OR PHENOMENON ON A CONTINUUM?	61
REFERENCES	65
3 – SOBRE A DITONGAÇÃO DE VOGAIS NASAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU ..	67
INTRODUÇÃO	68
METODOLOGIA	72
RESULTADOS	75
O PONTO DE ARTICULAÇÃO DO GLIDE EM POSIÇÃO FINAL	76
O PONTO DE ARTICULAÇÃO DO GLIDE EM POSIÇÃO NÃO FINAL	79
DIFERENÇAS REGIONAIS	81
DISCUSSÃO	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	88
4 – SUR LA DIPHTONGAISON DES VOYELLES NATALES EN PORTUGAIS EUROPÉEN.....	91
RÉFÉRENCES	96
5 – ARTIGOS DEFINIDOS EM SINTAGMAS POSSESSIVOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ: SUBSÍDIOS PARA DESCRIÇÃO DE UMA REGRA VARIÁVEL.....	99
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	100
O FENÔMENO EM FOCO: A VARIAÇÃO DO EMPREGO DO ARTIGO DIANTE DE POSSESSIVOS	101
A HISTÓRIA SOCIOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ	106
PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	107
RESULTADOS	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	118
6 – DEFINITE ARTICLES IN POSSESSIVE PHRASES IN SÃO TOMÉ PORTUGUESE: SUBSIDIES FOR THE DESCRIPTION OF A VARIABLE RULE.....	121
FIRST WORDS	121
VARIATION IN THE USE OF THE ARTICLE IN POSSESSIVE PHRASES: A PORTRAIT OF PORTUGUESE VARIETIES	122

THE SPEECH COMMUNITY	123
THEORY AND METHODS.....	123
DATA ANALYSIS.....	124
FINAL REMARKS.....	125
REFERENCES	126
7 – COMPLEMENTANDO UM ESTUDO SOBRE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ: ESTRUTURAS PREDICATIVAS/PASSIVAS.....	129
INTRODUÇÃO	130
VISITANDO ALGUNS ESTUDOS SOBRE O TEMA NO PB.....	132
SITUANDO BREVEMENTE A COMUNIDADE DE SÃO TOMÉ	136
QUANTO A ASPECTOS GEO-SÓCIO-LINGUÍSTICOS GERAIS.....	136
QUANTO À MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN	138
ANALISANDO AS ESTRUTURAS PREDICATIVAS/PASSIVAS (EPPS) NO PST	139
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	139
RESULTADOS	142
COMPARANDO E COMPLEMENTANDO ANÁLISES: A NÃO MARCAÇÃO DE PLURAL EM EPPS E EM SNS NO PST.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	150
8 – COMPLÉMENT D’UNE ÉTUDE SUR L’ACCORD DE NOMBRE NOMINAL DANS LA VARIÉTÉ URBAINE DU PORTUGAIS DE SÃO TOMÉ : STRUCTURES PRÉDICATIVES/PASSIVES	155
RÉFÉRENCES	161
9 – AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS DO PORTUGUÊS ANGOLANO E DO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO REVISITADAS	163
INTRODUÇÃO	164
AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE ANGOLA.....	165
ALGUMAS HIPÓTESES ANTERIORES	165
ALGUNS DADOS DO PROJETO PALMA.....	167
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	169
CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE	174
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	176

A ESTRUTURA ADOTADA PARA AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS.....	179
CONCLUSÕES.....	184
REFERÊNCIAS.....	185
10 – ANGOLAN AND MOZAMBIKAN PORTUGUESE DITRANSITIVE CONSTRUCTIONS REVISITED	189
REFERENCES	192
11 – PARA MATAR A BOLA NO PEITO E FAZER UM GOLAOÇO NO DISCURSO: PREDICADOR COM VERBO (SEMI-)SUPORTE.....	195
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	196
REFERENCIAL TEÓRICO	199
VERBO SUPORTE E SEMISSUPORTE.....	199
LINGUÍSTICA FUNCIONAL-COGNITIVA.....	200
HABILIDADES COGNITIVAS DE DOMÍNIO GERAL	202
PARÂMETROS DE ANÁLISE.....	203
OS DADOS E A ANÁLISE EMPÍRICA.....	204
PREDICAÇÃO VIA PREDICADOR COMPLEXO COM VERBO (SEMI-)SUPORTE: RESULTADOS DE UMA ANÁLISE EMPÍRICA.....	205
EXAME DO GRAU DE PRODUTIVIDADE E ESQUEMATICIDADE DAS EXPRESSÕES.....	205
EXAME DO GRAU DE COMPOSICIONALIDADE E DA CONTEXTUALIDADE DAS EXPRESSÕES.....	213
MUDANÇA, ESTABILIDADE E VARIAÇÃO.....	216
DISCUSSÃO	218
CONCLUSÃO	220
REFERÊNCIAS	221
12 – TO “MATAR A BOLA NO PEITO” AND “FAZER UM GOLAOÇO” IN THE SPEECH: PREDICATE WITH (SEMI-)SUPPORT VERB.....	225
REFERENCES	232
13 – PARADIGMA DISCURSIVO COMO (PROTO)CONSTRUÇÃO: ALTERNÂNCIA LINGUÍSTICA VIA PRÁTICAS SOCIOCOMUNICATIVAS	233
PARA INICIAR O TEXTO, VAMOS ATIVAR O PARADIGMA DISCURSIVO “ARTIGO CIENTÍFICO”	234
“PADRÕES DISCURSIVOS” COMO TRADIÇÃO CULTURAL	239

REPRESENTAÇÃO DE “PADRÕES DISCURSIVOS” NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES.....	244
PARADIGMA DISCURSIVO “RECEITA”: CONSTRUÇÕES LEXICAIS E GRAMATICAIS E A RELAÇÃO SOCIOCULTURAL.....	249
PARADIGMA DISCURSIVO “RESUMO ACADÊMICO-CIENTÍFICO”: CONSTRUÇÕES PROCEDURAIS E LEXICAIS COMBINADAS A UMA CONSTRUÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA.....	256
DISCUSSÃO.....	262
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	263
REFERÊNCIAS.....	263
14 – DISCURSIVE PARADIGM AS (PROTO)CONSTRUCTION: LINGUISTIC ALTERNATION VIA SOCIO-COMMUNICATIVE PRACTICES	269
DISCURSIVE PATTERNS AS A CULTURAL TRADITION.....	270
REPRESENTATION OF DISCURSIVE PATTERNS IN THE CONSTRUCTION GRAMMAR.....	271
THE DISCURSIVE PARADIGM “ACADEMIC-SCIENTIFIC SUMMARY”: PROCEDURAL AND LEXICAL CONSTRUCTIONS COMBINED WITH A TEXTUAL-DISCURSIVE CONSTRUCTION.....	272
FINAL CONSIDERATIONS.....	276
REFERENCES	276
15 – A PANDEMIA NAS MÍDIAS BRASILEIRA E ITALIANA: REFERENCIAÇÃO E POSICIONAMENTO ARGUMENTATIVO	279
INTRODUÇÃO.....	280
TEXTO, LEITURA E GÊNERO TEXTUAL	281
REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO	283
ANÁLISE: 500 MIL MORTOS POR COVID NO BRASIL.....	286
DISCUSSÃO.....	291
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	293
REFERÊNCIAS.....	294
16 – THE PANDEMIC IN THE BRAZILIAN AND ITALIAN MEDIA: REFERENCING AND ARGUMENTATIVE POSITIONING	297
REFERENCES	301

17 – PREDICAR VIA DIACONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÃO EM PORTUGUÊS E ESPANHOL	303
INTRODUÇÃO	304
A PERSPECTIVA DIASSISTEMÁTICA NO MODELO CONSTRUCIONISTA DA LINGUAGEM	306
PREDICAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO: VERBO (SEMI-)SUPORTE, VERBO DE CAMBIO.....	309
FORMAÇÃO DOS CORPORA E METODOLOGIA	312
RESULTADOS	314
DISCUSSÃO	324
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	326
REFERÊNCIAS	327
18 – PREDICAR VÍA DIACONSTRUCCIÓN DE LA REPRESENTACIÓN EN PORTUGUÉS Y ESPAÑOL	329
REFERENCIAS	334
19 – VARIAÇÃO ENTRE PREDICADORES COMPLEXOS DE PERCEÇÃO VISUAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PORTUGUÊS E FRANCÊS.....	337
INTRODUÇÃO	338
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	340
RESULTADOS	344
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	351
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	354
REFERÊNCIAS	355
20 – VARIATION DES PRÉDICATEURS COMPLEXES DE LA PERCEPTION VISUELLE: UNE ÉTUDE COMPARATIVE ENTRE LE PORTUGAIS ET LE FRANÇAIS.....	359
RÉFÉRENCES	362
21 – USOS DE CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS EM JORNAIS EM PORTUGUÊS DO BRASIL E EM FRANCÊS.....	365
INTRODUÇÃO	366
VALORES SEMÂNTICOS DOS CIRCUNSTANCIAIS DE TEMPO E ASPECTO	367
POSIÇÃO DAS LOCUÇÕES NO PORTUGUÊS E NO FRANCÊS.....	371

OS USOS DE CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS EM NOTÍCIAS E EDITORIAIS DE JORNAIS.....	373
NOTÍCIA	373
EDITORIAL	374
DISCUSSÃO	376
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	383
REFERÊNCIAS.....	384
22 – USAGES DES CIRCONSTANCIELS TEMPORELS ET ASPECTUELS DANS LES JOURNAUX EN PORTUGAIS BRÉSILIEU ET EN FRANÇAIS	387
CONTEXTUALISATION.....	388
RÔLES SÉMANTIQUES DES CIRCONSTANCIELS TEMPORELS ET ASPECTUELS	389
MÉTHODOLOGIE.....	390
RÉSULTATS.....	390
CONSIDÉRATIONS FINALES.....	391
RÉFÉRENCES	391
AS ORGANIZADORAS.....	395
OS AUTORES.....	397

PREFÁCIO

O português é uma língua mundial com aproximadamente 258 milhões de falantes, dos quais 232 milhões o falam como primeira língua. É a língua oficial em nove países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Conforme os dados apresentados no portal Statista em 2021, o português é a nona língua mais falada no mundo e a sexta mais usada na internet.

A difusão do português é fruto da colonização territorial e linguística, mas também é fruto das políticas linguísticas e educacionais implementadas pelos governos coloniais e pós-coloniais nos quatro continentes onde a língua evoluiu de formas diversas. Uma das consequências das mencionadas políticas é que a norma oficial idealizada em grande parte do mundo chamado “lusófono” é a norma padrão europeia, ou, no caso do Brasil, uma norma que não tem como alvo precisamente o português europeu, mas que tem sido fortemente influenciada por uma visão conservadora que tende a desvalorizar as características específicas presentes em inúmeras variedades regionais e sociais, mas ausentes da norma padrão europeia.

Nas últimas décadas, os estudos da variação vêm ocupando um papel central no campo da linguística, com o pressuposto de que todas as línguas são inerentemente variáveis e que a variação geralmente é sistemática e ordenada tanto na

comunidade da fala como em nível individual (Weinreich; Labov; Herzog, 1968). Os estudiosos entendem hoje que a variação é o resultado de processos que podem ser explicados tanto por fatores linguísticos como extralinguísticos. Ao mesmo tempo, as diferenças regionais podem representar diferentes estágios na evolução ou gramaticalização de formas linguísticas. Assim como no caso dos chamados World Englishes, vários linguistas que se debruçam sobre o estudo da língua portuguesa vêm explorando a ideia de um *continuum* – que inclui uma gama de variedades nacionais, regionais e sociais, além de variedades de português falado como segunda língua (Álvarez; Avelar, 2018; Mesthrie; Bhatt, 2008; Schneider, 2007).

Em 2019, as professoras e pesquisadoras Vanessa Meireles, da Universidade Paul Valéry, e Marcia dos Santos Machado Vieira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, deram início ao projeto internacional VariaR – Variação em Línguas Românicas, do qual surge a presente coletânea que explora um conjunto de variedades de português. O grupo de pesquisa, que já organizou colóquios e seminários internacionais, tem como objetivo principal incentivar a colaboração entre pesquisadores que têm em comum o objetivo de estudar a variação e mudança na língua portuguesa e contribuir para a descrição e a análise de fenômenos variáveis no plano fonético-fonológico e morfossintático, inclusive a comparação do português com outras línguas românicas.

O projeto VariaR é inovador na medida em que está situado em uma encruzilhada entre pesquisas sobre a variação intralinguística observada nas variedades de português e as comparações com outras línguas românicas. Além disso, os pesquisadores articulam vários ramos da linguística ao descrever a variação com base em dados empíricos com o objetivo de explicar suas causas em diversos níveis da língua. Ao contrapor uma ampla gama de variedades de forma sistemática, a colaboração que vem se desenvolvendo no âmbito do projeto VariaR tem o potencial de incentivar rigor metodológico e teórico na pesquisa. As perguntas abordadas neste volume poderão, sem dúvida, contribuir para iluminar questões específicas sobre as respectivas variedades, mas também outras de caráter geral, como as seguintes: Até que ponto os padrões da variação são compartilhados entre as variedades do português e/ou variedades de outras línguas românicas? As diferenças regionais são aleatórias ou podem ser explicadas a partir do tipo de variedade (por exemplo, variedade de língua materna versus variedades de segunda língua em contextos multilíngues)? Esperamos que o formato digital e os resumos em línguas diversas facilitem a divulgação dos resultados do projeto e estimulem ainda mais o desenvolvimento do trabalho coletivo sobre um tópico de

alta relevância, tanto para os estudos sobre a língua portuguesa – em todas suas variedades – como para a compreensão dos mecanismos que levam a processos de variação e mudança linguística em toda e qualquer língua.

Estocolmo, outubro de 2021

Laura Álvarez López
(Universidade de Estocolmo)

PREFACE

Portuguese is a world language with approximately 258 million speakers, of which 232 million are first language speakers. It is the official language in nine countries: Angola, Brazil, Cabo Verde, Guinea-Bissau, Equatorial Guinea, Mozambique, Portugal, São Tomé and Príncipe and East Timor. According to data presented on the Statista portal in 2021, Portuguese is the ninth most spoken language in the world and the sixth most common on the internet.

The spread of Portuguese is the result of territorial and linguistic colonization, but it is also the product of linguistic and educational policies implemented by colonial and post-colonial governments in the four continents where the language evolved in different ways. One of the consequences of the above-mentioned policies is that the idealized linguistic norm in many of the regions that are called “lusophone” is the European standard norm, or, in the case of Brazil, a norm that does not have European Portuguese as a specific target, but that has been strongly influenced by a conservative view of language. Such a view tends to devalue the specific linguistic characteristics present in countless regional and social varieties, but absent from the standard European norm.

In recent decades, the study of variation has played a central role in the field of Linguistics and this has brought forward the assumption that all languages are

inherently variable, and that variation is generally systematic and orderly – both in the speech community and at the individual level (Weinreich; Labov; Herzog, 1968). Scholars nowadays understand that variation is the result of processes that can be explained by both linguistic and extralinguistic factors. At the same time, regional differences can represent diverse stages in the evolution or grammaticalization of linguistic forms. As in the case of the so-called World Englishes, researchers who focus on the study of varieties of Portuguese have been exploring the idea of a continuum – which includes a range of national, regional and social varieties, as well as second-language varieties (Álvarez & Avelar, 2018; Mesthrie; Bhatt, 2008; Schneider, 2007).

In 2019, Vanessa Meireles, associate professor at Université Paul Valéry, and Marcia dos Santos Machado Vieira, associate professor at Universidade Federal do Rio de Janeiro, initiated the international research project *VariaR – Variation in Romance Languages*, from which the present volume emerges. The project explores a range of varieties of Portuguese. The research group has already organized international colloquia and seminars with the main purpose of encouraging collaboration between researchers who have in common the objective of studying variation and change in the Portuguese-speaking world. Their research outputs contribute to the description and analysis of variable phenomena in both the phonetic-phonological and morphosyntactic levels, including the comparison of Portuguese with other Romance languages.

VariaR is an innovative project in the sense that it is situated at a crossroads between research on intralinguistic variation observed in Portuguese varieties and comparisons with other Romance languages. Furthermore, researchers articulate various branches of linguistics by describing variation based on empirical data to explain its causes at different levels of linguistic analysis. By systematically contrasting a wide range of varieties, the collaboration that has been developing within this project has the potential to encourage methodological and theoretical rigor in research. The questions addressed by the project's participants will undoubtedly contribute to shed light on specific questions about the respective varieties, but might also explore more general questions, such as: To what extent are the patterns of variation shared between the varieties of Portuguese and/or varieties of other Romance languages? Are regional differences random or can they be explained by type of variety (e.g., first *versus* second-language varieties in multilingual contexts)? We hope that the digital format and summaries in different languages will facilitate the dissemination of the project's results and further stimulate the development of collective work on a topic of high relevance, both for studies about

Portuguese – in all its varieties – as well as for understanding the mechanisms that lead to processes of linguistic variation and change in any language.

Stockholm, October 2021.

Laura Álvarez López

(Stockholm University)

REFERENCES

ÁLVAREZ LÓPEZ, Laura; AVELAR, Juanito Ornelas de. Introduction. *In: ÁLVAREZ LÓPEZ, Laura; AVELAR, Juanito Ornelas de. The Portuguese language continuum in Africa and Brazil.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2018, p.1-16.

MESTHRIE, Rajend; BHATT, Rakesh. *World Englishes: the study of new linguistic varieties.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SCHNEIDER, Edgar. *Postcolonial Englishes: varieties around the world.* Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. *In: Lehmann, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (ed.). Directions for Historical Linguistics.* Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

APRESENTAÇÃO

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

Vanessa Meireles (UPVM)

As coordenadoras do Projeto VariaR – Variação em Línguas Românicas – têm a honra de propor à comunidade mundial que se interessa por descrições da língua portuguesa e de outras línguas românicas uma obra que reúne vozes e escritos orientados por diferentes ângulos de observação e análise de usos licenciados por conhecimento linguístico multidialetal e multilíngue. Assim, encontram-se aqui estudos à luz da Sociolinguística Variacionista, Geolinguística/Dialetologia, Funcionalismo, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções (Diassistemática) e Linguística Textual.

O livro é um dos frutos do Projeto VariaR (<https://variar.wixsite.com/variar>; https://youtube.com/channel/UC192Qhw_RQGmm6M5PxaiQjw), que visa ao estudo comparativo de línguas românicas a partir de investigações do português. Apresenta capítulos que lidam com aspectos fonético-fonológicos sobre vogais e consoantes, bem como relações gramaticais de configuração sintagmática de posse, concordância, predicação, referenciação e modificação. Compõe-se de contribuições significativas para a descrição de variedades nacionais do português, mas também para a comparação e a distinção de traços entre as variedades do português (português europeu, português brasileiro, português são-tomense, português moçambicano), e, numa perspectiva de observação de conhecimento

linguístico como um diassistema, para a comparação do português com línguas românicas (italiano, espanhol e francês). No desenvolvimento de temáticas relativas a fatos linguísticos, tem lugar também o desdobramento de questões teórico-explicativas como, por exemplo, caracterização de variantes em termos de avaliação subjetiva e projeção da representação cognitiva baseada em exemplares de relações de similaridade e diassistematicidade entre usos existentes entre variedades do Português e línguas românicas.

Com o objetivo de dar maior acessibilidade aos textos reunidos a um público não lusófono, cada capítulo em português é acompanhado de um capítulo que constitui um resumo expandido do mesmo em uma língua estrangeira, contendo os principais aspectos tratados.

No capítulo “Avaliação subjetiva das variantes altas [i] e [u]: indicador, marcador, estereótipo ou fenômeno em um *continuum*?”/ *Subjective evaluation of the high variants [i] and [u]: indicator, marker, stereotype, or phenomenon on a continuum?*, Eliete Figueira Batista da Silveira e Silvia Carolina Gomes de Souza Guerreiro (ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro) dão proeminência a uma discussão teórico-explicativa importante em Sociolinguística Variacionista e reveladora de que o alteamento das vogais médias pretônicas é um fenômeno pandialetal em português brasileiro. As autoras exploram dados de dois testes de avaliação subjetiva (um de reação subjetiva e outro de insegurança linguística) para evidenciar que o fenômeno fonético-fonológico transita entre as três categorias labovianas, mesmo quando avaliado em uma só comunidade linguística. Assim, destacam o papel da avaliação subjetiva para o estudo de variação e mudança linguísticas, bem como propõem a perspectivação do fenômeno num *continuum*.

Heglyn Pimenta, Pesquisadora associada da Universidade Paris 8 (UMR 7023 SFL), apresenta um estudo “Sobre a ditongação de vogais nasais em português europeu”/ *Sur la diphtongaison des voyelles nasales en portugais européen*, tratando do caso da ditongação de vogais nasais lexicais em contexto final (lã [lẽw]) e não final de palavra (tanque [tẽki]). O estudo baseia-se no *corpus* do Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) e identifica fatores fonético-fonológicos responsáveis pela realização das variáveis com ditongação (a natureza da consoante seguinte e o tipo de vogal, a presença de uma palatal precedente, a influência de um ditongo nasal lexical –ão), como também um condicionamento extralinguístico para a realização destas variantes: a região geográfica.

O capítulo seguinte – “Artigos definidos em sintagmas possessivos no Português de São Tomé: subsídios para descrição de uma regra variável”/ *Definite*

articles in possessive phrases in São Tomé Portuguese: subsidies for the description of a variable rule –, de Livia Rodrigues Cordeiro e Danielle Kely Gomes (ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro), focaliza a variedade do Português de São Tomé (PST), mais especificamente no uso de artigos definidos em sintagmas possessivos. As autoras baseiam-se igualmente nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e em dados oriundos do *corpus* Variedades do Português (VAPOR), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. As autoras constataam que, no *corpus* analisado, o uso de artigo definido diante de pronomes possessivos na variedade urbana do PST se configura como uma regra variável, com um comportamento semelhante ao que se observa no Português do Brasil, ao contrário do Português Europeu, em que a presença de artigo nesse tipo de sintagma é uma regra que sofre pouquíssimas exceções. O artigo é uma contribuição importante para a descrição linguística dessa variedade da língua portuguesa ao mesmo tempo que revela a necessidade de novos enfoques no estudo da relação entre variedades do Português e questões envolvendo multilinguismo, pois, como salientam as autoras, “São Tomé é – dentre todas as ex-colônias portuguesas – o lugar onde há mais falantes nativos do Português, o que põe sob ameaça as línguas locais da comunidade”.

O capítulo seguinte – “Complementando um estudo sobre concordância nominal de número na variedade urbana do Português de São Tomé: estruturas predicativas/passivas”/ *Complément d’une étude sur l’accord de nombre nominal dans la variété urbaine du portugais de São Tomé : structures prédictives/passives* –, de Silvia Figueiredo Brandão e Paulo Vitor Lima da Gama Soares (ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro), também trata da variedade de São Tomé, focando a concordância nominal de número em um contexto em particular envolvendo estruturas predicativas/passivas. Neste trabalho, os autores analisam dados recolhidos do *Corpus* VAPOR, tendo como base teórica-metodológica a Teoria da Variação e Mudança para contribuir na determinação dos fatores que atuam para a (não)marcação de plural nessa variedade. Vale ressaltar que a concordância nominal é um dos parâmetros mais significativos para a distinção entre as variedades europeia e brasileira do português. Além disso, o perfil dos informantes da amostra estudada possibilita investigar o impacto do contato com as línguas crioulas na realização desse fenômeno variável.

O capítulo escrito por Ana Maria Brito, do Centro de Linguística e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é intitulado “As construções ditransitivas do Português Angolano e do Português Moçambicano revisitadas”/ *Angolan and Mozambican Portuguese ditransitive constructions revisited*. Nele, a autora explora

elementos sintáticos de construções ditransitivas do Português Angolano e do Português Moçambicano, comparando-os a elementos do Português Europeu e valendo-se de dados do projeto PALMA (*Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português*). Então, expõe evidência com base em dados de amostra desse projeto de que certas tendências referidas na literatura da área já não são produtivas, de que é crescente a nativização dessas variedades/variantes do Português em África, de que o fator animacidade tem alguma interferência no acionamento da preposição do Objeto Indireto, de que algumas construções envolvem *chunks* com verbo leve, tipo verbal também referido, neste livro, como verbo suporte.

No capítulo “Para matar a bola no peito e fazer um goloço no discurso: predicador com verbo (semi-)suporte”/ *To “matar a bola no peito” and “fazer um goloço” in the speech: predicate with (semi-)support verb*, Clarissa Fontenlos Figueira (Graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Marcia dos Santos Machado Vieira (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) propiciam ao leitor um mapeamento sobre predicadores que estão em uso no domínio discursivo futebolístico no Brasil e mesmo fora desse domínio (em interlocuções, por exemplo, do domínio discursivo político). Focalizando dados do Português do Brasil, as autoras descrevem predicacões que envolvem predicadores complexos formados por verbo (semi-)suporte que opera sobre um elemento não verbal, sinalizadores de estados de coisas dinâmicos ou não dinâmicos e, então, potenciais estruturadores de uma configuração de argumentos a serem compatibilizados numa proposição. E o fazem com base no referencial da Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções e da articulação deste ao da Sociolinguística. Trata-se, portanto, de uma contribuição à área, pelo fato de perspectivar predicacões verbais em práticas discursivas dentro e fora do mundo do futebol e ainda sob uma ótica socioconstrucionista, que ressalta a importância da relação entre os domínios experiencial, social e cognitivo de usos do Português.

Em “Paradigma discursivo como (proto)construção: alternância linguística via práticas sociocomunicativas”/ *Discursive paradigm as (proto)construction: linguistic alternation via socio-communicative practices*, Marcos Luiz Wiedemer (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Marcia dos Santos Machado Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro) apresentam contribuição ao tratamento de variação construcional (de pareamentos de forma e função/significado) que considere o parâmetro de contextualidade. Tratam de um conceito que está no referencial socioconstrucionista com que os autores têm trabalhado no sentido da necessidade de uma heurística para dar conta do fenômeno de variação nos

estudos (funcionais-)construcionistas (brasileiros) e, além, das relações entre o acionamento de unidades linguísticas e contextualidade. Tratam especificamente da associação entre construções gramaticais a paradigmas discursivos, tecendo essa relação com base em experiências de práticas sociocomunicativas relativas aos domínios discursivos da culinária e da ciência: mais especificamente, fazem uma breve análise dos gêneros receita culinária e resumo acadêmico, valendo-se do referencial da Gramática de Construções em articulação ao da Sociolinguística.

“A pandemia nas mídias brasileira e italiana: referenciação e posicionamento argumentativo”/ *The pandemic in the Brazilian and Italian media: referencing and argumentative positioning* é o capítulo escrito por Heloisa da Costa Miranda e Leonor Werneck dos Santos (ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro) que põe em evidência o fenômeno de referenciação. Nele, as autoras exploram o papel das estratégias referenciais e das pistas textuais com base em dados de duas notícias sobre a marca de 500 mil mortos por Covid-19 no Brasil que circularam em mídias brasileira e italiana. As pesquisadoras mapeiam as perspectivas argumentativas sobre o fato noticiado que têm lugar no Brasil e na Itália, com base numa abordagem sociocognitiva e interacional da linguagem e num enfoque de texto como um evento comunicativo e de referenciação como fenômeno textual-discursivo orientador de sentidos argumentativos no texto. Assim, convidam o leitor a ficar atento a como objetos do discurso, expressões de referenciação e pistas textuais são entrelaçadas em textos da mídia e, então, são reveladoras de posicionamento argumentativo.

No capítulo “Predicar via diaconstrução de representação em português e espanhol”/ *Predicar vía diaconstrucción de la representación en portugués y español*, as autoras, Jeane Nunes da Penha e Marcia dos Santos Machado Vieira (ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro), focalizam construções com verbo suporte, em que este é preenchido por FAZER(-SE), verbo de ação ou de processo de mudança, no Português Brasileiro ou por HACERSE no Espanhol Americano. A análise comparativa baseia-se em dados reunidos em amostras das duas línguas românicas via plataforma online Google e via gerenciador de *corpus Sketch Engine*. Ambas construções dizem respeito a algum tipo de representação ou simulação. O capítulo centra-se numa abordagem de conhecimento linguístico como diassistema dinâmico e multilíngue e multidialetal que vem ganhando cada dia mais espaço entre pesquisas que se desenvolvem pelo referencial da Gramática de Construções e que já está empiricamente desenhada na dissertação de mestrado (PENHA, 2021). No texto presente neste livro, as autoras evidenciam, com base em usos das línguas irmãs, convergências e divergências e, principalmente,

diaconstruções na rede construcional do conhecimento de línguas românicas, que podem servir de hipótese a novas pesquisas comparativas com outras línguas.

“Variação entre predicadores complexos de percepção visual: um estudo comparativo entre português e francês”/ *Variation des prédicateurs complexes de la perception visuelle : une étude comparative entre le portugais et le français* é o capítulo em que Pâmela Fagundes Travassos e Marcia dos Santos Machado Vieira (ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro) tecem uma análise contrastiva entre usos do Português (variedade brasileira) e do Francês. Fazem-no com base num enfoque construcionista diassistemático ao qual articulam uma perspectiva fundada em Sociolinguística Variacionista e Linguística Funcional-Cognitiva. Examinam predicadores complexos que são acionados nessas línguas para conceptualizar a percepção visual, valendo-se de resultados de distribuição de frequências e de análise colostrucional. Observam similaridade e diferença nos dados, em termos de variedades do Português e das línguas românicas comparadas, bem como de atributos de contextualidade.

O capítulo escrito por Érika Ilogti de Sá (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores) e Maria Maura Cezario (Universidade Federal do Rio de Janeiro) intitula-se “Usos de circunstanciais temporais e aspectuais em jornais do português do Brasil e do francês”/ *Usages des circonstanciels temporels et aspectuels dans les journaux en portugais brésilien et en français*. É um capítulo que se volta para o lugar sintático da modificação em proposições. As autoras lidam com evidências sobre usos de circunstanciais, locuções adverbiais temporais e aspectuais, observados em jornais no Brasil e na França. E, para tanto, valem-se do referencial do funcionalismo norte-americano para captar variações de sentidos dos usos de circunstanciais e para detectar convergências e divergências entre esses usos em duas línguas irmãs.

Esta obra é fruto dessas valiosas contribuições de pesquisas aqui brevemente delineadas, que se desenvolvem em instituições do espaço universitário brasileiro, português e francês. Cada capítulo contou com o olhar de pesquisadores de um comitê científico que tem ampla experiência de lidar com variação linguística e muito prestígio no universo científico. Somos todos muito gratos àqueles que investiram seu tempo na leitura da versão inicial de cada capítulo, empreenderam com os autores o diálogo respeitoso e estimulante no ambiente científico e, então, contribuíram para o trabalho mais proveitoso possível (nosso e dos autores) que se consolida nesta obra, ainda que a versão final de cada capítulo seja de responsabilidade intelectual dos autores. Somos gratas aos especialistas que aceitaram fazer o prefácio e a quarta capa deste livro.

Agradecemos também à Universidade Paul Valéry e à equipe de pesquisa ReSO (*Recherches sur les Suds et les Orient*) pelo apoio concedido para esta publicação. Esse apoio permitiu viabilizar um projeto de cooperação científica no âmbito da linguística românica, que contribui para a área de Letras e Línguas de uma forma geral e faz parte do tema de pesquisa “Plurilinguismo e transferências linguísticas” (*Plurilinguisme et transferts linguistiques*) desta equipe. Agradecemos ainda ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ por participar no processo de concepção e divulgação deste livro, através dos docentes e discentes envolvidos no projeto VariaR. Agradecemos também pelo trabalho de discentes da UPVM e UFRJ envolvidos no projeto VariaR que participaram da revisão, diagramação e divulgação deste livro.

Acreditamos ser esta uma rica contribuição à comunidade mundial que tem interesse em conhecimentos linguísticos pautados em análises empíricas, que os perspectiva como instrumentos estratégicos à configuração de (inter)ação com diplomacia intercultural e sustentável e como aliados à constituição de (cons)ciência (inter)nacional da rede de relações entre objetos linguístico-textuais e sentidos.

Por fim, desejamos, a partir de um olhar franco-brasileiro (o das organizadoras), o melhor proveito possível desta obra, que resulta de tantos esforços envolvidos em diversos horizontes de pesquisa. Boa leitura!

As organizadoras

PRÉSENTATION

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

Vanessa Meireles (UPVM)

Les coordinatrices du projet VariaR – Variation dans les langues romanes – ont l’honneur de proposer à la communauté mondiale intéressée par la description du portugais et des autres langues romanes un ouvrage qui rassemble des voix et des écrits orientés par différents angles d’observation et d’analyse des usages autorisés par les connaissances linguistiques multidialectales et multilingues. Ainsi, nous trouvons ici des études à la lumière de la sociolinguistique variationniste, de la géolinguistique/dialectologie, du fonctionnalisme, de la linguistique fonctionnelle-cognitive, de la grammaire de constructions (diassystématique) et de la linguistique textuelle.

Ce livre est l’un des fruits du projet VariaR (<https://variar.wixsite.com/variar>; https://youtube.com/channel/UC192Qhw_RQGmm6M5PxaiQjw), qui vise à l’étude comparative des langues romanes à partir de la recherche sur le portugais. Il présente des chapitres traitant des aspects phonétiques-phonologiques sur les voyelles et les consonnes, ainsi que des relations grammaticales de configuration syntagmatique de possession, d’accord, de prédication, de référence et de modification. Il comprend des contributions importantes à la description des variétés nationales du portugais, mais aussi à la comparaison et à la distinction des caractéristiques entre les variétés du portugais (portugais européen, portugais brésilien, portugais

santoméen, portugais mozambicain) et, dans une perspective d'observation de la connaissance linguistique en tant que diasystème, à la comparaison du portugais avec les langues romanes (italien, espagnol et français). Dans le développement des thématiques concernant les faits linguistiques, il y a aussi le déploiement des questions théoriques-explicatives comme la caractérisation des variantes en termes d'évaluation subjective et la projection de la représentation cognitive basée sur des exemplaires de similarité et diasystémiques entre les usages existants parmi les variétés du portugais et les langues romanes.

Dans le but de rendre les textes rassemblés plus accessibles à un public non lusophone, chaque chapitre en portugais est accompagné d'un chapitre qui constitue un résumé élargi de celui-ci dans une langue étrangère, contenant les principaux aspects traités.

Dans le chapitre « Avaliação subjetiva das variantes altas [i] e [u] : indicador, marcador, estereótipo ou fenómeno em um *continuum*? » / *Subjective evaluation of the high variants [i] and [u] : indicator, marker, stereotype, or phenomenon on a continuum?*, Eliete Figueira Batista da Silveira et Silvia Carolina Gomes de Souza Guerreiro (toutes deux de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro) mettent en avant une discussion théorique-explicative importante en sociolinguistique variationniste et révélant que l'élévation des voyelles moyennes pré-toniques est un phénomène pandialectal en portugais brésilien. Les auteurs explorent les données de deux tests d'évaluation subjective (l'un de réaction subjective et l'autre d'insécurité linguistique) pour montrer que le phénomène phonétique-phonologique transite entre les trois catégories laboviennes, même lorsqu'il est évalué dans une seule communauté linguistique. Ainsi, le rôle de l'évaluation subjective pour l'étude de la variation et du changement linguistique est souligné, et la perspective du phénomène dans un *continuum* est la proposition retenue.

Heglyn Pimenta, chercheuse associée à l'Université Paris 8 (UMR 7023 SFL), présente une étude « Sobre a ditongação de vogais nasais em português europeu » / *Sur la diphtongaison des voyelles nasales en portugais européen* traitant le cas de la diphtongaison des voyelles nasales lexicales en contexte final (lã « laine » [lẽw̃]) et non final de mot (tanque « tank » [tã̃ki]). L'étude se base sur le *corpus* de l'Atlas Linguistique-ethnographique du Portugal et de la Galice (ALEPG) et identifie les facteurs phonétiques et phonologiques responsables de la réalisation des variables avec diphtongaison (la nature de la consonne suivante et le type de voyelle, la présence d'une palatale précédente, l'influence d'une diphtongue nasale lexicale -ão), ainsi qu'un conditionnement extralinguistique pour la réalisation de ces variantes : la région géographique.

Le chapitre suivant – « Artigos definidos em sintagmas possessivos no Português de São Tomé : subsídios para descrição de uma regra variável » / *Definite articles in possessive phrases in São Tomé Portuguese : subsidies for the description of a variable rule* –, rédigé par Lívia Rodrigues Cordeiro et Danielle Kely Gomes (toutes deux de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro), se concentre sur la variété du portugais de São Tomé (PST), plus particulièrement sur l'utilisation des articles définis dans les syntagmes avec un pronom possessif. Les auteurs s'appuient également sur les hypothèses de la théorie de la variation et du changement et sur les données du *corpus* Variétés du Portugais (VAPOR), du Centre de Linguistique de l'Université de Lisbonne. Les auteurs ont constaté que, dans le *corpus* analysé, l'utilisation de l'article défini devant les pronoms possessifs dans la variété urbaine du PST est configurée comme une règle variable, avec un comportement similaire à celui observé en portugais brésilien, contrairement au portugais européen, où la présence de l'article dans ce type de syntagme est une règle qui souffre très peu d'exceptions. L'article constitue une contribution importante à la description linguistique de cette variété de la langue portugaise tout en révélant la nécessité de nouvelles approches dans l'étude de la relation entre les variétés du portugais et les questions relatives au multilinguisme, car, comme le soulignent les auteurs, « São Tomé est – parmi toutes les anciennes colonies portugaises – l'endroit où il y a le plus de locuteurs d'origine portugaise, ce qui met en danger les langues locales de la communauté ».

Le chapitre suivant – « Complementando um estudo sobre concordância nominal de número na variedade urbana do Português de São Tomé : estruturas predicativas/passivas » / *Complément d'une étude sur l'accord de nombre nominal dans la variété urbaine du portugais de São Tomé : structures prédictives/passives* –, rédigé par Silvia Figueiredo Brandão et Paulo Vitor Lima da Gama Soares (tous deux de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro), traite également de la variété du portugais de São Tomé, en se concentrant sur l'accord nominal de nombre dans un contexte particulier qui implique des structures prédictives/passives. Dans ce travail, les auteurs analysent les données recueillies dans le *corpus* VAPOR, en utilisant la théorie de la variation et du changement comme base théorique et méthodologique pour contribuer à la détermination des facteurs qui agissent en faveur du (non-)marquage du pluriel dans cette variété. Il convient de mentionner que l'accord nominal est l'un des paramètres les plus significatifs pour la distinction entre les variétés européenne et brésilienne du portugais. En outre, le profil des informateurs de l'échantillon étudié permet d'étudier l'impact du contact avec les langues créoles sur la réalisation de ce phénomène variable.

Le chapitre rédigé par Ana Maria Brito, du Centre de Linguistique et de la Faculté des Lettres de l'Université de Porto, est intitulé « As construções ditransitivas do Português Angolano e do Português Moçambicano revisitadas » / *Angolan and Mozambican Portuguese ditransitive constructions revisited*. L'auteur y explore les éléments syntaxiques des constructions ditransitives en portugais angolais et mozambicain, en les comparant avec des éléments du portugais européen et en utilisant les données du projet PALMA (*Possession et localisation : microvariation dans les variétés africaines de la langue portugaise*). Sur la base des données émanant d'échantillon de ce projet, il est indiqué que certaines tendances mentionnées dans la littérature sur ce sujet ne sont plus productives, que la nativisation/nationalisation de ces variétés/variantes du portugais africain est croissante, que le facteur d'animacité entraîne une certaine interférence dans l'activation de la préposition de l'objet indirect, que certaines constructions impliquent des *chunks* avec un verbe léger, type verbal également appelé dans ce livre « verbe support ».

Dans le chapitre « Para matar a bola no peito e fazer um golaço no discurso : predicador com verbo (semi-)suporte » / *To “matar a bola no peito” (to chest the ball) and “fazer um golaço” (to make a great goal) in the speech : predicate with (semi-)support verb*, Clarissa Fontenlos Figueira (diplômée de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro) et Marcia dos Santos Machado Vieira (l'Université Fédérale de Rio de Janeiro) fournissent au lecteur une cartographie des prédicateurs qui sont utilisés dans le domaine du discours footballistique au Brésil et même en dehors de ce domaine (dans les interlocutions, par exemple, du domaine du discours politique). Dans cet article, les auteurs décrivent des prédications qui impliquent des prédicats complexes formés par un verbe (semi-)support qui opère sur un élément non verbal, signalant des états de choses dynamiques ou non dynamiques et, par conséquent, des structurants potentiels d'une configuration d'arguments combinés dans une proposition. Ceci est fait à la lumière de la Linguistique Fonctionnelle-Cognitive, de la Grammaire de Construction et de son articulation avec la Sociolinguistique. Il s'agit donc d'une contribution au domaine, par le fait de mettre en perspective les prédications verbales dans les pratiques discursives à l'intérieur et à l'extérieur du monde du football et aussi à travers une perspective socioconstructionniste, qui met en évidence l'importance de la relation entre les domaines expérientiel, social et cognitif des usages du portugais.

Dans « Paradigma discursivo como (proto)construção : alternância linguística via práticas sociocomunicativas » / *Discursive paradigm as (proto)construction : linguistic alternation via socio-communicative practices*, Marcos Luiz Wiedemer (Université de l'État de Rio de Janeiro) et Marcia dos Santos Machado Vieira

(Université Fédérale de Rio de Janeiro) présentent une contribution au traitement de la variation constructionnelle (des paires de forme et de fonction/signification) qui considère le paramètre de la contextualité. Ils traitent d'un concept qui se trouve dans le référentiel socioconstructiviste avec lequel les auteurs ont travaillé dans le sens de la nécessité d'une heuristique, pour rendre compte du phénomène de la variation dans les études (brésiliennes) (fonctionnelles-)constructionnistes et, en outre, des relations entre l'activation des unités linguistiques et la contextualité. Ils traitent spécifiquement de l'association entre les constructions grammaticales et les paradigmes discursifs, en tissant cette relation à partir d'expériences de pratiques sociocommunicatives liées aux domaines discursifs de la gastronomie et de la science : plus précisément, ils font une brève analyse des genres « recette de cuisine » et « résumé académique », en utilisant le cadre de la Grammaire des Constructions en conjonction avec celui de la Sociolinguistique.

« A pandemia nas mídias brasileira e italiana : referência e posicionamento argumentativo » / *The pandemic in the Brazilian and Italian media : referencin and argumentative positioning* est le chapitre rédigé par Heloisa da Costa Miranda et Leonor Werneck dos Santos (toutes les deux de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro) qui met en évidence le phénomène de la référenciation. Les auteurs y explorent le rôle des stratégies référentielles et des indices textuels à partir des données de deux nouvelles sur les 500.000 morts du Covid-19 au Brésil qui ont circulé dans les médias brésiliens et italiens. Les chercheuses cartographient les perspectives argumentatives sur le fait rapporté au Brésil et en Italie, basées sur une approche sociocognitive et interactionnelle du langage et sur une focalisation du texte comme événement communicatif et de la référenciation comme phénomène textuel-discursif qui guide les significations argumentatives dans le texte. Ainsi, le lecteur est invité à être attentif à la manière dont les objets de discours, les expressions de référenciation et les indices textuels s'entremêlent dans les textes médiatiques et sont alors révélateurs du positionnement argumentatif.

Dans le chapitre « Predicar via diaconstrução de representação em português e espanhol » / *Predicar vía diaconstrucción de la representación en português y español*, les auteurs, Jeane Nunes da Penha et Marcia dos Santos Machado Vieira (toutes les deux de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro), se concentrent sur les constructions avec un verbe support, où celui-ci est rempli par FAZER(-SE), verbe d'action ou verbe de processus de changement, en portugais brésilien (PB) ou par HACERSE en espagnol américain. L'analyse comparative est basée sur des données recueillies à partir d'échantillons de ces deux langues romanes via la plateforme en ligne Google et le gestionnaire de *corpus* Sketch Engine. Les

deux constructions concernent une sorte de représentation ou de simulation. Le chapitre se concentre sur une approche de la connaissance linguistique comme un diasystème dynamique, multilingue et multidialectal qui gagne de plus en plus d'espace parmi les recherches qui se développent par le référentiel de la Grammaire des Constructions, déjà exposée empiriquement dans le mémoire de master de PENHA (2021). Dans le texte présenté dans ce livre, les auteurs mettent en évidence, sur la base des usages des langues sœurs, des convergences et des divergences et, surtout, des diaconstructions dans le réseau constructif de la connaissance des langues romanes, qui peuvent servir d'hypothèse pour de nouvelles recherches comparatives avec d'autres langues.

« *Variação entre predicadores complexos de percepção visual : um estudo comparativo entre português do Brasil e francês* » / *Usages des circonstanciels temporels et aspectuels dans les journaux en portugais brésilien et en français* est le chapitre dans lequel Pâmela Fagundes Travassos et Marcia dos Santos Machado Vieira (toutes les deux de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro) tissent une analyse contrastive entre les usages du portugais (variété brésilienne) et du français. Ceci est fait sur la base d'une approche constructionniste di-systématique à laquelle les auteurs articulent une perspective fondée sur la sociolinguistique variationniste et la linguistique fonctionnelle cognitive. Les prédicateurs complexes qui sont utilisés dans ces langues pour conceptualiser la perception visuelle sont examinés en utilisant les résultats de la distribution de fréquence et de l'analyse colostrucionnelle. Les auteurs observent des similitudes et des différences dans les données, en termes de variétés du portugais et des langues romanes comparées, ainsi que les attributs de contextualité.

Le chapitre rédigé par Érika Ilogti de Sá (Université de l'État de Rio de Janeiro/ Faculté de Formation des Enseignants) et Maria Maura Cezario (Université Fédérale de Rio de Janeiro) est intitulé « *Usos de circunstanciais temporais e aspectuais em jornais do português e do francês* » / *Usages des circonstanciels temporels et aspectuels dans les journaux en portugais brésilien et en français*. C'est un chapitre qui se tourne vers la place syntaxique de la modification dans les propositions. Les auteurs désignent des indices sur les utilisations des locutions adverbiales circonstanciennes temporelles et aspectuelles, observées dans des journaux au Brésil et en France. Pour cela, le cadre fonctionnaliste nord-américain est utilisé pour saisir les variations de sens des usages des circonstanciels et pour détecter les convergences et les divergences entre ces usages dans deux langues sœurs.

Cet ouvrage est le résultat de ces précieuses contributions de recherche brièvement décrites ici, développées dans des institutions de l'espace universitaire

brésilien, portugais et français. Chaque chapitre a été relu par les chercheurs du comité scientifique ayant une grande expérience dans le traitement de la variation linguistique et très renommés dans l'univers scientifique. Nous sommes tous très reconnaissants envers ceux qui ont investi leur temps dans la lecture de la version initiale de chaque chapitre, qui se sont engagés avec les auteurs dans un dialogue respectueux et stimulant dans un environnement scientifique, et qui ont ensuite contribué au travail le plus fructueux possible (le nôtre et celui des auteurs) qui est consolidé dans cet ouvrage, même si la version finale de chaque chapitre est de la responsabilité intellectuelle des auteurs. Nous sommes reconnaissantes aux spécialistes qui ont accepté de réaliser la préface et la quatrième de couverture de ce livre.

Nous remercions également l'Université Paul Valéry et l'équipe de recherche ReSO (Recherches sur les Suds et les Oriens) pour leur soutien à cette publication. Ce soutien a permis de réaliser un projet de coopération scientifique dans le domaine de la linguistique romane, qui contribue au domaine des Lettres et Langues en général et s'inscrit dans le thème de recherche « Plurilinguisme et transferts linguistiques » de cette équipe. Nous remercions également le Programme de troisième cycle en langues vernaculaires de l'UFRJ pour avoir participé au processus de conception et de diffusion de ce livre, par l'intermédiaire des enseignants et des étudiants impliqués dans le projet VariaR. Nous remercions également le travail des étudiants de l'UPVM et de l'UFRJ impliqués dans le projet VariaR qui ont participé à la révision, la mise en page et la diffusion de cet ouvrage.

Nous pensons qu'il s'agit d'une riche contribution à la communauté mondiale qui s'intéresse à la connaissance linguistique basée sur l'analyse empirique, qui la considère comme un outil stratégique pour la configuration de l'(inter)action avec la diplomatie interculturelle et durable et comme un allié pour la constitution d'une (cons)science (inter)nationale du réseau de relations entre les objets linguistiques-textuels et les sens.

Enfin, nous vous souhaitons, d'un point de vue franco-brésilien (celui des organisatrices), la meilleure utilisation possible de ce travail, qui résulte de tant d'efforts engagés dans de divers horizons de recherche. Bonne lecture !

Les organisatrices

AVALIAÇÃO SUBJETIVA DAS VARIANTES ALTAS [I] E [U]: INDICADOR, MARCADOR, ESTEREÓTIPO OU FENÔMENO EM UM CONTINUUM?

Eliete Figueira Batista da Silveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Silvia Carolina Gomes de Souza Guerreiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O capítulo discute a classificação das categorias de Labov (2008 [1972], 2001) *indicador, marcador e estereótipo*, analisando o alteamento das vogais médias pretônicas. O fenômeno é tradicionalmente classificado como *indicador*. No entanto, o presente estudo verifica, a partir de dois testes de avaliação subjetiva, que transita entre as três categorias, mesmo se avaliado no interior de uma mesma comunidade de fala. No teste de *reação subjetiva*, o alteamento enquadra-se entre as categorias *indicador* e *marcador*. No teste de *insegurança linguística*, o fenômeno se caracteriza como *estereótipo*. No teste de *reação subjetiva*, enquadra-se entre as categorias *indicador* e *marcador*. Com base nesses resultados, defende-se uma nova proposta para as categorias de Labov (2008 [1972], 2001). Postula-se que os fenômenos linguísticos devam ser avaliados num *continuum*, assim como se pretende refletir sobre o papel da avaliação subjetiva na variação e na mudança linguísticas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute a classificação das categorias de Labov (2008 [1972], 2001) de acordo com a avaliação social da mudança linguística, tendo por objeto de análise o alteamento pretônico. O alçamento constitui um exemplo de fenômeno pandialetal: em todo o território brasileiro, os usuários da língua tendem a produzir a vogal pretônica ora como média fechada (m[e]nino), b[o]nita) ora como alta (m[i]nino, b[u]nita).

Para Labov (2001 [1994], p. 196), os fenômenos linguísticos podem ser classificados em três categorias: *indicador*, *marcador* e *estereótipo*. São considerados *indicadores* os fenômenos que se encontram abaixo da consciência social e, por isso, são “difíceis de serem detectados tanto por linguistas quanto por leigos”. Os estudos sobre o alteamento o enquadram como *indicador*. Por sua vez, *marcadores* são fenômenos que, embora estejam abaixo do nível da consciência, apresentam respostas relevantes nos testes de reação subjetiva. É o caso do alteamento em contextos pouco usuais, como em m[i]lhor e p[u]rtuguês. Por fim, *estereótipos* englobam os fenômenos que estão no nível da consciência social e que, por conseguinte, tendem a ser avaliados negativamente pela comunidade. É o que se observa nos casos de alteamento em itens como t[i][u]ria.

Labov (2008 [1972], 2001) aparentemente interpreta essas categorias como estanques, ou seja, um único fenômeno linguístico somente pode ser classificado em uma única categoria. No entanto, a presente pesquisa defende que não é possível enquadrar o alteamento pretônico em uma única categoria, pois testes de avaliação subjetiva demonstram que esse fenômeno pode apresentar características tanto de *indicador* quanto de *marcador* e de *estereótipo*. Assim, defende-se que as categorias de Labov (2008 [1972], 2001) se encontram em um *continuum* de classificação, uma vez que um mesmo fenômeno variável pode ser classificado nas três categorias – destaque-se, em uma mesma comunidade linguística – a depender dos condicionamentos estruturais e sociais. Com base nisso, intenta-se refletir sobre o papel da avaliação subjetiva na variação e na mudança linguísticas. Entende-se que a tendência à manutenção das médias esteja relacionada ao *status* social prestigiado atribuído ao seu uso, em conformidade com algumas investigações sociolinguísticas que relatam os efeitos do status social de uma variante sobre os falantes (cf. BARBOSA DA SILVA, 2008, nota 7, p. 335; SOUZA, 2017; Batista da Silveira; Avelheda; Souza, 2017; AVELHEDA, 2019; Batista da Silveira; Avelheda BANDEIRA; Souza GUERREIRO, 2020).

Em seu estudo, Gomes de Matos (*apud* BARBOSA DA SILVA, 2008, p. 320-336) menciona que a realização de vogais médias fechadas por falantes cultos, em contextos em que se realizariam como abertas, é condicionada principalmente pela imitação da norma de prestígio dos dialetos do Sul/Sudeste do Brasil.

Segundo a Barbosa da Silva (2008), a rejeição das vogais abertas observada em Gomes de Matos entre os estudantes de Recife indica que o empréstimo de vogais fechadas nessa realidade não passaria *despercebido* (destaque nosso). Assim, 99 dos estudantes inquiridos naquele estudo afirmam que “o sotaque aberto *desembeleza* a fala” (Grifo nosso. BARBOSA DA SILVA, 2008, nota 7, p. 335). Nota-se, dessa forma, a mudança de norma: a variação fonética foi influenciada pelo status das variantes predominantes no Sul/Sudeste. A adequação deve-se à valorização da norma de um determinado grupo sobre outro. Em seu estudo, Barbosa da Silva (1989) afirma que, não obstante haver na região Nordeste uma preferência pelas vogais abertas [ɛ] e [ɔ], as variantes médias altas [e] e [o] são consideradas mais difundidas e prestigiadas.

Confirmam a hipótese de tendência à manutenção das médias [e] e [o] em detrimento das demais variantes altas [i] e [u] e abertas [ɛ] e [ɔ], estudos variacionistas como Avelheda (2013), Souza (2017), Avelheda Bandeira (2019), Barbosa da Silva (2008, 1989), entre outros. Dessa maneira, considera-se relevante analisar o efeito da avaliação subjetiva nos fenômenos de variação e de mudança linguísticas.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A presente pesquisa fundamenta-se em preceitos da Sociolinguística Variacionista Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), que defende a variação como inerente a qualquer sistema linguístico, e ressalta que apesar de uma mudança linguística passar pelo estágio de variação um fenômeno variável não necessariamente pode evoluir a uma mudança. Entende-se que esse seja o caso do alteamento pretônico, fenômeno variável estável, cujos estudos apontam para uma manutenção das variantes médias [e] e [o], em detrimento das altas [i] e [u].

Segundo a Sociolinguística, existem diversos sistemas linguísticos que se encontram disponíveis a todos os falantes de qualquer sexo/gênero, idade e classe social. Logo, os falantes apresentam muitas formas de expressar uma mesma informação. No entanto, elas podem entrar em competição, resultando: (i) na coexistência de duas variantes, ou seja, na variação linguística; ou (ii) no desaparecimento de uma variante, isto é, na mudança linguística. Toda mudança

linguística apresenta, portanto, um estágio de variação, mas nem toda variação culmina em uma mudança.

Labov (2008 [1972]) afirma que um dos grandes problemas da mudança linguística é a *avaliação*, uma vez que os usuários da língua tendem a avaliar negativamente as variantes linguísticas distintas da norma socialmente aceita. Os pesquisadores Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36) defendem a importância de realizar estudos a respeito das avaliações subjetivas, ou seja, das normas *encobertas* de uma dada comunidade, pois a não implementação de uma mudança linguística pode ser motivada por uma avaliação negativa de determinada variante. Segundo os autores,

(...) correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo de mudança.

O problema da avaliação está diretamente relacionado ao nível de consciência que usuários da língua possuem em relação aos fenômenos linguísticos em variação. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36) “(...) o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente”. Assim, baseando-se no problema da avaliação, Labov (2008 [1972]) defende a necessidade de observar as avaliações subjetivas dos falantes e propõe uma análise a partir de três categorias: (i) *indicador*; (ii) *marcador*; e (iii) *estereótipo*.

O fenômeno linguístico é classificado como *indicador* se está abaixo do nível da consciência social. O usuário da língua não observa/percebe/identifica a variação linguística, por isso, não emite nenhum julgamento em relação à pessoa que o realiza. Além disso, caracteriza-se como uma mudança vinda de baixo, pois “a variável não apresenta nenhum padrão de variação estilística na fala daqueles que a usam, afetando todos os itens numa dada classe de palavras”.

Na categoria *marcador*, incluem-se os fenômenos que se encontram abaixo no nível da consciência social. Nesse caso, os usuários da língua não identificam claramente a diferença existente entre duas variantes, mas observam que há alguma distinção entre elas e tendem a julgar a variante de acordo com um padrão estabelecido pela sociedade. Segundo Labov (2008 [1972], p. 360; LABOV, 2003, p. 241-243), os *marcadores* “embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão respostas em teste de reação subjetiva”.

Por último, o fenômeno linguístico é interpretado como *estereótipo* se está no nível da consciência social. Os falantes observam/percebem/identificam o fenômeno em variação e avaliam negativamente as pessoas que utilizam a variante distinta da norma prestigiada pela sociedade. Segundo Batista da Silveira, Avelheda e Souza (2017, p. 24), “cabe destacar que não necessariamente uma mudança vinda de cima (ou de uma forma prestigiosa) está de acordo com a norma padrão; sua classificação como prestigiosa se deve ao uso pela classe de maior poder social”.

Para Labov (2008 [1972]), essas categorias são estanques, ou seja, um fenômeno linguístico só poderá ser classificado em apenas uma categoria. No entanto, estudos recentes verificaram que duas comunidades podem ter classificações distintas para um mesmo fenômeno linguístico em variação. Por exemplo, na comunidade X, o fenômeno é *indicador* e, na comunidade Y, é *marcador*. Oushiro (2015, p. 72), ao analisar a realização variável de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj] (*ent[e]nd[e]ndo, diz[e]ndo, faz[e]ndo*), observa que a “variável [ẽ j] pode ser caracterizada como um *marcador* para os paulistanos e como *estereótipo* para os não paulistanos”. No entanto, a presente pesquisa observará que uma mesma comunidade linguística pode apresentar classificações distintas para um mesmo fenômeno, no caso, o alteamento pretônico.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) destacam: (i) a importância de se investigar as atitudes sociais dos falantes em relação à língua; e (ii) a necessidade de conciliar a metodologia dos estudos de avaliação subjetiva com a Teoria Sociolinguística. Seguindo tais orientações, para observar as atitudes e as avaliações subjetivas do usuário da língua em relação aos fenômenos linguísticos são construídos testes de atitudes. No presente estudo, foram aplicados dois testes de atitude: *reação subjetiva* e *insegurança linguística*.

METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza dois testes que foram aplicados por Souza (2017) em sua dissertação: *reação subjetiva* e *insegurança linguística*. Souza (2017), presencial e individualmente, aplicou os testes a 20 informantes (10 homens e 10 mulheres), todos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

No teste de *reação subjetiva*, os participantes ouviram um áudio com as vogais pretônicas realizadas alteadas na fala de um único indivíduo (*Hoje é o da nossa filha [I]stefani. Nosso c[u]mpadre é D[u]mingos e nossa c[u]madre é [I]stela. [I]stefani está com um lindo v[i]stido branco. Após o batismo, vamos*

fazer uma festa muito b[u]nita com muita c[u]mida e b[i]bida. Nós pegamos um [i]mpréstimo para fazer a festa.).

No total, esse teste é composto por 26 frases afirmativas, sendo 16 frases de avaliação positiva (ex.: (i) *Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar*; (ii) *Esta pessoa se expressa bem*; e (iii) *Esta pessoa possui boa condição financeira*) e 10 frases de avaliação negativa (ex.: (i) *Esta pessoa sente vergonha de falar assim*; (ii) *Esta pessoa é antipática*; e (iii) *Esta pessoa sente preconceito pelo modo de falar*).

Além disso, o teste de reação subjetiva baseia-se na proposta de Botassini (2013) que divide as frases em três aspectos relativos ao usuário da língua sob avaliação: *competência* (ex.: (i) *Esta pessoa tem nível superior*; e (ii) *Esta pessoa tem vergonha de falar assim*); *integridade pessoal* (ex.: (i) *Esta pessoa é de confiança*; e (ii) *Esta pessoa é grosseira*); e *atratividade social* (ex.: (i) *Esta pessoa é simpática*; e (ii) *Esta pessoa é feia*).

Após ouvir o áudio, os participantes tinham de marcar em uma escala de 1 a 5 se concordavam com as frases de avaliação positiva. Estabeleceu-se que o grau 1 indicava a não concordância com a frase; o grau 3, relativa neutralidade; e o grau 5, concordância com a proposição exposta na frase. O principal objetivo do teste de reação subjetiva era observar se os participantes avaliavam negativamente o falante pela variante pretônica utilizada.

O teste de insegurança linguística constituiu-se de uma entrevista. Primeiramente, a pesquisadora pediu para o participante escutar dois áudios de um mesmo trecho (*Beatriz escolheu um tecido na loja para fazer um vestido. A costureira Domingas fez um vestido muito bonito para ela*). No primeiro áudio, as vogais pretônicas foram realizadas como médias fechadas e, no segundo áudio, as vogais pretônicas foram produzidas alteadas. Após ouvir os áudios, a pesquisadora pediu para os informantes dizerem se produziram a frase: (i) como o primeiro áudio; (ii) como o segundo áudio; ou (iii) misturariam algumas palavras do primeiro e do segundo áudios, ou seja, variariam na pronúncia das variantes pretônicas. O objetivo é observar com qual variante o avaliador se identifica e qual efetivamente realiza, a fim de comprovar se as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar ou ser a ‘correta’, mas efetivamente não realizam (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 248).

DISCUSSÃO

Teste de reação subjetiva

O teste de reação subjetiva visa observar se os participantes tendem a julgar negativamente o falante que utiliza as variantes alteadas das vogais médias pretônicas. Como dito, em sua maioria, os estudos afirmam que o alteamento é caracterizado como *indicador*, uma vez que diferentes pessoas de diversos contextos sociais tendem a produzir o fenômeno. No entanto, análises mais recentes sobre a avaliação subjetiva do alçamento (SOUZA, 2017; AVELHEDA BANDEIRA, 2019; BATISTA DA SILVEIRA; AVELHEDA BANDEIRA; SOUZA GUERREIRO, 2020) apontam que o fenômeno pode ser classificado, em *continuum*, nas três categorias de Labov (2008 [1972]) *indicador*, *marcador* e *estereótipo*.

Como relatado na metodologia, no teste de reação subjetiva, os participantes responderam se concordavam com 26 frases, sendo 16 de julgamento positivo do falante e 10 de julgamento negativo. Dentre as 16 frases positivas, 8 referiam-se à *Competência*; 3 à *Integridade Pessoal*; e 5 à *Atratividade Social*. Em relação às frases de julgamento negativo, 4 remetiam à *Competência*; 4 à *Integridade pessoal*; e 2 à *Atratividade social*. Na próxima subseção, serão apresentados os resultados obtidos para as frases de julgamento positivo do falante.

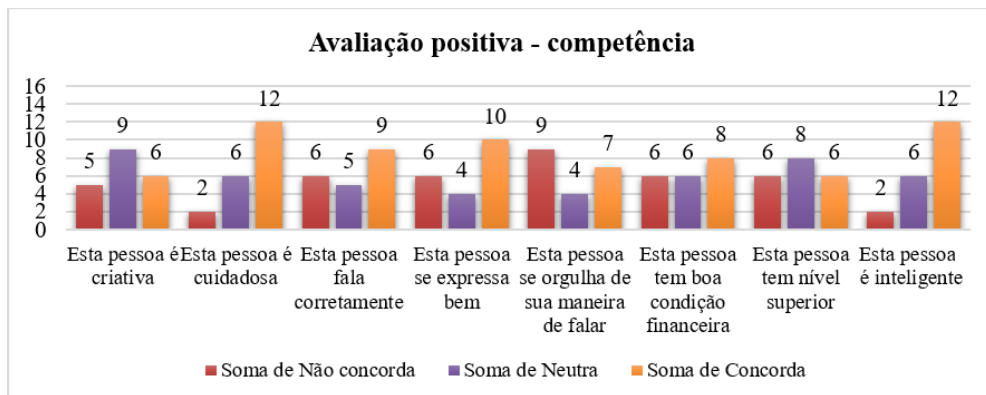
Frases de avaliação positiva

A não concordância com a frase significa que o participante avalia negativamente o falante do áudio. Já a concordância indica que ele não julga negativamente o falante pela maneira como se expressa.

Competência

Foram selecionadas da Tese de Botassini (2013) 8 frases positivas que tinham como característica avaliar a *Competência* do falante do áudio. Assim, 20 informantes responderam a 8 perguntas relacionadas à *Competência*, chegando a um total de 160 respostas. Os resultados gerais mostram que 42 respostas apontaram discordância com o julgamento positivo do falante, 48 indicaram neutralidade e 70 revelaram que os participantes concordaram com o julgamento. No gráfico a seguir, observam-se as respostas dadas pelos participantes:

Gráfico 1 – Avaliação positiva – competência.



Fonte: Autoral

Observa-se que, em relação às frases: (i) *Esta pessoa é criativa* – 5 informantes discordaram, 9 declararam-se neutros e 6 concordaram; (ii) *Esta pessoa é cuidadosa* – 2 discordaram, 6 não demarcaram posição e 12 concordaram; (iii) *Esta pessoa fala corretamente* – 6 discordaram, 5 disseram-se neutros e 9 concordaram; (iv) *Esta pessoa se expressa bem* – 6 discordaram, 4 foram imparciais e 10 concordaram; (v) *Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar* – 9 discordaram, 4 não se posicionaram e 7 concordaram; (vi) *Esta pessoa tem boa condição financeira* – 6 discordaram, 6 foram imparciais e 8 concordaram; (vii) *Esta pessoa tem nível superior* – 6 discordaram, 8 foram neutros e 6 concordaram; e (viii) *Esta pessoa é inteligente* – somente 2 discordaram, 6 indicaram neutralidade e 12 concordaram.

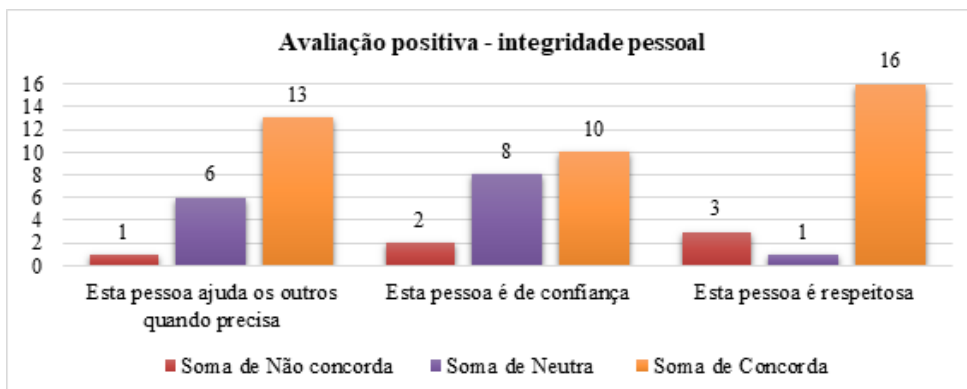
De uma maneira geral, a maioria dos participantes tende a não julgar negativamente a Competência do falante que realiza o alçamento. Somente na frase “*Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar*”, verifica-se um número maior de participantes que discorda da avaliação positiva, ou seja, que entende que a pessoa que se utiliza das variantes altas das vogais pretônicas não têm orgulho do seu modo de falar. Verificam-se em todas as sentenças algumas avaliações negativas. Tal resultado sugere que o alçamento pretônico não se encontra abaixo do nível da consciência do informante, uma vez que o fenômeno foi notado pelos avaliadores.

Integridade pessoal

As frases positivas relativas ao aspecto *Integridade Pessoal* caracterizam o falante do áudio como uma pessoa (i) de confiança; (ii) respeitosa; e (iii) que ajuda os outros quando precisam. Vinte participantes responderam 3 perguntas

referentes a esse aspecto, totalizando, assim, 60 respostas. Os resultados gerais revelaram que 6 respostas foram de não concordância com a avaliação positiva, 15 indicaram neutralidade e 39 concordaram com o julgamento.

Gráfico 2 – Avaliação positiva – integridade pessoal.



Fonte: Autoral

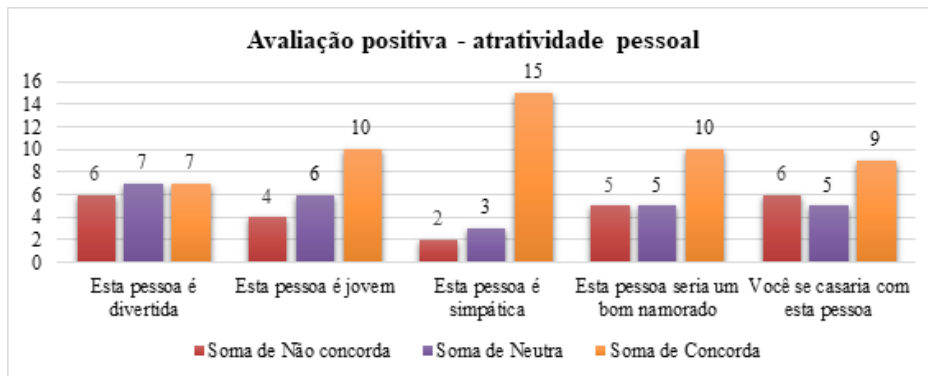
No gráfico anterior, verifica-se que, com relação às declarações: (i) *Esta pessoa ajuda os outros quando precisa* – 1 participante discordou, 6 declararam-se neutros e 13 concordaram; (ii) *Esta pessoa é de confiança* – 2 discordaram, 8 não se posicionaram e 10 concordaram; e (iii) *Esta pessoa é respeitosa* – 3 discordaram, somente 1 mostrou-se neutro e 16 concordaram com a avaliação.

Os resultados indicam que o falante que produz o alçamento pretônico não costuma ser avaliado negativamente por sua *Integridade pessoal*. Diferentemente do aspecto *Competência*, observa-se que apenas 6 participantes o avaliaram dessa forma.

Atratividade pessoal

Foram selecionadas 4 sentenças relativas à *Atratividade Social* do falante. Vinte pessoas responderam 5 questões, chegando-se, assim, a um total de 100 respostas. Os resultados gerais revelaram que 23 respostas foram de não concordância com a avaliação positiva, 26 indicaram neutralidade e 51 concordaram com a avaliação.

Gráfico 3 – Avaliação positiva – atratividade pessoal.



Fonte: Autoral

Em relação às afirmativas, nota-se que: (i) *Esta pessoa é divertida* – 6 informantes discordaram, 7 declararam-se neutros e 7 concordaram; (ii) *Esta pessoa é jovem* – 4 discordaram, 6 não se posicionaram e 10 concordaram; (iii) *Esta pessoa é simpática* – 2 discordaram, 3 disseram-se neutros e 15 concordaram; (iv) *Esta pessoa seria um bom namorado* – 5 discordaram, 5 indicaram neutralidade e 10 concordaram; e (v) *Você se casaria com esta pessoa* – 6 discordaram, 5 mostraram-se neutros e 9 concordaram.

Nas frases positivas, observa-se que a maioria dos participantes não julga negativamente a *atratividade pessoal* do falante. No entanto, observam-se avaliações negativas referentes a esse aspecto. Esses resultados sugerem que o fenômeno não se encontra abaixo do nível da consciência dos informantes, não sendo possível afirmar categoricamente que o alteamento é *indicador*, pois há avaliações negativas nos testes de avaliação subjetiva.

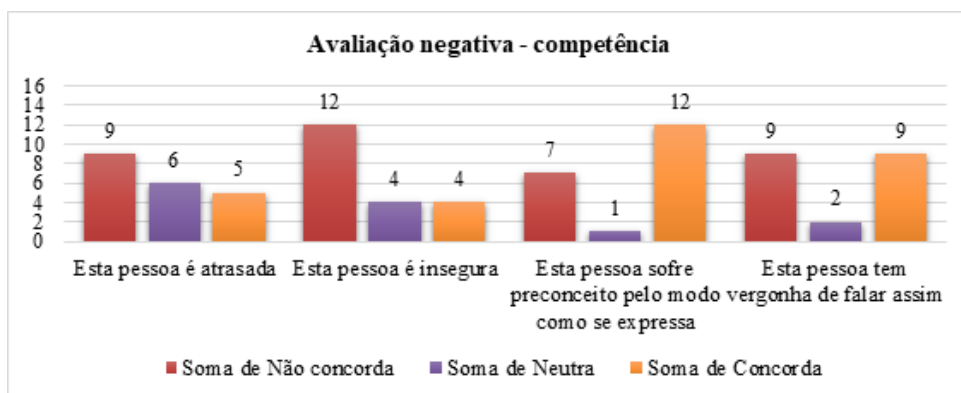
Avaliações negativas

A concordância com a frase negativa significa que o participante avalia negativamente o falante que produz o alteamento. Já a não concordância significa que o participante do teste não o julga negativamente.

Competência

Foram selecionadas da tese de Botassini (2013) quatro frases referentes à *Competência* do falante. Vinte participantes responderam quatro questões referentes ao aspecto *Competência*, obtendo-se, assim, um total de 80 respostas. Os resultados gerais revelaram que 37 respostas foram de discordância com a frase, 13 indicaram neutralidade e 30 foram de concordância de avaliação negativa.

Gráfico 4 – Avaliação negativa – competência.



Fonte: Autoral

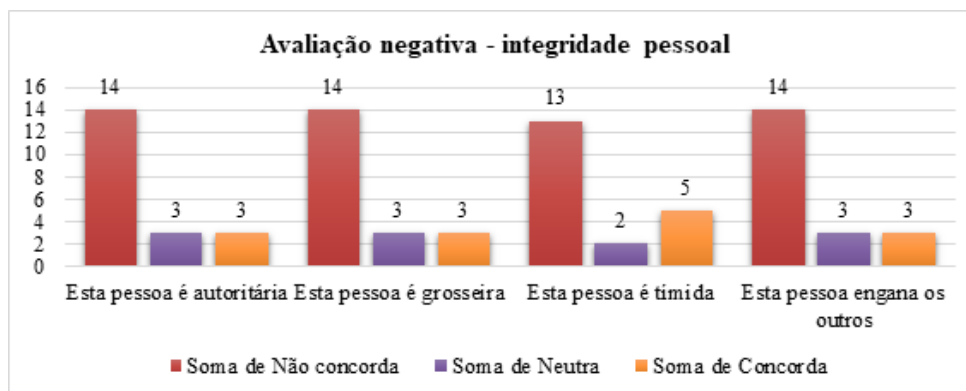
Com relação ao grau de concordância com as afirmativas, os resultados foram: (i) *Esta pessoa é atrasada* – 9 participantes discordaram, 6 declararam-se neutros, 5 concordaram; (ii) *Esta pessoa é insegura* – 12 discordaram, 4 não se posicionaram e 4 concordaram; (iii) *Esta pessoa sofre preconceito pelo modo como se expressa* – 7 discordaram, 1 mostrou-se neutro, 12 concordaram; e (iv) *Esta pessoa tem vergonha de falar assim* – 9 discordaram, 2 disseram-se neutros e 9 concordaram.

Nas frases de avaliação negativa, verifica-se que a maioria dos participantes não tende a avaliar negativamente o aspecto *Competência* do falante. No entanto, quando a afirmativa se refere ao modo de falar (*Esta pessoa sofre preconceito pelo modo de falar, Esta pessoa tem vergonha de falar assim*), 20 participantes avaliam negativamente a *Competência* do falante.

Integridade pessoal

Para o aspecto *Integridade pessoal*, foram selecionadas frases de avaliação negativa que caracterizavam o falante como: *autoritário, grosseiro, tímido e enganador*. Vinte informantes responderam quatro questões relativas a esse quesito, alcançando, assim, um total de 80 respostas. Os resultados gerais mostraram que 55 respostas foram de não concordância, 11 indicaram neutralidade e 14 demonstraram concordância com a avaliação negativa.

Gráfico 5 – Avaliação negativa – integridade pessoal.



Fonte: Autoral

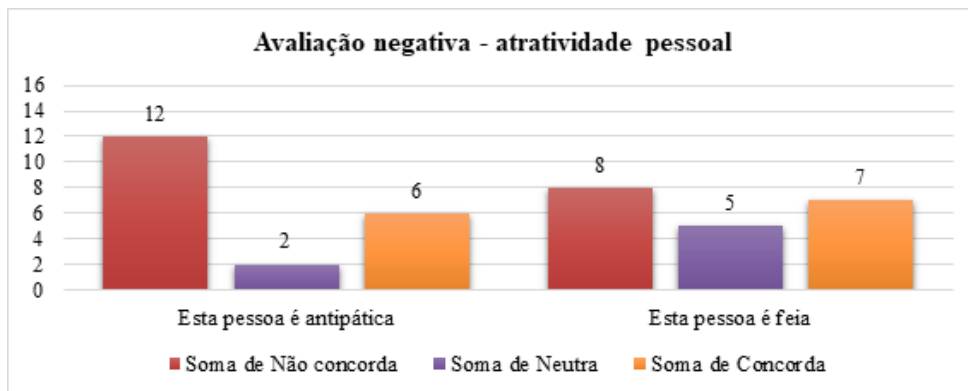
Os resultados do gráfico anterior revelaram que, no que tange às afirmativas: (i) *Esta pessoa é autoritária* – 14 avaliadores discordaram da frase, 3 declararam-se neutros e 3 concordaram; (ii) *Esta pessoa é grosseira* – 14 discordaram, 3 mostraram-se neutros e 3 concordaram; (iii) *Esta pessoa é tímida* – 13 discordaram, 2 disseram-se neutros e 5 concordaram; e (iv) *Esta pessoa engana os outros* – 14 discordaram, 3 indicaram neutralidade e 3 concordaram com a avaliação.

De um modo geral, os resultados indicam que a maioria das pessoas tende a não avaliar negativamente a *Integridade pessoal* do falante que realiza o alteamento. Entretanto, há um pequeno número de julgadores que o julgou desse modo. Comparando as frases de avaliação positiva e negativa, observa-se que os participantes tendem a não avaliar negativamente a *Integridade pessoal* do falante pela utilização das variantes altas.

Atratividade Pessoal

No aspecto *atratividade social*, foram selecionadas frases de julgamento negativo que caracterizavam o falante como: *antipático* e *feio*. Vinte participantes responderam a duas questões referentes a esse aspecto, tendo-se, assim, um total de 40 respostas. Os resultados gerais indicam que 20 respostas foram de não concordância, 7 de neutralidade e 13 de concordância com a avaliação negativa.

Gráfico 6 – Avaliação negativa – atratividade pessoal.



Fonte: Autoral

No gráfico anterior, verifica-se que em: (i) *Esta pessoa é antipática* – 12 avaliadores discordaram, 2 indicaram neutralidade e 6 concordaram; e (ii) *Esta pessoa é feia* – 8 não concordaram, 5 declararam-se neutros e 7 concordaram com o julgamento negativo do falante.

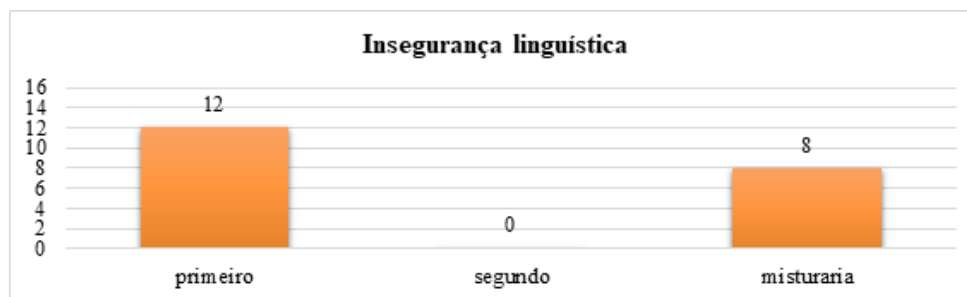
De um modo geral, os resultados indicam que a maioria dos participantes não tendem a avaliar negativamente a *atratividade pessoal* do falante que produz o alçamento. No entanto, verifica-se que 6 participantes concordaram que o falante é *antipático* e 7 o julgaram como *feio*. Em outras palavras, 13 informantes avaliaram negativamente o falante que usa as variantes alteadas. Logo, não se pode classificar categoricamente o alçamento como *marcador*, pois, de acordo com Labov (2008 [1972]), são considerados *marcadores* os fenômenos linguísticos que se encontram abaixo do nível da consciência do informante, mas produzem respostas relevantes nos testes de avaliação subjetiva. Comparando as frases de avaliação positiva e negativa, observa-se, enfim, um número expressivo de participantes que avalia negativamente o falante pela maneira como se expressa.

Teste de insegurança linguística

Como descrito na metodologia, no teste de *insegurança linguística*, o participante ouviu dois áudios de um mesmo trecho (*Beatriz escolheu um tecido na loja para fazer um vestido. A costureira Domingas fez um vestido muito bonito para ela*). No primeiro, o falante produziu as vogais pretônicas médias fechadas [e] e [o], enquanto, no segundo áudio, o falante realizou o alteamento dessas vogais. Após ouvir os áudios, a pesquisadora perguntou aos participantes: “Se você falasse

esse trecho, seria como o primeiro áudio, como o segundo áudio ou misturaria algumas palavras do primeiro e do segundo áudio?”

Gráfico 7 – Teste de insegurança linguística.



Fonte: Autoral

De um total de 20 participantes, 12 disseram que falariam como no primeiro áudio, ou seja, empregando as variantes fechadas. Nenhuma pessoa respondeu que falaria como no segundo áudio, isto é, produziriam o alteamento. Finalmente, apenas 8 participantes declararam que misturariam as palavras do primeiro e do segundo áudio, ou seja, reconhecem a variação linguística em sua fala.

Após responder à pergunta, solicitou-se que o participante lesse o trecho do áudio e todos os informantes realizaram o alteamento em alguma palavra. Tal resultado vai ao encontro da proposta defendida por Labov (2008 [1972], p. 248) de que “indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar ou ser a ‘correta’, mas do que elas empregam”.

Entende-se que a não escolha da variante alteada esteja relacionada especificamente ao alteamento da palavra *tecido*. O vocábulo *tecido* apresenta contexto fonético favorecedor para o alteamento, a presença da vogal alta na sílaba seguinte. Em princípio, tem-se a hipótese de que os falantes tendem a não julgar as palavras que apresentam contexto fonético favorecedor, seja por harmonização vocálica seja por travamento silábico por /S/, uma vez que essas palavras costumam ser realizadas alteadas. Entretanto, a palavra *tecido* não é frequentemente alteada no vocabulário do falante carioca. Entende-se que os falantes estranharam o alçamento nesse vocábulo, por isso, julgaram que estava errado pronunciar a palavra como *t[i]cido* e disseram que não falariam desse modo.

É possível afirmar que o teste de *insegurança linguística* demonstrou que o fenômeno se encontra acima do nível da consciência do informante, pois todos os entrevistados identificaram as realizações alteadas e as julgaram como incorretas.

CONCLUSÃO

O teste de *reação subjetiva* demonstrou que a maioria dos informantes não avaliou negativamente o usuário das variantes alteadas. No entanto, no aspecto *Competência*, surgiram algumas avaliações negativas, principalmente se as frases se referem ao modo de a pessoa falar. A maioria dos participantes avaliou positivamente a *Integridade pessoal* do falante do áudio. Ao mesmo tempo, um número expressivo julgou negativamente o falante usuário das variantes altas no que se refere à *atratividade pessoal*.

De uma maneira geral, apesar de haver avaliações positivas, observa-se no teste de *reação subjetiva* que o falante também foi avaliado negativamente. Em todas as frases, quer de avaliação positiva quer de avaliação negativa, em todos os três aspectos observados (*Competência, Integridade Pessoal, Atratividade pessoal*), houve avaliações negativas. Por isso, não é possível afirmar categoricamente que o fenômeno é *indicador*, uma vez que se verifica algum nível de consciência. A análise sociolinguística empreendida no teste de *reação subjetiva* permite propor, nesse caso, que o alteamento estaria entre as categorias de *marcador* e *indicador*, já que se trata de um fenômeno cuja mudança vem de baixo, e que se encontra abaixo do nível da consciência do informante, mas que apresenta respostas “relevantes aos testes de reação subjetiva” (cf. LABOV, 2008, p. 36).

No teste de *insegurança linguística*, o fenômeno encontra-se acima do nível da consciência do falante. Os participantes avaliaram negativamente as variantes alteadas, classificando-as como erradas e disseram que não as produziriam. Considerando-se, então, que as categorias propostas por Labov (2008 [1972]) se encontram em um *continuum*, entende-se que o fenômeno do alteamento estaria entre as categorias *marcador* e *estereótipo*, uma vez que o fenômeno está acima do nível da consciência do informante. Além disso, o usuário da língua tende a julgar como erradas as variantes que diferem ou se distanciam de uma suposta norma padrão.

É importante esclarecer que as diferentes classificações *indicador, marcador* e *estereótipo* aparentemente estão diretamente relacionadas à: (i) presença de contexto favorecedor; e (ii) frequência da realização alteada no vocabulário dos participantes.¹

¹ Com o propósito de observar a frequência das realizações alteadas utilizou-se o *corpus* de Souza (2017) e de Avelheda (2013). Estabeleceram-se dois critérios: (i) os itens frequentes e menos salientes apresentam mais de 10 ocorrências no *corpus* e mais de 50% de alteamento; e (ii) os itens menos frequentes e mais salientes apresentam menos de 10 ocorrências alteadas no *corpus* e menos de 50% de alteamento.

No teste de *reação subjetiva*, a maioria das palavras realizadas alteadas ([I]stefani, c[u]mpadre, D[u]mingos, [I]stela, v[i]stido, b[u]nita, c[u]mida, b[i]bida, [i]mpréstimo) apresentava contexto favorecedor para o alteamento, quer seja o travamento silábico por sibilante ou nasal, quer seja a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. Já a palavra que não possui contexto favorecedor (c[u]madre) é frequentemente alteada pelos falantes cariocas. Entende-se que o contexto favorecedor e a alta frequência da realização alteada fizeram com que os participantes não percebessem e nem avaliassem negativamente o falante, pois essas palavras são comumente alteadas no seu dia a dia e, por isso o alteamento se apresentou entre as categorias *indicador* e *marcador*.

No teste de *insegurança linguística*, a maioria das palavras alteadas também apresentava contextos favorecedores para o alteamento: (i) hiato (B[i]atriz); (ii) estrutura silábica travada por sibilante (v[i]stido, c[u]stureira); e (iii) a vogal alta na sílaba seguinte (v[i]stido, c[u]stureira, b[u]nito). Todos esses vocábulos são frequentemente alteados no vocabulário do falante carioca. A palavra *tecido* apresenta vogal alta na sílaba seguinte, mas não é frequentemente alteada na fala carioca. Entende-se que o alteamento na palavra *tecido* causou estranhamento aos respondentes, eles perceberam o fenômeno e o julgaram como errado. Segundo Batista da Silveira, Avelheda Bandeira e Souza Guerreiro (2020, p. 36), “há casos de alteamento que podem chegar mesmo a constituir um *estereótipo*: cat[i]g[u]ria, acad[i]mia, d[u]cumentos, pr[u]fissional, ocorrências que não são comumente registradas na fala carioca e que causam estranhamento aos respondentes”.

Portanto, com base nos resultados, defende-se a reanálise da classificação estanque das categorias de Labov (2008 [1972]), uma vez que este estudo comprovou que um fenômeno linguístico avaliado em uma mesma comunidade – a de falantes cariocas – pode transitar entre as três categorias. Além disso, propõe-se que a avaliação subjetiva seja incluída como um condicionamento importante para explicar a manutenção de uma determinada variante de um fenômeno linguístico variável. Um exemplo da relevância da avaliação subjetiva é a tendência à manutenção das vogais médias [e] e [o] em posição pretônica, uma vez que falantes da norma de prestígio – aquela dominada pelo grupo social dominante e relacionada às regiões Sul e Sudeste – avaliam positivamente essas variantes, conforme atestam os estudos linguísticos de caráter variacionista, bem como os testes experimentais aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

- AVELHEDA, Anna Carolina. *O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análises sociolinguística e acústica*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2013.
- AVELHEDA BANDEIRA, Anna Carolina. *Alteamento pretônico no Rio de Janeiro: avaliação subjetiva e fatores condicionantes*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2019.
- BARBOSA DA SILVA, Myrian. *As pretônicas no falar baiano*. 1989. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 1989.
- BARBOSA DA SILVA, Myrian. Pretônicas fechadas na fala culta de Recife. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATTI, Cláudia (org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7Letras, 2008. P. 320-336.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira. *Vogais pretônicas no Português Brasileiro e Europeu*. 2014. 42 f. Relatório (Pós-Doutoramento em Língua Portuguesa) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; SOUZA, Silvia Carolina. Alteamento das médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: décadas de 70, 90 e 2010. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 4, p. 192-218, 2014. Disponível em: www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014040825.pdf. Acesso em: 9 set. 2016.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. O Tratamento da relação entre variação, mudança e gramática em livros didáticos do ensino médio. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 10-36, jan. 2015. ISSN 2237-4876. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/18342>. Acesso em: 14 jun. 2021. Doi:<http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p10>.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina. *Resquícios: o que sobrou do contato no caso das pretônicas*. Veredas On-Line, vol. 19, n. 1, 2015, p. 106-127. PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora. ISSN: 1982-2243.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. *Anais VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011a. V. 1. P. 465-479.

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina. Alçamento das vogais médias pretônicas nas cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro: uma análise comparativa. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011b, v. 1, p. 450-464.

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina; SOUZA, Silvia Carolina. *Avaliação do uso variável das vogais pretônicas: estudos preliminares de crenças e atitudes*. Letrônica. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 293-312, jan.-jun. 2017.

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA BANDEIRA, Anna Carolina; SOUZA GUERREIRO, Silvia Carolina. Uma análise do alçamento pretônico à luz das categorias propostas por Labov. *Linguística: revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*. Porto, v. 15, 2020.

BOTASSINI, Jaqueline. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Tese de Doutorado. Londrina: UEL, 2013.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Vol. 1. Blackwell Publishers, 2001a [1994].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Vol. 2. Blackwell Publishers, 2001b [1994].

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

OUSHIRO, Livia. *Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. USP/FL. São Paulo, 2015.

SILVA, Myriam Barbosa da. Uma possível história das pretônicas brasileiras *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>].

SOUZA, Silvia Carolina. *Alçamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: Décadas 70, 90 e 2010 / Estudo de Crenças e Atitudes*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2017.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento de vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. UFMG/FL. Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

SUBJECTIVE EVALUATION OF THE HIGH VARIANTS [I] AND [U]: INDICATOR, MARKER, STEREOTYPE, OR PHENOMENON ON A CONTINUUM?

Eliete Figueira Batista da Silveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Silvia Carolina Gomes de Souza Guerreiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ABSTRACT: The paper discusses Labov's (2008 [1972], 2001) classification of the categories indicator, marked, stereotype. Its object of analysis is the raising of pretonic middle vowels. The phenomenon is traditionally classified as indicator. However, the present study verifies, based on two subjective evaluation tests, that the linguistic phenomenon transits between the three categories, even when evaluated in the same linguistic community. In the subjective reaction test, the alignment falls between the indicator and marker categories. In the test of linguistic insecurity, the phenomenon is characterized as a stereotype. Based on the results, a new proposal for Labov's (2008 [1972], 2001) categories is advocated. It is postulated that linguistic phenomena should be evaluated on a continuum, just as it is intended to reflect on the role of subjective evaluation in linguistic variation and change.

The present study discusses Labov's (2008 [1972], 2001) classification of categories according to the social evaluation of linguistic change, with pretonic raising as the object of analysis. It is an example of a pandialectal phenomenon, since it occurs throughout the Brazilian territory, and language users tend to produce the pretonic vowel sometimes as closed middle (m[e]nino, b[o]nita) and sometimes as high (m[i]nino, b[u]nita).

According to Labov (2008 2001 [1972]), linguistic phenomena can be classified into three categories: indicator, marker, and stereotype. Indicators are phenomena that lie below the social consciousness and, therefore, are "difficult for linguists and laymen alike to detect". As an example, the studies on the raising of words classify it as an indicator. It is considered a marker the phenomenon that, although it is below the level of consciousness, presents relevant responses in subjective reaction tests. To illustrate, the use of raising is used in unusual contexts, such as in m[i]lhor and p[u]rtuguese. Finally, stereotypes are considered to be phenomena that are at the level of social consciousness and therefore tend to be negatively evaluated by the community, which can be observed in the cases of elevation as t[i][u]ary. In general, researchers of the phenomenon propose that pretonic raising is indicative, because it is below the level of awareness of speakers and tends to be produced by all social classes (CALLOU; LEITE, 2005, p. 82).

Labov (2008 [1972], 2001) apparently proposes that these categories are watertight, that is, a single linguistic phenomenon can only be classified into a single category. However, we argue here that it is not possible to fit the phenomena into a single category, because subjective evaluation tests show that the stress phenomenon may present characteristics of indicator, marker and stereotype. Thus, we postulate that Labov's categories (2008 [1972], 2001) are in a classification continuum, since a linguistic phenomenon such as raising can be classified in all three categories – in the same linguistic community – depending on linguistic and social conditions. Based on this, we intend to reflect on the role of subjective evaluation in linguistic variation and change. It is hypothesized that the tendency to maintain middle vowels is related to the prestigious social status attributed to their use. For the author, one of the major problems of linguistic change is evaluation, since language users tend to negatively assess linguistic variants that do not conform to the standard norm. Researchers Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968], p.36) advocate the importance of conducting studies that look at subjective evaluations, i.e., the covert norms of a given community, because the non-implementation of a linguistic change may be motivated by a negative evaluation of a given variant.

Thus, Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972]) highlight: (i) the importance of investigating speakers' social attitudes towards language and (ii) the need to reconcile the methodology of subjective evaluation studies with Sociolinguistic Theory. Following such guidelines, to observe the attitudes and subjective evaluations of the language user regarding pretonic raising, this study presents the results of two attitude tests framed in an experimental methodology: subjective reaction and linguistic insecurity.

The subjective reaction test is based on Botassini's (2013) proposal that divides the sentences into three aspects concerning the language user under evaluation: competence (e.g., (i) *This person has a higher education level*; (ii) *This person is ashamed to speak like that*); personal integrity (e.g., (i) *This person is reliable*; (ii) *This person is rude*) and social attractiveness (e.g., (i) *This person is nice*; (ii) *This person is ugly*). The main objective of the subjective reaction test is to observe whether the participants negatively evaluate the speaker for the pretonic variant used.

The linguistic insecurity test consisted of an interview. By listening to two audios with a high vowel and a middle vowel, the informant indicates which variant he identifies with. After that, the judge read the same excerpts, using the high vowel in some items. The test aims to verify the Labovian hypothesis that people's answers would reflect the way they believe they enjoy or are 'correct', but do not actually perform.

The results concerning the subjective reaction test showed that the majority of the informants did not negatively evaluate the user of the alleviated variants. However, in the Competence aspect, some negative evaluations appeared, especially if the phrases refer to the way the person speaks. Most participants positively rated the Personal Integrity of the audio speaker. At the same time, a significant number judged the speaker using the high variants negatively with regard to personal attractiveness.

In general, although there were positive evaluations, it is observed in the subjective reaction test that the speaker was also negatively evaluated. In all sentences, both positive and negative evaluations, in the three aspects observed (Competence, Personal Integrity, Personal Attractiveness), there were negative evaluations. Therefore, it is not possible to categorically state that the phenomenon is indicator, once some level of awareness is verified. The sociolinguistic analysis undertaken in the subjective reaction test allows us to propose, in this case, that the raising would be between the categories of marker and indicator, since it is a phenomenon whose change comes from below, and which is below the level of

awareness of the informant, but that presents responses “relevant to the subjective reaction tests” (cf. LABOV, 2008, p. 36).

In the linguistic insecurity test, the phenomenon is above the level of the speaker’s awareness. Participants negatively evaluated the high variants, rating them as wrong, and said they would not produce them. Considering, then, that the categories proposed by Labov (2008 [1972]) are in a continuum, it is understood that the phenomenon of raising would be between the stereotype and marker categories, since the phenomenon is above the informant’s level of consciousness. Moreover, the language user tends to judge as wrong the variants that differ or deviate from a socially established standard.

It is important to clarify that the different classifications indicator, marker, and stereotype are apparently directly related to: (i) the presence of a favoring context; and (ii) the frequency of the alteado realization in the participants’ vocabulary.

In the subjective reaction test, most of the words performed with the high variant ([I]stefani, c[u]mpadre, D[u]mingos, [I]stela, v[i]stido, b[u]nita, c[u]mida, b[i]bida, [i]mpréstimo) presented favorable context for the raising, whether syllabic locking by sibilant or nasal or the presence of a high vowel in the following syllable. The word that has no favorable context (c[u]madre) has the pretonic realized by the high variant in Rio de Janeiro speech. It is understood that the favoring context and the high frequency of the item produced by the high vowel made the participants neither perceive nor negatively evaluate the speaker, because these words are commonly stressed in their daily lives and, therefore, the stress was between the indicator and marker categories.

In the linguistic insecurity test, most words presented contexts favoring the use of the high variant: (i) hiatus (B[i]atriz); (ii) syllable structure locked by sibilant (v[i]stido, c[u]stureira); and (iii) the high vowel on the following syllable (v[i]stido, c[u]stureira, b[u]nito). All these words are often produced with [i] and [u] by the Carioca speaker. According to Batista da Silveira; Avelheda Bandeira; Souza Guerreiro (2020, p. 36), “there are cases of vocalic raising that can even constitute a stereotype: cat[i]g[u]ria, acad[i]mia, d[u]cumentos, pr[u]fissional, occurrences that are not commonly registered in Carioca speech and that cause strangeness to the respondents”.

Therefore, based on the results, we advocate the re-analysis of Labov’s (2008 [1972]) classification into discontinuous categories, since this study proved that a linguistic phenomenon evaluated in the same community – that of Rio de Janeiro speakers – can move between the three categories. Furthermore, it is proposed that subjective evaluation be included as an important conditioning to explain the

maintenance of a particular variant of a variable linguistic phenomenon. An example of the relevance of subjective evaluation is the tendency to maintain the middle vowels [e] and [o] in pretonic position, since speakers of the prestige norm – that dominated by the dominant social group and related to the South and Southeast regions – positively evaluate these variants, as attested by linguistic studies of a variationist nature, as well as by the experimental tests presented here.

REFERENCES

- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA BANDEIRA, Anna Carolina; SOUZA GUERREIRO, Silvia Carolina. Uma análise do alteamento pretônico à luz das categorias propostas por Labov. *Linguística: revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*. Porto, v.15, 2020.
- BOTASSINI, Jaqueline. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Tese de Doutorado. Londrina: UEL, 2013.
- CALLOU, Dinah Maria Isensee; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Vol. 1. Blackwell Publishers, 2001a [1994].
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Vol. 2. Blackwell Publishers, 2001b [1994].
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

SOBRE A DITONGAÇÃO DE VOGAIS NASAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Heglyn Pimenta

Universidade Paris 8 (UMR 7023 SFL)

RESUMO: Neste capítulo, nos interessaremos por um fenômeno pouco estudado a respeito dos núcleos nasais do português: a ditongação de vogais nasais lexicais em fim de palavra (p. ex. *lã* [lã̃]) e, sobretudo, em posição não final (p. ex. *tanque* [tã̃ki]), na tentativa de identificar em que medida diferentes fatores fonético-fonológicos são responsáveis pela determinação do glide como sendo palatal [j] ou labiovelar quando uma vogal nasal ditonga. Para tal, analisaremos 1.197 atestações de ditongação das vogais nasais /ã, ê, õ/ extraídas da base de dados do ALEPG – *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza* (cf. SARAMAGO, 2006). Como veremos, um dos fatores determinantes, em posição final como não final, é o timbre da vogal que ditonga. Em seguida, outros fatores importantes são a consoante seguinte em ataque e o timbre da vogal final em posição não final e, em posição final, a presença de [ɲ] no ataque precedente, a influência do ditongo nasal lexical *-ão*, assim como a região geográfica.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os núcleos nasais do português, língua que possui cinco vogais nasais /ĩ, ê, ã, õ, ã/¹ e quatro ditongos nasais /ãĩ, ãw, õj, ãj/, podem ser divididos em dois grandes campos: os diacrônicos e os sincrônicos. Os estudos diacrônicos se concentram nas mudanças históricas que levaram à criação das vogais e ditongos nasais da língua (CARVALHO, 1989; MARTINS, 1995; SAMPSON, 1999). Os sincrônicos, por sua vez, que tendem a tratar separadamente vogais e ditongos nasais, podem se concentrar no aspecto fonético ou fonológico. No que concerne aos estudos de caráter fonético, além daqueles voltados para a síntese articulatória (TEIXEIRA *et al.*, 2001), muitos se concentram, sobretudo, nos gestos articulatorios que levam à produção das vogais nasais, que contêm duas ou três fases: um início vocálico oral, uma parte vocálica nasal e eventualmente uma terceira fase, chamada de apêndice nasal, em que a nasalização se mantém mesmo após a oclusão da consoante seguinte (SEARA, 2000; SOUSA, 1994; CUNHA *et al.*, 2019). Do ponto de vista fonológico, por sua vez, as vogais nasais são geralmente consideradas como uma sequência bifonêmica /VN/, onde /V/ é uma vogal oral e /N/ é um segmento nasal subespecificado (BISOL; VELOSO, 2016; MATEUS; ANDRADE, 2000; WETZELS, 1997) ou, mais raramente, como uma sequência bifonêmica /VÑ/, em que o segundo elemento possuiria uma natureza vocálica, e não consonântica (CARVALHO, 1988; PARKINSON, 1983; PIMENTA, 2019).

Quanto aos ditongos nasais, a maioria dos estudos se concentram no aspecto morfofonológico da terminação *-ão* e de seus plurais *-ãos*, *-ães* e *-ões* (BISOL, 2002; FERREIRA, 2009; VELOSO, 2005), distinguindo ditongos pesados, que contêm um marcador de classe, de ditongos leves, sem marcador de classe (BISOL; VELOSO, 2016; MATEUS; ANDRADE, 2000).² Outros estudos se concentram ainda na migração de formas plurais etimológicas em *-ãos* e *-ães* para a forma *ões* (HUBACK, 2007), na redução de ditongos nasais postônicos a monotongos, como em *órfão* [ˈɔrfɐw̃] ~ [ˈɔrfu] (BATTISTI, 2014), ou, mais raramente, no caráter sociolinguístico da ditongação da vogal nasal /ẽ/ em posição interna na variedade

¹ Quando tratamos de vogais nasais, nos referimos às unidades que se opõem às vogais orais (p. ex. em *anjo*, cuja vogal nasal se opõe à vogal oral de *ajo*), excluindo assim as vogais nasalizadas produzidas antes de uma consoante nasal, como em *cama*, *sono*.

² A posição adotada no presente capítulo quanto à análise fonológica visa a unificação da estrutura dos núcleos nasais do português ao considerar que tanto vogais quanto ditongos nasais possuem a estrutura silábica de um núcleo complexo, o que significa que tanto as primeiras quanto os segundos são pesados, independentemente da presença ou ausência de um marcador de classe. Consideramos, ainda, que os ditongos nasais finais não são derivados, mas lexicais, o que significa que não são analisáveis morfológicamente.

de português brasileiro de São Paulo (OUSHIRO; MENDES, 2014). Enfim, os raros ditongos nasais lexicais não finais presentes nas palavras *cãibra*, *muito* e *zãibo* são geralmente tratados como exceção e deixados de lado das análises fonológicas (cf. BISOL, 2013, p. 120).

No que concerne à distribuição das sílabas contendo núcleos nasais nas palavras, como se pode ver na Tabela 1, as vogais nasais estão presentes em todas as posições (inicial, mediana e final), sejam estas acentuadas ou não, ainda que itens lexicais com vogais nasais finais sejam menos abundantes.

Tabela 1 – Exemplos de palavras contendo vogais nasais lexicais em sílaba pretônica, tônica e postônica em PE³

	Sílaba pretônica	Sílaba tônica		Sílaba postônica
	Posição não final	Posição não final	Posição final	Posição final
/ã/	<i>andorinha</i>	<i>banco</i>	<i>manhã</i>	<i>órfã</i>
/ẽ/	<i>enfeite</i>	<i>vento</i>	<i>além</i>	<i>ordem</i>
/ĩ/	<i>impossível</i>	<i>cinto</i>	<i>cetim</i>	<i>interim</i>
/õ/	<i>ponteiro</i>	<i>conta</i>	<i>bom</i>	<i>(náilon)</i>
/ũ/	<i>fundamento</i>	<i>fundo</i>	<i>comum</i>	<i>fórum</i>

Os ditongos nasais lexicais, por sua vez, estão presentes quase exclusivamente em posição final acentuada nas palavras simples (Tabela 2). Poucos itens lexicais contêm ditongos finais postônicos, enquanto ditongos nasais não finais são verdadeiras exceções, encontrados em palavras como *cãibra*, *zãibo* e *muito*.⁴ Ao analisar dados de variação dialetal, entretanto, pode-se encontrar realizações ditongadas de vogais nasais em posição não final que não foram lexicalizadas na língua padrão, como por exemplo em *banco* [bẽw̃ku], forma encontrada nos distritos de Braga, Porto e Viana do Castelo na base de dados do ALEPG – *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza* (cf. SARAMAGO, 2006), projeto em curso desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

³ É interessante notar que a vogal nasal /ẽ/ em posição final apresenta uma realização ditongada [ẽj] em português europeu (PE) padrão (p. ex. *além* [a'lẽj], *ordem* ['ordẽj]), enquanto a vogal nasal /õ/ é praticamente inexistente nesta posição, haja vista que a maior parte das paroxítonas terminadas em *-on* em português brasileiro (PB) correspondem, em PE, a palavras oxítonas terminadas em *-ão* (p. ex. *ião*, *protão*) ou paroxítonas terminadas em uma sequência de vogal oral e consoante nasal [ɔŋ] (p. ex. *cólon*, *ípsilon*, *plâncton*), com a exceção de *náilon* ['najlõ] ~ ['najlɔŋ], cuja pronúncia em PE padrão varia, entretanto, entre a vogal nasal e vogal oral seguida de consoante nasal.

⁴ O ditongo nasal não final da palavra *muito* (< lat. MULTUS), que difere em origem do ditongo das palavras *cãibra* e *zãibo*, não será abordado neste capítulo.

Tabela 2 – Exemplos de palavras contendo ditongos nasais lexicais em sílaba tônica e postônica

	Sílaba tônica		Sílaba postônica
	Posição não final	Posição final	Posição final
/ãw̃/	–	<i>mamão</i>	<i>órgão</i>
/ãj̃/	<i>cãibra</i>	<i>mãe</i>	–
/õj̃/	–	<i>limões</i>	–
/ũj̃/	<i>muito</i>	–	–

No presente capítulo, a questão principal será o processo de ditongação das vogais nasais lexicais /ã, ẽ, õ/ tanto em posição final de palavra como em posição não final, com o objetivo de tentar identificar os fatores que podem contribuir para a determinação do ponto de articulação do glide como sendo palatal [j] ou labiovelar [w] (Tabela 3). Para tal estudo, serão utilizadas transcrições fonéticas de variedades continentais do português europeu extraídas em julho de 2014 da base de dados do projeto ALEPG (cf. SARAMAGO, 2006) pela autora deste capítulo (cf. PIMENTA, 2019, anexo C).

Tabela 3 – Exemplos encontrados no ALEPG de realizações ditongadas de vogais nasais lexicais⁵

	Sílaba pretônica	Sílaba tônica		Sílaba postônica
	Posição não final	Posição não final	Posição final	Posição final
/ã/	<i>cambeta</i> [kɐ̃ ^{w̃} ˈbetɐ]	<i>ganso</i> [ˈgɐ̃ ^{w̃} sɔ]	<i>manhã</i> [maˈɲɐ̃]	<i>órfã</i> [ˈɔrfɐ̃ ^{w̃}]
/ẽ/	<i>lençol</i> [lɛ̃ ^{w̃} ˈsɔl]	<i>pente</i> [ˈpɛ̃ ^{w̃} tɨ]	<i>bem</i> [ˈbɛ̃ ^{w̃}]	<i>nuvem</i> [ˈnuvɛ̃ ^{w̃}]
/õ/	<i>constipação</i> [kɔ̃ ^{w̃} ˈtipɐsɐ̃ ^{w̃}]	<i>longe</i> [ˈlɔ̃ ^{w̃} ʒɨ]	<i>bom</i> [ˈbɔ̃ ^{w̃}]	–

Recolhidos entre 1973 e 2004, os dados do ALEPG cobrem 176 pontos em Portugal continental, assim como 24 pontos insulares (Madeira e Açores) e 12 pontos na zona fronteiriça com a Espanha (SARAMAGO, 2006). Vale ressaltar que os pontos de inquérito são zonas rurais ou em pequenas localidades, e que os informantes exibiam o seguinte perfil: “acima dos 50 anos; no máximo, com a escolaridade primária; com o mínimo de ausências da localidade e por curtos espaços de tempo; com pais e cônjuge oriundos da localidade ou, então, de localidades próximas” (SARAMAGO, 2006, p. 283).

⁵ No caso da vogal final /ẽ/ realizada [ɛ̃] (*bem*, *nuvem*), o que difere do PE padrão não é a ditongação da vogal, mas o seu timbre. Sobre o caso de /ã/ final em *órfã* [ɔrfɐ̃^{w̃}], cf. a seção Discussão.



Distritos portugueses:

- A - Aveiro
- B - Beja
- Bç - Bragança
- Br - Braga
- C - Coimbra
- CB - Castelo Branco
- E - Évora
- F - Faro
- G - Guarda
- L - Leiria
- Lx - Lisboa
- P - Porto
- Pl - Portalegre
- S - Santarém
- St - Setúbal
- V - Viseu
- VC - Viana do Castelo
- VR - Vila Real

Pontos externos (Espanha) :

- A - Goián
- B - Tomeiros
- C - Oímbra
- D - Hermisende
- E - Latedo
- F - Torregamones
- G - La Alamedilla
- H - San Martín de Trevejo
- I - Cedillo
- J - La Rabaza
- K - Olivenza
- L - Encinasola

Fonte: SARAMAGO (2006, p. 291).

Em 1990, com o objetivo de “apressar o ritmo das recolhas de modo a possibilitar a cobertura da totalidade do território no menor espaço de tempo possível” as perguntas do questionário foram reduzidas pela metade, tendo sido conservados

“os capítulos cujo léxico mostrava tendência a desaparecer mais rapidamente, a saber, as tecnologias tradicionais, a agricultura e a agropecuária, num total de cerca de 1500 perguntas” (SARAMAGO, 2006, p. 284).⁶

METODOLOGIA

Para o estudo da ditongação de vogais nasais lexicais, as buscas efetuadas na base de dados do ALEPG se concentraram em conceitos cujas palavras continham as vogais nasais médias /ẽ, õ/ e na vogal aberta /ã/, visto que glides homorgânicos desenvolvidos após as vogais nasais fechadas /ĩ, ã/ não devem ser percebidos como diferentes destes monotongos nasais.⁷ O *corpus* assim constituído contém 1.197 atestações de vogais nasais ditongadas, para as quais foram encodadas variáveis sobre o timbre da vogal que ditonga, fonologicamente (/ã, ẽ, õ/), mas também foneticamente ([a, e, o]);⁸ a posição da sílaba na palavra (inicial/mediana/final); o esquema acentual da sílaba (pretônica/tônica/postônica); a possibilidade de metafonía (sim/não); a homorganicidade do glide (com a vogal que ditonga e/ou com a consoante que segue); o ponto de articulação do glide ([w, j]); em qual distrito, assim como em qual ponto de inquérito ocorre a atestação; e a transcrição fonética.

Sabendo que os ditongos nasais lexicais são abundantes em fim de palavra, mas extremamente raros em posição não final, optou-se por apresentar os dados levando em conta a posição final ou não final⁹ da sílaba na palavra. Como se pode ver na Tabela 4, 44,4% das atestações de ditongação se encontram em posição não final (532/1.197), enquanto 55,6% se encontram em posição final (665/1.197).

⁶ Para um mapa do ALEPG em que se mostra as localidades com o questionário original e aquelas com o questionário reduzido, cf. Lao et al. (2020, p. 298).

⁷ Uma busca por casos de ditongação da vogal fechada anterior /ĩ/ em palavras como *limpo* e *brinco* não revelou nenhuma atestação de ditongo. Quanto à vogal fechada posterior /ã/, foram encontradas algumas atestações de ditongação não homorgânica [ũj] antes de consoante palatal nas palavras *funcho* e *caruncho*. Tais atestações não foram incluídas no presente estudo, pois tais buscas não foram feitas de forma sistemática. Para mais informações sobre o processo de busca na base de dados do ALEPG e sobre a constituição do *corpus* utilizado, cf. Pimenta 2019, cap. 9.

⁸ A diferença entre a vogal fonológica (ou etimológica) e o timbre realizado se mostra relevante em casos como *bem* [bẽj], ou ainda *tambor* [tõwbor]. Entretanto, nas análises que seguem, nos concentraremos prioritariamente na forma fonológica, visto que, em análise precedente, ela se mostrou mais pertinente para a explicação dos dados do que a forma fonética (cf. PIMENTA, 2019, cap. 9).

⁹ Seja ela inicial, como em *andorinha*, ou mediana, como em *laranja*.

Tabela 4 – Repartição dos dados de acordo com a posição da sílaba na palavra e o timbre da vogal

Timbre	Posição não final		Posição final	
	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	224	42,1%	163	24,5%
/ê/	285	53,6%	476	71,6%
/õ/	23	4,3%	26	3,9%
Total	532	100%	665	100%
% / posição	44,4%		55,6%	

Além da posição da sílaba na palavra, pode ser interessante levar em conta o esquema acentual. Assim, como se pode observar na Tabela 5, no caso das sílabas em posição não final, 77,8% das atestações são acentuadas, enquanto 22,2% não são acentuadas (sílabas pretônicas). No caso das sílabas em posição final, 55% das atestações são acentuadas, enquanto 45% não são acentuadas (sílabas postônicas).

Tabela 5: Repartição dos dados do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra, o esquema acentual, e o timbre da vogal

Timbre	Posição não final				Posição final			
	Sílabas tônicas		Sílabas átonas		Sílabas tônicas		Sílabas átonas	
	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	181	43,7%	43	36,4%	158	43,2%	5	1,7%
/ê/	211	51,0%	74	62,7%	182	49,7%	294	98,3%
/õ/	22	5,3%	1	0,8%	26	7,1%	0	0,0%
Total	414	100%	118	100%	366	100%	299	100%
% / acento	77,8%		22,2%		55,0%		45,0%	

Na mesma tabela, observa-se também que a vogal que mais possui atestações de ditongação em todas as posições da palavra, quer em sílaba tônica ou átona, é a vogal média anterior /ê/. Nota-se que o maior desequilíbrio entre as diferentes vogais se encontra em posição postônica (i.e. em sílaba átona em posição final). Nessa posição, 98,3% das atestações de ditongação concernem à vogal /ê/ (p. ex. *nuvem*), apenas 1,7% à vogal /ã/ (p. ex. *órfã*), enquanto nenhuma atestação foi encontrada da vogal /õ/. Tais números, a princípio surpreendentes, encontram uma explicação no fato de os itens lexicais contendo /ê/ serem mais numerosos e mais frequentes do que aqueles contendo /ã/, enquanto itens terminados em /õ/ postônico praticamente não existem em português europeu (cf. *Supra*). Assim, enquanto doze itens lexicais contêm uma vogal /ê/ postônica,¹⁰ apenas um contém uma vogal /ã/ postônica (*órfã*), e nenhuma contém /õ/ postônico. Enfim, um último

¹⁰ Palavras contidas no *corpus* terminadas em vogal /ê/ postônica: *anteontem, fuligem, homem, impingem, lobisomem, margem, nuvem, ontem, trasantontem, vagem, viagem* e *virgem*.

fator de impacto no desequilíbrio entre as atestações de /ẽ/ e /ã/ nesta posição é o fato de que a palavra *órfã* tenha sido um dos muitos itens lexicais excluídos do questionário do ALEPG em 1990 (LAO *et al.*, 2020; SARAMAGO, 2006).¹¹

Haja vista o desequilíbrio entre os diferentes timbres em posição postônica, optou-se, para a análise dos dados em sílaba final, pela exclusão daqueles terminados em /ẽ/ em posição átona (294 atestações de [ẽj]), deixando-se assim de considerar a variável sílaba tônica-sílaba átona. Os dados terminados em /ã/ postônico (5 atestações), entretanto, foram mantidos, assim como os dados de ditongação de /ẽ/ finalônico. A manutenção do /ã/ postônico explica-se pelo interesse neste tipo de ditongação, que pode levar à perda de distinção de gênero entre palavras tais que *órfã/órfão*, enquanto a manutenção de /ẽ/ finalônico é interessante para a comparação da taxa de ditongação de tal vogal – que já apresenta uma realização ditongada na língua padrão – com as vogais /ã, õ/, cuja ditongação em posição final em português europeu só é encontrada em dados dialetais.

Como pode ser visto na Tabela 6, no *corpus* reduzido (903 atestações de ditongação ao invés de 1.197), a ditongação em sílaba não final (58,9%) é agora mais numerosa que a ditongação em sílaba final (41,1%). Nota-se também que, uma vez que os dados de /ẽ/ postônico foram excluídos, os dados das vogais /ã, õ/ se encontram mais equilibrados em posição final (43,9% de /ã/ e 49,1% de /õ/), contexto para o qual, entretanto, não faz mais sentido a divisão entre sílabas acentuadas e não acentuadas.

Tabela 6 – Repartição dos dados do ALEPG no *corpus* reduzido (sem /ẽ/ postônico) de acordo com a posição da sílaba (não final/final) e a vogal que ditonga (/ã, õ, ã/)

Timbre	Posição não final		Posição final	
	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	224	42,1%	163	43,9%
/õ/	285	53,6%	182	49,1%
/ã/	23	4,3%	26	7,0%
Total	532	100%	371	100%
% / posição	58,9%		41,1%	

Após verificar a repartição do timbre da vogal que ditonga (/ã, õ, ã/) de acordo com a posição na palavra (não final/final), seria interessante ver a distribuição do glide palatal [j] e labiovelar [w] segundo a posição da sílaba e após cada vogal.

¹¹ Além de *órfã(s)/órfão(s)*, *irmã/irmão* também foram excluídas do questionário. Tais palavras, importantes para este estudo, faziam parte dos conceitos “A família; as relações sociais e de parentesco”.

Assim, na Tabela 7, nota-se que o glide palatal [j] é majoritário em relação a [w] tanto em posição não final (75,6%) quanto em posição final (64,2%).

Tabela 7 – Distribuição dos glides [j] e [w] no *corpus* do ALEPG de acordo com a posição da sílaba

Glide	Posição não final		Posição final	
	Atestações	%	Atestações	%
[j]	402	75,6%	238	64,2%
[w]	130	24,4%	133	35,8%
Total	532	100%	371	100%

Em seguida, como se pode ver na Tabela 8, a alta taxa do glide palatal [j] pode ser explicada, em boa parte ainda que não exclusivamente, pelo fato de que a vogal que mais ditonga é /ẽ/, seja em posição não final (53,6%) ou final (49,1%). O glide [w], por sua vez, raríssimo quando a vogal é /ẽ/ (apenas 6 atestações em posição não final, e 0 em posição final), é mais frequente quando a vogal que ditonga é /ã/ (51,4% dos casos em posição não final e 66,9% dos casos em posição final). Quanto a /õ/, é interessante notar que a vogal média posterior é seguida pelo glide labiovelar [w] em 92,3% dos casos em posição final, mas apenas em 34,8% dos casos em posição não final, diferindo assim da vogal média anterior /ẽ/, já que em posição não final 97,9% dos glides que a seguem são palatais. Como explicar essa diferença entre a taxa de glides palatais e labiovelares segundo a posição na palavra e segundo o timbre da vogal?

Tabela 8 – Porcentagem das vogais /ã, ẽ, õ/ no *corpus* do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra e o timbre da vogal que ditonga

Glide	Posição não final						Posição final					
	/ã/		/ẽ/		/õ/		/ã/		/ẽ/		/õ/	
	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%
[j]	108	48,2%	279	97,9%	15	65,2%	54	33,1%	182	100%	2	7,7%
[w]	116	51,8%	6	2,1%	8	34,8%	109	66,9%	0	0,0%	24	92,3%
Total	224	100%	285	100%	23	100%	163	100%	182	100%	26	100%
% / vogal	42,1%		53,6%		4,3%		43,9%		49,1%		7,0%	

RESULTADOS

Como veremos nesta seção, ao analisar os dados por posição da sílaba na palavra, nota-se que os fatores que influenciam na escolha do glide como palatal ou labiovelar não são necessariamente os mesmos em posição final e não final. Assim, em posição não final, além do timbre da vogal que ditonga, não se pode

ignorar a possível influência da consoante em ataque silábico que segue a vogal que ditonga (contexto $\check{V} _ C$), assim como a possibilidade de metafonia desencadeada pelo timbre da vogal final, seja ela anterior ou posterior. Em posição final, por sua vez, esses dois últimos fatores estão ausentes, mas há de se perguntar a que ponto a frequência dos ditongos nasais lexicais (*ão(s)*, *ãe(s)*, *ões*) pode influenciar na determinação do ponto de articulação glide como sendo palatal ([j]) ou labiovelar ([w]).

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DO GLIDE EM POSIÇÃO FINAL

Quando dois segmentos adjacentes dividem um mesmo ponto de articulação, fala-se em homorganicidade. Consequentemente, os glides palatais que seguem vogais anteriores assim como os glides labiovelares que seguem vogais posteriores arredondadas são ditos homorgânicos a estas vogais. Como visto na Tabela 8, em posição final a vogal anterior /*ẽ*/ é seguida pelo glide palatal [j] em 100% dos casos e a vogal posterior /*õ*/ é seguida pelo glide labiovelar [w] em 92,3% dos casos, com apenas duas atestações da vogal /*õ*/ seguida de [i]: *bom* [bõⁱ], e *bom* [boⁱ], no qual o ditongo resultante é desnasalizado. Isso significa que em posição final, tanto para a vogal anterior quanto para a posterior os glides são, em sua maioria, homorgânicos com a vogal.

A vogal /*ã*/, por sua vez, é seguida pelo glide labiovelar [w] em 66,9% dos casos. Na tentativa de encontrar o que pode determinar o ponto de articulação do glide que segue /*ã*/, podemos observar na Tabela 9 em quais palavras se obtém maior porcentagem de [j] e em quais se obtém maior porcentagem de [w].

Tabela 9 – Porcentagem de palavras no *corpus* do ALEPG terminadas em /*ã*/ e seguidas por glide palatal ou labiovelar

Palavra	[j]		[w]	
	Atestações	%	Atestações	%
<i>amanhã</i>	15	83,3%	3	16,7%
<i>manhã</i>	23	82,1%	5	17,9%
<i>ferrã</i>	4	50,0%	4	50,0%
<i>maçã</i>	7	41,2%	10	58,8%
<i>sertã</i>	1	20,0%	4	80,0%
<i>romã</i>	1	14,3%	6	85,7%
<i>rã</i>	2	8,7%	21	91,3%
<i>lã</i>	1	4,3%	22	95,7%
<i>hortelã</i>	0	0%	10	100%
<i>irmã</i>	0	0%	12	100%

<i>marrã</i>	0	0%	2	100%
<i>órfã</i>	0	0%	5	100%
<i>sã</i>	0	0%	5	100%
Total	54	33,1%	109	66,9%

Em relação ao glide palatal, a primeira coisa a se notar é que as poucas palavras em que [j] é majoritário, *manhã(s)* e *amanhã*, contêm uma consoante nasal palatal [ɲ] precedendo a vogal /ã/. Em 38 das 46 atestações de tais palavras, a influência do ponto de articulação da consoante em ataque pode levar não só ao desenvolvimento de um glide palatal ([j̃]), mas também à palatalização da vogal, realizada [ẽ] em 8 atestações de *amanhã* e em 11 atestações de *manhã*. Tal influência já fôra notada por MAIA (1981) para as atestações da palavra *manhã* nos dados do Inquérito Linguístico Boléo (ILB):

As palavras recolhidas do I. L. B., para servirem de base a este estudo, foram as seguintes: n.º 24 *manhã* (< *MANEANA) e n.º 336 *tua irmã* (<GERMANA). No que se refere à primeira forma, convém observar que a presença da palatal no início da sílaba tónica condiciona uma série de alterações tanto da vogal pretónica (cf. *menhã*, *minha*, *minhão*, *menhão*, etc.) como da vogal daquela sílaba (cf. por ex. *manhem*, *manhêi*, *manhê*, *manhé*, etc.) (MAIA, 1981, p. 74).

Em seguida, dos 16 dados restantes de [j] seguido a /ã/, 7 estão no plural e têm uma consoante final realizada [ʃ] (p. ex. *maçãs* [mɛsẽʃ]). Partindo do ponto de que a consoante pré-palatal final [ʃ] também pode influenciar o ponto de articulação do glide, apenas 9 atestações das 54 de [j] não têm motivação fonético-fonológica clara: uma atestação de *maçã* [mɛsẽ] no singular e outra no plural em que a consoante final é [s], *maçãs* [mɛsẽs]; uma atestação de *rã* [rẽ]; uma de *sertã* [sirtẽ]; uma de *lã* [lẽ]; e quatro atestações da palavra *ferrã*, duas das quais apenas o glide é palatal, *ferrã* [firẽ], e duas outras em que a vogal realizada é anteriorizada, *ferrã* [firẽ].¹²

Passando ao glide labiovelar, a princípio a maioria das atestações não podem ser explicadas simplesmente do ponto de vista fonético-fonológico, já que partimos do ponto de que /ã/ não é fonologicamente homorgânica nem com [j] nem com [w], enquanto do ponto de vista fonético apenas 12 das 109 atestações apresentam uma vogal foneticamente velar seguida de [w]. Surpreendentemente, dentre os cinco itens lexicais da Tabela 9 que apresentam 100% de /ã/ seguido de [w] se encontram as palavras cuja vogal nasal lexical -ã se opõe em gênero ao ditongo

¹² No caso de *ferrã* [firẽ], é difícil dizer se é a vogal pronunciada [ẽ] que leva ao glide palatal [j] ou se, ao contrário, é o glide palatal [j] que anterioriza a vogal /ã/, levando-a a ser pronunciada [ẽ].

nasal lexical *-ão*: *irmã/irmão, marrã/marrão, órfã/órfão* e *sã/são*, oposição que imagináramos bloquear a ditongação de /ã/ com o glide [w].

Uma das questões a se levar em consideração, ao analisar a ditongação de vogais nasais lexicais em posição final, é o fato de que é nesta posição que se encontram, com algumas raras exceções, os ditongos nasais lexicais do português. Sabendo que o ditongo *-ão* é o mais frequente no singular, pois nele convergiram as diferentes terminações latinas *-anus, -anes* e *-ones* (cf. PIMENTA, 2019, cap. 4), enquanto o ditongo *-ões* é o mais frequente no plural – o que parece ser a causa da migração dos ditongos *-ães* e *ãos* para o ditongo *ões* (cf. HUBACK, 2007), o que se pode constatar na Tabela 10 –, podemos nos perguntar se tal diferença, já existente no português padrão, pode influenciar a taxa de glides anteriores e posteriores em posição final nos dados dialetais do PE.

Tabela 10 – Efeito do plural etimológico nos plurais em *-ão*

Plurais etimológicos	Respostas em <i>-ões</i>		Respostas em <i>-ãos</i>		Respostas em <i>-ães</i>	
	N	%	N	%	N	%
Etim. <i>-ões</i>	627/670	93,5	41/670	6,1	02/670	0,2
Etim. <i>-ãos</i>	141/362	38,9	206/362	56,9	15/362	4,1
Etim. <i>-ães</i>	37/247	14,9	13/247	5,2	197/247	79,7

Fonte: HUBACK, 2007, p. 205. Dados em negrito no original.

Como se pode observar na Tabela 11 – da qual foram excluídas as palavras *amanhã* e *manhã(s)*, para as quais já determinamos que a alta porcentagem do glide palatal [j] (38 das 46 atestações das palavras *manhã* e *amanhã*) está ligada à presença da consoante nasal palatal [ɲ] precedente à vogal –, tanto no singular como no plural o glide mais representado quando da ditongação de /ã/ é [w]. Para o singular, isso conforta a hipótese de uma possível influência da alta frequência do ditongo lexical *-ão*.

Tabela 11 – Palavras terminadas em /ã/ e seguidas por glide palatal ou labiovelar no singular e no plural no *corpus* do ALEPG

	Singular		Plural	
	[j]	[w]	[j]	[w]
<i>ferrã</i>	4	4	–	–
<i>hortelã</i>	0	10	–	–
<i>irmã</i>	0	6	0	6
<i>lã</i>	1	22	–	–
<i>maçã</i>	1	10	6	0
<i>marrã</i>	0	2	–	–
<i>órfã</i>	0	5	–	–

<i>rã</i>	1	13	1	8
<i>romã</i>	0	6	1	0
<i>sã</i>	0	1	0	4
<i>sertã</i>	1	4	–	–
Total	8	83	8	18
%	8,8%	91,2%	30,8%	69,2%

Para o plural, entretanto, o fato de o ditongo *ões* ser o mais frequente – ao menos em PE padrão – não parece ter tanta influência: das 26 atestações de ditongação de *ã* no plural, a maioria apresenta a realização [ẽw̃f] (18/26), enquanto 5 apresentam uma realização [ẽj̃]/[ẽʃ̃],¹³ com um dos ditongos menos frequentes no léxico, e apenas três apresentam uma realização [õj̃]: uma atestação da palavra *maçãs* [mɛsõj̃], uma da palavra *rãs* [ɐrõj̃] e uma da palavra *romãs* [rõmõj̃].

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DO GLIDE EM POSIÇÃO NÃO FINAL

Retomando os dados da Tabela 8, pode-se observar que em posição não final 97,9% das atestações ditongadas da vogal anterior /ẽ/ (279/285) possuem um glide homorgânico [j], enquanto a taxa de homorganicidade na ditongação da vogal posterior /õ/ é de apenas 34,8% (8/23). Quanto à vogal aberta /ã/, pode-se notar que a porcentagem de glides palatais (48,2%) e labiovelares (51,8%) é equilibrada, com o número de atestações de [w] (116/224) levemente superior àquele de [j] (108/224). Em posição não final, além da homorganicidade com a vogal que ditonga, outros fatores de caráter fonológico podem influenciar a determinação do glide: o ponto de articulação da consoante em ataque que segue a vogal nasal e o timbre da vogal final, por metafonia.

A começar pelo ponto de articulação da consoante seguinte, podemos observar na Tabela 12 que quando a vogal é seguida por uma consoante alveolar (p. ex. *grande*) – cujo ponto de articulação não é homorgânico nem com o glide palatal nem com o glide labiovelar –, a determinação do glide após vogais médias parece estar relacionada com o timbre da vogal. Assim, o glide que segue /õ/ é homorgânico em todos os (poucos) casos atestados com essa vogal (4 atestações de [w], p. ex. *lontra* [lõ^{w̃}trɐ]), enquanto o glide que segue /ẽ/ é homorgânico em 98,6% dos casos (215 atestações de [j], p. ex. *cento* [sẽjt^u]). Enfim, o que a princípio não pode ser explicado pela homorganicidade nem com a vogal que ditonga nem com a consoante seguinte é o fato de que o glide seja [w] na maioria dos casos em que a vogal é /ã/ (85,7%, p. ex. *a lanço* [ɐ'lã^{w̃}su]). Antes de consoantes alveolares,

¹³ A essas 5 atestações se somam aquelas de *manhãs*, palavra excluída da Tabela 11, cujas 5 atestações no plural apresentam a forma [ẽj̃].

como se era de esperar, não parece haver interação entre o ponto de articulação da consoante e a determinação do ponto de articulação do glide.

Tabela 12 – Porcentagem do glide palatal [j] e labiovelar [w] no *corpus* do ALEPG em contexto pré-consonântico (V_C) de acordo o ponto de articulação da consoante seguinte, assim como com a vogal que ditonga

Glide	Alveolar				Palatal			
	[j]		[w]		[j]		[w]	
Vogal	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	7	14,3%	42	85,7%	33	97,1%	1	2,9%
/ẽ/	215	98,6%	3	1,4%	24	100%	0	0%
/õ/	0	0%	4	100%	14	93,3%	1	6,7%
% glide	81,9%		18,1%		97,3%		2,7%	
Glide	Labial				Velar			
	[j]		[w]		[j]		[w]	
Vogal	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	24	42,1%	33	57,9%	44	52,4%	40	47,6%
/ẽ/	31	96,9%	1	3,1%	9	81,8%	2	18,2%
/õ/	1	100%	0	0%	0	0%	2	100%
% glide	62,2%		37,8%		54,6%		45,4%	

Quando a consoante é palatal (p. ex. *longe*), por outro lado, nota-se que o ponto de articulação do glide é majoritariamente palatal, independentemente do timbre da vogal. Assim, /ã/ é seguido por [j] em 97,1% dos casos (p. ex. *gancho* ['gẽ̃j^h]); /ẽ/ é seguido por [j] em 100% dos casos (p. ex. *enxó* [ẽ̃'j^h]); e mesmo a vogal labial posterior /õ/ é seguida por [j] – glide não homorgânico com a vogal – em 93,3% dos casos (p. ex. *concha* ['kõ̃j^h]). Quando a consoante que segue a vogal nasal é palatal, tudo indica que seu ponto de articulação determina o ponto de articulação do glide, numa assimilação regressiva.

É interessante notar que o mesmo não ocorre com vogais seguidas de consoantes labiais (p. ex. *camba*) ou velares (p. ex. *canga*). Como se pode ver, antes de uma consoante labial, apenas 37,8% dos glides são labiovelares, percentagem que atinge 45,5% dos glides seguidos por consoante velar. Curiosamente, a única atestação de ditongação da vogal /õ/ antes de uma consoante labial tem um glide palatal e não um glide labiovelar (*lombo* ['lõ̃bu]), ainda que diversos fatores deveriam favorecer [w] a [j].

Além da homorganicidade com os segmentos adjacentes, outro possível fator na determinação do glide é a influência do timbre da vogal final, por metafonia.

Para entender o possível impacto desse fator, que pode ou não interagir com os fatores de homorganicidade, podemos observar a distribuição dos dados na Tabela 13. Como se pode ver, na maioria das atestações, os glides são homorgânicos com pelo menos um dos segmentos adjacentes (323 atestações de [j] e 84 atestações de [w]), sendo que na maioria das atestações de [j] não há metafonía possível (78,9%), enquanto que para [w] há uma possível metafonía em 67,9% dos casos. De maneira similar, para os dados em que não há homorganicidade do glide nem com a vogal que ditonga nem com a consoante que segue, também não há metafonía possível na maioria dos dados de [j] (52/79), enquanto estes são a minoria para os dados de [w] (16/46).

Tabela 13 – Repartição dos dados do ALEPG em contexto não final de acordo com o ponto de articulação do glide, uma possível metafonía (sim/não), e a homorganicidade do glide com a vogal e/ou com a consoante

Possível metafonía	[j]				[w]			
	Homorgânico	%	Não homorgânico	%	Homorgânico	%	Não homorgânico	%
Sim	68	21,1%	27	34,2%	57	67,9%	30	65%
Não	255	78,9%	52	65,8%	27	32,1%	16	35%
Total	323		79		84		46	
%	80,3%		19,7%		64,6%		35,4%	

DIFERENÇAS REGIONAIS

Primeiramente, como se pode observar na Tabela 14, ordenada do distrito com maior número de atestações de ditongação (Viseu) para o menor (Beja), dos cinco distritos em que se encontra mais de 70 atestações de ditongação, três se encontram no noroeste de Portugal: Braga (110 atestações), Porto (79 atestações) e Viana do Castelo (78 atestações); um distrito se encontra ao sudeste do distrito do Porto (Viseu, 162 atestações); e um se encontra no extremo sul do país (Faro, 76 atestações). Isto significa que, com exceção do Faro, segundo a classificação de CINTRA (1971) todos os distritos com maior número de atestações de ditongação pertencem aos dialetos portugueses setentrionais, como se pode ver na Figura 2.

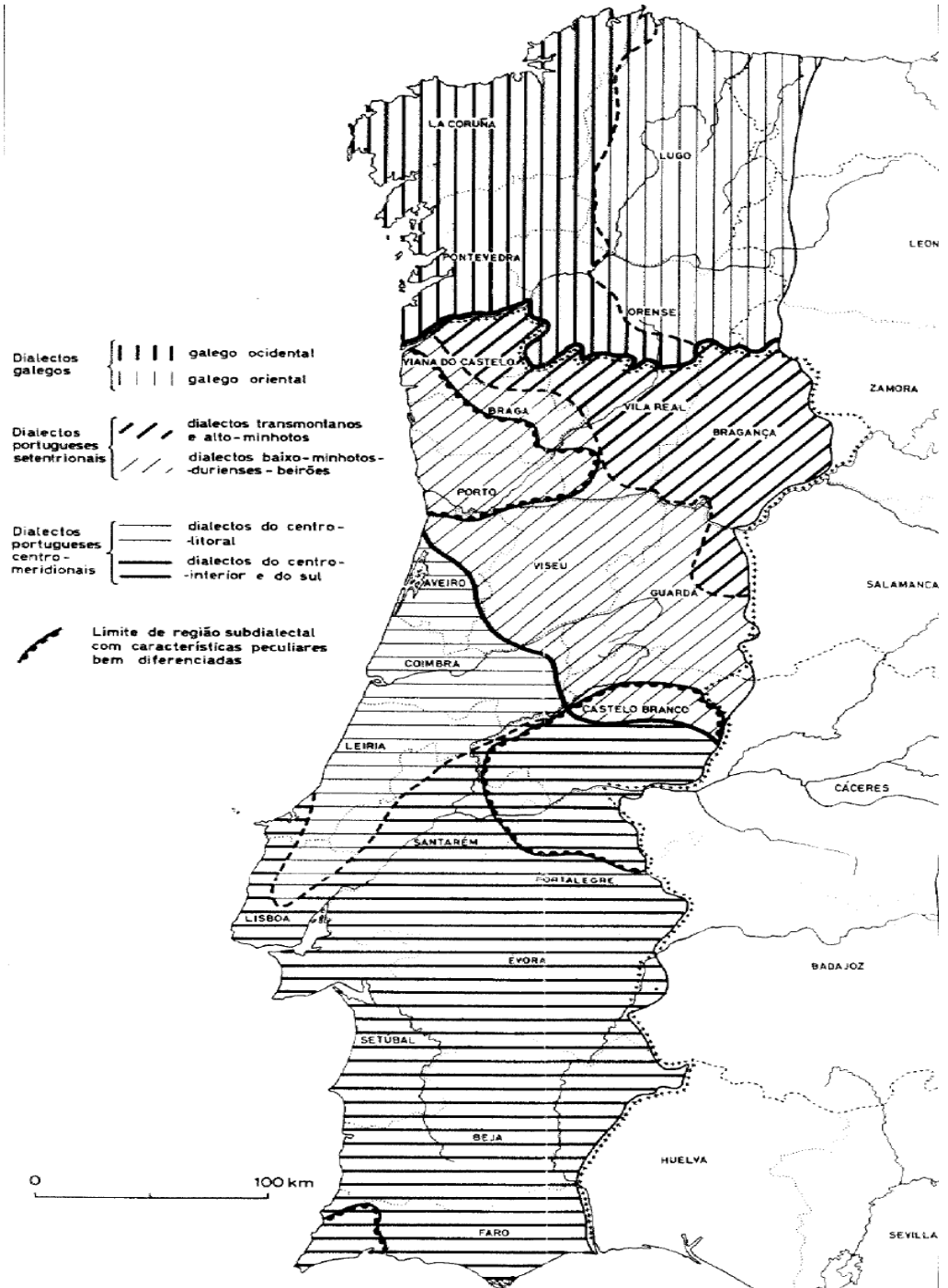
Tabela 14 – Ditongação por distrito do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra

Distritos do ALEPG	Posição não final		Posição final		Total Atest.
	Atest.	%	Atest.	%	
Viseu (V)	142	87,7%	20	12,3%	162
Braga (Br)	71	64,5%	39	35,5%	110
Porto (P)	63	79,7%	16	20,3%	79
Viana do Castelo (VC)	45	57,7%	33	42,3%	78

Faro (F)	7	9,2%	69	90,8%	76
Portalegre (Pl)	24	52,2%	22	47,8%	46
Leiria (L)	28	65,1%	15	34,9%	43
Vila Real (VR)	20	55,6%	16	44,4%	36
Bragança (Bç)	23	69,7%	10	30,3%	33
Setúbal (St)	18	56,3%	14	43,8%	32
Aveiro (A)	18	60,0%	12	40,0%	30
Guarda (G)	5	17,2%	24	82,8%	29
Santarém (S)	23	79,3%	6	20,7%	29
Castelo Branco (CB)	18	64,3%	10	35,7%	28
Évora (E)	2	7,1%	26	92,9%	28
Coimbra (C)	16	59,3%	11	40,7%	27
Lisboa (Lx)	6	30,0%	14	70,0%	20
Beja (B)	3	17,6%	14	82,4%	17

Em seguida, em relação à posição em que ocorre a ditongação (final/não final), pode-se observar que apenas cinco distritos possuem mais atestações de ditongação em posição final do que não final: Évora (92,9%), Faro (90,8%), Guarda (82,8%), Beja (82,4%) e Lisboa (70%), dos quais o Faro é o único a possuir um número de ditongações consequente: 76 no total, das quais 69 ocorrem em posição final, enquanto os outros distritos possuem entre 17 e 29 atestações no total, das quais entre 14 e 26 atestações se encontram em posição final.

Figura 2 – Classificação dos dialetos portugueses.



Fonte: CINTRA (1971).

Passando à distribuição dos glides palatais e labiovelares, pode-se notar na Tabela 15 que o glide palatal é majoritário tanto em posição final como não final na maioria dos distritos. As exceções, em posição não final, são os distritos de Aveiro, Porto e Viana do Castelo, e em posição final, os distritos de Braga, Faro, Porto e Viana do Castelo. É interessante salientar que, apesar do maior número de glides palatais em posição não final em Braga, o distrito é um dos que mais têm ocorrência do glide [w] nesta posição, com 25 atestações. Podemos notar, enfim, que o glide labiovelar ocorre com maior frequência, tanto em posição final quanto em posição não final, sobretudo no noroeste do país (Braga, Porto, Viana do Castelo e norte de Aveiro) e no extremo sul (Faro).

Enfim, em relação aos glides não homorgânicos e sem metafonia, minoritários no *corpus* (184 atestações), podemos notar na Tabela 16 que em posição não final oito distritos possuem atestações de [j], as mais numerosas se encontrando nos distritos de Leiria (19/52) e de Santarém (11/52); as atestações de [w], por sua vez, ocorrem apenas em cinco distritos: Aveiro, Braga, Faro, Porto e Viana do Castelo. Em posição final, enfim, [j] ocorre apenas em quatro distritos: Braga, Coimbra, Guarda e Viseu; enquanto isso, [w], mais numeroso, ocorre em doze distritos, com o maior número de ocorrências em Braga, Faro e Viana do Castelo.

Tabela 15 – Ditongação por distrito do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra (não final/final) e com o ponto de articulação do glide

Distrito\Glide	Posição não final			Posição final			Glide/Distrito
	[j]	[w]	Total	[j]	[w]	Total	
Aveiro	4	14	18	8	4	12	Aveiro
Beja	1	2	3	13	1	14	Beja
Braga	46	25	71	13	26	39	Braga
Bragança	22	1	23	9	1	10	Bragança
Castelo Branco	16	2	18	7	3	10	Castelo Branco
Coimbra	15	1	16	11	0	11	Coimbra
Évora	2	0	2	25	1	26	Évora
Faro	6	1	7	26	43	69	Faro
Guarda	5	0	5	23	1	24	Guarda
Leiria	28	0	28	14	1	15	Leiria
Lisboa	6	0	6	12	2	14	Lisboa
Portalegre	24	0	24	18	4	22	Portalegre
Porto	22	41	63	3	13	16	Porto
Santarém	23	0	23	6	0	6	Santarém
Setúbal	18	0	18	13	1	14	Setúbal

Viana do Castelo	4	41	45		10	23	33	Viana do Castelo
Vila Real	19	1	20		9	7	16	Vila Real
Viseu	141	1	142		18	2	20	Viseu
Total	402	130	532		238	133	371	Total

Tabela 16 – Distribuição dos ditongos não homorgânicos e sem metafonia por distrito do ALEPG, em posição não final e final, de acordo com o glide

Distritos do ALEPG	Posição não final		Posição final		Total
	[j]	[w]	[j]	[w]	Atest.
Aveiro	–	3	–	2	5
Beja	–	–	–	1	1
Braga	–	2	2	19	23
Bragança	–	–	–	–	–
Castelo Branco	2	–	–	3	5
Coimbra	4	–	1	–	5
Évora	–	–	–	1	1
Faro	–	1	–	41	42
Guarda	–	–	2	–	2
Leiria	19	–	–	–	19
Lisboa	2	–	–	1	2
Portalegre	6	–	–	4	10
Porto	–	4	–	9	13
Santarém	11	–	–	–	11
Setúbal	6	–	–	1	7
Viana do Castelo	–	6	–	20	26
Vila Real	2	–	–	7	8
Viseu	–	–	4	–	4
Total	52	16	9	109	184

DISCUSSÃO

Conforme foi visto na seção precedente, de acordo com as atestações do nosso *corpus*, quando uma vogal nasal ditonga em português europeu em posição não final, ambos os glides apresentam majoritariamente algum tipo de homorganicidade, seja com a vogal que ditonga, seja com a consoante na posição de ataque que segue, seja com ambas: [j] é homorgânico em 80,3% dos casos, enquanto [w] é homorgânico em 64,6% dos casos (cf. Tabela 13). É interessante notar, entretanto, uma assimetria na propagação da palatalidade de um segmento adjacente quando comparada à propagação da labialidade/velaridade. Assim, quando a vogal é /ẽ/ (cf. Tabela 8), o glide é palatal em 97,9% dos casos (279/285); do mesmo modo, quando a consoante que segue no ataque é palatal (cf. Tabela 12), o glide é [j]

em 97,3% dos casos (71/73). Esse alto índice de homorganicidade não ocorre, entretanto, nem em relação à vogal nem em relação à consoante (levadas em conta separadamente) quando o traço em questão é labial/velar: quando a vogal é /õ/ (cf. Tabela 8), o glide só é homorgânico em 34,8% dos casos (8/23); da mesma forma, o glide é [w] em 37,8% dos casos em que a consoante é labial (34/90), e em 45,4% dos casos em que a consoante é velar (44/97) (cf. Tabela 12).

Excluído o fator de homorganicidade, entretanto, há mais chances que um glide seja posterior se houver metafonía, já que somente 35% dos glides labiovelares não homorgânicos não estão sob a influência do timbre da vogal final (16/46). A situação é inversa para o glide palatal, já que dentre os [j] não homorgânicos apenas 34,2% estão sob a influência de uma vogal final anterior (27/79). Com isso, chegamos aos dados em que não há nem metafonía nem homorganicidade do ponto de vista fonológico, isto é, 52 atestações de [j] e 16 atestações de [w] (cf. Tabela 13). Em relação ao glide labiovelar, dos 16 dados de [w], 5 atestações apresentam uma vogal foneticamente velar: *andorinha* [ã^wdurɨɲə], *landisca* [lã^wdɨʃkə], *gansa* [gã^wsə], *anteontem* [ã^wtiõti] e a palavra z-avaliativa *maçãzinha* [mæsãwziɲə]. É interessante notar, enfim, que todas as 11 atestações restantes de [w] não homorgânicos e sem metafonía ocorrem seguidos à vogal /ã/ no noroeste de Portugal, nos distritos de Braga, Porto, Viana do Castelo e no norte de Aveiro, o que corresponde grosso modo à zona dialetal Minhota (BOLÉO; SILVA, 1961), onde a vogal nasal aberta fôra, historicamente, fortemente velarizada: “[c] reio que -ão é o resultado da evolução de *áy*: a vogal *a*, que na região é aberta e velarizada, seguida de nasalidade velar transformou-se num ditongo formado por *a* e semivogal velar” (MAIA, 1981, p. 77 nota 3), e isto ao ponto de, em certos casos, se confundir com /õ/:

Inserida na área minhota de -ão encontra-se uma área menor e um pouco difusa de -õ e õu que abrange algumas povoações da zona compreendida entre o Lima e o Douro: aí, à forma feminina da língua padrão *irmã* corresponde *irmõ* e *irmõu*. Ocorrem estas formas mais intensamente no distrito de Braga, mas estão também representadas em duas povoações do distrito de Viana do Castelo e duas do distrito do Porto (MAIA, 1981, p. 77 nota 3).

Em seguida, em relação ao glide palatal, dos 52 dados de [j], 2 atestações apresentam uma realização anteriorizada da vogal /ã/: *lande* [lẽɲdɛ] e *tampo* [tẽp^u]. Para as outras 50 atestações, realizações de *camba(s)* [kẽbɛ(j)], *cambeiras* [kẽbeɨrɛɲ], *cambo(s)* [kẽbu(j)], *canga* [kẽgɛ], *lampo* [lẽpu], *matança* [metẽɲsɛ] e *lombo* [lõb^u], não encontramos nenhuma explicação para a presença do glide [j], que ocorre sobretudo em Leiria e Santarém (Tabela 16). Podemos salientar,

entretanto, a semelhança desses dados e dos ditongos nasais lexicais encontrados nas palavras *cãibra* e *zãibo* em PE padrão.

Passemos ao contexto final. Por um lado, nesse contexto, a única fonte de assimilação é geralmente a vogal que ditonga, visto que à direita da vogal nasal não há consoante seguinte (salvo no plural) nem fonte de metafonia; excepcionalmente, como foi visto, uma consoante que preceda a vogal nasal pode influenciar o ponto de articulação do glide, mas somente se seu ponto de articulação for palatal (p. ex. *manhã*). Quando uma vogal média ditonga nessa posição, os glides – salvo raras exceções –, são homorgânicos. Assim, encontramos 100% de [j] após /ẽ/ e 92,3% de [w] após /õ/ (cf. Tabela 8).

Por outro lado, lembramos que a posição final é aquela em que se encontram os ditongos nasais lexicais do português, o que levanta a questão de uma possível influência da alta frequência de /ãw̃/ no singular, por um lado, e da alta frequência de /õj̃/ no plural quando a vogal nasal que ditonga é /ã/, especialmente porque não se espera que tal vogal seja a princípio homorgânica nem com [j] nem com [w]. Essa influência parece ocorrer no singular de palavras terminadas em /ã/, visto que uma vez excluídas as atestações da palavra *manhã*, 91,2% dos glides são labiovelares (Tabela 11). No plural, entretanto, a influência de /õj̃/ se nota em apenas três atestações raras, porém significativas, pois correspondentes à forma ditongada [ẽw̃] no singular na mesma região: *maçã* [masẽw̃] (F15) – *maçãs* [mæsõj̃] (F15), *rã* [rẽw̃] (VR1) – *rãs* [rõj̃] (VR1) e *romã* [r^umẽw̃] (F8) / [r^umõj̃] (F14, F15) – *romãs* [rⁱmõj̃] (F12). Embora raras, essas atestações revelam algo inusitado: visto que no singular as realizações ditongadas das palavras *maçãs*, *rãs* e *romãs* apresentam quase exclusivamente um glide labiovelar [ẽw̃] (29/31), pode-se dizer que, para alguns locutores, a analogia responsável pela forma não etimológica *ões* de certos plurais de *ão* (cf. HUBACK, 2007; VELOSO, 2005) parece alcançar até mesmo formas ditongadas da vogal nasal final *ã*.

Enfim, levando em consideração que em posição final existe, para algumas palavras, uma oposição entre a vogal nasal *-ã* e o ditongo nasal *-ão*, era de se esperar que a ditongação de /ã/ com o glide labiovelar [w] seria inibida nas palavras *irmã*, *marrã*, *órfã* e *sã*. Tal não é o caso, visto que os poucos casos de ditongação dessas palavras, tanto no singular quanto no plural, apresentam o ditongo [ẽw̃]. De toda evidência, nas localidades em que encontramos a ditongação de /ã/ final, a perda de tal contraste no item lexical não parece inibir que a ditongação se faça com o glide posterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente capítulo, foram apresentados dados dialetais de ditongação das vogais nasais lexicais /ã, ã, õ/ em português europeu assim como os fatores que podem determinar o ponto de articulação do glide quando uma destas vogais ditongam, o que trouxe à tona, entre outras coisas, a questão da ditongação /ã/, menos frequente do que a ditongação de /ẽ/. O estudo das formas aqui apresentadas é interessante não apenas do ponto de vista dialetológico – que mereceria, inclusive, ser aprofundado –, mas também do ponto de vista da linguística teórica, cujas formalizações podem se beneficiar da riqueza contida nos dados de variação (LLORET, 1997). Assim, numa abordagem fonológica formal em que se considera que vogais e ditongos nasais possuem uma mesma estrutura silábica de núcleo complexo (cf. PIMENTA, 2019, cap. 7), a passagem de uma vogal nasal a um ditongo nasal não implica mudança estrutural, mas tão somente a mudança do timbre da segunda posição vocálica do núcleo complexo. Por outro lado, no caso das reduções vocálicas que implicam a perda de uma posição no núcleo – como pode acontecer com os núcleos nasais postônicos –, a redução da sílaba complexa a simples leva necessariamente à perda da nasalidade (p. ex. *órfão* ['ɔrfu], *órfã* ['ɔrfɐ]).

Enfim, ainda que as atestações apresentadas sejam relativamente pouco numerosas por região e não permitam uma análise estatística – a começar pelo fato de que sem o número de atestações não ditongadas por região é impossível dizer em qual proporção as vogais nasais lexicais podem ditongar –, achamos importante trazer tal fenômeno à luz, a fim de enriquecer o estudo sobre os núcleos nasais do português, em particular, e das línguas românicas em geral.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa. A representação da nasal em coda silábica e os ditongos nasais do português. In: *XVII Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*, João Pessoa (Paraíba, Brasil), 2014. P. 1433-1453.
- BISOL, Leda. Estudo sobre a nasalidade. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. V. 8-Novos estudos descritivos. P. 501-535.

- BISOL, Leda. Fonologia da nasalização. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. *Gramática do português culto falado no Brasil vol. VII*. São Paulo: Contexto, 2013. P. 113-140.
- BISOL, Leda; VELOSO, João. Phonological Processes Affecting Vowels: Neutralization, Harmony and Nasalization. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZI, Sergio (org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: John Wiley & Sons, 2016. P. 69-85.
- BOLÉO, Manuel de Paiva; SILVA, Maria Helena Santos. O “Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental” [com 4 mapas]. *Boletim de filologia*, v. XX, n. III, p. 85-112, 1961.
- CARVALHO, Joaquim Brandão de. Nasalité et structure syllabique en portugais et en galicien : approche non linéaire et panchronique d’un problème phonologique. *Verba. Anuario galego de filoloxia*, v. 15, p. 237-263, 1988.
- CARVALHO, Joaquim Brandão de. L’origine de la terminaison -ão du portugais : une approche phonétique nouvelle du problème. *Zeitschrift für romanische Philologie*, v. 105, p. 148-160, 1989.
- CINTRA, Luís F. Lindley. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de filologia*, v. 22, p. 81-116, 1971.
- CUNHA, Conceição *et al.* On the Role of Oral Configurations in European Portuguese Nasal Vowels. In: Proc. Interspeech 2019, p. 3332-3336.
- FERREIRA, Ana Silvina de Sousa Ribeiro. *Flexão de Número dos Nomes Terminados em Ditongo Nasal à luz da Fonologia Lexical*. 2009. Diss. De mestrado. Universidade do Porto, 2009.
- HUBACK, Ana Paula Da Silva. *Efeitos de frequência nas representações mentais*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- LAO, Shanyi; RODRIGUES, Celeste; BRISSOS, Fernando. Nasalização regressiva heterossilábica (NRH) da vogal /a/ acentuada em PE. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 7, p. 295-317, 2020.
- LLORET, Maria-Rosa. When does variability become relevant to formal linguistic theory? In: HINSKENS, Frans; HOUT, Roeland Van; WETZELS, W. Leo. *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. P. 181-206.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina -ANA. *Sep. De Biblos (Coimbra)*, v. 57, p. 73-96, 1981.

MARTINS, Ana Maria. A evolução das vogais nasais finais [ã], [õ], [ẽ], no português. In: PEREIRA, Cilene Da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. P. 617-646.

MATEUS, Maria Helena; ANDRADE, Ernesto D'. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. Sali[ẽ]jcia social e mudança linguística: a ditongação de /e/ nasal no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 11, n. 2, p. 9-46, 2014.

PARKINSON, Stephen. Portuguese nasal vowels as phonological diphthongs. *Lingua*, v. 61, p. 157-177, 1983.

PIMENTA, Heglyn. *Nasalité et syllabe* : Une étude synchronique, diachronique et dialectologique du portugais européen. Tese de doutorado. Université Paris 8, 2019.

SAMPSON, Rodney. *Nasal Vowel Evolution in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SARAMAGO, João. O atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). *Estudis Romànics*, v. XXVIII, p. 281-298, 2006.

SEARA, Izabel Christine. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SOUSA, Elizabeth Maria Gigliotti De. *Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil*. Diss. De mestrado. UNICAMP, Campinas, 1994.

TEIXEIRA, António; MOUTINHO, Lurdes; COIMBRA, Rosa. Acerca das Vogais Nasais do Português Europeu. *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, n. 18, p. 241-274, 2001.

VELOSO, João. Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: onde reside a “irregularidade”? In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. V. 1. P. 325-338.

WETZELS, W. Leo. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, n. 2, p. 203-232, 1997.

SUR LA DIPHTONGAISON DES VOYELLES NAsALES EN PORTUGAIS EUROPÉEN

Heglyn Pimenta

Université Paris 8 (UMR 7023 SFL)

La nasalisation vocalique est l'un des traits linguistiques les plus caractéristiques du portugais, langue qui possède cinq voyelles nasales lexicales /ã, ê, ĩ, õ, ũ/ (p. ex. *campo* 'champ', *vento* 'vent', *cinto* 'ceinture', *ponto* 'point' et *mundo* 'monde') et quatre diphtongues nasales lexicales /ãw̃, ãj̃, õj̃, ũj̃/ (p. ex. *mão* 'main', *mãe* 'mère', *limões* 'citrons' et *muito* 'beaucoup'). La quasi-totalité des diphtongues nasales lexicales de la langue se trouve dans la dernière syllabe du mot, à l'exception de rares mots comme *cãibra* 'crampe', *zãibo* '(qui) louche', et *muito* 'beaucoup', qui possèdent une diphtongue nasale en syllabe initiale accentuée (PIMENTA, 2019). Alors que les études phonétiques sur les noyaux nasals du portugais se concentrent notamment sur le caractère complexe de la réalisation des voyelles nasales (SEARA, 2000 ; CUNHA *et al.*, 2019), le grand débat, sur le plan phonologique, consiste dans la détermination de la structure syllabique des voyelles et diphtongues nasales, et dans la place occupée par la nasalisation. Ainsi, d'une part, les voyelles nasales peuvent être vues comme des séquences de voyelle orale suivie d'un segment nasal sous-spécifié (BISOL ; VELOSO, 2016 ; MATEUS ; ANDRADE, 2000 ; WETZELS, 1997) ou bien, plus rarement, comme une séquence /Vĩ/, où le deuxième élément a une nature vocalique plutôt que consonantique (CARVALHO, 1988 ; PARKINSON, 1983 ; PIMENTA, 2019).

Dans le présent chapitre, nous nous interrogeons sur un aspect peu étudié des noyaux nasals de la langue : les cas où les voyelles nasales lexicales peuvent avoir une réalisation diphtonguée soit en syllabe non-finale (p. ex. *banco* [bẽku] ~ [bẽũku] ‘banc’, *dente* [dẽti] ~ [dẽĩti] ‘dent’, *longe* [lõzi] ~ [lõĩzi] ‘loin’), soit en syllabe finale (p. ex. *lã* [lẽ] ~ [lẽũ] ‘laine’, *bom* [bõ] ~ [bõũ] ‘bon’, *bem* [bẽ] ~ [bẽĩ] ‘bien’).¹ À ce titre, nous nous basons sur 1 197 attestations de diphtongaison des voyelles /ã, ẽ, õ/ extraites de la base de données du projet de l’ALEPG – *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza* (cf. SARAMAGO, 2006), et pour lesquelles sont analysées les contraintes qui déterminent le point d’articulation du glide comme étant palatal [j] ou labiovélaire [w].

Pour constituer notre *corpus*, nous avons fait une vaste recherche sur la base de données de l’ALEPG afin de trouver les mots contenant une voyelle nasale ouverte /ã/ ou moyenne /ẽ, õ/. Exportées dans un fichier Excel, chaque attestation a été encodée selon la voyelle qui diphtongue (phonologiquement /ã, ẽ, õ/) ; le timbre de la voyelle effectivement réalisée (‘a’/‘e’/‘o’) ; la position de la syllabe dans le mot (initiale / médiane / finale) ; le schéma accentuel de la syllabe (prétonique / tonique / posttonique) ; la possibilité de métaphonie (oui / non) selon la voyelle finale du mot ; l’homorganicité du glide (avec la voyelle qui diphtongue / avec la consonne qui suit / à la fois avec la voyelle et la consonne / sans homorganicité) ; le point d’articulation du glide (palatal [j] / labiovélaire [w]) ; le district et le point d’enquête où l’attestation a été trouvée ; et la transcription phonétique.

Puisque les diphtongues nasales lexicales sont nombreuses en position finale mais n’existent que dans quelques mots en position non-finale, nous avons décidé de présenter les données de diphtongaison des voyelles nasales selon la position de la syllabe. Ainsi, des 1 197 attestations de diphtongaison, 44,4% (532) ont lieu en position non-finale, et 55,6% ont lieu en position finale (665). En regardant le schéma accentuel, cependant, on se rend compte qu’en syllabe finale non-accentuée (c.à.d. posttonique), 98,3% des attestations concernent la voyelle nasale /ẽ/, 1,7% la voyelle /ã/, alors qu’il n’y a aucune attestation de la voyelle nasale /õ/. D’une part, ceci est le reflet du fait qu’il existe plus d’items lexicaux avec /ẽ/ dans cette position qu’avec /ã/, en même temps que, en portugais européen, différemment du portugais brésilien, les mots finis graphiquement en *-on* sont prononcés comme une suite de voyelle orale et consonne nasale (p. ex. *plâncton* [‘plẽktõn]

¹ La voyelle nasale /ẽ/ est particulière en ce que, déjà en langue standard, elle a une prononciation diphtonguée par défaut en position finale ([ẽj] en portugais européen standard). Dans ce cas, ce sont les données de variation qui permettent de voir des réalisations de /ẽ/ finale sans diphtongaison, c.à.d. [ẽ]. Cependant, cette réalisation non diphtonguée ne sera pas abordée dans ce chapitre.

‘plancton’), et non pas comme une voyelle nasale. D’autre part, les données de /ã/ posttonique, déjà moins nombreuses que celles de /ẽ/, sont d’autant plus réduites que le mot *órfã* ‘orpheline’, le seul de la base de données de l’ALEPG à avoir un /ã/ posttonique, ne fait pas partie de la version réduite du questionnaire, utilisé dans la récolte de données entre 1990 et 2004 (SARAMAGO, 2006). Afin de gérer ce déséquilibre, nous avons décidé de travailler sur une version réduite du *corpus*, sans les attestations de /ẽ/ posttoniques ; ce *corpus* réduit possède 903 attestations, desquelles 58,9% se trouvent en syllabe non-finale (532) et 41,1% se trouvent en syllabe finale (371).

À commencer par les voyelles nasales se trouvant en fin de mot, le *corpus* analysé révèle que pour les voyelles moyennes, le glide de la diphtongue sera [j] (c.à.d. palatal) dans 100% des réalisations pour /ẽ/ et sera [w] (c.à.d. labiovélaire) dans 92,3% des réalisations pour /õ/. Ensuite, la voyelle /ã/ est suivie d’un glide labiovélaire dans 66,9% des cas et d’un glide palatal dans 33,1% des cas. Il est intéressant de noter que la majorité des réalisations où /ã/ est suivi d’un [j] ont lieu dans des mots au pluriel (7/54), où /ã/ est suivi de [ʃ], ou bien dans les mots *manhã(s)* [mɐˈɲɛ̃] ‘matin’ et *amanhã* [mɐˈɲɛ̃] ‘demain’ (38/54 cas), où l’influence de la consonne nasale palatale dans l’attaque précédant la voyelle nasale avait déjà été relevée par MAIA (1981, p. 74). Enfin, on constate que parmi les items lexicaux où /ã/ est suivi de [w] dans 100% des cas il y a les mots *irmã* ‘sœur’, *marrã* ‘porcelet sevré (f.)’, *órfã* ‘orpheline’ et *sã* ‘saine’, où, en portugais standard, la voyelle nasale lexicale /ã/ s’oppose en genre à la diphtongue nasale lexicale /ãũ/ (*irmão* ‘frère’, *marrão* ‘porcelet sevré (m.)’, *órfão* ‘orphelin’ et *são* ‘sain’).

Sachant que c’est en fin de mot que l’on trouve la quasi-totalité des diphtongues nasales lexicales en portugais standard, on peut se demander si la fréquence de ces diphtongues lexicales peut agir en tant que facteur analogique dans la détermination du glide lorsque, dans les données dialectales, la voyelle nasale présente une réalisation diphtonguée. Tel semble être le cas au singulier, où la diphtongue nasale lexicale la plus attestée en portugais européen (PE) standard est /ãũ/ et où, dans les données dialectales, 91,2% des attestations de diphtongaison de /ã/ se font avec un glide labiovélaire. Pour le pluriel, cependant, où la diphtongue lexicale la plus fréquente en PE standard est /õỹ/, l’influence analogique se montre moins importante, car en effet, 69,2% des attestations de diphtongaison au pluriel ont un glide labiovélaire [w] ; dans ce cas, seulement trois cas d’analogie ont été décelés : une attestation de *maçãs* [mɐˈsõĩʃ] ‘pommes’, une de *rãs* [ɐˈrõĩʃ] ‘grenouilles’ et une de *romãs* [ɾiˈmõĩʃ] ‘grenades’.

En position interne, on constate un déséquilibre dans le taux d'homorganicité du glide avec la voyelle selon que celle-ci est antérieure ou postérieure : tandis que /ẽ/ est suivi de [j] dans 97,9% des cas, /õ/ n'est suivi de [w] que dans 34,8% des cas. Ensuite, dans cette position, outre le timbre de la voyelle qui diphtongue, on voit que le point d'articulation de la consonne suivant cette voyelle peut également jouer un rôle. Ainsi, on constate que devant une consonne palatale le glide est palatal dans 97,3% des cas ; ce taux est moins important, cependant, pour le glide [w], qui apparaît dans 45,4% des cas lorsque la consonne est vélaire et dans 37,8% des cas lorsque la consonne est labiale. Enfin, un troisième facteur qui semble important dans cette position est le timbre de la voyelle finale, lorsque celle-ci est antérieure ou postérieure, influençant le point d'articulation du glide par métaphonie. Si l'on prend les cas où les glides ne sont homorganiques ni avec la voyelle qui diphtongue, ni avec la consonne qui suit (c.à.d. 79 attestations de [j] et 46 attestations de [w]), on constate que 30 attestations de [w] (65%) ont lieu lorsque la voyelle finale est postérieure, le taux étant inversé avec le glide palatal, puisque seulement 34,2% des attestations de [j] non-homorganique (27/79) ont une possible métaphonie. Il est intéressant de remarquer que le taux de métaphonie en général, combiné ou non avec les facteurs d'homorganicité, est plus important pour le glide labiovélaire que pour le glide palatal.

En ce qui concerne les différences régionales, voici les districts portugais possédant le plus grand nombre d'attestations de diphtongaison : Viseu (162 attestations), Braga (110 attestations), Porto (79 attestations), Viana do Castelo (78 attestations) et Faro (76 attestations). À l'exception de Faro, tous les autres districts font partie des dialectes septentrionaux de PE (CINTRA, 1971). Ensuite, en ce qui concerne la position finale / non finale de la syllabe dans le mot, il est intéressant de remarquer que seulement cinq des dix-huit districts portugais (Évora, Faro, Guarda, Beja et Lisbonne) possèdent plus de cas de diphtongaison en position finale (là où, en portugais standard, on retrouve les diphtongues nasales lexicales) qu'en position non finale. Enfin, le glide palatal est majoritaire dans la plupart des districts, à la fois en position finale et non-finale, à quelques exceptions près : en position non finale, [w] est majoritaire dans les districts de Aveiro (14/18), Porto (41/63) et Viana do Castelo (41/45), possédant également un nombre considérable d'attestations à Braga (25/71) ; en position finale, [w] est majoritaire dans les districts de Braga (26/39), Faro (43/69), Porto (13/16) et Viana do Castelo (23/33).

D'après les résultats obtenus sur les données dialectales, on peut dire qu'en PE, lorsqu'une voyelle nasale diphtongue en position non finale, dans la majorité des cas le glide sera homorganique soit avec la voyelle qui diphtongue, soit avec

la consonne qui suit, soit avec les deux. Il est néanmoins intéressant de signaler une asymétrie dans la propagation de la palatalité d'un segment adjacent par rapport à la labialité/vélarité, la première se propageant beaucoup plus facilement que la dernière. Ensuite, lorsqu'on exclut le facteur homorganicité, il y a plus de chances que le glide soit labiovélaire s'il y a de la métaphonie, alors que dans la majorité des cas où le glide palatal n'est pas homorganique il n'y a pas non plus de métaphonie possible, ce qui laisse ces attestations de [j] sans une explication d'ordre phonétique ou phonologique.

Passant justement aux données où à priori il n'y a pas de facteur phonologique qui semblerait déterminer le point d'articulation du glide, on constate que parmi les 16 attestations de [w], 5 présentent une voyelle ouverte phonétiquement vélarisée, alors que pour les 11 attestations restantes, bien que non vélarisées phonétiquement, elles ont lieu dans le nord-ouest du pays, dans les districts de Braga, Porto, Viana do Castelo et dans le nord de Aveiro, zone où la voyelle nasale ouverte a été historiquement vélaire, parfois au point de se confondre avec /õ/ (MAIA, 1981, p. 77, note 3). Pour les 52 attestations non motivées de [j], enfin, à l'exception de *lombo* [lõ^hb^u] 'filet', toutes les attestations concernent la diphtongaison de /ã/, ce qui ressemble aux rares mots en PE standard où l'on trouve une diphtongue nasale lexicale en position interne : *cãibra* ['kãjbrɛ] 'crampe', *zãibo* [zãjbu] '(qui) louche'. La diphtongue nasale lexicale de ces mots a sûrement pour origine la diphtongaison de voyelle nasale lexicale /ã/.

En ce qui concerne les données en position finale, on voit que lorsque les voyelles nasales moyennes /ẽ, õ/ diphtonguent, les glides sont, à quelques exceptions près pour /õ/ (7,7%), homorganiques avec la voyelle. Ensuite, il est très intéressant de voir que, dans ce contexte, lorsque la voyelle /ã/ diphtongue au singulier, il semblerait que le choix du glide se fasse souvent par analogie avec la diphtongue lexicale la plus fréquente, /ãw/, parfois même, contrairement à ce que l'on pourrait attendre, lorsque cette diphtongaison entraîne la perte de distinction de genre existante en PE standard entre la voyelle nasale lexicale /ã/ et la diphtongue nasale lexicale /ãw/ (p. ex. *irmã* 'sœur' / *irmão* 'frère'). Dans les formes au pluriel, où la diphtongue lexicale la plus fréquente est /õj/, on constate à partir de trois attestations – rares mais significatives – que l'analogie responsable de la migration, déjà en portugais standard, des diphtongues *-ães* et *-ãos* étymologiques vers la diphtongue *-ões* (HUBACK, 2007) peut s'étendre même aux formes diphtonguées de la voyelle nasale lexicale /ã/ (p. ex. *maçã* [mɐ'sẽw] 'pomme' – *maçãs* [mɐ'sõj] 'pommes').

Pour conclure, l'étude des formes présentées dans ce chapitre est intéressante non seulement du point de vue dialectologique, mais également du point de vue

de la linguistique théorique. En effet, l'intégration des données de variation dans l'analyse formelle des noyaux nasals apporte un argument en faveur d'une structure syllabique commune pour les voyelles et diphtongues nasales, ce qui fait que la diphtongaison d'une voyelle nasale n'entraîne pas de changement structurel au niveau de la syllabe.

RÉFÉRENCES

- BISOL, Leda; VELOSO, João. Phonological Processes Affecting Vowels: Neutralization, Harmony and Nasalization. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João;
- MENUZI, Sergio (org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: John Wiley & Sons, 2016. p. 69-85.
- CARVALHO, Joaquim Brandão De. Nasalité et structure syllabique en portugais et en galicien : approche non linéaire et panchronique d'un problème phonologique. *Verba. Anuario galego de filoloxia*, v. 15, p. 237-263, 1988.
- CINTRA, Luís F. Lindley. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de filologia*, v. 22, p. 81-116, 1971.
- CUNHA, Conceição *et al.* On the Role of Oral Configurations in European Portuguese Nasal Vowels. In: *Proc. Interspeech 2019*, p. 3332-3336.
- HUBACK, Ana Paula Da Silva. *Efeitos de frequência nas representações mentais*. Thèse de doctorat. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina -ANA. *Sep. de Biblos (Coimbra)*, v. 57, p. 73-96, 1981.
- MATEUS, Maria Helena; ANDRADE, Ernesto D'. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- PARKINSON, Stephen. Portuguese nasal vowels as phonological diphthongs. *Lingua*, v. 61, p. 157-177, 1983.
- PIMENTA, Heglyn. *Nasalité et syllabe : Une étude synchronique, diachronique et dialectologique du portugais européen*. Thèse de doctorat. Université Paris 8, 2019.
- SARAMAGO, João. O atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). *Estudis Romànics*, v. XXVIII, p. 281-298, 2006.

SEARA, Izabel Christine. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro*. Thèse de doctorat. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

WETZELS, W. Leo. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, n. 2, p. 203-232, 1997.

ARTIGOS DEFINIDOS EM SINTAGMAS POSSESSIVOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ: SUBSÍDIOS PARA DESCRIÇÃO DE UMA REGRA VARIÁVEL

Livia Rodrigues Cordeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Danielle Kely Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este capítulo tem por objetivo focalizar o comportamento do artigo definido diante de pronomes possessivos na variedade do Português de São Tomé. Para a descrição da regra variável, utilizam-se dados recolhidos em 17 entrevistas do *corpus Variedades do Português* (VAPOR), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Toma-se como base o aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), para verificar a interação entre condicionamentos linguísticos e sociais que concorrem para a ausência do artigo definido. As análises indicam que, na variedade são-tomense, a presença do artigo no contexto investigado é um fenômeno produtivo (54%). A ausência de artigos é condicionada por variáveis ligadas à natureza do sintagma em que figura o pronome possessivo, à função sintática do sintagma possessivo, ao tipo de posse e à escolaridade do informante. A análise estatística não indicou uma influência da frequência de uso do crioulo Forro na variação do uso do artigo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O uso de artigos diante de pronomes possessivos é uma regra variável no que se refere às variedades do Português Brasileiro. A título de ilustração, seguem alguns dados, extraídos da entrevista de uma mesma informante da cidade do Rio de Janeiro.¹

(1) é difícil porque eu tenho que estudar várias coisas que não são *o meu foco* né... (COP A 3 M)

(2) é porque *meu namorado* por exemplo morava na Glória e se mudou para Copacabana entendeu? (COP A 3 M)

(3) só conclui *o seu raciocínio* (COP A 3 M)

(4) então acho que realmente os pais... tão mais ausentes botando mais empregada creche passando menos filh/ menos tempo *com seus filhos* (COP A 3 M)

No âmbito do Português Europeu, as investigações revelam que a regra em foco não é variável: a variedade europeia se define pelo uso categórico do determinante diante de possessivos. A ausência de artigo nesse contexto só é possível em fórmulas cristalizadas (*Nossa Senhora, Vossa Senhoria*) e em estruturas com função vocativa (Não, *minha senhora*), “sendo a não ocorrência do artigo definido nas restantes frases sentidas como anômala” (INVERNO; SWOLKIEN, 2003, p. 182).

De forma a compreender como se comportam outras variedades do Português fora do eixo luso-brasileiro, propõe-se, neste capítulo, descrever a regra variável de realização do artigo definido diante de pronomes possessivos na norma urbana do Português de São Tomé (daqui por diante, PST). A opção pela descrição da norma urbana do PST não é fortuita: a realidade sociolinguística da localidade – marcada pela convivência entre o Português e crioulos de base lexical portuguesa (especificamente o Forro) – aponta subsídios importantes para a descrição da regra variável na localidade e também na interpretação da dinâmica da variação em outras realidades da língua.

Desse modo, este trabalho busca contribuir para a descrição de uma regra linguística que demarca diferenças entre variedades do Português e também visa ampliar o escopo de análises de processos linguísticos em realidades marcadas

¹ Os exemplos apresentados de (1) a (4) foram extraídos de um inquérito escolhido aleatoriamente na amostra relativa à cidade do Rio de Janeiro, no âmbito do projeto Corporaport (*Variiedades do Português em análise*). Os corpora estão disponíveis no endereço <http://corporaport.letas.ufjf.br/>. Os dados foram produzidos por uma mulher, com nível superior de escolarização, da faixa etária entre 18 e 35 anos.

pelo multilinguismo, com o intuito de verificar em que medida o contato entre línguas atua na modelagem da gramática da comunidade de fala.

Para o alcance desses objetivos, o capítulo se divide nas seguintes seções, em sequência: apresentam-se sínteses de trabalhos que se debruçam sobre a realização variável do artigo frente a possessivos em variedades do Português; discutem-se questões históricas e linguísticas que fundamentam a escolha da comunidade de pesquisa; arrolam-se os pressupostos teóricos e metodológicos da investigação; interpretam-se os resultados da análise quantitativa e tecem-se considerações finais sobre a investigação aqui proposta.

O FENÔMENO EM FOCO: A VARIAÇÃO DO EMPREGO DO ARTIGO DIANTE DE POSSESSIVOS

No âmbito do Português do Brasil, muitas pesquisas de cunho variacionista se propõem a investigar o comportamento de artigo definido diante de pronomes possessivos. Nesse sentido, apesar de apresentarem índices percentuais diferenciados, os estudos são unânimes em demonstrar a interação entre condicionamentos linguísticos e sociais para a realização variável de artigo definido em sintagmas possessivos. Na variedade do Português Europeu, pesquisas revelam que, ao contrário do Português do Brasil, o uso de artigo frente a possessivos caracteriza-se como uma regra categórica. Por fim, nas variedades africanas do Português, as descrições acerca da realização variável de artigo definido ainda são muito escassas.

Silva (1982) reuniu diferentes *corpora* para verificar o uso de artigo diante de pronomes possessivos na variedade do Português Europeu – em textos escritos entre os séculos XIV e XX –, na variedade do Português do Brasil – em textos escritos dos séculos XIX e XX – e, além disso, investigou o fenômeno em amostras de fala que pertencem ao Projeto NURC. No âmbito do Português do Brasil, a partir do ponto de vista diacrônico, a autora notou um índice de 30% de presença de artigo no século XIX e, no século XX, verificou um percentual de 40%, o que demonstrou que o emprego de artigo definido não se generalizou nos séculos investigados.

Ainda sobre a variação no uso de artigos entre as regiões do Brasil, Lucchesi (1993) tece a seguinte afirmação: “em Portugal e no sul do Brasil, o artigo definido e o possessivo normalmente coocorrem enquanto no norte e no nordeste do Brasil o artigo é normalmente apagado”² (LUCCHESI, 1993, p. 91). Essa tendência foi

² In Portugal and the south of Brazil, the definite article and the possessive normally co-occur, whereas in northern and northeast Brazil the article is normally absent.

observada por Callou e Silva (1997), que defendem ser saliente a variação de artigo definido diante de pronomes possessivos entre as regiões do país. No que concerne à frequência de uso de artigo definido frente a possessivos, as autoras verificaram um *continuum* conforme se avança da região nordeste para o extremo sul do Brasil. Os resultados presentes na Tabela 1 evidenciam a aplicação da regra entre as regiões do país:

Tabela 1 – Distribuição regional de uso de artigo diante de possessivos

Regiões	Frequência
RE	60%
SSA	66%
RJ	70%
SP	70%
POA	79%

Fonte: Adaptado de Leite e Callou (2010, p. 53).

Baxter e Lopes (2009), ao investigarem o artigo no dialeto de Helvécia – uma comunidade linguística afro-brasileira, localizada no sul do estado da Bahia –, puderam observar, no que se refere à variável presença de outros modificadores em SN's, um efeito contrastivo entre as variantes *presença de oração relativa e ocorrência de pronomes possessivos em sintagmas nominais*. A presença de uma oração relativa não foi um condicionamento que atuou na inibição do uso de artigo definido. Já a presença de pronomes possessivos no sintagma nominal foi uma condição que atuou para desfavorecer o uso do artigo definido. Uma provável explicação para a diferença no comportamento desses dois condicionamentos que atuam na delimitação da referência pode ser atribuída ao fato de que os possessivos atuariam de forma mais consistente na atribuição da referência.

Oyama (2018) descreve a variação no emprego do artigo diante de pronomes possessivos em *corpora* escritos e orais, com dados representativos da norma paulista dos séculos XX e XXI. Os dados foram recolhidos nas *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís*, na coletânea de cartas *De Fã para Fã* e em vídeos disponíveis no canal *Cabine Literária*, do YouTube. Os resultados evidenciam que, no período investigado, houve um incremento no uso de artigos em DPs possessivos. A análise de cada amostra em separado revelou que os índices gerais de uso de artigo nos dados extraídos do canal do Youtube e nas cartas *De Fã para Fã* superaram os índices de 90% (90% e 92%, respectivamente), em uma curva que caminha em direção à semicategoricidade no emprego de artigos no contexto investigado. Os dados relativos às cartas de familiares a Washington Luís não

seguem a mesma tendência, já que “não apresentaram diferença quantitativa entre presença vs. ausência de determinante” (2018, p. 106).

Schei (2009), apesar de concentrar a investigação no comportamento de artigo definido diante de possessivo em sete romances brasileiros, realizou uma análise do fenômeno em romances portugueses dos séculos XIX e XX. A autora verificou que o emprego de artigo definido no Português Europeu caracteriza-se em uma regra categórica, tendência notoriamente distinta da que se observa no âmbito do Português do Brasil.

Magalhães (2011) realizou um estudo acerca da evolução do emprego de artigo definido diante de possessivos no Português Europeu, em textos escritos do século XVI ao XIX. Os resultados obtidos pela autora revelaram duas tendências distintas para a evolução do fenômeno: i) em sintagmas nominais, foi possível perceber a realização variável de artigo já no século XVI. No entanto, essa variação foi se tornando cada vez mais fraca em meados do século XVII, tendo seu desaparecimento total no século XVIII e, no século seguinte – XIX –, o emprego de artigo apresentou uma generalização significativa, de modo a evidenciar seu uso categórico; e ii) em sintagmas preposicionais, a ausência de artigo diante de possessivo no século XVI era categórica. Todavia, Magalhães notou o início da variação quanto ao emprego de artigo definido no século XVII, tendência que perdurou até o século XIX.

No que se refere às variedades africanas do Português, é importante localizar o debate sobre a existência/uso de artigos definidos (ou partículas que cumprem a função de determinação/especificação) nas variedades e também nas línguas que entram em contato com Português nessas comunidades – marcadas por acentuado multilinguismo.

Lucchesi (1993) busca descrever o sistema de artigo nos crioulos de base lexical portuguesa em São Tomé e em Cabo Verde. O autor constata que o sistema de referência nessas línguas é distinto do verificado na língua lexificadora (o Português), em função de fatores particulares que estão na base de formação dessas línguas e de questões relacionadas a propriedades das gramáticas dos pidgins/crioulos em geral.

O autor (1993, p. 102-103) verificou que nos crioulos de Cabo Verde e de São Tomé o uso de artigos definidos é limitado e irregular, já que nessas línguas o sistema de referência se baseia no emprego do artigo indefinido: quando um artigo indefinido é introduzido em um contexto discursivo, o SN tem referência desconhecida pelo ouvinte – mas porta a característica ‘específica’ no sentido de se constituir como uma parte retirada de um grupo maior, não havendo a necessidade

de realização de artigo definido nas estruturas subsequentes. Nesses crioulos, o artigo definido desempenha uma função discursiva/pragmática, atuando como um marcador de ênfase ou de reforço à definitude.

Uma possível explicação para o desaparecimento do sistema de artigos do Português nos crioulos de Cabo Verde e São Tomé reside, para Lucchesi (1993), nas propriedades morfossintáticas/fonológicas do sistema de artigos definidos do Português. Diferentemente das demais línguas românicas, em que a estrutura fonológica dos artigos definidos se pauta em uma sílaba com a posição de ataque preenchido (Espanhol: *lo/la*; Francês: *le/la*; o Italiano possui um sistema complexo de partículas, que variam em função do número do SN e do segmento fonológico que inicia o termo imediatamente seguinte ao definidor), em Português a sílaba do artigo definido é constituída apenas pelo núcleo vocálico (*o/a*), o que o torna suscetível a processos de sândi/fusão, principalmente com preposições. Por essa razão, o sistema de artigos definidos do Português tende a sucumbir na gramática de pidgins/crioulos.

No que se refere especificamente ao crioulo de São Tomé, influências das línguas de substrato podem estar em jogo para a especificidade do sistema de artigos. No Kikongo, língua que desempenha um papel de destaque no substrato do crioulo são-tomense, não há um sistema de artigos. Por outro lado, o sistema de 48 formas demonstrativas do Kikongo se condensa em uma única partícula (*se*) no crioulo. Essas evidências revelam que os princípios da economia gramatical e da maximização de funções desempenham um papel basilar na moldagem da gramática das línguas crioulas.

O princípio da economia gramatical pode ser desdobrado em dois parâmetros que justificam o comportamento dessas línguas: a transparência semântica e a simplificação. O princípio da transparência semântica justifica a escolha de um numeral (*um*) para cumprir a função de referência: é um elemento com significado transparente, o que o torna um bom representante para a função. O princípio da simplificação pode ser acionado para explicar o desaparecimento do sistema de artigos definidos: a informação que o artigo definido porta já está estabelecida pelo artigo indefinido, sendo redundante o emprego da partícula definida, exceto em contextos discursivos/pragmáticos em que se busca enfatizar a definitude.

Na variedade do Português falada na comunidade de Almoxarife (PA), em São Tomé, Figueiredo (2019) verificou que a variante uso de artigos definidos em sintagmas nominais é, em termos de distribuição geral, uma variante de baixa aderência na comunidade (16,2% de uso de artigos, em um universo de 13.220 dados). Quando o definido é empregado, as análises revelaram a atuação

consistente de variáveis sociais para a implementação da variante presença do artigo, sobretudo questões relacionadas ao sexo e à escolaridade dos informantes.

No que tange ao sexo, os homens tendiam a empregar mais o artigo em sintagmas nominais do que as mulheres, pois falantes do sexo masculino tinham mais contato com o mundo exterior à comunidade, devido aos fluxos de migração nos centros urbanos, à inserção destes indivíduos no exército e ao fator maior escolarização destes. As mulheres, ao contrário, apresentaram maior variação quanto ao uso de artigo definido, posto que elas tendem a se concentrar mais na comunidade.

No que se refere à atuação da escolaridade, os resultados de Figueiredo indicam que a escolarização precisa estar correlacionada aos padrões etários da comunidade. Apesar de os menos escolarizados da faixa etária mais alta realizarem mais o artigo definido em sintagmas nominais, em oposição aos grupos que frequentaram o ensino primário parcial e totalmente, os indivíduos mais jovens com escolarização alta (frequência pós-primário) tendem a empregar mais o artigo definido em sintagmas nominais, o que corrobora a hipótese postulada por ele de que “quanto mais alta é a escolaridade, maior é a inserção de artigo definido no P(português de) A(Imoxarife)” (FIGUEIREDO, 2019, p. 363).

O autor ainda promove uma reflexão sobre inserção da variante presença do artigo definido no Português de Almojarife em uma análise no tempo aparente, comparando esses dados com os resultados relativos à variedade do Português dos Tongas (BAXTER; LOPES, 2005, 2006) e ao Português rural de Helvécia, Bahia (BAXTER; LOPES, 2009). Os resultados revelam uma diferença geracional entre a primeira variedade e as duas últimas, já que as variedades do Português dos Tongas e de Helvécia “apresentam aquisição diacrónica semelhante, denotando um crescente uso do artigo definido, ou seja, aquisição em direção à nivelção com a variante padrão” (2019, p. 373). Não foi possível notar essa tendência nos dados de Almojarife, porque a comunidade encontrou-se isolada por muito tempo. O isolamento motivou uma estabilidade na variação do emprego de artigo definido em sintagmas nominais: a distribuição no tempo aparente revela que os jovens lideram o processo de inserção da variante presença de artigo definido, enquanto se verifica uma “neutralização” de comportamento entre os falantes adultos e os idosos.

Tendo em vista as investigações resenhadas nesta seção, a pesquisa que se desenvolve neste capítulo objetiva contribuir para a construção de análises comparativas entre variedades do Português e lançar novas luzes sobre como realidades sociolinguísticas multilíngues operam na dinâmica de uma variável. A

seguir, traça-se um breve histórico da realidade sociolinguística da comunidade investigada.

A HISTÓRIA SOCIOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

O processo de colonização em São Tomé se deu através de dois ciclos econômicos. O primeiro, caracterizado pelo cultivo de cana-de-açúcar, compreende o período entre o final do século XV até os finais do século XVI. O segundo consiste nas culturas de café e cacau em meados do século XIX. E, além disso, a ilha também foi entreposto para o comércio de escravizados. É necessário salientar que esses acontecimentos históricos influenciaram na configuração linguística da comunidade são-tomense – seja pela origem do crioulo Forro (crioulo de base portuguesa), seja pela determinação do Português como língua oficial da ilha.

No primeiro ciclo, devido à convivência entre portugueses e africanos com suas respectivas línguas nos finais do século XV e no princípio do século XVI, houve uma aproximação dos subalternos à língua utilizada pelos portugueses. Em decorrência da necessidade de comunicação entre portugueses e africanos, surgiu uma variedade *Pidgin*.

Ainda durante o primeiro ciclo, a variedade *Pidgin* efetivou-se como língua nativa, o que deu origem ao crioulo Forro (também conhecido como Santomé), crioulo de base lexical portuguesa e o mais utilizado em São Tomé atualmente. Nos fins do século XVI, a ilha de São Tomé e Príncipe foi reconhecida como exportadora açucareira. No entanto, a produção açucareira entrou em declínio quando se inicia o processo massivo de instalação de engenhos de cana-de-açúcar no nordeste brasileiro. Assim, de colônia responsável pela produção açucareira, São Tomé passa a ser entreposto de comercialização de escravizados.

O segundo ciclo, em meados do século XIX, é caracterizado pela abolição da escravidão (1869) e pela formalização jurídica que determina a liberdade dos escravizados (1875). Nesse momento, ocorre uma crise trabalhista, porque os ex-escravizados se recusam a prestar serviços para as empresas agrícolas. Diante dessa crise, a administração colonial busca solucionar o problema através do regime de contrato, recrutando trabalhadores em outras colônias portuguesas em África (Angola, Cabo Verde e Moçambique).

O regime de contrato, nos finais do século XIX, foi um fator crucial para a configuração sociolinguística de São Tomé e Príncipe. Houve um aumento demográfico significativo no país, com a chegada de serviçais e mais portugueses, o que impulsionou o multilinguismo na região. Segundo Gonçalves e Hagemeyer

(2015), até o século XVIII, o crioulo Forro era a língua materna da maior parte da população. Contudo, o contingente populacional muda o panorama linguístico de São Tomé, porque, no século XIX, os contratados utilizam o Português como L2, e não o crioulo Forro.

Durante o processo de colonização, o Português era uma língua restrita a uma pequena parcela da população são-tomense. Havia poucas escolas primárias para a população local e o decreto de 1878, que exigia que os plantadores concedessem aos seus funcionários e aos filhos destes o acesso à educação, não surtiu efeito. No entanto, com o Estado Novo em Portugal (1933-1974), a política linguística determina o uso do Português como forma de reprimir as línguas locais. Mas é, de fato, no período da independência, em 1975, que o Português se torna língua oficial do país, o que garante o acesso da maior parte da população à escolarização em Português. Os fatores que também motivaram a mudança do Português de L2 para L1 foram: a condição do direito à educação em língua portuguesa; o contato com televisão e rádio e uma falta de política linguística pró-crioulas.

Segundo Gonçalves e Hagemeijer (2015), o multilinguismo atual se dá por uma série de questões que atravessaram a sociedade são-tomense durante e após a colonização. Antes, o Português era língua restrita a uma parte minoritária da população. Entretanto, passou a ser utilizado em vários veículos de comunicação, o que, evidentemente, alcançava muitas pessoas. A sua predominância e consolidação na ilha também decorrem da falta de política linguística pró-crioulas. No período colonial, configurou-se um processo de estigmatização em relação às línguas crioulas, o que ainda perdura nos dias atuais; isso, conseqüentemente, impossibilita “a criação de uma identidade crioula ligada às línguas crioulas” (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015, p. 91). Portanto, devido à falta de valorização das línguas crioulas, São Tomé é – dentre todos os países africanos colonizados por portugueses – o lugar em que há mais falantes nativos do Português, o que põe sob ameaça as línguas locais da comunidade.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A teoria da Variação e Mudança, postulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), propõe-se a investigar a relação entre língua e os contextos sociais de utilização. Em razão disso, a teoria prevê que todos os sistemas linguísticos são constituídos por uma heterogeneidade inerente, ordenada e sistemática.

No modelo variacionista, a língua é concebida sob uma nova perspectiva. Os estudos linguísticos passam a focalizá-la a partir de dados empíricos. Há

uma mudança de relevo no objeto de análise: entra em cena a investigação dos comportamentos observáveis na comunidade de fala. Nesse sentido, a condição de estudar a língua através de sua realização no contexto social permite compreender como se dão os processos de variação e mudança, bem como possibilita entender e explicar quais fatores linguísticos, sociais e estilísticos estão por trás desses processos.

Ao reconhecer a mudança estruturada no sistema linguístico, Weinreich, Labov e Herzog levantam a questão basilar para uma teoria da Variação e Mudança: “se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 13). Com base nesse questionamento, os autores propõem um rompimento com o axioma da homogeneidade, segundo o qual a língua é tratada como uma estrutura homogênea.

Para se opor a essa visão, adotada por seus precursores Chomsky (1965) e Saussure (1975 [1916]), os sociolinguistas buscam conciliar a abordagem da heterogeneidade com a perspectiva estrutural, com vistas a propor o conceito de heterogeneidade ordenada. Partindo desse princípio, é possível compreender que a variação é ordenada e sistemática, uma vez que ela não ocorre de forma aleatória na língua, bem como não afeta o seu funcionamento. Portanto, a visão homogênea é descartada, mas o caráter estrutural da língua é devidamente reconhecido dentro da Sociolinguística.

Em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), são propostos os fundamentos teóricos da Variação e Mudança, capazes de contemplar a diferenciação ordenada no sistema linguístico e de identificar fatores linguísticos e sociais que estão envolvidos na variação e na mudança. Dessa forma, os referidos fundamentos teóricos visam contribuir para a descrição e explicação de fenômenos variáveis, como também buscam fornecer subsídios para a apreensão de padrões de variação em uma determinada comunidade de fala. O aparato teórico-metodológico, formulado pelos autores, foi refinado por Labov na década de 1970.

Outro princípio circunscrito dentro do quadro teórico da Sociolinguística diz respeito à atenção dada aos fatores linguísticos e sociais que atuam para os processos de variação e mudança. Assim, para a investigação da diferenciação ordenada no sistema linguístico, são postulados os conceitos variáveis independentes – que correspondem a fatores linguísticos e extralinguísticos – e variável dependente – também denominada fenômeno variável. O controle de variáveis linguísticas e sociais viabiliza a compreensão e, conseqüentemente, a descrição de fenômenos linguísticos. É importante destacar que o controle de variáveis

independentes é um mecanismo fundamental, porque, conforme aponta Mollica (2020), “os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos” (2020, p. 11).

Ancorado nos referidos pressupostos teórico-metodológicos, o presente capítulo propõe-se a compreender o comportamento variável de artigo definido diante de pronomes possessivos na variedade urbana do PST, a partir de dados extraídos de entrevistas sociolinguisticamente organizadas. Assim, frente a tal objetivo, os postulados da teoria da Variação e Mudança podem contribuir para esta investigação na medida em que é possível estabelecer o controle de variáveis linguísticas e sociais que concorrem para a ausência de artigo definido em sintagmas possessivos, a fim de descrever e explicar a atuação desses fatores para a aplicação da regra.

Para a investigação do fenômeno de ausência de artigo definido, no total, recolheram-se 517 dados de 17 entrevistas, estratificadas de acordo com as variáveis sociais sexo, escolaridade e faixa etária. Os inquéritos integram o *Variedades do Português* (VAPOR), *corpus* que pertence ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. As gravações foram feitas na capital do Arquipélago de São Tomé e Príncipe, em 2009. Os dados analisados neste trabalho foram tratados estatisticamente com o auxílio do *software* Goldvarb-X.

As variáveis linguísticas postuladas nesta investigação verificam questões relacionadas à natureza do sintagma, ao tipo de posse, à função sintática do sintagma, ao tipo de verbo com que se relaciona o sintagma possessivo, à pessoa do discurso e à presença de elementos entre o possessivo e o nome. No que se refere às variáveis sociais, controlam-se as condições que figuram na estratificação do *corpus*, além da variável frequência de uso do crioulo Forro.³ No Quadro 1, elencam-se as variáveis investigadas:

³ Brandão (2016, p. 91) descreve a variável Frequência de uso do crioulo Forro em termos das seguintes variantes: “frequência (a) zero/baixa, referente aos indivíduos que se expressam fundamentalmente em português; (b) média, relativa aos indivíduos que se expressam em português, mas dominam um crioulo e dele fazem uso eventualmente; (c) alta, abarcando os indivíduos que, embora falem o português e o tenham como L1, se expressam, regularmente, num crioulo”.

Quadro 1 – Variáveis investigadas

Linguísticas	Sociais
Tipo de sintagma	Sexo
Tipo de preposição	Escolaridade
Tipo de verbo	Faixa etária
Pessoa do discurso	Frequência de uso do crioulo Forro
Tipo de posse	
Função sintática do sintagma possessivo	
Presença de elemento interveniente entre o possessivo e o nome	

Fonte: Autoral.

Além das contribuições da Teoria da Variação e Mudança, é importante ressaltar que esta investigação parte de quadros teóricos que se debruçam sobre questões relacionadas ao contato entre línguas (WEINREICH, 1953; THOMASON; KAUFMAN, 1988; WINFORD, 2003; LUCCHESI; BAXTER, 2009; entre tantos outros), na medida em que se toma por hipótese que o contato entre o Português e as línguas crioulas – em especial destaque para o Forro – molda a gramática da comunidade de fala são-tomense. Como já discutido em seções anteriores, o crioulo de São Tomé se caracteriza por um sistema muito particular de marcação da definitude, sendo essa função desempenhada basicamente pela presença de modificadores de outras naturezas, como numerais e a partículas demonstrativa *se*.

RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos das análises dos dados do *corpus* de São Tomé, a partir dos critérios postulados na seção anterior. A seguir, estão expostos os exemplos 5-6, que ilustram o comportamento variável de artigo definido diante de pronomes possessivos na norma são-tomense, como também a Tabela 2, na qual estão expressos os índices gerais relativos à ausência e presença de artigo definido no *corpus* investigado.

(5) *Meu pai* sempre foi comerciante e ainda é. (ST-A-3-m)

(6) a língua crioulo, ela existe, porque existem *os seus falantes*. (ST-A-3-h)

Tabela 2 – Índices gerais referentes à variação de artigo definido diante de possessivos na variedade do Português de São Tomé

Variante	Apl/T	%
Ausência de artigo diante do possessivo	235/517	45%
Presença de artigo diante do possessivo	282/517	54%

Fonte: Autoral.

Na Tabela 2, é possível observar que, na variedade do PST, há um relativo equilíbrio entre as variantes ausência/presença de artigos definidos diante de possessivos, sendo a variante presença de artigo a que se destaca (54%). Esses resultados evidenciam uma tendência muito distinta da que se verifica no Português Europeu, que constitui a norma de referência para variedade urbana são-tomense. Como já assinalado na introdução deste capítulo, a variedade europeia se define pelo uso categórico de determinantes definidos diante de possessivos (SCHEI, 2009; MAGALHÃES, 2011), estando a ausência do artigo definido restrita a construções cristalizadas e a contextos sintáticos específicos. Os resultados expostos na Tabela 2 revelam um comportamento mais próximo às tendências observadas no Português do Brasil, em que a realização variável de artigo definido é bastante saliente entre as regiões do país (CALLOU; SILVA, 1997).

Os resultados expressos na Tabela 2 indicam que, na variedade do PST, o uso de artigos definidos diante de possessivos de fato se configura como uma regra variável. Desse modo, é possível recorrer a uma abordagem estatística dos dados, para verificar os condicionamentos linguísticos e sociais relevantes para a implementação de sintagmas possessivos sem a presença de artigo definido. No Quadro 2, a seguir, estão expressas as restrições que foram selecionadas pelo programa Goldvarb-X como significativas para a ausência de artigo diante de possessivos.

Quadro 2 – Variáveis estatisticamente relevantes para a ausência de artigo definido diante de possessivos

Escolaridade			
Tipo de sintagma possessivo			
Função sintática do sintagma possessivo			
Tipo de posse			
Apl/T	Input Inicial	Input da rodada selecionada	Significância da rodada selecionada
235/517 = 45%	.455	.437	.000

Fonte: Autoral.

No Quadro 2 observa-se que, das onze variáveis independentes postuladas para a investigação do fenômeno, somente quatro – três linguísticas e uma social – foram indicadas como relevantes estatisticamente. A seguir, apresentam-se os resultados estatísticos para cada variável selecionada e a interpretação desses dados à luz das hipóteses de investigação.

No que se refere à correlação entre a variável social escolaridade do informante e a ausência de artigo definido diante de possessivo, a Tabela 3, a seguir, apresenta os índices percentuais e os pesos relativos.

Tabela 3 – Atuação da variável escolaridade para a ausência de artigo definido diante de possessivo

Nível	Apl/T	PR
básico	96/126 = 73,8%	.772
intermediário	70/174 = 40,2%	.435
superior	72/217 = 33,2%	.378

Fonte: Autoral.

Conforme o exposto na Tabela 3, os índices de peso relativo referentes à ausência de artigo definido diante de possessivos decrescem na medida em que avançam pelos níveis de escolarização. Sendo assim, quanto menor a escolaridade do informante, maior é a implementação de sintagmas possessivos sem presença de artigo definido. Os resultados também permitem observar que indivíduos com nível superior (.378) inibem a variante ausência de artigo definido, o que evidencia a mesma tendência notada por Figueiredo (2019) em seu trabalho sobre a variação de artigo definido em SN's no Português da comunidade Almojarife, São Tomé. O autor pôde observar que indivíduos com escolaridade alta estavam mais propícios a favorecer a inserção de artigo definido em SN's. Portanto, é provável que os falantes com escolarização alta tenham seu comportamento moldado à norma de referência, por estarem há mais tempo expostos a modelos normativos de ensino, os quais reforçam a implementação da variante padrão.

É importante salientar que esses resultados corroboram os índices percentuais obtidos na análise feita sobre cada informante, em que indivíduos com o nível básico de escolarização tendem a apresentar valores bastante significativos referentes à ausência de artigo definido, o que torna a variável escolaridade um fator decisivo para a implementação de sintagmas possessivos sem artigo definido. Essa análise será apresentada em breve nesta seção.

Na Tabela 4, a seguir, são expostos os índices percentuais e os pesos relativos acerca da variável tipo de sintagma possessivo.

Tabela 4 – Atuação da variável tipo de sintagma possessivo para a ausência de artigo definido diante de possessivo

Tipo	Apl/T	PR
SN	187/345 = 52,2%	.669
Sprep	48/172 = 27,9%	.196

Fonte: Autoral.

Com base na Tabela 4 é possível notar que o sintagma nominal consiste na variante que mais favorece a ausência de artigo diante de pronomes possessivos

(.669). Essa tendência também pode ser observada no trabalho conduzido por Baxter e Lopes (2009) acerca do artigo definido em sintagmas nominais no dialeto de Helvécia. Os autores puderam notar que, em sintagmas nominais, a presença de pronomes possessivos demonstrou ser um fator considerável para a não realização do artigo definido, posto que esse tipo de pronome tem referência definida suficiente capaz de dispensar o artigo em sintagmas nominais.

É possível perceber que a presença de um pronome possessivo tende a inibir a ocorrência do artigo em sintagmas nominais. Já nos sintagmas preposicionais, o pronome possessivo “perde” essa possibilidade de garantir exclusivamente a referência, propiciando um emprego maior de artigos definidos. Tal comportamento também foi identificado por Silva (1996a; 1996b), e Callou e Silva (1997) nas variedades do Português do Brasil. As autoras puderam observar que a presença de preposição favorece a realização do artigo definido frente a possessivos, principalmente aquelas preposições que se contraem com o artigo. O exemplo 7, a seguir, ilustra a atuação da variante SN como a mais favorecedora de ausência de artigo definido diante de possessivo:

(7) pra outros país é perto de qualquer maneira, *nossa realidade* são zonas longínquas e eu fui chamado agora (ST-B-3-h)

No que se refere à variável função sintática do sintagma possessivo, são apresentados na Tabela 5 os índices percentuais e os pesos relativos, a seguir:

Tabela 5 – Atuação da variável função sintática do sintagma possessivo para a ausência de artigo definido diante de possessivo

Função	Apl/T	PR
Adjunto adverbial	40/90 = 44,4%	.752
Oblíquos nucleares	22/62 = 35,5%	.691
Predicativo	12/18 = 66%	.667
Objeto indireto	1/6 = 16,7%	.499
Adjunto adnominal	5/36 = 13,9%	.419
Objeto direto	46/97 = 47,4%	.409
Sujeito	106/186 = 57%	.405
Construção de tópico	3/22 = 13,6%	.124

Fonte: Autoral.

Os resultados expressos na Tabela 5 demonstram que as funções que mais propiciam a não realização de artigo definido diante de possessivo na norma são-tomense correspondem às variantes adjunto adverbial (.752), oblíquos nucleares (.691) e predicativo (.667). É interessante observar que há uma gradação entre essas funções para a implementação de sintagmas sem artigo, indicando que a

variante adjunto adverbial apresenta um valor considerável para a ausência do determinante. No entanto, a variante construção de tópico mostrou-se bloqueadora do fenômeno aqui investigado. Na sequência, são expostos os exemplos de 8-10, que indicam a influência das variantes na aplicação da regra:

(8) essas igrejas a ver vem com *suas coisas* (ST-C-1-m)

(9) as forças armadas estão *seu lugar*, ainda vão comemorar, vão ter festas já amanhã (ST-A-3-h)

(10) Se você não é *meu homem*, eu vou dançar com você (ST-B-1-m)

Na Tabela 6, são apresentados os valores percentuais e os pesos relativos acerca da atuação da variável tipo de posse para a ausência de artigo definido.

Tabela 6 – Atuação da variável tipo de posse para a ausência de artigo definido diante de possessivo

Tipo de posse	Apl/T	PR
Partes do corpo	2/3 = 66,7%	.723
Relações pessoais	17/29 = 58,6%	.653
Relações de parentesco	106/174 = 60,9%	.643
Posse alienável	9/21 = 42,9%	.526
Posse abstrata	101/289 = 34,9%	.393
Relação parte-todo	0/1 = 0	-

Fonte: Autoral.

Conforme apontam os resultados presentes na Tabela 6, as variantes que mais favorecem a ausência de artigo definido diante de pronomes possessivos são o tipo de partes do corpo (.723), relações pessoais (.653), relações de parentesco (.643) e posse alienável (.526). Contudo, não é muito seguro tecer considerações acerca da variante *partes do corpo*, visto que há um número baixo de dados. A variante *posse abstrata* mostrou-se bloqueadora do fenômeno e, no que se refere à relação parte-todo, não houve dado de ausência de artigo diante de possessivo. A seguir, encontram-se expressos os exemplos de 11-14, que evidenciam a atuação das variantes que propiciam o apagamento de artigo definido no contexto investigado:

(11) Eu fiquei lá desde vinte e três horas que nós chegámos até três horas madrugada que *meu pé* não saiu daqui pra pisar pista de dança (ST-B-1-m)

(12) Homem já tem *sua mulher* (ST-C-1-h)

(13) *Minha mãe* disse que foi nascido aqui (ST-B-1-h)

(14) As pessoas trazem *seus tecidos* nós confeccionamos (ST-C-2-m)

Além de analisar as variáveis independentes que foram selecionadas como relevantes para a implementação de sintagmas possessivos sem artigo definido,

considera-se necessário tecer algumas observações acerca da variável *frequência de uso do crioulo Forro*. O presente estudo também se propôs a investigar se a coexistência do Português com o Forro seria um fator decisivo para a ausência de artigo diante de possessivo. Contudo, a variável não foi indicada como estatisticamente relevante na análise multivariável. Em virtude disso, realizou-se uma nova análise dos dados, com foco no comportamento de cada informante que compõe o *corpus*, com o objetivo de comprovar se a coexistência do Português com o Forro influenciaria na ocorrência de sintagmas possessivos sem presença de artigo definido ou se outras questões poderiam estar em jogo para a não seleção dessa variável. A seguir, na Tabela 7, encontram-se expostos os índices percentuais relativos a cada informante:

Tabela 7 – Distribuição por informantes

	Nível 1		Nível 2		Nível 3	
Faixa A	ST-A-1-h	ST-A-1-m	ST-A-2-h	ST-A-2-m	ST-A-3-h	ST-A-3-m
Frequência de uso do crioulo Forro	BAIXA/ NULA	MÉDIA	MÉDIA	BAIXA/ NULA	BAIXA/ NULA	MÉDIA
Apl/T	24/39	25/28	33/80	4/14	25/79	14/43
%	61%	89%	41%	28%	31%	32%
Faixa B	ST-B-1-h	ST-B-1-m	ST-B-2-h	ST-B-2-m	ST-B-3-h	ST-B-3-m
Frequência de uso do crioulo Forro	MÉDIA	BAIXA/ NULA	MÉDIA	MÉDIA	BAIXA/ NULA	MÉDIA
Apl/T	10/11	14/21	10/24	8/22	11/40	6/18
%	90%	66%	41%	36%	27%	33%
Faixa C	ST-C-1-h	ST-C-1-m	ST-C-2-h	ST-C-2-m	ST-C-3-h	
Frequência de uso do crioulo Forro	ALTA	MÉDIA	BAIXA/ NULA	BAIXA/ NULA	BAIXA/ NULA	
Apl/T	15/19	5/8	6/14	9/19	16/37	
%	78%	62%	42%	47%	43%	

Fonte: Autoral.

Duas propriedades morfossintáticas do Forro poderiam influenciar no emprego de artigos definidos na norma são-tomense. A primeira, já mencionada em seções anteriores, se vincula à não existência de um sistema de artigos definidos nessa língua, resultado esperado no processo de crioulização – dada a configuração fono-morfossintática do sistema de artigos definidos do Português. A segunda diz respeito à existência, no Forro, de uma forma demonstrativa, SE, que ora pode funcionar como propriamente um demonstrativo, ora pode desempenhar a função de artigo definido (FERRAZ, 1979, p. 74). Quando modificadores – como adjetivos e orações relativas – ocorrem em sintagmas, essa partícula pode ser inibida, uma vez que tais modificadores detêm referência definida, o que pode dispensar a presença do demonstrativo no crioulo de São Tomé (LUCCHESI, 1993).

Tendo em vista essas questões, havia uma expectativa de que o índice percentual de ausência de artigo diante de possessivo (cf. Tabela 2) fosse maior, uma vez que o crioulo Forro poderia exercer influência no uso do artigo em Português, inibindo a sua presença. No entanto, conforme exposto na Tabela 7, a configuração do *corpus* – há somente um informante que reconhece utilizar mais o Forro do que o Português – não permitiu comprovar se, de fato, a coexistência entre as duas línguas condicionaria a ausência de artigo definido diante de possessivos na norma são-tomense. Os resultados presentes na Tabela 7 revelam muito mais uma influência da escolarização do que propriamente do contato do Português com o Forro.

Desse modo, a análise do comportamento do informante só reforça a atuação da escolaridade no emprego de artigos definidos diante de possessivos. Os informantes menos escolarizados não são sensíveis às pressões da norma de referência, o que se reflete no favorecimento da variante ausência de artigo definido, comportamento verificado inclusive em análises sobre outras variedades do Português faladas em São Tomé (FIGUEIREDO, 2019). Nesse conjunto de dados, a questão do trânsito do falante entre o Português e o Forro deve cumprir um papel secundário na dinâmica da regra variável. Esse comportamento pode ser um reflexo da própria estrutura da amostra – que não é equilibrada em termos do preenchimento das células relativas ao domínio das línguas locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível observar que o uso de artigo definido diante de pronomes possessivos na variedade urbana do PST se configura como uma regra variável. No entanto, o processo apresenta uma dinâmica distinta da observada no Português Europeu, que se caracteriza como sua norma de referência: na variedade

européia a presença de artigo em sintagmas possessivos é uma regra categórica, com violação apenas em estruturas bastante particulares (construções cristalizadas e em função vocativa). As análises realizadas neste trabalho revelaram que a norma urbana do PST apresenta um comportamento mais próximo às tendências observadas na variedade do Português do Brasil, em que a realização variável de artigo é saliente entre as regiões.

No que se refere à análise variacionista, das onze variáveis independentes postuladas para a investigação somente quatro se revelaram estatisticamente relevantes para a não ocorrência de artigos definidos diante de possessivos. Assim, mostraram-se relevantes para a ausência de artigo definido as seguintes variáveis: i) a escolaridade do informante, já que os indivíduos com nível básico tendem a favorecer a ausência do artigo definido, ao passo que indivíduos com nível superior bloqueiam a variante não padrão, por conta do contato com a norma européia que serve de referência para a comunidade; ii) o tipo de sintagma possessivo, uma vez que os sintagmas nominais tendem a favorecer a ausência do artigo definido diante do possessivo; iii) a função sintática do possessivo, com destaque para as funções oblíquas e o predicativo; e iv) o tipo de posse, com as variantes partes do corpo, relações pessoais, relações de parentesco e posse alienável como atuantes para a implementação de sintagmas possessivos sem presença de artigo – embora não seja possível fazer generalizações sobre a primeira variante, dada a pequena quantidade de dados.

Com relação à variável que buscava verificar o papel do contato entre línguas na dinâmica da regra variável, a frequência de uso do crioulo Forro não foi um condicionamento selecionado como relevante para a ausência de artigo nos dados de São Tomé. Tal resultado frustrou as expectativas iniciais, uma vez que se partiu da hipótese de que na norma são tomense a ausência de artigo definido em sintagmas possessivos poderia ser a variante mais provável por influência do português europeu e também por influência do contato entre o Português e o Forro. No Forro, de acordo com Lucchesi (1993), não há artigos definidos.

De forma a buscar explicações para a não seleção do condicionamento que trata da relação de contato entre as línguas, procedeu-se a uma nova análise, com a investigação do comportamento de cada um dos informantes que compõem a amostra. A configuração do *corpus* – a amostra não é equilibrada no que se refere à distribuição dos falantes em termos de Português como língua materna ou língua segunda, além de contar com apenas um informante que se identifica como falante prototípico do crioulo Forro – não possibilitou verificar se a coexistência

de ambas as línguas no mesmo território poderia exercer influência quanto ao uso de artigo, inibindo sua presença na variedade aqui investigada.

Os resultados da análise do comportamento do informante corroboraram as tendências verificadas na análise da influência dos anos de escolarização dos informantes para a implementação da variante ausência do artigo definido. Nesse sentido, os resultados também permitem observar que indivíduos com nível superior atuam como bloqueadores da variante não padrão, pois tendem a favorecer o emprego do artigo definido no contexto investigado, o que corrobora a hipótese formulada por Figueiredo (2019) de que quanto maior é o nível de instrução dos informantes, maior é o uso do artigo. Desse modo, é possível reiterar o peso do contato com modelos normativos para o uso de formas mais próximas às das normas de referências. Os indivíduos com nível superior estiveram há mais tempo expostos à padronização de base europeia, o que culmina a implementação de sintagmas possessivos com a presença de artigo definido no discurso desses falantes.

Assim, este trabalho traz uma contribuição importante para a descrição de um fenômeno variável fartamente descrito em normas do Português Brasileiro e do Português Europeu, mas pouco explorado em outras variedades, sobretudo aquelas inseridas em comunidades sociolinguísticas multilíngues. Os resultados aqui apresentados lançam novas luzes para a interpretação da regra variável de uso de artigo diante de possessivos. A não comprovação da hipótese de que o contato entre o Português e o Forro seria um fator crucial na dinâmica da variação é um aspecto importante, porque pode indicar a necessidade de ampliação da análise em amostras que mapeiem de forma mais consistente a relação entre o Português e as línguas locais.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Alan; LOPES, Norma. *O artigo definido em variação com zero no SN de referência específica: re-estruturação em três variedades do português*. Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional ALFAL – Asociación de Linguística e Filología de América Latina, Monterrey, México, 17-21 outubro, 2005.

BAXTER, Alan; LOPES, Norma. Bare definite reference NPs in an afro-brazilian portuguese dialect. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Madrid, vol. 4, n.1, p. 55-70, 2006.

BAXTER, Alan; LOPES, Norma. O artigo definido. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 319-330.

CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle Machline Oliveira e. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1965.

FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. Uso variável do artigo definido no português da comunidade de Almojarife, São Tomé. *Journal of Ibero-Romance Creoles*, vol. 9, n. 1, p. 358-389, 2019.

GONÇALVES, Rita; HAGEMEIJER, Tjerk. O Português num contexto multilíngue: O caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique*, v. 1, n. 1, p. 87-107, 2015.

INVERNO, Liliana; SWOLKIEN, Dominika. O artigo definido zero em dois contextos específicos no português do Brasil e no crioulo de Cabo Verde. *Biblos*. n.s, I, p. 179-192, 2003.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LUCCHESI, Dante. The article systems of Cape Verde and São Tomé creole portuguese: general principles and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 8, n. 1, p. 81-108, janeiro de 1993. <https://doi.org/10.1075/jpcl.8.1.04luc>.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

MAGALHÃES, Telma Vianna. O uso de artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. *Leitura*. vol. 1, n. 47, p. 123-143, junho de 2011. <https://doi.org/10.28998/rl.v1i47.901>.

MENON, Odete Pereira da Silva. Presença/ausência de artigos diante de nomes próprios no português do Brasil (PB). In: *Anais do V Encontro da Rede Sul Letras*. Tubarão: UNISUL, p. 729-738, 2016.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 9-14.

OYAMA, Driély Oller. *O uso de artigo nos DPs possessivos: testemunho linguístico dos séculos XX e XXI*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018. 131 f.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1975 [1916].

SCHEI, Ane. O artigo definido frente a pronomes possessivos na literatura brasileira do século XIX. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 2, p. 15-44, jul/dez. 2009.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1982.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Emprego do artigo diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b.

THOMASON, Sarah Gray; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. New York: Mouton, 1953.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WINFORD, Donald. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

DEFINITE ARTICLES IN POSSESSIVE PHRASES IN SÃO TOMÉ PORTUGUESE: SUBSIDIES FOR THE DESCRIPTION OF A VARIABLE RULE

Livia Rodrigues Cordeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Danielle Kely Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

FIRST WORDS

The use of articles in possessive phrases is a variable rule among the varieties of Brazilian Portuguese, as can be seen in the following data, from a sociolinguistic interview conducted in the city of Rio de Janeiro.¹

(1) *é difícil porque eu tenho que estudar várias coisas que não são o meu foco né... (COP A 3 M)*

it is difficult because I have to study several things that are not my focus

¹ The examples shown from (1) to (4) were extracted from a randomly chosen survey in the *corpus* concerning the city of Rio de Janeiro, as part of the Corporaport project (Corpora do Português em análise). The corpora are available at <http://corporaport.letas.ufrj.br/>. The data were produced by a woman, with higher education level, in the age range between 18 and 35 years old.

(2) é porque *meu namorado* por exemplo morava na Glória e se mudou para Copacabana entendeu? (COP A 3 M)

because my boyfriend, for example, used to live in Glória and moved to Copacabana, you know?

(3) só conclui *o seu raciocínio* (COP A 3 M)

I just concluded your reasoning

(4) então acho que realmente os pais... tão mais ausentes botando mais empregada creche passando menos filh/ menos tempo *com seus filhos* (COP A 3 M)

so I think that really the parents... are more absent, employing more daycare workers and spending less time with their children

In European Portuguese, research shows that the rule in focus is not variable: the European variety is defined by the categorical use of the determiner in possessive phrases. The absence of the article in this context is only possible in constructions like formulas (for example, *Nossa Senhora, Vossa Senhoria*) and in structures with a vocative function (like *Não, minha senhora*).

In order to understand how other varieties of Portuguese outside the Luso-Brazilian axis behave, we propose in this chapter to describe the variable rule of the definite article in possessive phrases in the urban standard of São Tomé's Portuguese (henceforth STP)

The option to describe the urban norm of the STP is not by chance: the sociolinguistic reality of the community – marked by the coexistence of Portuguese and Creoles with a Portuguese lexical base (specifically Forro) – points to important subsidies for the description of the variable rule in the community and also in the interpretation of the dynamics of variation in other linguistic realities.

Thus, this paper seeks to contribute to the description of a linguistic rule that demarcates differences between varieties of Portuguese and also aims to broaden the scope of analyses of linguistic processes in realities marked by multilingualism, in order to verify to what extent contact between languages acts in shaping the grammar of the speech community.

VARIATION IN THE USE OF THE ARTICLE IN POSSESSIVE PHRASES: A PORTRAIT OF PORTUGUESE VARIETIES

In Brazilian Portuguese, many variationist researches investigate the variation in the use of the article in possessive phrases (SILVA, 1982; CALLOU; SILVA, 1997; BAXTER; LOPES, 2009; SCHEI, 2009; MAGALHÃES, 2011; MENON,

2016). In this sense, despite percentage differences, the studies are unanimous in demonstrating the correlation between linguistic and social factors in the variation of the use of the definite article in this context. In European Portuguese (INVERNO; SWOLKIEN, 2003; SCHEI, 2009; MAGALHÃES, 2011), research shows that, unlike Brazilian Portuguese, the use of articles in possessive phrases is a categorical rule. Finally, studies on the use of articles in possessive phrases in African varieties of Portuguese (data from Portuguese spoken in Almojarife, and Portuguese of the Tongas), reveal an increasing use of articles in possessive phrases. However, studies on this topic in African varieties concentrate on isolated communities (BAXTER; LOPES, 2005, 2006; FIGUEIREDO, 2019). This research has made a significant contribution to the understanding of the phenomenon in African varieties of Portuguese by investigating it in an urban community.

THE SPEECH COMMUNITY

With respect to the STP, the works dedicated to verify the variation in the use of the article in possessive phrases focus on varieties of Portuguese spoken in isolated communities, which in itself brings particular elements in the dynamics of the variable rule. In this paper, we describe the process in the urban speech community of São Tomé, marked by an intense process of linguistic contact with creole languages which coexist with Portuguese in the insular area.

Thus, it is of interest to investigate, in the case of the São Tomense community, whether multilingualism may have some influence on the use of determiners in possessive phrases. Lucchesi (1993) points out that it does not have a definite article in Forro, a creole with a Portuguese lexical base that coexists with Portuguese in the data collection area. It is expected that the rates of determiner usage in possessive phrases will be lower in data produced by speakers who switch between Portuguese and Forro.

THEORY AND METHODS

The analysis undertaken in this paper is based on the theoretical and methodological support of the Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). For the research, 517 data were collected from 17 interviews, stratified according to the social variables gender, level of education and age group. The surveys are part of the *Variedades do Português* (VAPOR) corpus, from the Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. The recordings were made in the capital of the Archipelago of São Tomé and Príncipe, in 2009.

Eleven variables were postulated, seven linguistic constraints and four social variables. Among the linguistic variables, the role of syntagma type, possessive pronoun type, verb type to which the syntagma is linked, possession type and the presence of elements between the possessive pronoun and the name are investigated. As for the social variables, in addition to the constraints used in the stratification of the *corpus*, the variable frequency of use of Forro was postulated, as contact between Portuguese and Forro could model the variable rule in the sense of restricting the use of determiners in possessive phrases.

DATA ANALYSIS

The following examples (5) and (6) illustrate the variable behavior of the definite article in possessive phrases in the São Toméan standard. Table 1, in sequence, expresses the general rates for each variant in the data set.

(5) *Meu pai sempre foi comerciante e ainda é.* (ST-A-3-m)

My father was always a merchant and still is

(6) *a língua crioulo, ela existe, porque existem os seus falantes.* (ST-A-3-h)

the creole language, it exists because its speakers exist

Table 1 – Indexes of definite article employment in possessive phrases in STP

Variant	Apl/T	%
article absence	235/517	45%
article presence	282/517	54%

Source: The authors.

In the STP, results presented in the table above reveal a behavior closer to the trends observed in Brazilian Portuguese, where the variable realization of the definite article is quite prominent among the country's regions (CALLOU; SILVA, 1997).

Figure 1 shows the constraints selected by the statistical analysis program as significant for the absence of an article in possessive phrases.

Figure 1 – Statistically relevant variables for the absence of definite article in possessive phrases

Level of education			
Possessive phrase type			
Syntactic function of the possessive phrase			
Possessive type			
Apl/T	Inicial Input	Input from the selected round	Significance of selected round
235/517 = 45%	.455	.437	.000

Source: The authors.

Of the 11 independent variables investigated, only four - three linguistic variables and one social factor - are statistically relevant.

In summary, the statistical results reveal that:

- (a) the higher the education, the more likely the use of definite article in the possessive syntagma;
- (b) the absence of determiners is likely in nominal phrases, and blocked-in prepositional phrases;
- (c) possessive phrases in oblique and predicative functions are the syntactic contexts that are most conducive to the absence of the definite article;
- (d) the semantic contexts that most favor the absence of definite articles are those in which possessive pronouns indicate body parts, personal relationships, kinship relationships, and alienable possession.

FINAL REMARKS

In this paper, we observed that the use of the definite article in possessive phrases is a variable rule in the urban variety of São Tomé’s Portuguese. However, the process is different from that observed in European Portuguese, which is characterized as its reference standard. In the European variety, the presence of the article in possessive phrases is a categorical rule, with violation only in very specific contexts.

In what concerns the variation analysis, from the 11 independent variables postulated for the investigation only 04 proved to be statistically relevant for the non-occurrence of definite articles in possessive phrases. The variables *informant’s level education*, *type of possessive phrase*, *syntactic function of the possessive phrase* and *type of possession* were selected in the probabilistic analysis.

With regard to the variable that checks the role of language contact in the dynamics of the variable rule, the frequency of use of Forro was not a relevant condition for the absence of the article in the São Tomé data. This result frustrated initial expectations, since it was assumed the absence of the definite article in possessive phrases could be both a reflection of the reference standard and a consequence of contact between Portuguese and Forro. In Forro, according to Lucchesi (1993), there are no definite articles.

The analysis of the informant's behavior revealed much more an influence of level of education than of the coexistence of Portuguese with Forro creole for the absence of the definite article in possessives phrases. Thus, this paper provides an important contribution to the description of a variable phenomenon widely described in other varieties of Portuguese and reveals the need for new approaches, either in the reformulation of hypotheses or in the organization of *corpora* that consistently map the relationship between Portuguese and the Creole languages of the community.

REFERENCES

- BAXTER, Alan; LOPES, Norma. *O artigo definido em variação com zero no SN de referência específica: re-estruturação em três variedades do português*. Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional ALFAL – Asociación de Linguística e Filología de América Latina, Monterrey, México, 17-21 outubro, 2005.
- BAXTER, Alan; LOPES, Norma. Bare definite reference NPs in an afro-brazilian portuguese dialect. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Madrid, vol. 4, n.1, p. 55-70, 2006.
- BAXTER, Alan; LOPES, Norma. O artigo definido. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 319-330.
- CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle Machline Oliveira e. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. Uso variável do artigo definido no português da comunidade de Almojarife, São Tomé. *Journal of Ibero-Romance Creoles*, vol. 9, n. 1, p. 358-389, 2019.

INVERNO, Liliana; SWOLKIEN, Dominika. O artigo definido zero em dois contextos específicos no português do Brasil e no crioulo de Cabo Verde. *Biblos*. n.s, I, p. 179-192, 2003.

LUCCHESI, Dante. The article systems of Cape Verde and São Tomé creole portuguese: general principles and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 8, n. 1, p. 81-108, janeiro de 1993. <https://doi.org/10.1075/jpcl.8.1.04luc>.

MAGALHÃES, Telma Vianna. O uso de artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. *Leitura*. vol. 1, n. 47, p. 123-143, junho de 2011. <https://doi.org/10.28998/rl.v1i47.901>.

MENON, Odete Pereira da Silva. Presença/ausência de artigos diante de nomes próprios no português do Brasil (PB). In: *Anais do V Encontro da Rede Sul Letras*. Tubarão: UNISUL, p. 729-738, 2016.

SCHEI, Ane. O artigo definido frente a pronomes possessivos na literatura brasileira do século XIX. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 2, p. 15-44, jul/dez. 2009.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1982.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

COMPLEMENTANDO UM ESTUDO SOBRE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ: ESTRUTURAS PREDICATIVAS/ PASSIVAS

Silvia Figueiredo Brandão

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Paulo Vitor Lima da Gama Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAPERJ

RESUMO: Analisa-se, basicamente, a concordância de número em estruturas predicativas/passivas na variedade urbana do Português de São Tomé (PST), à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e com base em dados recolhidos de entrevistas de perfil sociolinguístico pertencentes ao *Corpus VAPOR* (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Com base no controle de quatro variáveis sociais e nove estruturais, busca-se determinar os fatores que atuam para a (não)marcação de plural, partindo-se da hipótese de que, nessa variedade, a concordância das referidas estruturas com o sujeito tem caráter variável a exemplo do que ocorre no âmbito do sintagma nominal (SN), cuja análise (BRANDÃO, 2011b) é retomada para fins de comparação. A observação

das estruturas passivas/predicativas, apesar do pequeno número de ocorrências, confirmou a hipótese e demonstrou que o cancelamento da marca de número é condicionado pela atuação de duas variáveis sociais (*nível de escolaridade do indivíduo e frequência de uso de um crioulo*) e pela variável estrutural *características formais do sujeito da construção*.

INTRODUÇÃO

A concordância de número (nominal e verbal) é dos temas mais focalizados no âmbito do Português do Brasil (PB), em virtude não só de ser um dos parâmetros mais emblemáticos para a distinção entre as variedades europeia e brasileira, mas também pelo fato de, nesta última, ocorrer como regra variável em todos os falares regionais e sociais. Além disso, no Brasil, sobretudo em áreas urbanas, a não marcação de número é objeto de avaliação negativa por alguns falantes, que muitas vezes a estigmatizam já que ocorre com mais frequência na fala de indivíduos de menor nível de escolaridade e/ou de origem urbana ou rural.

No que toca à concordância nominal no PB, desde os primeiros estudos que dela trataram numa perspectiva sociolinguística, como Braga (1978), Guy (1981), Scherre (1978, 1988), Almeida (1997), entre vários outros,¹ tem-se demonstrado que a par de padrões de marcação plena, como (i) *os meus irmãos*, ocorrem outras estruturas variáveis, como (ii) *aquelas coisas boa*, (iii) *as ideia interessante* e (iv) *meus filho/dois menino*, estes últimos, SNs de dois constituintes, os mais produtivos na modalidade falada.

Tal complexidade é determinada por fatores ligados, de um lado, à própria estrutura do SN e a alterações morfofonológicas decorrentes do mecanismo de flexão, e, de outro, à atuação de fatores vinculados a características dos falantes (entre as quais, sexo, idade, nível de escolaridade, área de origem ou de residência), à situação de intercomunicação (formal, informal), à modalidade de língua (falada, escrita). Como observa Scherre (1994):

Dos trabalhos realizados, conclui-se portanto, que o fenômeno da variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação linguística inerente,² tendo em vista que ocorre em contextos linguísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis (p. 38).

¹ Scherre (2005: p. 31-35) apresenta listagem bastante completa de textos até então inéditos e já publicados que têm por tema a concordância, entre as quais a nominal em EPPS e SNs, e que reitera e complementa a que foi apresentada em artigo de 1994 (cf. referências).

² Realce nosso.

Em 2008-2009, a perspectiva de observar a variação de número em variedades do Português de perfil urbano animou pesquisadores de três universidades – a de Lisboa, a Federal do Rio de Janeiro e a da Madeira – a realizarem pesquisas de cunho comparativo entre variedades brasileiras, africanas e europeias (continentais e insulares), iniciando pela concordância nominal e pela verbal de terceira pessoa do plural. Com base nas análises realizadas com *corpora*, em sua maioria, organizados por integrantes do Projeto que então se constituiu – *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias* –, verificou-se que, em contraposição ao Português Europeu (PE) urbano, em que a regra de concordância parece ser categórica no interior do SN (BRANDÃO, 2013) e semicategórica em relação ao verbo na terceira pessoa do plural (VIEIRA; BAZENGA, 2013), as variedades não europeias apresentam padrões variáveis semelhantes, em que a presença/ausência da marca de plural obedece a fortes restrições estruturais e sociais (BRANDÃO, 2011a, 2011b, 2013, 2018; BRANDÃO; VIEIRA, 2018, entre outros).

No âmbito do referido projeto, no entanto, não se contemplou a concordância de número que se estabelece (a) entre o particípio passivo e o sujeito da construção e (b) entre o SN ou o Sintagma Adjetival (na função de predicativos) e (i) o sujeito ou (ii) o objeto, devendo-se acrescentar que, no que tange ao PB, são poucos os estudos que tratam de tais estruturas, como se comentará mais adiante.³

Assim, neste estudo, no intuito de ampliar e complementar o conhecimento sobre a dinâmica da concordância, objetiva-se analisar, quantitativa e qualitativamente, a (não)marcação de número em estruturas predicativas/passivas (doravante EPPs) na variedade urbana do Português de São Tomé (PST), à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), com base em dados recolhidos de entrevistas de perfil sociolinguístico realizadas em 2009 e pertencentes ao *Corpus VAPOR* (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Parte-se da hipótese de que, nessa variedade, a concordância das referidas estruturas com o sujeito tem caráter variável, a exemplo do que ocorre no âmbito do Sintagma Nominal (SN), focalizado por Brandão (2011b) e que também levou em conta apenas indivíduos de níveis fundamental e médio de escolaridade.

³ Uma mestranda e um graduando, orientados pela autora deste texto, estão desenvolvendo pesquisas sobre o tema em foco, respectivamente, na fala da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e na de Moçambique.

São, portanto, focalizadas, na variedade urbana do PST, estruturas caracterizadas em (a) e (b-i) anteriormente e aqui exemplificadas, à exceção das duas últimas,⁴ com dados selecionados da amostra que serviu de base à análise.⁵

(a) eles eram massacrado (C-1-m-a)

meus filho foi batizado no católico (A-1-h-a)
com pé cruzado porque foram mortos (B-1-h-b)
todas essas coisas eram custeadas por ela (A-2-h-a)

(b-i) nós somos escrava deles (A-1-m-b)

nós somos compadre e fala dialeto (C-1-h-a)
as praias são muito bonitas (A-2-m-a)
as coisas ficaram mais cara (A-1-h-a)
acho que os manuais são importante (C-2-h-b)
as crianças chegaram assustadas / as pessoas chegaram muito cansada

O desenvolvimento deste estudo está distribuído por cinco outras seções: na primeira, a seguir, comentam-se resultados de algumas pesquisas que trataram da concordância em EPPs em diferentes variedades do PB; na segunda, faz-se uma breve caracterização da área da pesquisa, nela incluindo-se uma síntese do estudo de Brandão (2011b) que tratou da concordância no SN; na terceira, indicam-se os procedimentos metodológicos que nortearam a análise das EPPs e apresentam-se os seus resultados, que, na quarta seção, são comentados e confrontados aos que se obtiveram na referida análise de Brandão com os mesmos informantes da atual amostra; na quinta, tecem-se as considerações finais.

VISITANDO ALGUNS ESTUDOS SOBRE O TEMA NO PB

Como já se observou, poucos são os estudos que contemplam as EPPs no Português do Brasil se comparados aos que focalizam a concordância no SN. O primeiro trabalho de que se tem conhecimento – Scherre (1991) – será aqui comentado mais detalhadamente, pois na pesquisa sobre o PST consideraram-se todas as variáveis estruturais nele controladas.

⁴ Os dois últimos configuram possíveis ocorrências que, no entanto, não foram encontradas no *corpus*.

⁵ Para identificação das características dos informantes que forneceram as estruturas que servem de exemplo, ver Quadro 1, na seção referente aos procedimentos metodológicos.

O estudo de Scherre foi realizado com base em 64 entrevistas da amostra Censo. Os informantes distribuem-se segundo o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade, contabilizando-se 873 dados: 90% de predicativos e 10% de participios passivos. Deste total, 759 foram levados em conta na análise probabilística, sendo a marca de plural encontrada em 50% dos dados (380 ocorrências). A autora controlou, ainda, nove variáveis linguísticas, tendo-se mostrado estatisticamente significativas o *paralelismo formal das sequências de predicativos/participios no discurso*, *características formais do sujeito*, *características formais do verbo*, *estrutura do predicativo* e *processos morfofonológicos de formação do plural*. Por outro lado, *tonicidade dos itens singulares*, *ordem dos elementos na estrutura*, *material interveniente entre o verbo e o predicativo* e *tipo de estrutura* não se mostraram relevantes.

Com o controle da variável *paralelismo formal das sequências do discurso*, Scherre buscou evidências, no nível suprassentencial, para o Princípio do Processamento Paralelo, por ela proposto (1988). Foram codificados os predicativos/participios isolados contra os que ocorrem em série, precedidos por outros predicativos/participios marcados ou não marcados. A análise das variáveis *características formais do sujeito* e *características formais do verbo* buscaram evidências adicionais para o mesmo princípio, porém no nível sentencial. A primeira tinha o foco na presença/ausência do sujeito e nas marcas de sujeito, enquanto a segunda focalizava a presença/ausência do verbo e das marcas do verbo. Os resultados encontrados na análise das três referidas variáveis parecem convergir para a hipótese da autora: as formas precedidas de formas marcadas apresentam mais chances de serem marcadas e as formas precedidas de formas não marcadas apresentam mais chances de serem não marcadas. Em outras palavras, marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

O objetivo da análise da variável *estrutura do predicativo* era verificar a relevância da estrutura sintagmática do predicativo para a ausência/presença de marcas. A autora ressalta que a motivação para controlar essa variável são as estruturas com “tudo/todo”, em que quase não se encontram marcas de plural. Os resultados desta variável revelam que a estrutura substantiva favorece mais a presença de marcas do que a estrutura adjetiva.

As variáveis *processos morfofonológicos de formação do plural* e *tonicidade dos itens singulares* foram consideradas também por serem clássicas na literatura. A expectativa para as análises era chegar a resultados que convergissem com conclusões já existentes em estudos sobre concordância: formas mais salientes apresentam mais marcas de plural do que as formas menos salientes. Tal expectativa

foi alcançada, porém a primeira dessas variáveis foi considerada estatisticamente significativa, enquanto a segunda, não.

Seguindo com as análises de variáveis não estatisticamente significativas, com a finalidade de verificar se a ordem canônica favorece mais a presença de marcas de plural do que a *não canônica, foram analisadas as variáveis ordem dos elementos na estrutura e material interveniente entre o verbo e o predicativo*. Os resultados da primeira variável citada mostram, ainda que sem um peso relativo expressivo, o esperado: uma ordem não canônica, que interfere no processamento linear, favorece a ausência de marcas, enquanto os resultados da segunda indicam que a presença de material entre o verbo e o predicativo/particípio não interfere na presença/ausência de marca. Finalmente, a análise da variável *tipo de estrutura* pretendia observar a relevância estatística da estrutura passiva, que apresenta apenas 30 (37%), de um total de 81, casos marcados. Observou-se que a estrutura passiva desfavorece a presença da marca de plural, embora também sem peso relativo significativo, o que poderia estar relacionado à baixa ocorrência de formas passivas.

Sobre as variáveis sociais, os resultados apresentam dados normalmente interpretados como padrão de variação estável: as mulheres marcam mais o plural (variante de prestígio), que os homens; a presença das formas de prestígio é diretamente proporcional aos anos de escolarização e os jovens e os de mais idade desfavorecem as formas de prestígio, enquanto os de média idade as favorecem.

Além do estudo de Scherre, tem-se notícia dos realizados por Vazzata-Dias (1996, 2000) e Vazzata-Dias e Fernandes (2000), sobre a fala do Sul do Brasil; por Lucchesi (2008, 2009) por Salomão (2010), sobre a de São José do Rio Preto; Antonino (2007, 2012), o primeiro sobre o português popular do interior da Bahia, o segundo circunscrito a Salvador; e por Furtado (2017), sobre a fala de Fortaleza. A seguir, comentam-se três desses trabalhos.

Vazzata-Dias (2000) apresenta resultados de sua dissertação (1996), centrada na fala de Florianópolis, Chapecó e Irati, focalizando, em especial, variáveis de natureza extralinguística (sexo, escolaridade e faixa etária). Em sua análise todas as variáveis sociais foram selecionadas como relevantes, sendo que escolaridade se impôs, inclusive às de ordem estrutural. Ele mostrou que a concordância em predicativos se aplica, preferencialmente, entre indivíduos com nível colegial (P. R. .72), com mais de 50 anos (P. R. .59), do sexo feminino (P. R. 57), entre indivíduos de etnia italiana (P. R. .57).

Salomão (2010) tratou das estruturas predicativas na fala de São José do Rio Preto, com base em 153 dados selecionados de 95 entrevistas do tipo “narrativas

de experiência” do banco de dados Iboruna, com informantes distribuídos por gênero, quatro faixas etárias e quatro níveis de escolaridade. Na análise foram controladas as três referidas variáveis e as nove estruturais utilizadas por Scherre (1991). Mostraram-se como fatores relevantes para a aplicação da concordância, com índice de 61%: (a) quanto às marcas do sujeito: (i) o sujeito nulo – P. R. .84, (ii) sujeito explícito com todos os elementos nominais flexionáveis marcados; com os últimos elementos com a marca formal de plural; ou com a última marca neutralizada por contexto fonológico seguinte – P. R. .61; (b) marcas do verbo: (i) verbo com marca explícita de plural – P. R. .66, verbo nulo (elidido) – P.R. 54; (c) gênero: feminino – P. R. .72; (d) nível de escolaridade: (i) ensino superior – P.R. .65, (ii) médio – .60. A autora conclui seu estudo afirmando que

o conjunto de dados analisados ao longo deste trabalho permite concluir que a concordância no predicativo no português falado do Brasil está definitivamente arraigada na comunidade como uma autêntica regra variável [...] *a análise de gênero permite interpretar a distribuição dos dados como um padrão de variação estável, segundo o qual as mulheres favorecem mais as formas de prestígio do que os homens [...]. A análise do fator escolaridade permite deduzir a existência de uma relação diretamente proporcional entre acréscimo de educação formal e marcação de pluralidade no predicativo (p. 684).*

Furtado (2017), o estudo mais recente sobre o tema, é uma dissertação cujos dados foram selecionados de 48 entrevistas do Projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), com informantes estratificados por sexo, anos de escolaridade e tipo de registro (D2, diálogo entre dois informantes e EF, elocução formal). Com índice geral de 66,2% de marcação de número, as variáveis que se mostraram salientes para a aplicação da marca de plural foram o sexo do falante, o paralelismo formal, características formais do verbo da oração e características formais do sujeito da oração. O mestrando aplicou testes de reação subjetiva, por meio da ferramenta virtual *Google Forms*, a 300 alunos da Universidade Federal do Ceará, nativos de Fortaleza, controlando, ainda, se o aluno cursara o Ensino Médio em escola pública ou privada. Foram aplicadas 10 perguntas, que indicaram que alunos de ciências exatas tendem a ser mais conservadores em relação à concordância em predicativos e, ainda, que a não marcação de número em Fortaleza tem avaliação negativa, mesmo em situações informais.

SITUANDO BREVEMENTE A COMUNIDADE DE SÃO TOMÉ

Quanto a aspectos geo-sócio-linguísticos gerais

São Tomé é a capital da República Democrática de São Tomé e Príncipe, um arquipélago situado no Golfo da Guiné, na costa ocidental da África e constituído principalmente pelas duas ilhas que dão nome ao país. Com um total de 1.001 km², conta com 197.700 habitantes, segundo o Censo de 2017 (INE).⁶

Desabitadas até 1470, as ilhas foram descobertas pelos portugueses que as colonizaram do século XV (em 1493, iniciou-se seu definitivo povoamento) até a sua independência em 1975.

Nascimento (2018, p. 45) sintetiza aspectos da complexa história de São Tomé:

em cinco séculos de existência, vivenciou duas colonizações centrais, provenientes de dois ciclos econômicos dominantes e atuou como entreposto de escravos, sustentando o tráfico do atlântico e se submetendo a intensos fluxos migratórios. O atual panorama linguístico da região decorre de povoadamentos em massa, associados i) ao cultivo do açúcar, no século XVI; e ii) às culturas do café e do cacau, inauguradas no século XIX. A princípio, o convívio entre europeus e africanos, bem como a recorrência de entradas e saídas de cativos, culminaram com a formação e especiação do (proto)crioulo do Golfo da Guiné (*doravante* PCGG) (cf. seção 2.1.1). Tempos depois, a necessidade de um regime de contrato com trabalhadores de Cabo Verde, Angola, Moçambique, Benim e Gabão, contribuiu paulatinamente para a generalização do uso do português (*doravante* PST).

Atualmente, a maior parte da população (67,7%), segundo o INE, reside em áreas urbanas, sendo a taxa de alfabetização da ordem de 90,1%. No país, há quatro instituições de ensino superior, uma delas pública. Na capital, São Tomé, em que se encontra o principal porto do país, ocorrem as principais atividades comerciais, apesar de sua estrutura precária.

Em São Tomé e Príncipe, coexistem, além de quatro crioulos de base portuguesa – o Forro (ou Santomé) e o Angolar, ambos na Ilha de São Tomé; o Lung'ie (ou Principense) na Ilha do Príncipe e o Fa d'ambô (ou Anobonense), da Ilha de Ano Bom (província da Guiné Equatorial) – também o português dos Tongas, o Cabo-verdeano (crioulo de base portuguesa, nativo de Cabo Verde) e “resquícios de línguas do grupo Bantu” (HAGEMEIJER 2009: 1).

Para se ter ideia de aspectos da gramática do Forro, o crioulo que, no século XVIII, era “a língua materna de grande parte da população nativa de São Tomé”,

⁶ Todos os dados estatísticos aqui referidos foram obtidos no site do Instituto Nacional de Estatística, de São Tomé: <https://www.ine.st/>.

segundo Gonçalves e Hegemeijer (2015, p. 89), selecionaram-se de artigo de Espírito Santo (1998) algumas características que interessam ao tema aqui focalizado.

Entre outras observações,⁷ ele afirma que, nesse crioulo:

- (a) não há a forma singular do artigo definido, embora nomes de “deuses e pessoas” sejam “precedidos de *nen*, ou seja, *os* (artigo), que, aliás, nunca se aplica a objectos e, realmente, a tais seres quando estão no singular” (p. 51);
- (b) “quanto ao artigo indefinido, resume-se a *ũa* ou *um, uma*”, havendo “todavia, falantes que utilizam a expressão *ũa nen* (uns e umas), que somente se refere a seres humanos e divinos no plural” (p. 51);
- (c) “*ũa* surge por vezes combinado com as preposições *de* e *em*, dando origem às formas *dũa* e *nũa*, que também se aplicam a nomes do género masculino e feminino, mas apenas no singular” (p. 55);
- (d) “os substantivos forros não variam em número; a pluralização é obtida através do quantitativo que os acompanha; os falantes antepõem o quantitativo *montxi* ou *iô*, que significam *muito*, aos substantivos, os quais, no entanto, precedem *lumadu*, *bastante*, *muito*” (p. 55); e
- (e) “tal como os substantivos, os adjectivos não se flexionam em número, permanecendo no singular” (p. 57).

Desse modo, o interesse no estudo do PST reside, entre outros aspectos, em observar, nas normas em construção dessa variedade, um possível impacto do contato do Português com os crioulos, em especial, com o Forro, uma vez que, dentre os países africanos que têm o Português como língua oficial, essa é a única variedade falada como L1 ou L2 pela maioria da população – 98, 4%, em 2012–sendo, hoje, a L1 da maior parte dela, segundo Araújo (2020), que afirma que o país caminha para o monolinguismo, como já salientara Hagemeijer em 2009:

Embora o Português, a língua oficial e de prestígio em S. Tomé e Príncipe, siga oficialmente a norma do Português europeu, existem, na prática, diversos registos de Português, uns próximos dessa norma, outros com maior ou menor grau de influência dos crioulos (Afonso 2008; Lorenzino 1996a), muitas vezes determinado por factores tais como o nível de escolaridade, nível económico e o ambiente de inserção social (urbano/rural). Esta variação reflecte o conflito entre a norma oficial e a prática local e um passado recente em que o português era L2 para a maioria dos habitantes das ilhas (HAGEMEIJER, 2009, p. 19).

⁷ Fizeram-se algumas alterações nas citações para maior clareza.

Quanto à marcação de plural no SN

Embora, em relação ao PST, haja estudos sobre outras variáveis (concordância verbal de 3a. pessoa do plural, róticos, lateral /l/, ditongos, vogais médias em contexto pretônico, entre outras), destacam-se, aqui, os de Brandão (2011a e 2011b), que tratam, atomisticamente, a marcação de plural em constituintes do SN, numa perspectiva sociolinguística variacionista. No primeiro deles (2011a), consideraram-se 17 informantes distribuídos por sexo, três níveis de instrução e três faixas etárias, em que se pôde observar que, entre os indivíduos de escolaridade superior, a regra de concordância é semicategórica: em 1.139 ocorrências apenas 14, isto é, 1,2% (P. R. .24), não apresentavam marca de plural, em contraste com os demais informantes, em que a regra se mostrou variável. Respalhada por esse resultado, Brandão (2011b) realizou nova análise, considerando apenas indivíduos dos níveis fundamental e médio (12 dessa amostra e outros 10, cf. Quadro 1, na próxima seção), os mesmos 22 informantes em que se apoia o estudo sobre as EPPs.

No cômputo geral, num total de 2.375 constituintes flexionáveis do SN, predominantemente de dois constituintes, houve 2.070 ocorrências com o morfema de plural (87,2%) e 305 sem ele (12,8%), tendo-se mostrado significativas para a não marcação de número as variáveis *posição linear e relativa do constituinte no SN, nível de instrução, frequência de uso de um crioulo, saliência fônica e animacidade do núcleo*.

Quanto às variáveis estruturais,

- (a) a *posição linear e relativa do constituinte* foi a mais significativa para a determinação dos padrões variáveis observados:
 - (i) na margem esquerda do SN, contexto por excelência dos determinantes, a marca de número se fez presente, de forma praticamente categórica, na primeira posição (P. R. .14, ex.: [as dificuldade]) e, em menor escala na segunda (P. R. .55, ex.: [todos esses livro]);
 - (ii) no núcleo do SN, na segunda posição (P. R. 75, ex: com [oito ano]) ou na terceira/quarta (P. R. .77, ex: [umas pequena venda] / [os seus quatro ano]) a marca se torna menos presente;
 - (iii) nos constituintes do SN à direita do núcleo (pós-nucleares), e quanto mais afastados dele, maior é a probabilidade de não ocorrer marca: na segunda posição, P. R. .88 (ex.: trabalhos específico), na terceira, P. R. .93 (ex.: os tempos livre] e na quarta/quinta: P. R. .95 (ex.: as pessoas mais velha / n[essas zonas assim mais distante].

- (b) fatores relacionados à saliência fônica e a traços semânticos do núcleo também concorrem para a variação observada:
- (i) em vocábulos cuja forma plural é fonicamente menos saliente em relação à do singular (filho/filhos, homem/homens), há menos marcas de número – P.R. .54 – do que entre aqueles em que há maior saliência fônica (mês/meses, razão/razões): P. R. .25;
 - (ii) núcleos com traço [-animado] estão mais sujeitos à não implementação da marca (P. R. .55, ex: [uns medicamento]) do que os de traço [+animado] (P.R. .39, ex: [os filho]).

No que se refere às variáveis extralinguísticas,

- (a) *nível de instrução*, única variável extralinguística sistematicamente selecionada nas diferentes etapas de análise, sugere que, em áreas urbanas de São Tomé, há uma situação polarizada, que, de certo modo, retrata um maior ou menor domínio da norma de referência (no caso, a do PE), por parte dos indivíduos: entre os falantes de nível médio de instrução houve 3,7% de não marcação, enquanto entre os de nível fundamental, 27,1%, com pesos relativos, respectivamente, de .29 e .79; o *range* entre esses dois índices – .50 – é uma evidência dessa polarização.
- (b) *frequência de uso de um crioulo* reforça o que se indicou no item anterior a este: os indivíduos que se comunicam preferencialmente num crioulo, o que ocorre, em geral, entre os falantes de nível fundamental de instrução, são os que mais tendem a não implementar a marca de número (41,1%; P. R. .75), seguidos pelos que o utilizam apenas eventualmente (12,5%; P.R. .52) e os que nunca ou pouco se expressam em crioulo (7,2%; P.R. .41).

Deve-se salientar que os resultados expostos, à exceção da última variável comentada, são muito similares aos que se encontram em análises de outras variedades urbanas não europeias do Português, como a brasileira (BRANDÃO, 2013) e a moçambicana (BRANDÃO, 2018), embora, por vezes, em diferente ordem de importância.

ANALISANDO AS ESTRUTURAS PREDICATIVAS/PASSIVAS (EPPS) NO PST

Procedimentos metodológicos

A pesquisa enquadra-se na linha sociolinguística de inspiração laboviana (LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003) e tem por finalidade determinar, com apoio

no programa Goldvarb-X, as restrições estruturais e/ou sociais que condicionam a não implementação da marca de plural nas EPPs em dados eliciados de 22 entrevistas realizadas em 2009 e pertencentes ao referido *Corpus VAPOR*, as mesmas que fundamentaram o estudo de Brandão (2011b) sobre a concordância entre constituintes do SN.

Os informantes estão distribuídos por sexo/gênero, três faixas etárias (18-35, 36-55 e 56-75 anos) e dois níveis de escolaridade (fundamental e médio), dois por célula, à exceção da faixa C, em que só há um informante masculino de nível fundamental e uma mulher de nível médio de escolaridade.

Controlou-se, ainda, a variável *frequência de uso de um crioulo* (em geral, o Forro) para verificar se a sua maior ou menor frequência implicaria maior ou menor probabilidade de não marcação de plural. A variável ficou constituída por 3 fatores: Frequência 0 (F0), zero ou baixa, – os indivíduos expressam-se fundamentalmente em Português; Frequência 1 (F1), média – os indivíduos expressam-se em Português, mas dominam um crioulo e dele fazem uso eventual; Frequência 2 (F2), alta – os indivíduos, embora falem o Português, se expressam, regularmente, num crioulo.

Além das quatro variáveis extralinguísticas já descritas e retratadas no Quadro 1, controlaram-se as nove variáveis estruturais consideradas por Scherre (1991), algumas delas já comentadas na seção 1: *estrutura do predicativo; paralelismo formal das sequências de predicativos/participios no discurso; processos morfofonológicos de formação de plural; tonicidade do item no singular; características formais do sujeito da construção; características formais do verbo da construção; ordem dos elementos na estrutura; material interveniente entre o verbo e o participio/predicativo; tipo de estrutura.*

Nas 22 entrevistas, cuja duração varia de 25 a 55 minutos, obtiveram-se apenas 75 dados, o que se deve à baixa produtividade, em entrevistas sociolinguísticas, dos tipos de estruturas aqui retratadas. Basta dizer que, na fala do mesmo conjunto de informantes, ocorreram 1.259 SNs, uma média de 57 por indivíduo (BRANDÃO, 2011b). No Quadro 1, que apresenta a distribuição dos informantes segundo as variáveis extralinguísticas consideradas, observa-se que duas das células não foram integralmente preenchidas: faixa C, nível 1 do sexo masculino e faixa C do nível 2, do sexo feminino, que só contam com 1 informante.

Quadro 1 – São Tomé (ST): distribuição dos informantes conforme as variáveis extralinguísticas

Escolaridade	Nível fundamental (1)		Nível médio (2)	
	Homem (h)	Mulher (m)	Homem (h)	Mulher (m)
Sexo				
Faixa etária				
18-35 anos A	ST-A-1-h-a (F1-A)	ST-A-1-m-a (F1-B)	ST-A-2-h-a (F1-C)	ST-A-2-m-a (Fø -D)
	ST-A-1-h-b (F1-E)	ST-A-1-m-b (F2-F)	ST-A-2-h-b (Fø -G)	ST-A-2-m-b (Fø -H)
36-55 anos B	ST-B-1-h-a (F1-I)	ST-B-1-m-a (Fø -J)	ST-B-2-h-a (F1-K)	ST-B-2-m-a (F1-L)
	ST-B-1-h-b (F1-M)	ST-B-1-m-b (F1-N)	ST-B-2-h-b (Fø -O)	ST-B-2-m-b (Fø -P)
56-75 anos C	ST-C-1-h-a (F2-Q)	ST-C-1-m-a (F1-R)	ST-C-2-h-a (Fø -S)	ST-C-2-m-a (Fø -T)
	-----	ST-C-1-m-b (F2-V)	ST-C-2-h-b (F1-X)	-----
Ao final do código do informante, a e b individualizam o informante da mesma célula.				
Entre parênteses, encontra-se a classificação segundo a variável <i>frequência de uso de um crioulo</i> (Fø = baixa; F1 = média; F2 = alta) e o código individual do falante.				

Fonte: Brandão (2011b), com alterações.

Em estudo anterior (SOARES, 2021), com 17 informantes (os doze sombreados no Quadro 1 e os 5 de nível superior que foram considerados na primeira análise do SN), o número de dados chegou a 87, 47 deles produzidos pelos indivíduos de nível superior, registrando-se apenas dois de não marcação: “não são grandes coisa” (ST-A-3-h-a) e “pra nós por exemplo que somos crescido” (ST-B-3-h-a), o que permite classificar a regra de concordância nesse segmento social, como semicatórica (LABOV, 2003), constatação que não surpreende tendo em vista que dele fazem parte os indivíduos que têm mais acesso aos bens culturais e viajam para Portugal com certa regularidade, estando, portanto, mais expostos à norma europeia do Português.

Na análise de Soares, inclusive, a variável *nível de escolaridade* foi a mais saliente para a (não)aplicação da regra (cf. Tabela 1), o que determinou, mais uma vez, a opção por se observar, nesta nova etapa de pesquisa, apenas indivíduos de níveis médio e fundamental (estes últimos com alto índice de não concordância – P. R. .97), como se expõe na Tabela 1.

Tabela 1 – Atuação da variável nível de escolaridade para a não marcação de número em EPPs no PST (SOARES, 2021)

Nível de escolaridade	Apl./Oc.	%	PR
Fundamental	11/15	73,3	.97
Médio	5/25	20	.56
Superior	2/47	4,3	.21
Input: .06	Significância: .000		

Fonte: Soares (2021, slide 8).

RESULTADOS

Antes de passar aos resultados, é importante dizer que dos 22 informantes, quatro – ST-A-1-m-a, ST-B-1-m-a, ST-B-2-m-a e ST-C-1-m-b – não apresentaram nenhuma estrutura passiva/predicativa em, respectivamente, 25,5; 23,14; 25,18 e 14,2 minutos de entrevista, as mais breves do acervo. Por outro lado, o número de ocorrências por indivíduo variou de um a dez, não necessariamente em função do tempo de gravação, mas dos temas focalizados.

A análise dos dados submetidos ao programa Goldvarb-X indicou que, no cômputo geral, na fala popular urbana de São Tomé, a ausência da marca de número em EPPs incide em 25 das 75 ocorrências (33,3%), sendo condicionada pela atuação das variáveis *nível de escolaridade*, *características formais do sujeito da construção* e *frequência de uso de um crioulo*.

Tendo em vista, de um lado, a reduzidíssima amostra e, de outro, o número expressivo de variáveis, foi necessário agrupar fatores (como foi o caso em relação às segunda e terceira variáveis selecionadas), e realizar uma análise mais pontual, de caráter qualitativo.

No que tange ao *nível de escolaridade*, também selecionada em primeiro lugar no estudo de Soares (2021), são os indivíduos de nível fundamental os que menos aplicam a marca, como se constata na Tabela 2.

Tabela 2 – Atuação da variável *nível de escolaridade* para a não marcação de número em EPPs na fala de indivíduos de níveis fundamental e médio de escolaridade

Nível de escolaridade	Apl./Oc.	%	PR
Fundamental	17/29	58,6	.695
Médio	8/46	17,4	.373
Input: .395		Significância: .001	

Fonte: Autoral

A segunda variável selecionada, de caráter estrutural, era inicialmente composta por 8 fatores, dois a mais do que os sugeridos por Sherre (1991). A detida observação do número de dados e das frequências de marcação e não marcação de plural no âmbito desse grupo autorizou que se reduzissem os fatores a apenas dois, como se indica na Tabela 3.

Tabela 3 – Reorganização da variável *características formais do sujeito da construção*

Novos fatores	Antigos fatores	OCOs
(1) Sujeito explícito marcado	(a) Sujeito explícito com todos os elementos nominais flexionáveis marcados	33
	(b) Sujeito explícito com marca semântica de plural (numerais)	2
	(c) Sujeito explícito pronominal (nós/eles/elas)	4
	(d) Sujeito explícito com os últimos elementos com marca	0
(2) Sujeito (não)explícito não marcado	(a) Sujeito explícito sem a(s) última(s) marca(s) formal(ais) de plural	2
	(b) Sujeito zero	29
	(c) Sujeito representado por pronome relativo	2
	(d) Sujeito explícito com marca formal de plural totalmente neutralizada	3

Fonte: Autoral

Os exemplos a seguir, ilustram os casos referidos na Tabela 3.

1-a. *os filhos* estão...estão separados de mim (A-1-h-a)

1-b. *dois* era meu (B-1-m-b)

1-c. *nós* somos escrava deles (A-1-m-b)

2-a. é que *meus filho* foi batizado no católico (A-1-h-4-a)

2-b. em que hoje em dia [] estamos submetido (A-2-h-a)

2-c. ajudar as crianças *que* é crianças de zonas urbanas (C-2-h-b)

2-d. *elas* são professoras (C-1-m-a)

Para a definição dessa variável remodelada, partiu-se da hipótese de que maior seria a tendência ao cancelamento da marca de número nas EPPs quanto mais o sujeito (elemento à sua esquerda) apresentasse marca morfológica ou semântica, o que acabou por se confirmar (cf. Tabela 4).

Tabela 4 – Atuação da variável *características formais do sujeito da construção* para a não marcação de número em EPPs na fala de indivíduos de níveis fundamental e médio de escolaridade

Fatores	Apl./Oco	%	P. R.
Sujeito explícito marcado	20/39	51,3	.751
Sujeito (não)explícito não marcado	5/36	13,9	.232
Input: .395	Significância: .001		

Fonte: Autoral

O cruzamento dessas duas variáveis, é também elucidativa quanto a serem os falantes menos escolarizados aqueles que lideram o cancelamento da marca se esta já está explícita à esquerda (13/16, 81%), o que vai ao encontro do que se observa no âmbito do SN, em que a marca de plural tem no *locus* esquerdo seu contexto por excelência, sendo menos frequente quanto mais à direita.

Tabela 5 – Não marcação de plural: cruzamento das variáveis nível de escolaridade e *características formais do sujeito da construção*

	Nível Fundamental		Nível Médio	
	Apl/Ocos	%	Apl/Ocos	%
Sujeito explícito marcado	13/16	81%	7/23	30%
Sujeito (não)explícito não marcado	4/13	30%	1/23	4%

Fonte: Autoral

Outra variável que se tem mostrado significativa nas análises do PST (vide, anteriormente, a síntese sobre sua atuação no SN) é *frequência de uso de um crioulo*, composta por três fatores que buscam aquilatar o maior ou menor contato do indivíduo com outras línguas, em especial, o Forro. No entanto, cabe fazer, à luz do Quadro 1, uma reflexão sobre os indivíduos que concorreram para o resultado exposto a seguir, tendo em vista que alguns informantes não apresentaram ocorrências das estruturas aqui focalizadas.

Nenhum dos informantes que apresentou dados de EPPs e declarou falar fundamentalmente o Português (Fø), deixou de implementar a marca de plural (0/24

ocorrências). A variação se encontra entre os indivíduos que, embora falantes de Português, fazem uso eventual de um crioulo (F1) ou se expressam regularmente numa dessas línguas (F3), conforme se expõe na Tabela 6.

Tabela 6 – Atuação da variável *frequência de uso de um crioulo* para a não marcação de número em EPPs na fala de indivíduos de níveis fundamental e médio de escolaridade

Fatores	Apl./Oco	%	P. R.
Frequência 1 (F1), média	20/44	45,5	.492
Frequência 2 (F2), alta	5/7	71,4	.553
Input: .395	Significância: .001		

Fonte: Autoral

Os pesos relativos estão no limiar da neutralidade, o que se deve basicamente ao fato de apenas os informantes ST-C-1-h-a e ST-C-1-m-b, um homem e uma mulher do segmento mais velho e do nível fundamental, serem os responsáveis pelo índice referente à **alta** frequência de uso de um crioulo, enquanto a frequência média está representada por 7 informantes.

Para dar uma visão mais ampla sobre as estruturas que constam do *corpus* cabe mencionar, em termos percentuais, dentre as variáveis não selecionadas, resultados referentes às duas outras de caráter social e algumas de cunho estrutural.

A variável *sexo*, que foi selecionada no trabalho de Soares (2021), mostrou que são os homens os principais implementadores da regra de não marcação (19/48 ocos: 39,6%), em relação às mulheres (6/27 ocos: 22,2%), corroborando o resultado anterior. No que se refere à *faixa etária*, o quadro é de variação estável, com os indivíduos mais jovens (16/39 ocos: 41%) e os mais velhos (6/17 ocos: 35,3%), apresentando índices aproximados, em contraposição aos de idade mediana com 15,8% (3/19 ocos) de não marcação.

Todos os 75 dados estão na ordem canônica. Quanto à *estrutura do predicativo*, a maior parte delas é formada por adjetivos (35 ocos) seguidos por 20 formas participiais e 13 predicativos nominais de um elemento, que apresentaram, respectivamente, 34,3%, 40% e 30,8% de não aplicação da marca. As demais 7 ocorrências correspondem a 3 casos de predicativo pronominal/quantificador (com uma ocorrência de ausência de marca), 1 de predicativo de mais de um elemento com os itens *todo/tudo* e 3 de predicativos de mais de um elemento, nos quais a presença de marca foi categórica.

O efeito do *paralelismo formal*, que se pretendia observar, foi prejudicado pelo fato de 58 das 75 ocorrências (77,3% da amostra) constituírem construções

isoladas, exatamente aquelas em que ocorreu o maior número de não aplicação da marca (21 ocoss, 32,6%).

Nos 8 casos de primeira construção de uma série, apenas uma não apresentou a marca (12,5%); já nas ocorrências precedidas de predicativo/particípio com todas as marcas de plural ou sem elas, respectivamente, duas (25%) e uma (100%) apresentaram cancelamento.

Outra variável sempre observada em análises sobre concordância nominal ou verbal é a *saliência fônica* que parte do princípio de que quanto menor a diferença fônica entre as formas singular e plural, maior a tendência a cancelar a marca de número. Na amostra, 66 dados correspondem a formas regulares de plural, com 22 ocorrências (33,3%) de ausência de marca. Entre os 9 casos de formação irregular, 3 de não marcação (também 33,3%), encontram-se duas ocorrências de *fácil* (ambas sem marca); duas de *difícil* (uma com marca, outra sem marca), duas de *morto* e duas de *português*, estas com as marcas de plural (*m[ɔ]rtos, portugueses*).

A última variável que cabe comentar diz respeito à forma do verbo: construções que se seguem a verbos no plural (67 ocoss) ou no singular (8 ocoss) apresentam, respectivamente, 19 (28,4%) e 6 (75%) casos de ausência de marca, o que, de certa forma, sugere, em certo grau, a atuação do princípio de *coesão estrutural* apontado por Lucchesi (2000, *apud* ANTONINO, 2012, p. 93-95): verbo com marca de plural → maior tendência à EPP com marca de plural; verbo sem marca de plural → maior tendência à EPP sem marca de plural).

COMPARANDO E COMPLEMENTANDO ANÁLISES: A NÃO MARCAÇÃO DE PLURAL EM EPPS E EM SNS NO PST

Para complementar a análise das EPPs, alicerçada em um diminuto número de dados (75), procedeu-se a uma nova observação da amostra de Brandão (2011b), por informante, desta vez levando em conta cada SN como um todo por número de constituintes e indicando os que apresentavam pelo menos uma marca de não aplicação do plural. Verificou-se que o *corpus* desse estudo era constituído de um total de 1.251 SNs, sendo 1.061 (84,%) de 2 constituintes, 168 (13,4%), de três e 22 de quatro ou cinco (1,75%).

Assim como nas amostras de modalidade falada de quaisquer variedades do Português, na amostra em foco o número de SNs de três ou mais constituintes é escasso, predominando os de dois constituintes, sendo também reduzido, como já se observou, o número de EPPs em entrevistas de perfil sociolinguístico. O pequeno número de dados, no entanto, permite a observação não apenas quantitativa, mas

também qualitativa do fenômeno, em especial em relação à performance de cada indivíduo que concorreu para a amostra.

Retomando o Quadro 1, agora organizado em duas tabelas, expõem-se os índices de não marcação de número por informante de nível fundamental (Tabela 7) e médio (Tabela 8) de instrução nas EPPs aqui focalizadas e nos SNs que embasaram o referido estudo de Brandão (2011b), considerados não atomisticamente (os espaços tracejados indicam que não se obtiveram ocorrências).

Tabela 7 – Índices de não marcação de número em EPPs e SNs (segundo o número de seus constituintes) na fala de 11 indivíduos de nível fundamental de instrução (PST)

Nível 1 (Fundamental)						
Faixa	Sexo	Informante	EPP	SN-2	SN-3	SN-4
A	H	ST-A-1-h-a	7/9 = 77,8%	18/95 = 18,9%	12/17 = 70,5%	3/4 = 75%
		ST-A-1-h-b	1/1 = 100%	12/33 = 36,6	3/4 = 75%	1/1 = 100%
	M	ST-A-1-m-a	----	24/44 = 54,5%	0/6 = 0%	----
		ST-A-1-m-b	3/5 = 60%	39/57 = 68,4%	8/12 = 66,6%	2/2 = 100%
B	H	ST-B-1-h-a	1/1 = 100%	16/19 = 84,2%	-----	----
		ST-B-1-h-b	0/3 = 0%	6/29 = 20,6%	1/3 = 33,3%	----
	M	ST-B-1-m-a	----	11/29 = 37,9%	0/4 = 0%	----
		ST-B-1-m-b	2/4 = 50%	21/63 = 33,3%	7/10 = 70%	1/1 = 100%
C	H	ST-C-1-h-a	2/2 = 100%	28/43 = 65,1%	2/3 = 66,6%	----
	M	ST-C-1-m-a	1/4 = 25%	3/20 = 15%	0/5 = 0%	----
		ST-C-1-m-b	----	7/11 = 63,6%	----	----
Totais parciais			17/29	185/443	33/39	7/8
			58,6%	41,7%	84,6%	87,5%

Fonte: Para os SNs, Brandão (2011b).

Tabela 8 – Índices de não marcação de número em EPPs e em SNs (segundo o número de seus constituintes) na fala de 11 indivíduos de nível médio de instrução (PST)

Nível 2 (Médio)						
Faixa	Sexo	Informante	EPP	SN-2	SN-3	SN-4
A	H	ST-A-2-h-a	5/10 = 50%	12/107 = 11,2%	1/25 = 4%	0/4 = 0%
		ST-A-2-h-b	0/5 = 0%	2/38 = 5,2%	1/4 = 25%	----
	M	ST-A-2-m-a	0/6 = 0%	5/50 = 10%	1/12 = 8,35	1/3 = 33,3%
		ST-A-2-m-b	0/3 = 0%	1/37 = 2,7%	1/10 = 11,1%	----
B	H	ST-B-2-h-a	0/5 = 0%	2/33 = 6%	0/3 = 0%	0/1 = 0%
		ST-B-2-h-b	0/3 = 0%	0/24 = 0%	0/4 = 0%	0/1 = 0%
	M	ST-B-2-m-a	----	2/76 = 2,6%	1/9 = 11%	2/3 = 66,6%
		ST-B-2-m-b	0/2 = 0%	2/59 = 3,3%	1/7 = 14,2%	----

C	H	ST-C-2-h-a	0/2 = 0%	3/82 = 3,6%	3/17 = 17,6%	----
		ST-C-2-h-b	3/7 = 42,9%	7/66 = 10,6%	3/10 = 30%	1/1 = 100%
	M	ST-C-2-m-a	0/2 = 0%	1/46 = 2,1%	0/3 = 0%	0/2 = 0%
Totais parciais			8/46	37/618	12/104	4/15
			17,4%	5,9%	11,5%	26,%

Fonte: Para os SNs, Brandão (2011b).

A observação de cada tabela demonstra, em seus totais parciais, que, em qualquer das estruturas focalizadas, são os indivíduos de nível fundamental de instrução os que mais concorrem para a não aplicação da marca de plural, quer no âmbito das EPPs (58,6%), quer no dos SNs (SN-2: 41,7%; SN3: 84,6%; SN 4/5 = 87,5%).

Entre os falantes de nível médio, cujas EPPs apresentam 17,4% de cancelamento da marca, os índices relativos aos SNs mantêm a mesma escala progressiva de cancelamento a depender do número crescente de constituintes do SN: SN2: 5,9%; SN3: 11,5%; SN3: 26%.

Por outro lado, no que se refere especificamente às EPPs:

- (a) apenas um indivíduo de nível fundamental – ST-B-1-h-b – aplicou a marca de número nas 3 ocorrências com que contribuiu para a amostra;
- (b) entre os 10 informantes de nível médio que apresentaram ocorrência de EPPs, oito aplicaram a marca categoricamente (ST-B-2-h-b, inclusive, em todos os tipos de SNs) e apenas dois a cancelaram – ST-A-2-h-a (50%) e ST-C-2-h-b (42,9%), com índices bastante semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, apesar do reduzido número de dados referentes às EPPs, pôde-se verificar que, na fala de São Tomé, a marcação de plural é variável, corroborando os resultados obtidos na análise no âmbito do SN, em que fatores de ordem estrutural e social são atuantes, entre os últimos destacando-se os relacionados a *nível de instrução e frequência de uso de um crioulo*, a primeira e a terceira variáveis selecionadas na análise variacionista. Fica claro que são os indivíduos que menos frequentaram a escola os que menos implementam a marca de plural, o mesmo ocorrendo com aqueles que têm maior contato com um crioulo.

Quanto à aferição dos condicionamentos estruturais, mostrou-se relevante a variável *características formais do sujeito da construção*, selecionada em segundo lugar no estudo de Scherre (1991), embora sem que se observasse a ação

do paralelismo formal. A reorganização dos fatores da variável indica que há maior probabilidade de não aplicação da marca quando o sujeito está explícito e apresenta marca semântica e/ou morfológica de pluralidade.

Análises sobre a concordância no SN em variedades africanas do Português têm demonstrado comportamento similar ao que se constata em diferentes variedades do PB, quanto aos padrões observados e às variáveis que os condicionam, devendo-se salientar que as de cunho social (sobretudo *nível de escolaridade*) sempre se mostram altamente significativas, retratando o que, em relação ao PB, Lucchesi (2015, entre outros de seus trabalhos) tem denominado de polarização sociolinguística, reflexo do contato multilíngue que ocorreu (e ainda ocorre) na fase da colonização.

Embora a norma de referência do PST seja, em termos oficiais, o Português Europeu, em que a regra de concordância no SN, na variedade urbana, é categórica, como sugere Brandão (2013), a nascente norma santomense dela se afasta, certamente em função da história sociolinguística do país, marcada pelo contato multilíngue, em que o Forro, certamente, representa papel importante.

Em trabalhos de Hagemeyer (2009, 2018), bem como em Araújo (2020), há indicações sobre como se vêm delineando (ao que tudo indica, de forma acelerada) as normas que regem o uso do Português em São Tomé, cada vez mais adotado em detrimento dos crioulos, sobretudo do Forro, a língua antes mais difundida e caracterizada por alguns informantes da pesquisa como “a língua nacional”.

Hagemeyer (2009), que já havia comentado a diversidade de normas que coexistem no PST (cf. citação no item referente à caracterização da comunidade de São Tomé), sintetiza (2018, p. 182) o quadro atual, bem diferente daquele de um “passado recente em que o português era L2 para a maioria dos habitantes das ilhas”:

Os anos coloniais lançaram as bases para o boom do Português, após a independência em 1975. O Português tornou-se o incontroverso idioma oficial, que é usado na administração, educação, mídia, etc. A maior mobilidade social aumentou a exposição a esta língua, que se tornou amplamente utilizada em domínios formais e informais. Como consequência, o número de falantes de Português como L1 cresceu rapidamente e levou a um aumento do monolinguismo em Português. Este caso de mudança massiva para a antiga língua colonial e sua consequente nativização é atípica no contexto africano, mas também pode ser observado em outras ex-colônias portuguesas em África, em particular em Angola e, a um ritmo mais lento, em Moçambique.⁸

⁸ The colonial years laid the foundations for the boom of Portuguese, following independence in 1975. Portuguese became the uncontroversial official language, which is used in administration, education, the media etc. Higher social mobility increased exposure to this language, which

Apesar dos parcos (*maus*) dados no que tange às EPPs, deles buscou-se fazer o melhor uso possível como uma contribuição para o conhecimento da dinâmica da (não)marcação de plural no PST e, por extensão, na das demais variedades não europeias do Português, que, quanto aos temas aqui abordados, parecem apresentar significativas convergências, entre as quais as que dizem respeito ao contato multilinguístico como um dos fatores determinantes da construção de suas normas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Evanilda Marins. *A variação da concordância nominal num dialeto rural*. 1997. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.
- ANTONINO, Vivian. *A concordância nominal no predicativo do sujeito e estruturas passivas no português popular no interior do estado da Bahia*. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- ANTONINO, Vivian. *Português popular de Salvador: uma análise da concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas*. 2012. 189f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ARAUJO, Gabriel Antunes. Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n° 1, p. 57-78, 2020.
- BRAGA, Maria Luiza. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1978. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica-RJ, Rio de Janeiro, 1978.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*, v. 15, n. 1, p. 164-178, 2011a.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *O cancelamento da marca de número nominal na variedade urbana não standard do Português de São Tomé*. Comunicação

became widely used in both formal and informal domains. As a consequence the number of L1 Portuguese speakers grew fast and led to increasing monolingualism in Portuguese. This case of massive shift to the former colonial language and its consequent nativization is atypical in the African context, but can also be observed in other former Portuguese colonies in Africa, in particular in Angola and, at a slower pace, in Mozambique.

apresentada ao XVI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (ALFAL). Alcalá de Henares, 6-9 de junho, 2011b.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Patterns of agreement within the Noun Phrase. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 51-100, 2013.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 203-244.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. The agreement continuum in urban samples of African, Brazilian and European varieties of Portuguese. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de. *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 267-289.

ESPÍRITO SANTO, Carlos. O crioulo Forro. *Revista Camões*, Lisboa, v. 1, p. 54-59, 1998.

FURTADO, Bárbara Amaral de Andrade. *A concordância de número em predicativos do sujeito: variação linguística em Fortaleza*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GONÇALVES, Rita; HAGEMEIJER, Tjerk. O português num contexto multilíngue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, Maputo, v. 1, n. 1, p. 87-107, 2015.

GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian portuguese: aspects of the Phonology, Syntax, and Language History*. 1981. 391 f. Ph.D. dissertation. (Ph.D in Linguistics) Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.

HAGEMEIJER, Tjerk. As línguas de São Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, Macau, v.1, n.1, p. 1-27, 2009.

HAGEMEIJER, Tjerk. From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de. *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 169-184.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – INE, São Tomé e Príncipe. Disponível em: <https://www.ine.st/>. Acesso em: 15 abr. 2012.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. V. I: Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. V. II: Social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, Richard. *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

LUCCHESI, Dante. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no contexto da história sociolinguística do Brasil. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia. *Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2008. p. 148-168.

LUCCHESI, Dante. A concordância em estruturas passivas e de predicativo do sujeito. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan.; RIBEIRO, Ilza. *O Português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 373-387.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Fabiane Rodrigues. São Tomé e Príncipe: aspectos históricos, econômico-sociais e linguísticos. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 43-73.

SALOMÃO, Mircia Hermenegildo. A marcação de pluralidade no SN em contexto predicativo do noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 671-685, maio-ago. 2010.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica-RJ, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância de número em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 v., 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua portuguesa*, Lisboa, v. 12, p. 37-49, 1994.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SOARES, Paulo Vitor Lima da Gama. *Concordância de número em estruturas predicativas/passivas no Português de São Tomé: resultados preliminares*. Comunicação apresentada à 42ª Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, março de 2021.

VAZZATA-DIAS, Juçá Fialho. *A concordância de número nos predicativos e participios passivos na fala da região sul: um estudo variacionista*. 1996. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras/ Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

VAZZATA-DIAS, Juçá Fialho. A concordância de número nos predicativos/participios passivos na fala do Sul do Brasil – motivações extralinguísticas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 209-228, 2000.

VAZZATA-DIAS, Juçá Fialho; FERNANDES, Marisa. A inter-relação da concordância nominal e da concordância nos predicativos/participios passivos, sob o enfoque da Teoria da Variação e Mudança Linguística. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 115-131, 2000.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BAZENGA, Aline. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisbon, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Martin. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, Winfred.; MALKIEL, Yakov. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

COMPLÉMENT D'UNE ÉTUDE SUR L'ACCORD DE NOMBRE NOMINAL DANS LA VARIÉTÉ URBAINE DU PORTUGAIS DE SÃO TOMÉ : STRUCTURES PRÉDICATIVES/ PASSIVES

Silvia Figueiredo Brandão

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Paulo Vitor Lima da Gama Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAPERJ

L'accord de nombre (nominal et verbal) est l'un des sujets les plus discutés dans le contexte du Portugais Brésilien (ci-après PB), car non seulement c'est l'un des paramètres les plus emblématiques de la distinction entre les variétés européenne et brésilienne, mais aussi parce que, dans la dernière, il constitue une règle variable dans tous les parlars régionaux et sociaux. De plus, au Brésil, notamment en milieu urbain, le fait de ne pas faire l'accord de nombre est l'objet d'une évaluation négative de la part de certains locuteurs, qui le stigmatisent souvent car il apparaît plus fréquemment dans le discours d'individus de niveau d'éducation inférieur et/ou d'origine rurale ou rurale.

En ce qui concerne l'accord nominal en PB, depuis les premières études qui l'ont traité d'un point de vue sociolinguistique, il a été montré qu'en plus des schémas d'accord parfaits, comme (i) *os meus irmãos* (mes frères), il y a d'autres structures variables comme (ii) *aquelas coisas boas*, (ces bonnes choses), (iii) *as ideia interessante* (les idées intéressantes) et (iv) *os menino* (les garçons) / *dois menino* (deux garçons), ces derniers, des Syntagmes Nominaux (SN) de deux constituants, les plus productifs dans la modalité parlée.

Cette complexité est déterminée par des facteurs liés, d'une part, à la structure du SN et aux changements morphophonologiques résultants du mécanisme de flexion, et, d'autre part, à des facteurs liés à des caractéristiques des locuteurs (parmi lesquelles, le sexe, l'âge, le niveau d'instruction, la zone d'origine ou de résidence), à la situation d'intercommunication (formelle, informelle), et la modalité de langue (parlée, écrite).

En 2008-2009, la perspective d'observer la variation de nombre dans des variétés du portugais à profil urbain a incité les chercheurs de trois universités – celles de Lisbonne, Fédérale de Rio de Janeiro et de Madère – à mener des recherches comparatives entre les variétés brésiliennes, africaines et européennes (continentales et insulaires), en commençant par l'accord nominal et l'accord verbal à la troisième personne du pluriel. Sur la base des analyses réalisées à partir de *corpora*, pour la plupart, organisées par les membres du projet qui s'est alors constitué – Étude comparative des normes d'accord dans les variétés africaines, brésiliennes et européennes –, il a été constaté que, contrairement au Portugais Européen (ci-après PE) urbain, dans lequel la règle d'accord semble être catégorique au sein du SN (BRANDÃO, 2013) et semi-catégorique par rapport au verbe à la troisième personne du pluriel (VIEIRA ; BAZENGA, 2013), les variétés non-européennes ont des normes variables similaires, dans la mesure où la présence ou l'absence de la marque du pluriel obéit à de fortes restrictions structurelles et sociales (BRANDÃO, 2011a, 2011b, 2013, 2018 ; BRANDÃO ; VIEIRA, 2018, entre autres).

Cependant, dans le cadre de ce projet, l'accord de nombre qui s'établit (a) entre le participe passif et le sujet de la construction et (b) entre le SN ou le Syntagme Adjectival (comme prédicatifs) et (i) le sujet ou (ii) l'objet n'a pas été abordé.

Les phrases suivantes servent d'exemple pour des structures qui sont analysées dans cette étude : (a) *minhas músicas são feitas em português* (mes chansons sont faites en portugais) / *meus filho foi batizado no católico* (mes fils ont été baptisés à l'église catholique) ; (b) *elas são professoras* (ce sont des enseignantes) / *nós somos compadre e fala dialeto* (nous sommes compères et parlons un dialecte) ;

as praias são muito bonitas (les plages sont très belles) / *aulas naquele tempo era diferente* / les classes à cette époque étaient différentes) ; *as crianças chegaram assustadas* (les enfants sont arrivés effrayés) / *as pessoas chegaram muito cansada* (les gens sont arrivés très fatigués).

Ainsi, afin d'élargir et de compléter les connaissances sur la dynamique de l'accord, le (non)marquage du nombre pluriel dans les structures prédicatives/passives (ci-après EPPs) dans la variété urbaine du Portugais de São Tomé (ci-après PST) est analysé quantitativement et qualitativement, comparant ses résultats à ceux obtenus par Brandão (2011b) dans son analyse sur l'accord dans les constituants du SN.

São Tomé est la capitale de la République Démocratique de São Tomé et Príncipe, un archipel situé dans le golfe de Guinée, sur la côte ouest de l'Afrique et composé principalement des deux îles qui donnent son nom au pays. Avec un total de 1 001 km², elle compte 197 700 habitants, selon le recensement de 2017 (INE). Actuellement, la majorité de la population (67,7 %) vit en zone urbaine, avec un taux d'alphabétisation d'environ 90,1 %. Dans le pays, il existe quatre établissements d'enseignement supérieur, dont un public. Dans la capitale, São Tomé, où se trouve le principal port du pays, les principales activités commerciales ont lieu, malgré sa structure précaire.

Au pays, il y a aussi, en plus de quatre créoles de base lexicale portugaise – le forro (ou santomé) et l'angolar, tous les deux sur l'île de São Tomé, le lung'ie (ou principense) sur l'île du Príncipe et le fa d'ambô (ou anobonense), sur l'île de Ano Bom (province de Guinée Équatoriale) – le portugais des Tongas, le cap-verdien (créole de base portugaise, originaire du Cap-Vert) et « vestiges de langues du groupe bantou » (HAGEMEIJER 2009, p. 1).

Ainsi, l'intérêt de l'étude du PST réside, entre autres aspects, dans l'observation, dans les normes en construction de cette variété, d'un impact possible du contact entre portugais et créoles, en particulier, avec forro, puisqu'entre autres pays africains qui ont le portugais comme langue officielle, c'est la seule variété parlée comme L1 ou L2 par la majorité de la population.

L'analyse des EPPs a été réalisée à la lumière des hypothèses théorico-méthodologiques de la Théorie de la Variation et du Changement (WEINREICH ; LABOV ; HERZOG, 1968), à partir de données recueillies d'entretiens de profil sociolinguistique réalisés en 2009 et appartenant au CORPUS VAPOR (Variétés de Portugais), du Centre de Linguistique de l'Université de Lisbonne.

Les informateurs, au nombre de 22, sont répartis par sexe/genre, trois tranches d'âge (A-18-35, B-36-55 et C-56-75 ans) et deux niveaux d'enseignement (primaire

et secondaire), deux par cellule, à l'exception du groupe plus âgé (C), dans lequel il n'y a qu'un informateur masculin avec une éducation primaire et une femme avec une éducation secondaire. La *fréquence variable d'utilisation d'un créole* (en général, forro) a également été contrôlée pour vérifier si sa fréquence plus ou moins grande impliquait une probabilité plus ou moins grande de ne pas marquer le pluriel. La variable se composait de 3 facteurs : Fréquence Ø (FØ), nulle ou faible, – les individus s'expriment principalement en portugais ; Fréquence 1 (F1), moyenne – les individus s'expriment en portugais, mais dominant un créole et en font un usage occasionnel ; Fréquence 2 (F2), élevée – les individus, bien qu'ils parlent portugais, s'expriment régulièrement en créole.

En plus des quatre variables extralinguistiques décrites ci-dessus, les neuf variables structurelles considérées par Scherre (1991) ont été contrôlées : *structure prédicative* ; *parallélisme formel des séquences de prédicats/participes dans le discours* ; *processus morphophonologiques de formation du pluriel* ; *tonicité du mot au singulier* ; *caractéristiques formelles du sujet de construction* ; *caractéristiques formelles du verbe de la construction* ; *ordre des éléments dans la structure* ; *matériel intervenant entre le verbe et le prédicatif/participe* ; *type de structure* (active, passive).

Sur les 22 entretiens, dont la durée varie de 25 à 55 minutes, seules 75 données ont été obtenues, ce qui s'explique par la faible productivité, dans les entretiens sociolinguistiques, des types de structures représentées ici. Sur les 22 informateurs, quatre n'avaient pas d'EPP dans, respectivement, 25,5 ; 23,14 ; 5,18 et 14,2 minutes d'entrevue, les plus brèves du *corpus*. En revanche, le nombre d'occurrences par individu variait d'une à dix, non pas nécessairement en fonction de la durée d'enregistrement, mais des thèmes abordés.

L'analyse des données soumises au programme Goldvarb-X a indiqué que, globalement, dans le discours populaire urbain de São Tomé, l'absence de la marque du pluriel affecte 25 des 75 occurrences d'EPPs (33,3 %), étant conditionnée par les variables *niveau d'éducation*, *caractéristiques formelles du sujet de la construction* et *fréquence d'utilisation d'un créole*.

Compte tenu, d'une part, du très petit échantillon et, d'autre part, du nombre expressif de variables, il a été nécessaire de regrouper les facteurs (comme ce fut le cas pour les deuxième et troisième variables sélectionnées), et de procéder à une analyse ponctuelle de caractère qualitatif.

Concernant le *niveau d'instruction*, également sélectionné en premier dans l'étude de Soares (2021), les individus ayant un niveau d'instruction élémentaire (17/29 données, 58,6 %, P.R. 0.695) sont ceux qui utilisent le moins le morphème

pluriel. La deuxième variable sélectionnée, de nature structurelle – *les caractéristiques formelles du sujet de la construction* – était initialement composée de 8 facteurs, soit deux de plus que ceux suggérés par Sherre (1991). L'observation attentive du nombre des données et des fréquences de marquage et de non-marquage du pluriel au sein de ce groupe a permis de réduire les facteurs à seulement deux : sujet explicite marqué et sujet (non) explicite non marqué. On a vérifié que le premier d'entre eux était le plus actif pour l'annulation de la marque du pluriel (20/39 données, 51,3%, PR .751), ce qui a prouvé l'hypothèse initiale selon laquelle plus le sujet (élément à sa gauche) présentait une marque plurielle morphologique ou sémantique plus grande serait la tendance à annuler la marque numérique dans les EPPs.

Le croisement des deux variables évoquées est également instructif quant au fait que les locuteurs les moins instruits sont ceux qui conduisent l'annulation du morphème du pluriel s'il est déjà explicite à gauche (13/16 occurrences, 81%), ce qui est dans la lignée de ce qui est observé dans le SN, dans lequel la marque du pluriel a son contexte par excellence dans le *locus* gauche, étant moins fréquente plus à droite (ex : *os menino atrevido* (les garçons insolents).

Une autre variable qui s'est révélée significative dans les analyses du PST est la *fréquence d'utilisation d'un créole*, composée de trois facteurs qui cherchent à évaluer le contact de l'individu avec d'autres langues, notamment le forro. Tous les informateurs qui ont présenté des données de EPPs et ayant déclaré qu'ils parlent essentiellement le portugais (F0), ont appliqué la marque du pluriel (24 occurrences). La variation se retrouve chez les individus qui, bien que lusophones, utilisent occasionnellement un créole (F1) ou s'expriment régulièrement dans l'une de ces langues (F3).

Pour compléter l'analyse des EPPs, basée sur un petit nombre de données (75), une nouvelle observation de l'étude de Brandão (2011b) a été réalisée par l'informateur, prenant cette fois en compte chaque SN dans son ensemble par nombre de constituants et en indiquant ceux avec au moins une marque de non-application du morphème du pluriel. Il a été constaté que le *corpus* de cette étude se composait d'un total de 1.251 SNs, dont 1.061 (84%) de deux constituants (SN2), 168 (13,4%) de trois (SN3) et 22 de quatre ou cinq (SN4/5) : 1,75%.

Dans l'article, on présente, en deux tableaux, les index d'absence du morphème du pluriel en EPPs et SNs (selon le nombre de leurs constituants) dans le discours des 11 informateurs de niveau élémentaire (tableau 7) et 11 de niveau secondaire.

L'observation de chaque tableau démontre, dans leurs totaux partiels, que, dans l'une ou l'autre des structures abordées, les individus ayant un niveau d'éducation

fondamental sont ceux qui se disputent le plus la non-application du pluriel, soit dans le cadre des EPPs (58,6%), ou dans les SNs (SN-2 : 41,7% ; SN3 : 84,6% ; SN 4/5 = 87,5%).

Parmi les informateurs de niveau intermédiaire, dont les EPPs présentent 17,4% d'annulation de la marque du pluriel, les taux liés aux SNs conservent la même échelle d'annulation progressive en fonction du nombre croissant de constituants du SN : SN2 : 5,9% ; SN3 : 11,5% ; SN4/5 : 26%.

En revanche, en ce qui concerne spécifiquement les EPPs : (a) un seul individu de niveau fondamental a fait le pluriel dans les 3 occurrences avec lesquelles il a contribué à l'échantillon ; (b) parmi les 10 informateurs de niveaux intermédiaires qui ont présenté d'occurrences de EPPs, huit ont appliqué la marque du pluriel de façon catégorique (dont un, y compris, dans tous les types de SN) et seulement deux l'ont annulée - ST-A-2-ha (50%) et ST-C-2-hb (42,9 %), avec des indices très similaires.

En conclusion, il a été possible de vérifier que, dans la variété de São Tomé, le marquage du pluriel est variable, corroborant les résultats obtenus dans l'analyse au sein du SN, dans laquelle des facteurs structurels et sociaux sont actifs. Parmi ces derniers, se distinguent ceux liés au niveau d'instruction et à la fréquence d'utilisation d'un créole (première et troisième variables retenues dans l'analyse variationniste). Il est clair que les individus qui ont le moins fréquenté l'école sont ceux qui appliquent le moins la marque du pluriel, de même que ceux qui ont le plus de contacts avec un créole.

Quant aux conditionnements structurels, *les caractéristiques formelles du sujet de la construction*, retenues en deuxième position dans l'étude de Scherre (1991), sans toutefois observer l'action du parallélisme formel, se sont avérées pertinentes. La réorganisation des facteurs de la variable indique qu'il y a une plus grande probabilité de ne pas appliquer le morphème du pluriel lorsque le sujet est explicite et présente une marque sémantique et/ou morphologique de pluralité.

Les analyses sur l'accord dans le SN dans les variétés africaines du portugais ont montré un comportement similaire à celui observé dans différentes variétés du PB, en ce qui concerne les normes observées et les variables qui les conditionnent. Il est à noter que ceux de nature sociale (notamment *niveau d'éducation*) sont toujours très significatives, décrivant ce que, en relation au PB, Lucchesi (2015, entre autres travaux) a appelé la polarisation sociolinguistique, reflet du contact multilingue qui s'est produit (et se produit encore) dans la phase de colonisation.

Bien que le standard de référence du PST soit, en termes officiels, le PE, dans lequel la règle d'accord dans le SN, dans la variété urbaine, est catégorique,

comme le suggère Brandão (2013), le standard santoméen naissant s'en écarte, certainement en fonction de l'histoire sociolinguistique du pays, marquée par le contact multilingue, dans laquelle le forro joue certainement un rôle important.

Il y a des indications (HAGEMEIJER, 2009, 2018 ; ARAUJO, 2020), sur la façon dont les normes qui régissent l'utilisation du portugais à São Tomé sont en train d'être définies (apparemment, de manière accélérée) au détriment des créoles, en particulier du forro, la langue autrefois plus répandue et caractérisée par certains informateurs de cette recherche comme « la langue nationale ». Hagemeyer (2009), qui avait déjà commenté la diversité des normes qui coexistent dans le PST, caractérise la situation actuelle (2018, p. 182) comme assez différente de celle d'un « passé récent dans lequel le portugais était L2 pour la plupart des habitants des îles. »

Malgré le peu de (mauvaises) données concernant les EPPs, on a cherché à en faire le meilleur usage possible comme contribution à la connaissance de la dynamique du (non)marquage du pluriel dans le PST et, par extension, dans les autres variétés non européennes du portugais qui, en ce qui concerne les thèmes abordés ici, semblent présenter des convergences marquantes, parmi lesquelles celles concernant le contact multilingue, l'un des facteurs, sans doute, déterminants dans la construction de ses normes.

RÉFÉRENCES

ARAUJO, Gabriel Antunes. Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n° 1, p. 57-78, 2020.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*, v. 15, n. 1, p. 164-178, 2011a.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *O cancelamento da marca de número nominal na variedade urbana não standard do Português de São Tomé*. Comunicação apresentada ao XVI Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (ALFAL). Alcalá de Henares, 6-9 de junho, 2011b.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Patterns of agreement within the Noun Phrase. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 51-100, 2013.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo.

Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 203-244.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. The agreement continuum in urban samples of African, Brazilian and European varieties of Portuguese. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de. *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 267-289.

HAGEMEIJER, Tjerk. As línguas de São Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, Macau, v. 1, n. 1, p. 1-27, 2009.

HAGEMEIJER, Tjerk. From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de. *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 169-184.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA –INE, São Tomé e Príncipe. Disponível em: <https://www.ine.st/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil.* São Paulo: Contexto, 2015.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.

SOARES, Paulo Vitor Lima da Gama. *Concordância de número em estruturas predicativas/passivas no Português de São Tomé: resultados preliminares.* Comunicação apresentada à 42ª Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, março de 2021.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BAZENGA, Aline. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisbon, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Martin. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, Winfred.; MALKIEL, Yakov. *Directions for historical linguistics.* Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS DO PORTUGUÊS ANGOLANO E DO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO REVISITADAS¹

Ana Maria Brito

Universidade do Porto

Resumo: O texto analisa alguns aspetos sintáticos das construções ditransitivas em duas variantes africanas do português, o Português Angolano e o Português Moçambicano, em comparação com o Português Europeu, à luz de dados recentemente recolhidos no quadro do projeto PALMA (*Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português*). Os dados recolhidos mostram que algumas tendências referidas na bibliografia para ambas as variantes não são atualmente muito produtivas, que há algum fator de animacidade que marca a escolha das preposições, apontando os fenómenos para uma crescente nativização do Português em Angola e Moçambique. Desse modo, tanto no PA como no PM a hipótese do contacto de línguas parece pesar menos do que foi proposto por alguns autores. Discute-se brevemente a estrutura das construções ditransitivas, propondo-se que o OI ocupa na base a posição de especificador de

¹ Este texto é parte da apresentação feita na *Conferência Internacional Horizontes do Português*, organizada pela FLCSH, Universidade Púnguè, Chimoió, Moçambique, a 4 de Maio de 2021; dado que não foram publicadas para já as Atas da Conferência, obtive autorização dos organizadores para a publicação deste texto. Agradeço ao Tjerk Hagemeyer, à Rita Gonçalves e às bolsistas do projeto PALMA a colaboração no mês de Março de 2021 no que diz respeito à consulta dos dados e a outros elementos sociolinguísticos.

uma projeção verbal baixa e que os movimentos do V e do SN OD dão conta da ordem não marcada V SN SPREP.

INTRODUÇÃO

Como resultado de um longo processo evolutivo a partir do Latim, o Português perde a flexão casual nos sintagmas nominais, sendo as funções sintáticas dos constituintes na frase dadas pela ordem de palavras, pelos artigos e pela presença de preposições.

Como é sabido, o Português Europeu (PE) exhibe várias construções ditransitivas, ilustradas em (1), de que se destaca o uso da preposição *a* para exprimir o Objeto Indireto (OI) e o emprego de clíticos dativos, que por vezes aparecem redobrados por um outro pronome, como em (1c):²

(1)(a) A Maria deu um livro ao João.

(1)(b) A Maria deu-lhe um livro.

(1)(c) A Maria deu-lhe um livro a ele.

A preposição *a* como expressão de dativo é distinta de *para*; essa preposição pode mesmo co-ocorrer com *a*, com o significado de destinatário (último), como nos exemplos seguintes:

(2)(a) O José entregou uma carta à Maria para o pai (que está no hospital).

(2)(b) O José comprou um vestido à vendedora para o bebé.

Além dos chamados “*core dative verbs*” como *dar*, *oferecer*, e dos “*non-core dative verbs*” como *enviar*, *lançar* (cf. RAPAPORTT HOVAV e LEVIN, 2008), o dativo é também usado com verbos de dois lugares, como *telefonar* e *obedecer*, como em (3):

(3)(a) A Maria obedeceu à mãe.

(3)(b) A Maria telefonou à mãe.

As construções ditransitivas têm sido objeto de análise no Português Europeu (PE) por parte de inúmeros autores: Xavier (1989), Vilela (1995), Duarte (2003), Soares da Silva (2000), Brito (2008, 2010, 2014, 2015), Gonçalves (2016), entre outros.

² Neste texto não se analisa o problema da ordem de palavras, em particular a ordem marcada V SPREP SN, como em *A Maria deu ao João um livro*, geralmente usada com foco contrastivo sobre o *João*.

As variantes não europeias do Português mostram algumas diferenças relativamente ao paradigma exposto em (1), (2) e (3), tendo havido nas últimas décadas vários estudos sobre construções ditransitivas: para o Português do Brasil (PB), Torres Morais e Lima Salles (2010); para o Português de Moçambique (PM), Gonçalves (1990, 2004, 2010); para o português de São Tomé (PST), Gonçalves (2016); e para o Português de Angola (PA), Mingas (2000), Miguel (2019), Chavagne (2005) (entre muitos outros).

O objetivo do presente texto é analisar as variantes de Angola e de Moçambique à luz de dados recentemente recolhidos no quadro do projeto PALMA (*Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português*), a que pertenço, juntamente com investigadores portugueses e também angolanos e moçambicanos. O projeto é financiado pela FCT e tem como investigador responsável Tjerk Hagemeyer, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).³

O texto está organizado da seguinte maneira: na secção seguinte analiso as construções ditransitivas no PA; a seguir estudo o mesmo fenómeno no PM, a que se sucede a discussão dos dados e uma breve reflexão sobre a sintaxe das construções ditransitivas. O texto termina com as referências bibliográficas.

AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Algumas hipóteses anteriores

Nalguns dos trabalhos sobre o PA, vários autores referiram a tendência para uso da preposição *em* para marcar o OI; vejam-se os exemplos seguintes dados em Chavagne (2005, p. 224-225) e retomados em Brito (2008, 2010), em que a preposição *em* é o marcador do OI, quer como verbos de três argumentos (*entregar, dar*) (4), quer como verbos de dois argumentos (*telefonar, explicar*), como em (5):

(4)(a) Daí eles entregarem numa moça

(4)(b) deu na mãe a outra metade

(5)(a) telefonar na polícia

(5)(b) explicar no povo.

Tem sido também notado que outra tendência do PA é o uso generalizado da preposição *em* com verbos de movimento, como *chegar, ir*, como em (6):

³ *Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português* (PTDC/LLT-LIN/29552/2017) (em inglês: *Possession and location: microvariation in African varieties of Portuguese*).

(6)(a) Ela foi no mercado.

(6)(b) Ela chegou em casa.

O facto de uma mesma preposição, *em*, estar a exprimir o recipiente / a meta / o alvo humano com Vs ditransitivos de transferência de posse como *dar* e *entregar* e verbos com dois argumentos como *telefonar* e *explicar* e, ao mesmo tempo, exprimir o ponto de chegada de um movimento de direção inerente expresso por *ir*, *chegar* e outros Vs é muito interessante, e esse facto poderá justificar uma hipótese homogénea. Em Brito (2008, 2010), tentei formular uma hipótese de natureza semântica. A hipótese foi a seguinte: a preposição *em*, entre outros valores, significa o limite final de uma trajetória, concreta ou abstrata, quer seja combinada com verbos de movimento (*ir*, *chegar*), quer seja combinada com verbos de transferência de posse (*dar*, *entregar*).

Repare-se que essa hipótese repousa sobre uma propriedade de natureza semântica e nada tem a ver com a possível influência da gramática das línguas em contacto, contacto esse que, como sabemos, caracteriza a situação do PA, tal como a de outras variedades africanas do Português.

Explicações baseadas no contacto foram formuladas por Marques (1983), Mingas (2000), Chatelain (1888-9) (*apud* HAGEMEIJER, 2016). De acordo com os autores referidos, o Quimbundo e o Umbundu, entre outras línguas Bantu de Angola, têm três prefixos de classe locativos que se associam aos nomes. O prefixo locativo *ku-* do Quimbundo ou *ko-* do Umbundu, da classe nominal 17, ocorre tipicamente com a ideia de interioridade, tal como ilustrado nos seguintes exemplos, todos dados em Hagemeyer (2016, p. 55), que estou aqui a seguir muito de perto:

(7)(a) Mwene w-ala ku-bata (Quimbundu; MINGAS, 2000, p. 75)

Ele CS-estar LOC-casa

‘Ele está em casa’

(7)(b) Nga-bana ma-divuluku-a-thu (Quimbundu)

1as.PST-dar 6-livro LOC-2-pessoa

Nda-ka a-livuluko-ma-nu (Umbundu)

‘Dei os livros às pessoas’

De acordo com os autores citados, essa marcação dos argumentos quer locativos quer de meta da transferência de posse com o prefixo *ku* / *ko* estaria a influenciar a gramática do Português, língua que os angolanos têm em grande percentagem como L2.

Temos assim dois tipos de explicações distintas para a reestruturação da grelha argumental dos verbos e para o uso generalizado da preposição *em* com Vs de transferência de posse e verbos de movimento direcional.

No sentido de verificar estas e outras hipóteses e de desenvolver uma análise das construções dativas e das construções locativas no PA, no PM e no PST, está a ser desenvolvido nos últimos anos em Portugal o projeto PALMA, a que já anteriormente fiz referência.

ALGUNS DADOS DO PROJETO PALMA

Para este texto, realizei uma pesquisa no mês de Março de 2021 no *corpus* do PA e no *corpus* do PM do projeto PALMA.

Tendo limitado a análise às construções ditransitivas com o verbo *dar*,⁴ organizei os dados obtidos em cinco grupos, conforme a maneira como o OI é expresso:

- I. Construção V SN SPREP com a preposição ‘a’
- II. Construção V SN SPREP com a preposição ‘em’
- III. Construção V SN SPREP com a preposição ‘para’
- IV. Construção V SN SN (sem qualquer preposição)
- V. Construção V dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}.

Vejam os então alguns exemplos ilustrativos de cada uma das construções:

- I. Construções V SN SPREP com a preposição ‘a’:

Apresento apenas 9 (nove) exemplos representativos:⁵

(8) CPOL 08 D ... que damos a os professores para eles poderem *dar um acréscimo às nossas notinhas* para podermos transitar de classe

(9) CPOL 09 de muita luta – quem emprega são os privados que estão a *dar trabalho a outras pessoas* é que o governo também está a criar

(10) CPOL 09 a medida em que vão dever o salário – então nós vamos *dar o salário ao colega* e o colega vai receber

⁴ Tal escolha tem as suas vantagens – trata-se de um dos “*core dative verbs*” mais representativos – e, por outro lado, por ser no infinitivo, o sistema dá-nos facilmente os dados; mas a escolha também tem os seus problemas, pois encontrei muitas produções de DAR leve, de *dar* em expressões idiomáticas e em expressões mais ou menos lexicalizadas como *dar aulas*.

⁵ Identifiquei os exemplos com as siglas com que aparecem no *corpus*, tal como o consultei em Março de 2021.

- (11) CPOL 09 administrativa de a própria comunidade – os roubos esse é que vai *dar os dados XX concretos ao soba D*
- (12) CPOL 11 por mais que seja uma mãe solteira ainda é alguém que pode *dar algum contributo à sociedade* se se tiver oportunidade...
- (13) CPOL 12 as vezes não tem como dar um carro – não tem como *dar um um telefone novo ao filho* depois começam a surgir essas...
- (14) CPOL 12 eh *a educação que tem a as mãe a dar aos nossos filhos* – nós as mães agora a as vezes
- (15) CPOL 21 Nossos Super – não sei quê? – quer dizer estamos a *dar emprego a tanta gente* – todo mundo só quer é trabalhar em....
- (16) CPOL 45 agradar a um lado e – prejudicar o outro tem se dito *dar a César o qué de César e dar a Deus o qué de Deus D* sim senhor I e pronto

II. Construção V SN SPREP com a preposição ‘para’:

- (17) CPOL 09 ... porque só ele que pode *dar algumas soluções para esses problemas D* sim senhor
- (18) CPOL 09 tudo bem que não temos emprego mas o governo *não vai dar emprego para todo para todos* de uma só vez – tudo é
- (19) CPOL 24 e já não quer mais participar – não pode – tens que dar conforme todas *deram mil mil para ti* – também tens que dar

III. Construção V SN SPREP com a preposição ‘em’

- (20) CPOL 31 um picante não é ? ... *para dar o gosto na comida* – para quem gosta....
- (21) CPOL 36 eh – *importância é o valor não é? que vai se dar na mulher* em troca desse alambamento
- (22) CPOL 38 se for para dar sete mil sete mil damos se for *para dar cinco damos numa pessoa* sucessivamente assim cada mês uma pessoa....
- (23) CPOL 42 pessoas também / X com a sua palavra quando *num querem dar o dinheiro / XXX* saem prejudicados por exemplo...
- (24) CPOL 48 ‘ um bebé a sofrer a procura deo *pão que vai dar nos filhos* mas a as vezes são corridas também....

IV. Construção V SN SN (sem qualquer preposição)

(25) CPOL 28 está tapado – você vai ver – ah é *galinha que está afinal está dar o filho ou a irmã ou a mãe...*⁶

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como a lista dos exemplos já indica, foi com a preposição ‘a’ que encontrei mais enunciados e, surpreendentemente, com a preposição ‘em’ apenas encontrei, numa procura rápida, cinco exemplos a introduzir o OI.

De modo a perceber o que leva à diferenciação das preposições, importa analisar, em primeiro lugar, os traços semânticos do argumento OI, a que tematicamente corresponde o recipiente ou a meta.

Em muitos dos exemplos, a preposição *a* com OI representa um animado ou um humano, como em (13), aqui renumerado como (26):

(26) CPOL 12 as vezes não tem como dar um carro – não tem como *dar um um telefone novo ao filho* depois começam a surgir essas...

A mesma preposição surge em dois exemplos com OI não animado, como em (27):

(27)(a) *dar consistência ao farelo*

(27)(b) *dar um acréscimo às nossas notinhas* (no exemplo 8)

A preposição *para* surge com OI não animado, como em (28), por exemplo:

(28)(a) *dar algumas soluções para esses problemas* (no exemplo 17)

Mas também surge com um OI humano, como em (29):

(29)(a) não vai *dar emprego para todo para todos* de uma só vez – tudo é...

(29)(b) CPOL 24 e já não quer mais participar – não pode – tens que dar conforme todas *deram mil mil para ti* – (no exemplo 19)

Finalmente, a preposição *em* surge com OI humano, como em (30):

(30)(a) *importância é o valor não é? que vai se dar na mulher*

(30)(b) *dar sete mil sete mil damos se for para dar cinco damos numa pessoa*

(30)(c) *o pão que vai dar nos filhos*

⁶ O exemplo é pouco claro e, por isso, não sabemos se o SN em causa (*o filho ou a irmã ou a mãe*) é SU ou se é OI; por isso, o exemplo pode não ser representativo da Construção de Duplo Objeto, como à primeira vista parece.

Porém, ocorre também com um não animado, como em (31), ficando a dúvida se se trata de um argumento locativo ou de um verdadeiro OI:

(31) um picante não é? ... para *dar o gosto na comida* – para quem gosta...

É importante destacar que o predomínio da preposição *em* como expressão do OI em PA não se verifica neste *corpus* (contrariamente ao afirmado em bibliografia anterior), embora tal preposição esteja presente com “*core dative verbs*” e sugira uma leve tendência de efeito de (não) animacidade, como vimos anteriormente.

Gonçalves e Brito (2020) mostram que a preposição *a* é dominante com o V leve *dar*, como em *dar formação a*, *dar emprego a*, *dar educação a*, *dar contributo a*, não se tendo encontrado nenhum exemplo deste tipo de construção com *em*.

Encontrámos também um provérbio com a preposição *a* (cf. (16), repetido aqui como (32)):

(32) outro tem se dito *dar a César o que de César e dar a Deus o que de Deus* D sim senhor I e pronto (191, CPOL 45).

A partir de exemplos como este, poderia pensar-se que um dos fatores do uso de *a* é haver algum grau de lexicalização, como no provérbio em (32) e em combinações com o V *dar* leve: contudo, os dados com preposição *a* são tão numerosos e variados que a hipótese de lexicalização não dá conta inteiramente dos factos.

Não fizemos aqui uma análise fina de *kuou kua* nas Línguas Bantu em contacto com o PA, ficando a hipótese de se tratar de uma preposição e de um marcador de Caso em Quimbundu, como propõem Hagemeyer, Gonçalves, Miguel e Duarte (2019). De qualquer modo, o que o *corpus* consultado mostra é que a hipótese de influência do contacto de línguas não é tão evidente como proposta nalguma bibliografia.

Os autores indicados estudaram este tema sobretudo a partir de dados da tese de Miguel (2014), tendo comparado não só “*core dative verbs*” como *dar*, mas também “*non-core dative verbs*” como *ensinar* e, como vamos ver, os resultados encontrados foram muito semelhantes.

Em (33), apresentam-se alguns dos exemplos do referido trabalho, ilustrativos de uso de *em*, de *a* e de *para*, respetivamente:

(33)(a) São pessoas que *dão benção nas outras pessoas*.

(33)(b) Eles *dão muita importância a isso*.

(33)(c) *ensinar a minha língua nacional para as crianças*.

As conclusões principais dos autores sobre o PA foram as seguintes: com “*core-dative verbs*” como *dar* e OI recipientes [\pm ANIM], a preposição é *a*; com recipientes [+ANIM] e também com “*core dative verbs*” encontra-se *em* mas “esta não é a estratégia generalizada no PA para exprimir recipientes.” (minha tradução). Em relação à natureza do OI, os autores escrevem que “os quadros observados mostram efeitos de escolha de verbos e efeito de animacidade.” (minha tradução)

Os dados por mim recolhidos, como foram de *dar*, exclusivamente, não permitem concluir nada sobre a escolha do verbo; em relação a efeitos de animacidade mostram também uma tendência de uso de *em* para animados, mas só uma tendência, pois tanto encontramos *para dar o gosto na comida* como *o pão que vai dar nos filhos*.

No mesmo trabalho, Hagemeijer, Gonçalves, Miguel e Duarte (2019) dão-nos alguns exemplos de Quimbundu com “*core dative verbs*” (*dar*) e “*non-core dative verbs*”, como *enviar*:

(34)(a) Ngabana divulu kuaathu.

‘eu dei o livro às pessoas’

(34)(b) Ngabana divulu kudiloja.

‘eu dei o livro à loja.’

(34)(c) Ngatumikisa mukanda kua Nzwa.

‘eu enviei uma carta ao João’

Os exemplos, apesar de em número reduzido, indiciam uma certa tendência para uso do prefixo *kua* com OI animados e *ku* com não animados; tudo isto leva os autores a proporem que os “predicados com um traço de transferência de posse e ou de movimento desencadeiam o uso do marcador locativo *kù*”, tratando os marcadores de classe das Línguas Bantu (Quimbundu, em particular) como equivalentes a preposições marcadoras de caso (desenvolvendo DIARRA, 1990: 59).

No final da sua investigação, os autores concluem que “os traços do PA podem ser explicados por uma complexa interação entre contacto de línguas e propriedades gerais da gramática”, (minha tradução), posição com a qual concordo inteiramente.

Note-se ainda que o nosso *corpus* é rico em pronomes dativos em todas as suas formas, como no PE, sendo o pronome, como se espera, expressão das

peças do discurso (*me, te, nos*) ou de 3ª pessoa (*lhe, lhes*). Eis, a seguir, seis casos ilustrativos da construção V – Construção V dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}:⁷

V. Construção V dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}

(35) CPOL01... o Onjiva saiu em o mato para para trabalhar qualquer coisa *lhe dar algo de comer às crianças* D eh...⁸

(36) CPOL04 ... outras coisas diferente *lhe chamam de sanzaleira* D hem – *podes nos dar alguns pratos típicos de Angola?*

(37) CPOL 06 ... mano empresta x e em o fim de o mês *vou te dar os teus x* com mais qualquer coisa....

(38) CPOL 28 quimbandeiro mata pessoa D ah quimbandeiro I você tem que *lhe dar galinha*...

(39) CPOL 28 aqui em o caderno em o sabe quem que vai *te a dar trabalho* em esse momento...

(40) CPOL 29 em o terreno – está ali – *ele ele não te pode dar o dinheiro* exatamente....

Nota-se então que os resultados a que chegámos são bastante distintos dos referidos por vários autores que, nos anos 1980, 1990 e princípio do século XXI, destacaram a predominância de *em* para exprimir o OI no PA.

Talvez a explicação para essa discrepância se relacione com as variáveis sociolinguísticas dos falantes cujas produções foram recolhidas neste projeto.

Assim, no *corpus* do PA, encontrámos produções dos seguintes tipos de falantes:

⁷ Os pronomes dativos em causa surgem em ênclise, em próclise ou elevados para um V de reestruturação ou para um auxiliar, conforme os casos, mas não vou deter-me aqui na ordem de palavras.

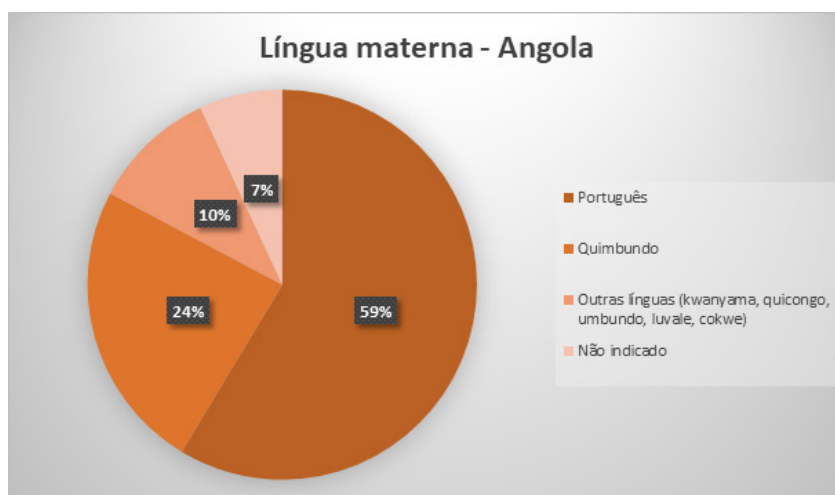
⁸ Note-se que no exemplo em causa parece haver redobro do OI com SN pleno, como em Espanhol, estratégia agramatical no PE, que só permite redobro com pronomes (*lhe ... a ele / ela*). Dado que foi encontrado apenas este exemplo e que não há uma total concordância quanto ao número (*lhe ... às crianças*), não consideramos este fenómeno relevante.

Quadro 1 – Género, idade e escolaridade dos falantes do PA pesquisados pelo projeto PALMA

Variáveis		Homens	Mulheres	Total informantes
Idade (Média♂: 37; Média♀: 38)	18-25	9	9	58
	26-35	6	6	
	36-45	6	6	
	46-69	9	7	
Nível de escolaridade	0 – 4.º ano	2	3	58
	5.º – 9.º ano	12	6	
	10.º – 12.º ano	8	7	
	Ensino superior	8	11	
	Não indicado	0	1	

Fonte: Autorial.

Quadro 2 – L1 dos falantes do PA pesquisados no projeto PALMA



Fonte: Autorial.

O Quadro 1 apresentado mostra que, em 58 falantes, 15 têm do 10º ao 12º ano e 19 estudaram em ensino superior, o que indica, logo à partida, que estamos a referir-nos a uma população com alguma formação escolar.

Do ponto de vista da língua materna dos falantes pesquisados, 59% têm o Português como L1; 24% o Quimbundu e, portanto, tais falantes têm o Português como

L2; 10% têm como L1 outras línguas de Angola, o que indica desde já que a população agora estudada poderá diferir da analisada por Mingas, Miguel, Cabral e Chavagne nos anos 1980, 1990 e princípio do século XXI.⁹

Assim, independentemente de uma análise formal mais fina das construções ditransitivas em PA, o facto de as expressões do OI mais frequentes nesta variedade serem idênticas às estratégias dominantes do PE (através do uso da preposição *a* e do uso de pronomes dativos) mostra o forte estatuto de nativização do Português em Angola, L2 para cerca de 70% a nível nacional, embora superior em contexto urbano e sobretudo muito falado por gerações jovens.¹⁰

CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Depois de traçar um breve panorama das construções ditransitivas com o verbo *dar* em PA, irei tratar agora o mesmo fenómeno no PM, de novo a partir dos dados do projeto PALMA.

Tal como em relação ao PA, encontrámos vários tipos de construção.¹¹

I. Construção V SN SPREP com a preposição ‘a’:

(41) PROJ 37 o quê que tem feito para / digamos / minimizar ou *dar uma melhor educação à sua filha?* ...

(42) PROJ41 mais e / tem que melhorar mais / no sentido de / *dar aquela moral aos professores* / não só professores....

(43) PROJ 47 porque nunca posso recorrer aos tempos / e *não dar nada ao meu filho* / porque eu também vivi mal...

(44) PROJ 52 ... tem aquela tradição de que / os pais é que *deviam dar o nome ao primeiro filho dele*

(45) PROJ 70 tem que aprender a organizar as coisas / a saber *que informação dar à gente* ... (aqui int. subordinada, o OD é *que informação*)

Repare-se desde já que, em todos os exemplos já citados, o OI é um animado ou um humano e, por isso, a presença da preposição *a* é esperada se se

⁹ Em cada folha Excel do projeto PALMA é possível identificar a L1 de cada um dos entrevistados, mas não o fiz na análise que vai seguir-se.

¹⁰ Num total de 25, 7 milhões de pessoas, de acordo com Censo de 2014; ver, entre outros, <https://blogs.opovo.com.br/girolusofono/2016/05/30/lingua-portuguesa-e-falada-por-71-dos-angolanos-aponta-censo/>.

¹¹ Algumas das quais com o V *dar* leve, como em *dar educação*.

verificar um fator de animacidade idêntico (mas não exatamente igual) ao do PA.

II. Construção V SN SPREP com a preposição ‘para’:

Encontrámos apenas dois exemplos, em (46), com ‘para’:

(46)(a) se não puder *dar uma festa para os amigos* / o que é que...

(46)(b) ele conseguiu / com muito suor *dar uma base para todos os filhos*

A presença de construções ditransitivas com pronome OI dativo quer de 1ª e 2ª pessoas quer de 3ª pessoa é também uma marca do *corpus* do projeto, como apresentamos em III.

III. Construção dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}

(47) PROJ 50 ...de ela precisar ver os filhos / *eu não lhe dar os filhos* / nunca me ligou / eu também que sou homem...

(48) PROJ 51 ... não faço nada / ou *queres me dar trabalho* / já para o fim de semana? (*me* que subiu para *querer*)

(49) PROJ 69 ...então se tivesse *pouco para me dar*/ se não eu não podia ter o suficiente (o OD aqui é o pronome quantificado *pouco*)

(50) PROJ 69 ... psicologia *está-me a dar subsídio* / praticamente porque fala -se mais de perceber o aluno /

(51) PROJ 70 ... o estado tem que me dar também / *tem que me dar uma pequena percentagem* / além do que vou receber...

(52) PROJ 70 ... *nem que seja um por cento do valor* / *tem que me dar* / para fazer valer isso tudo...

(53) PROJ 70 eu nego a editora / eu nego a editora porque *querem-me dar aquilo que não vale o meu trabalho* / eu nego / agora

O pronome dativo encontra-se em ênclise ou próclise em relação ao *V dar* ou elevado para um auxiliar ou para um V de reestruturação, como em ... *está-me a dar subsídio* ou em ... *porque querem-me dar aquilo que não vale o meu trabalho*, questões sintáticas que não vou aqui explorar.

Como já referi anteriormente, quer com a preposição *a* quer com pronomes dativos o OI é um animado ou um humano.

Não encontrámos nenhuma Construção de Duplo Objeto (CDO). A única construção não preposicionada está ilustrada em (54):

IV. Construção V SN_{OD-Tema} SN_{OI-Recipiente} (não preposicionada):

(54) PROJ 53 ... nós os africanos / sempre a tendência de *dar nome os nossos filhos* ...

Neste caso trata-se do V *dar* leve (*dar nome* = *nomear*) e daí a ordem de palavras encontrada, não se tratando claramente de uma CDO.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vemos assim que a estratégia dominante em PM para exprimir o OI continua a ser o uso da preposição *a*, muito menos a preposição *para* e a CDO é praticamente inexistente.

De forma a discutir os dados recolhidos, importa perceber as principais características sociolinguísticas dos falantes pesquisados.

Quadro 3 – Género, idade e escolaridade dos falantes pesquisados no projeto PALMA

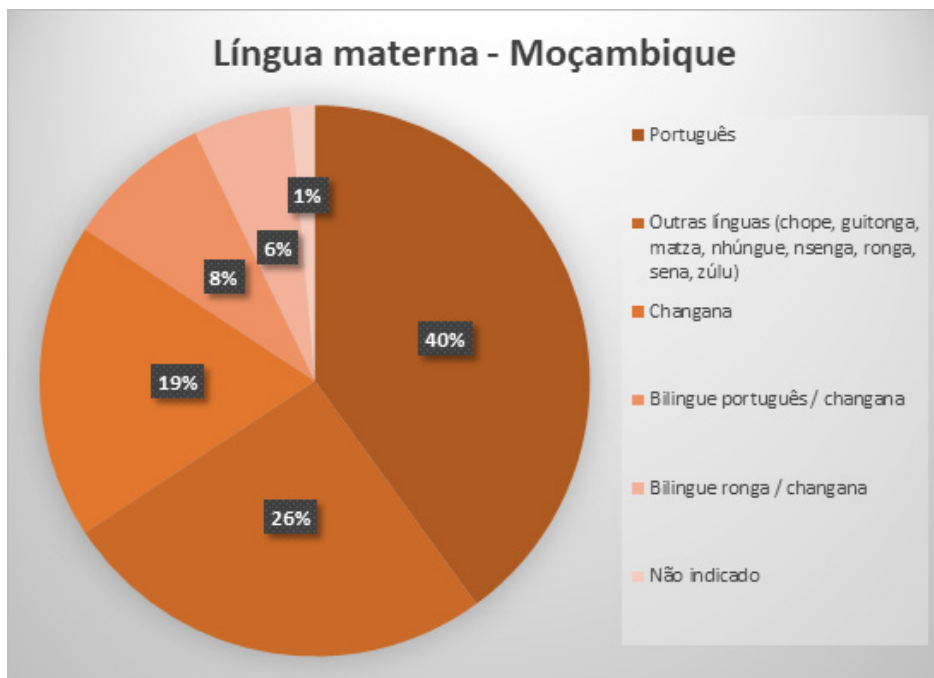
Variáveis		N.º de informantes	Total informantes
Género	Masculino	37	70
	Feminino	33	
Idade (Média: 34)	17-25	23	70
	26-35	22	
	36-45	10	
	46-82	15	
Nível de escolaridade	0 – 4.º ano	4	70
	5.º – 9.º ano	18	
	10.º – 12.º ano	23	
	Ensino superior	22	

Fonte: Autoral.

Vemos que, tal como em relação ao PA, o quadro revela estarmos perante falantes com algum grau de escolaridade, pois em 70, 23 têm do 10º ao 12º ano e 22 têm ensino superior.

Quanto à Língua materna, 40% têm o Português como L1 materna e 26% várias outras línguas; 19% têm o Changana como L1, sendo 8% bilingues Português / Changana.

Quadro 4 – L1 dos falantes do PM pesquisados no projeto PALMA



Fonte: Autoral.

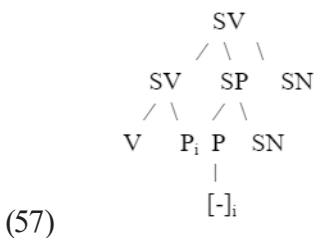
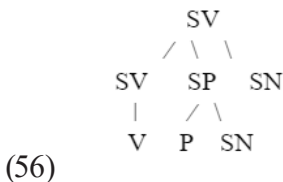
Gonçalves (1990, 2004, 2010) estudou extensivamente a variedade do PM e os exemplos seguintes são retirados de obras suas. De acordo com os seus dados, a CDO (55a) seria a estratégia ditransitiva dominante em PM, com a consequência de que as passivas dativas seriam igualmente possíveis (55b):¹²

(55)(a) Entregou o emissário as cartas (= ao emissário)

(55)(b) Os jovens são dados responsabilidades de família.

Para explicar estes fenómenos, Gonçalves (1990, 2004, 2010) desenvolve uma análise segundo a qual o PM está a sofrer uma mudança paramétrica, de acordo com a qual os verbos, à semelhança do que se passa nas línguas maternas dos falantes, as línguas Bantu, têm a possibilidade de atribuir o caso objectivo / acusativo a mais do que um argumento, pela incorporação sistemática de uma preposição nula no verbo, tratamento que Perpétua Gonçalves desenvolve a partir de Baker (1988). Baker propõe essa análise para dar conta da Construção de Duplo Objeto (CDO) em Inglês, análise a que vou voltar adiante. Descrevo em (56) e em (57), de forma muito simplificada, esse processo de incorporação:

¹² Vou aqui usar uma pequena parte do meu trabalho Brito (2010).



Segundo Gonçalves (1990), esse mecanismo explicaria a chamada CDO (55a) e as passivas dativas (55b). Para a autora, portanto, (ver em particular Gonçalves 2010: 103, 106, 107), a CDO está relacionada com as Línguas Bantu faladas em Moçambique; assim, para esta autora, o contacto de línguas e o facto de o Português ser L2 de grande parte dos moçambicanos são os fatores fundamentais para a existência da CDO como estratégia ditransitiva dominante; de notar, no entanto, que Gonçalves combina a sua explicação com uma análise formal fina, baseada em princípios e parâmetros formais.

Note-se que os dados em que Perpétua Gonçalves se baseia, em grande parte dos seus trabalhos, foram obtidos em produções semiespontâneas (entrevistas) conduzidas no quadro do Projeto Português Oral do Maputo (PPOM), um projeto desenvolvido nos bairros que circundam a cidade de cimento em Maputo, que se destinava precisamente a estudar a produção do Português por parte de uma população pouco escolarizada, e com dados em grande parte recolhidas nos anos 80 e 90 do século XX.

Como já disse, o *corpus* do PM do projeto PALMA não confirma a CDO como estratégia dominante e mostra a existência de construções ditransitivas preposicionadas, com grande destaque para as que contêm a preposição *a*, na linha aliás do já proposto por Cumbane (2008) para essa variante.

Na sua tese de doutoramento, Cumbane (2008) usou um inquérito por questionário de juízos de gramaticalidade sobre frases em Português L2 dirigido a falantes nativos de Xitshwa. Cumbane (2008: 341) mostra que a média de respostas positivas a uma CDO é de 64,77%. No entanto, em relação à construção com a ordem V OD OI (*O Pedro enviou a criança ao irmão*), quer dizer, para a construção ditransitiva com a preposição *a* e com a ordem não marcada, a média

de respostas que consideram tais frases como gramaticais é de 97,92 %, um número superior ao da CDO (Cumbane 2008: 345). Isso indica que, em tarefas que envolvem processamento, os resultados são menos restritivos e os falantes consideram com facilidade como aceitável a construção preposicional do PE (cf. Cumbane, p. 346-7).

Como já sugeri, os informantes estudados por Perpétua Gonçalves no quadro do PPOM eram muito distintos dos informantes cujas produções foram recolhidas para o projeto PALMA, e por isso a comparação entre os resultados das duas pesquisas tem de ter isso em conta.

O que importa assinalar é a heterogeneidade linguística de um país como Moçambique, ligado ao facto de o Português ser L2 para cerca de 50% da população. Por isso, concordamos com o que Perpétua Gonçalves escreveu a esse propósito (*I Colóquio Internacional VariaR*, Março de 2021): “A população moçambicana está exposta a um *input* heterogéneo, em que dominam os falantes não nativos do Português europeu padrão (PE), mas em que existe também uma oferta linguística considerável desta norma, sobretudo através dos manuais escolares e dos meios de informação. Pode assim dizer-se que, atualmente, os falantes têm ‘competências múltiplas’ (Lightfoot, 2006) em português, e que o seu discurso é gerado por propriedades e regras da ‘nova’ gramática do Português de Moçambique (PM) e do PE”.¹³

Penso que é essa também a situação em Angola. De facto, quer em Angola quer em Moçambique os falantes de Português L2 são detentores de conhecimentos gramaticais múltiplos, e em que uma gramática do Português muito próxima da do PE tem um grande peso, dado que esta língua tem vindo a nativizar-se de forma acentuada nos últimos anos.

A ESTRUTURA ADOTADA PARA AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS

Nesta parte do trabalho, discutirei muito brevemente a estrutura das construções ditransitivas preposicionais.

¹³ Em Moçambique quase 50% da população “sabe Português”, de acordo com o Censo de 2017 (isto é, 10.535.905 de pessoas, para 11.707.468, que respondem “não sabe Português”) (<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/08-lingua/quadro-24-populacao-de-5-anos-e-mais-por-condicao-de-conhecimento-da-lingua-portuguesa-e-sexo-segundo-area-de-residencia-e-idade-mocambique-2017.xlsx/view>).

O tema tem sido objeto de discussão profunda, sobretudo a partir do momento em que as línguas com alternância dativa, como o Inglês, foram aproximadas das Línguas Bantu. De facto, Baker (1988) fez a proposta de que o Inglês, uma língua com alternância dativa, isto é, com CDO como em (58) e uma Construção Dativa Preposicional, como em (59):

(58) John gave Mary a book

(59) John gave a book to Mary

é semelhante às línguas Bantu, no sentido em que tem uma construção de duplo objeto (CDO), que tem alguma semelhança com a construção aplicativa nas L. Bantu (com a ordem V SN_{Recipiente} SN_{Tema}), como em (60) em Chichewa:

(60) Chitsiru chi-na-gul-ír-a atsíkána mphâtso

7-louco 7S-Pass-comprar-apl-Vf (vogal final) 2-raparigas 9-presente

‘O louco comprou um presente às raparigas’ (Alsina e Mchombo, 1993, p. 18).

Em (60) o verbo *comprar* em Chichewa não é um “*core dative verb*”, no entanto, seleciona, além do argumento *um presente*, o argumento às raparigas e quando isso acontece ganha um morfema aplicativo, *ír*, que se incorpora no verbo e que Baker associa a um elemento de natureza preposicional, uma tomada de posição que não está isenta de críticas.

Segundo Baker, o Inglês tem uma preposição nula (o equivalente ao morfema aplicativo) que incorpora na raiz verbal como um processo de atribuir duas vezes o caso objetivo / acusativo na CDO, ver (58), análise que Perpétua Gonçalves adota nos seus trabalhos para dar conta da CDO em PM (ver, entre outros, o exemplo (55a) anteriormente apresentado).

Contudo, em Português não parece justificar-se a ideia de alternância dativa, como no Inglês;¹⁴ além do mais, como Gonçalves (1990) bem mostrou, o Português não tem passivas dativas (veja-se a agramaticalidade de (61a), ao contrário do Inglês (61b):

(61)(a) * A mãe foi dada uma prenda.

(61)(b) Mother was given a gift.

E o Português tem um sistema de casos nos pronomes pessoais em que a diferença entre dativo e acusativo é bem clara.

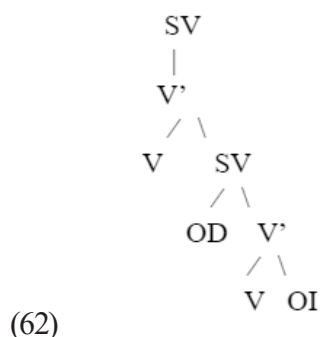
¹⁴ Para uma discussão sobre a possibilidade de alternância dativa em Português, ver Morais e Salles (2010), Costa (2009), Brito (2014, 2015) e Gonçalves (2016).

Assumirei, portanto, e sem problematizar muito, já que noutros trabalhos o fiz, as seguintes ideias:

- (i) em Português e noutras línguas românicas, embora haja diferentes expressões das construções ditransitivas, não se justifica a ideia de alternância dativa (cf. Gonçalves, 2016);
- (ii) justifica-se usar a noção de ditransitividade, isto é, a ideia de que há verbos com três argumentos internos, um agente, um tema e um recipiente / alvo / meta, embora em Português, assim como noutras línguas, haja “*core-dative verbs*” como *dar*, *oferecer* e “*non-core dative verbs*”, como *enviar*, *lançar* (cf. Rapaport Hovav Levin, 2008);
- (iii) não parece justificar-se a categoria funcional aplicativo para as línguas românicas e para o Português em particular (cf. Brito, 2014, 2015); e
- (iv) a preposição *a*, como expressão de caso dativo, é diferente de *para* em Português Europeu. As duas preposições podem mesmo coexistir em Português, como vimos em (3). Porém, em certas variedades do Português, a preposição *para* pode mesmo exprimir o OI, como parece acontecer em PA, mas muito menos em PM.¹⁵

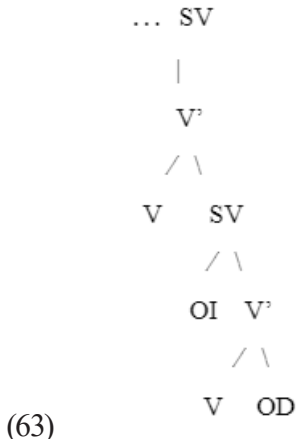
Não se justificando, portanto, a ideia de alternância dativa como no Inglês e noutras línguas germânicas, há que encontrar então um tratamento sintático adequado para o PE e para variantes do Português que têm variantes preposicionais.

Uma estrutura (simplificada) como (62) pareceria justificada para o Português, uma estrutura em que uma projeção verbal baixa contém o OD como especificador e o OI como complemento de V’:



¹⁵ Não esquecer que em PB *para* é mesmo a preposição predominante para o OI (Brito 2008, 2010).

Contudo, há razões para pensar que a estrutura em (62) pode não ser a mais adequada em PE e que a alternativa em que o OI ocupa uma posição mais alta do que o OD é possível (63):¹⁶



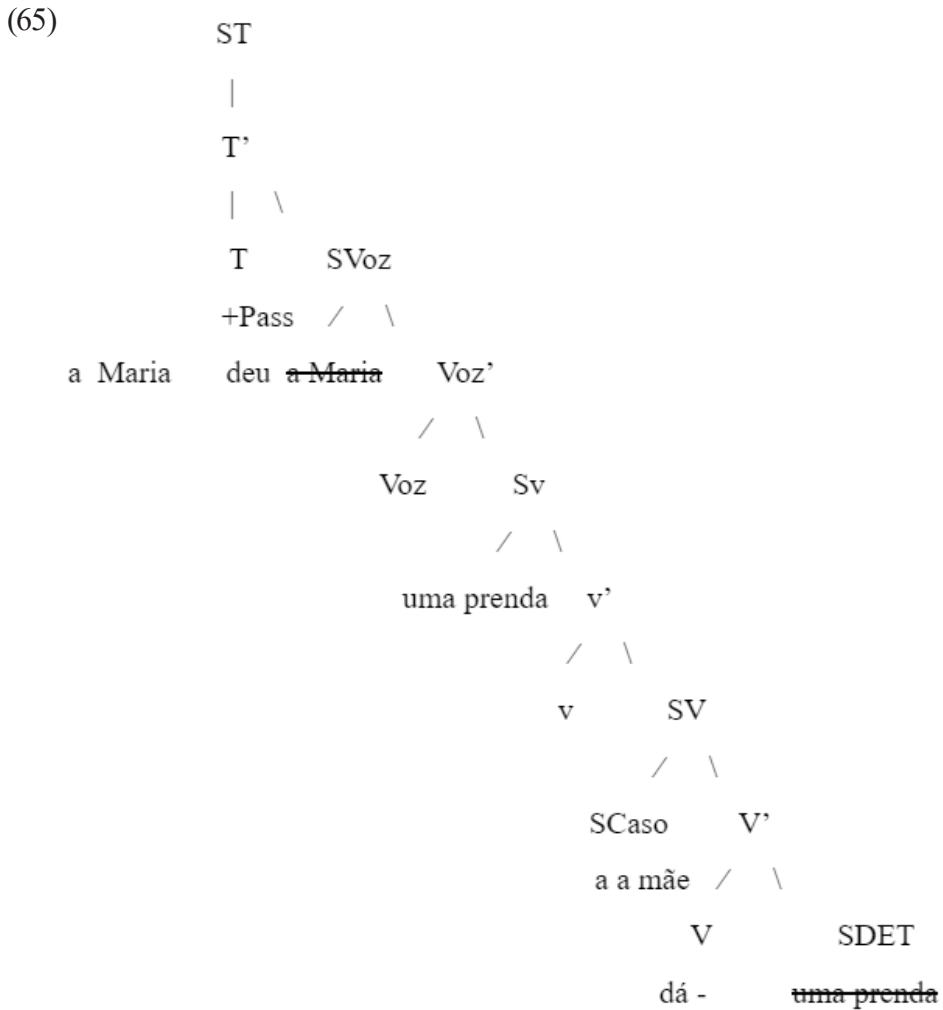
Uma estrutura desse tipo foi proposta por Brito (2010) e mais recentemente por Gonçalves (2016) e Hagemeijer, Duarte e Gonçalves (2018), com algumas diferenças; nomeadamente, em vez da indicação SDET/ SP proposta em Brito (2010) para dar conta do OI em PE, os autores propõem KP (S Caso), uma opção formal mais elegante.¹⁷

Aplicando essa ideia a uma frase simples, teríamos para (64) a estrutura (65):¹⁸
 (64) A Maria deu uma prenda à mãe.

¹⁶ As duas representações são tiradas de Costa (2009), que defende, por várias razões, que ambas as estruturas se justificam em Português. Para uma discussão ver Gonçalves (2016).

¹⁷ Uma hipótese para explicar a CDO seria que apenas um SN / SD é projetado em especificador da projeção verbal mais baixa (cf. Hagemeijer, Duarte e Gonçalves 2018). Mas sobre CDO há uma longa produção de que aqui não podemos dar conta.

¹⁸ Uso aqui três camadas verbais (SVoz, Sv e SV) (sobre este assunto ver, entre outros, Brito 2014, 2015).



Repare-se que (65) representa a estrutura sintática antes dos movimentos; o V move-se para T, o argumento externo *a Maria* move-se para especificador de TP; o SN OD procura o caso acusativo na posição de especificador de Sv; o dativo é considerado um caso inerente, uma vez que o caso é atribuído a um SN / SDET por um V através de *a* ou diretamente a pronomes dativos; esse caso abstrato é um traço interpretável e nessas condições não ativa nenhuma operação de concordância (“agree”); desse modo, o constituinte *a DP* não precisa de se mover em qualquer das estruturas, gerando a ordem não marcada em Português V SN SPREP.

CONCLUSÕES

Neste texto analisei as construções ditransitivas em duas variantes do Português, PA e PM, a partir de dados do projeto PALMA. Resumo a seguir as principais conclusões deste estudo:

1. De acordo com os dados recolhidos, as construções ditransitivas do PA estão a usar muito pouco a preposição *em* para marcar o OI, ao contrário do que é dito nalguma bibliografia. Há algum fator de animacidade que parece estar a marcar a escolha das preposições *a*, *em* e *para* nesta variante: *a* usa-se com [+/-Animado] e *em* tendencialmente com [+ Animado]; mas, mais do que uma regra, parece ser realmente uma tendência. A crescente nativização do Português em Angola está a contribuir para a presença da preposição *a* e para o uso tão produtivo de pronomes dativos.
2. No PM, é igualmente notória a nativização do Português, de tal modo que a CDO referida por Perpétua Gonçalves nos anos 1990 como a mais representativa das construções ditransitivas não aparece no *corpus*, surgindo como muito produtiva a preposição *a* e muito pouco a preposição *para*. Os pronomes dativos surgiram igualmente com grande peso no *corpus*.
3. Tanto no PA como no PM a hipótese do contacto de línguas parece pesar menos do que é proposto por alguns linguistas. De qualquer modo, tanto num país como noutro o Português é L2 de uma percentagem grande de falantes e por isso tais falantes são detentores de “gramáticas múltiplas” e, por sua vez, a comunidade é caracterizada por “gramáticas em competição”.
4. As línguas românicas e o Português em particular não têm alternância dativa e não têm CDO como o Inglês, pois não permitem passivas dativas.
5. Quanto à estrutura das construções ditransitivas preposicionadas, vimos que, em linhas gerais, estão em discussão duas estruturas. Defendi que uma estrutura possível é aquela em que o OD é o constituinte em complemento da projeção verbal mais baixa e que o OI é projetado em especificador dessa projeção verbal (usando a noção de SCaso de Hagemeijer, Duarte e Gonçalves, 2018). Por uma questão de espaço, abdiquei da análise das construções com pronomes. A alternativa em que o OI é apenas um SN / SDET e não SCaso parece ser útil para explicar a CDO, embora neste texto não tenha analisado em detalhe toda a problemática associada a esta construção.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Paulino Soma. *Tratamento morfossintáctico de expressões e estruturas fráscas do português em Angola*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Évora, 2014.
- BAKER, Mark. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BRITO, Ana Maria. Grammar variation in the expression of verb arguments: the case of the Portuguese Indirect Object, *Phrasys*. vol. 2008 (2), p. 31-58.
- BRITO, Ana Maria. Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? In: ENCUESTROGG. *V Encuentro de Gramática Generativa*, Facultad de Lenguas. Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CD Rom, 2010: p. 81-114.
- BRITO, Ana Maria As construções ditransitivas revisitadas. Alternância dativa em Português Europeu? In: MORENO, A. et al. *Textos Seleccionados: XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2014, p. 103-119.
- BRITO, Ana Maria. Alternância dativa em português europeu e em espanhol? In: FIÉIS, Alexandra; LOBO, Maria; MADEIRA, Ana (org.). *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*. Lisboa: Edições Colibri, 2015, p. 61-78. [ISBN 978-989-689-477-1].
- CHATELAIN, Héli. *Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola*. Ridgewood, New Jersey: The Gregg Press Incorporated, 1888-89.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre. *La Langue Portugaise d'Angola*. Diss. de Doutoramento, Univ. Lumière Lyon 2, 2005.
- COSTA, João. A focus-binding conspiracy. Left-to-right merge, scrambling and binary structure in European Portuguese. In: CRAENENBROECK, Jeroen van (ed.). *Alternatives to Cartography*. Berlin: Walter de Gruyter, 2009, p. 87-108.
- DIARRA, Boubacar. *Gramática kimbundu*, Luanda, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Línguas Nacionais, 1990.
- DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 5. ed., 2003, p. 275-321.
- GONÇALVES, Perpétua. *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, 1990.

GONÇALVES, Perpétua. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: Arguments from the genesis of Mozambique African Portuguese. *Journal of Pidgins and Creole Languages*, 19. 2, 2004, p. 225-259.

GONÇALVES, Perpétua. *A génese do Português de Moçambique*, Lisboa, INCM, 2010.

GONÇALVES, Rita. *Construções Ditransitivas no Português de São Tomé*, Tese de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2016.

HAGEMEIJER, Tjerk. O português em contacto em África. In: MARTINS, A. M.; E. CARRILHO, E. (ed.). *Manual de Linguística Portuguesa*, 43-67. Berlim: Mouton de Gruyter, 2016.

HAGEMEIJER, Tjerk; DUARTE, Inês; GONÇALVES, Rita. Dative microvariation in Portuguese. *Datives in Discourse*, University of Cologne, October 25-26, 2018.

HAGEMEIJER, Tjerk; GONÇALVES, Rita; MIGUEL, Afonso; DUARTE, Inês. Possession and location in urban Angolan Portuguese. *ACBLPE & SPCL*, June, 17-19, 2019.

LIGHTFOOT, David. *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARQUES, Irene G. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. In: ICALP (ed.). *Actas do Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo*, 1983, p. 205-223.

MIGUEL, Afonso. *Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no português oral de Luanda*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2019.

MINGAS, Amélia A. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*, Porto: Campo das Letras, 2000.

RAPAPPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. The English dative alternation: the case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics* 44, 2008, p. 129-167.

SOARES DA SILVA, Augusto. A estrutura semântica do objecto indirecto em Português. *Atas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2000, vol. II, p. 433-451.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LIMA-SALLES, Heloísa. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*. 22, 2010, p. 181-209.

VILELA, Mário. *Gramática de Valências*. Teoria e aplicação, Coimbra: Almedina, 1992.

XAVIER, Maria Francisca. *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais*. Um estudo contrastivo das preposições a, de e to, from, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1989.

ANGOLAN AND MOZAMBICAN PORTUGUESE DITRANSITIVE CONSTRUCTIONS REVISITED

Ana Maria Brito

Universidade do Porto

The text analyzes some syntactic aspects of ditransitive constructions in two African varieties of Portuguese, Angolan Portuguese (AP) and Mozambican Portuguese (MP), in comparison with European Portuguese (EP), starting from data recently collected in the framework of the PALMA project (Possession and location: microvariation in African varieties of Portuguese), a project of CLUL (Center of Linguistics of the University of Lisbon). In a way to limit the research, only occurrences with *dar* ‘to give’ were collected.

European Portuguese (EP) exhibits several ditransitive constructions, among which the use of the preposition *a* to express the Indirect Object (IO) and the use of dative clitics. The preposition *a* as a dative expression is distinct from *para*; this preposition can even co-occur with *a*, with the meaning of (last) destination, as in (1):

(1) O José entregou uma carta à Maria para o pai (que está no hospital).
‘José delivered a letter to Maria for his father (who is in the hospital)’

In some of the bibliography on AP, several authors referred the tendency to use the preposition *em* ‘in’ to mark the IO, as in (2):

(2) Deu na mãe a outra metade.

‘(Someone) gave the other half to (lit. in) his mother’

The fact that the same preposition, *em* ‘in’, expresses the recipient / goal with possession transfer ditransitive verbs like *dar* ‘to give’ and the arrival point of an inherent direction movement expressed by *ir* ‘go’, as in (3):

(3) Ela foi no mercado.

‘She went to (lit. in) the market’

justified, by Brito (2008, 2010), the formulation of a unified semantic hypothesis: the preposition *em* ‘in’, among other values, means the final limit of a concrete or abstract path, whether combined with verbs of movement (*ir*, ‘go’, *chegar*, ‘arrive’), whether combined with transfer of possession verbs (*dar*, ‘give’, *entregar* ‘deliver’). This hypothesis is different from other explanations, in particular the one based on language contact. According to some authors, Kimbundu and Umbundu, among other Angola Bantu languages, have both locative and recipient / goal transfer arguments marked by the prefix *ku* / *ko* and such marking would be influencing Portuguese grammar, L2 of the vast majority of Angolan people.

According to data of the project PALMA, the ditransitive constructions with *em* ‘in’ marking the IO are not dominant. There is some animacy factor: in this variant, *a* is used with [+/-Animate], as in (4) and (5):

(4) dar um telefone novo ao filho

‘to give a new phone to the child’

(5) dar um acréscimo às nossas notinhas

‘to add something to our notes’

The preposition *em* ‘in’ is used tendentially with [+ Animate], as in (6):

(6) importância é o valor (...) que vai se dar na mulher

‘importance is the value (...) that will be given to the woman’

but there are also occurrences with [– Animate], as in (7):

(7) dar o gosto na comida

‘to give a taste to the food’

These results go in the same direction as those obtained by Hagemeyer, Gonçalves, Miguel e Duarte (2019).

Note that in Angolan speakers of PALMA project who were studied in this work (58), 15 have from the 10th to the 12th grade in school and 19 have studied in higher education, which indicates that this is a population with some educational background. For 59% of respondents, Portuguese is L1, 24% have Kimbundu as

L1 and have Portuguese as L2; 10% have other Angolan languages as L1, which indicates that the population now studied may differ from the one analyzed by the authors who studied AP in the 80s, 90s and in the beginning of the 21st century.

Regarding MP: the research on ditransitive constructions always starts from the works by Perpétua Gonçalves, who analyzed L2 Portuguese speakers from the surroundings of Maputo, low-educated, in a project known as PPOM (*Panorama do Português Oral do Maputo*).

In our investigation, within the framework of PALMA project, the speakers have some level of education, because in 70, 23 have from the 10th to 12th grade and 22 have higher education. As for L1, 40% have Portuguese as L1 and 26% several other languages; 19% have Changana as L1, being 8% bilingual Portuguese / Changana.

The most frequent dative preposition was *a*, as in (8):

(8) dar uma melhor educação à sua filha
'to give a better education to your daughter'

We found only two examples with *para*, as in (9):

(9) ... se não puder dar uma festa para os amigos...
... 'if you can't give a party for your friends...'

And the presence of dative pronouns is very frequent. DOC, considered by Gonçalves as the most frequent construction in the 1990s, does not appear in our *corpus*. This difference in the results is certainly related to the type of speakers surveyed and to the growing nativization of Portuguese, which happens both in Mozambique and in Angola.

On the other hand, both in AP and in MP, language contact seems to be less important than it is proposed by some linguists as an explanation for some changes in AP and MP. Anyway, in both countries Portuguese is L2 of a large percentage of speakers and therefore such speakers have in fact "multiple grammars", a concept of David Lightfoot that Perpétua Gonçalves often emphasizes for Mozambican Portuguese speakers.

From the point of view of syntax, it seems to be justified that Romance languages and European Portuguese, in particular, do not have dative alternation and do not have DOC, since they do not allow dative passives. As for the structure of prepositional ditransitive constructions, two structures are under discussion: one in which the PP IO is the lowest constituent and the other one in which the NP DO is the lowest.

I argued in favor of a possible structure in which the DO is the constituent projected as complement of the lowest verbal projection and the IO is projected as specifier of this verbal projection (using the notion of KaseP by Hagemeijer, Duarte and Gonçalves 2018).

The alternative in which the IO is just NP / DP and not KaseP seems to be useful to explain the DOC, although in this text I have not analyzed in detail all the problems associated with this construction.

REFERENCES

- ADRIANO, Paulino Soma. *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Évora, 2014.
- BAKER, Mark. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BRITO, Ana Maria. Grammar variation in the expression of verb arguments: the case of the Portuguese Indirect Object, *Phrasys*. Vol. 2008 (2), p. 31-58.
- BRITO, Ana Maria. Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? In: ENCUESTROGG. *V Encuentro de Gramática Generativa*, Facultad de Lenguas – Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CDRom, 2010: p. 81-114.
- BRITO, Ana Maria. As construções ditransitivas revisitadas. Alternância dativa em Português Europeu? In: Moreno, A. et al. *Textos Seleccionados: XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2014, p. 103-119.
- BRITO, Ana Maria. Alternância dativa em português europeu e em espanhol? In: Fiéis, Alexandra; LOBO, Maria; MADEIRA, Ana (org.). *O Universal e o Particular: Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*. Lisboa: Edições Colibri, 2015, p. 61-78. [ISBN 978-989-689-477-1].
- CHATELAIN, Héli. *Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola*. Ridgewood, New Jersey: The Gregg Press Incorporated, 1888-89.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre. *La Langue Portugaise d'Angola*. Diss. De Doutoramento, Univ. Lumière Lyon 2, 2005.
- COSTA, João. A focus-binding conspiracy. Left-to-right merge, scrambling and binary structure in European Portuguese. In: CRAENENBROECK, Jeroen van (ed.). *Alternatives to Cartography*. Walter de Gruyter, 2009, p. 87-108.

DIARRA, Boubacar. *Gramática kimbundu*, Luanda, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Línguas Nacionais, 1990.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: Mateus, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 5. ed., 2003, p. 275-321.

GONÇALVES, Perpétua. *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, 1990.

GONÇALVES, Perpétua. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: Arguments from the genesis of Mozambique African Portuguese. *Journal of Pidgins and Creole Languages*, 19. 2, 2004, p. 225-259.

GONÇALVES, Perpétua. *A génese do Português de Moçambique*, Lisboa, INCM, 2010.

GONÇALVES, Rita. *Construções Ditransitivas no Português de São Tomé*, Tese de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2016.

HAGEMEIJER, Tjerk; DUARTE, Inês; GONÇALVES, Rita. Dative microvariation in Portuguese *Datives in Discourse*, University of Cologne, October 25-26, 2018.

HAGEMEIJER, Tjerk; GONÇALVES, Rita; MIGUEL, Afonso; DUARTE, Inês. Possession and location in urban Angolan Portuguese. *ACBLPE & SPCL*, June, 17-19, 2019.

LIGHTFOOT, David. *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARQUES, Irene G. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. In: ICALP (ed.). *Actas do Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo*, 1983, p. 205-223.

MIGUEL, Afonso. *Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no português oral de Luanda*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2019.

MINGAS, Amélia A. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*, Porto: Campo das Letras, 2000.

RAPAPPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. The English dative alternation: the case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics*, 44, 2008, p. 129-167.

SOARES DA SILVA, Augusto. A estrutura semântica do objecto indirecto em Português. *Atas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2000, vol. II, p. 433-451.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; Lima-Salles, Heloísa. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*. 22, 2010, p. 181-209.

VILELA, Mário. *Gramática de Valências*. Teoria e aplicação, Coimbra: Almedina, 1992.

XAVIER, Maria Francisca. *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais*. Um estudo contrastivo das preposições a, de e to, from, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1989.

PARA MATAR A BOLA NO PEITO E FAZER UM GOLAÇO NO DISCURSO: PREDICADOR COM VERBO (SEMI-)SUPORTE

Clarissa Fontenlos Figueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

RESUMO: O capítulo expõe predicadores em uso dentro e fora do domínio discursivo do futebol no Português do Brasil. Estão em foco expressões em que um verbo suporte opera sobre um elemento não verbal formando, juntos, um predicador complexo indicativo de uma jogada esportiva: “fazer uma defesa” e “marcar um gol”. Mapeamos (i) verbos que podem atuar nesse tipo de construção de predicador complexo; (ii) exemplos do que podemos chamar de semissuporte a preencher o *slot* de verbo suporte da construção; (iii) como se configura geralmente o pareamento forma-função das expressões da amostra, se há *chunks*; (iv) como elas se realizam nos dois diferentes contextos; e (v) se há casos de variação, formas alternantes entre predicadores complexos, no *slot* verbal. Examinamos, com base na Linguística Funcional-Cognitiva, na Gramática de Construções e numa perspectiva socioconstrucionista, 477 dados de expressões licenciadas por esse tipo de construção, coletados em textos sobre o futebol, e 166 dados coletados em textos de contextos diversos e diferentes do mundo do futebol. O predicador complexo (verbo-nominal) pode indicar um estado de coisas dinâmico ou não

dinâmico, normalmente é (in)transitivo pessoal e, assim, seleciona um papel participante ou mais (sujeito, em geral, e também complemento preposicionado, em alguns exemplos), compatibiliza-se a uma construção de estrutura argumental para configurar uma proposição no discurso futebolístico e também fora desse domínio. Em ambos, é bastante acionado e envolve frequentemente os verbos suportes *fazer* e *dar* e o semissuporte *marcar*.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, expomos uma investigação sobre predicções com predicadores complexos ligados à linguagem do futebol no Português do Brasil realizada em dois espaços textuais-discursivos diferentes. Desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de Letras da UFRJ,¹ a pesquisa pauta-se na pressuposição de diferença quanto à inferência de sentido associada até mesmo a uma mesma forma de predicador a depender do domínio discursivo em que se manifesta: dentro ou fora de textos sobre futebol. Mais especificamente, este capítulo diz respeito a uma análise de dados/construtos de expressões indicativas de uma jogada esportiva constituídas por um verbo (semi-)suporte² associado a um elemento não verbal (em geral, um elemento nominal), resultando em um predicador complexo que funciona tal como um verbo pleno ou um predicador verbal simples na configuração da proposição de um estado de coisas (“dar um chute na bola” e “chutar a bola”, “fazer/exercer marcação do/no adversário” e “marcar o adversário”).³ O predicador verbal complexo liga-se à representação de um estado de coisas (dinâmico ou não); então, pode selecionar um papel participante (como no exemplo 2, a seguir) ou mais (como no exemplo 1) a depender do estado de coisas que conceptualize e pode compatibilizar-se, por força de atração ou de coerção, a uma construção de estrutura argumental (nos termos de GOLDBERG, 1995 e 2006). Em geral,

¹ <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/8001?locale=es>. FIGUEIRA, Clarissa Fontenlos. Construções de predicador verbal complexo na linguagem do futebol: para matar a bola no peito e fazer um goloço no discurso / Clarissa Fontenlos Figueira. 2020. 32 f.

² A definição de verbalizador está no glossário do dicionário (BORBA, 1991, p. XXI): “VERBALIZADOR OU VERBO SUPORTE - verbo que, numa construção complexa, é mero suporte de categorias e indica que o verdadeiro verbo (= núcleo do predicado) está no radical de seu complemento. Ex.: ter medo=temer; causar dano=danificar; abrir falência=falir; ganhar distância=distanciar-se”.

³ “Martelote quando ainda jogava no juvenil e por **fazer marcação do adversário**, quando na realidade, era o adversário que deveria **exercer a marcação** nele” (<https://www.meusport.com/midias-externas/globo-esporte-marcelo-martelotte-considera-normal-oscilacao-de-rendimento-do-sport/>. Acesso em 06 set. 2021.

o *slot* de predicador verbo-nominal em expressões desse tipo é preenchido por predicador de estrutura transitiva pessoal que prevê um papel argumental ou mais, para a configuração de uma proposição no mundo psicobiossocial, mas se efetiva envolvendo apenas o participante sujeito (força indutora/*fazer uma defesaça* ou *fazer uma faltinha*, paciente/*tomar gol*, *tomar esse cartão* ou experienciador) como nos exemplos 2 e 3 a seguir:

- (1) Se mesmo lá há condições de manipular a opinião pública, **dar drible** nas instituições, imagine aqui. <https://www.valor.com.br/politica/6021857/nucleo-politico-de-bolsonaro-e-de-tutela-e-intimidacao>. Acesso em: 12 maio 2019
- (2) Fabiano cruzou na cabeça de Leandro Damiano, que finalizou muito bem. O goleiro apareceu para **fazer uma defesaça**. http://www.gaz.com.br/conteudos/internacional/2018/05/06/119246-inter_perde_por_2_a_0_para_o_flamengo_no_maracana_lotado.html.php. Acesso em: 14 maio 2018
- (3) Não, não, vou evitar, vou dar essa moral pra ele (risos). Claro que eu não posso dar mole para os atacantes. Se tiver que **fazer uma faltinha** ali para não **tomar gol**, vou ter que fazer. Mas eu vou evitar ao máximo **tomar esse cartão** para dar uma moral para o Cartolouco – brincou o zagueiro do Santos. <https://globoesporte.globo.com/cartola-fc/noticia/evento-lanca-cartola-fc,-e-david-bra-z-e-escalado-como-capitao-no-time-oficial.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2018

Expomos aqui resultados relativos ao emprego de predicções com verbo (semi-)suporte como as desses exemplos, perspectivando-os sob a ótica da Gramática de Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva, bem como sob abordagem socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2020). Mostramos como essas expressões efetivamente se realizam no discurso (com que atributos formais e funcionais) e como se configuram na rede de pareamentos forma-função (organizados, abstrata e esquematicamente, em construções/esquemas, mesoconstruções/subesquemas e microconstruções), ou seja, na arquitetura do Português. Descrevemos os verbos que são combinados ao *slot* verbal desse tipo de construção predicante e, então, averiguamos a potencialidade de verbos semissuportes atuarem nelas, além dos verbos suportes. Tratamos, ainda, de como essas expressões se configuram em diferentes contextos: se há ou não alteração de valores de atributos formais e/ou funcionais. As principais hipóteses na base de tal investigação são estas:

- (i) Há uma variedade de verbos que podem atuar nessas construções, uma vez que esse tipo de estrutura verbo-nominal é bastante recorrente na língua, o que faz com que verbos que normalmente não têm estatuto gramatical

atuem tal como os que têm (verbos suportes, verbalizadores de elementos não verbais) e sejam frequentemente acionados por conta da força de coerção da construção com verbo suporte. Entre eles, há exemplos de verbo semissuporte: condições de interação entre os falantes podem fazê-los empregarem, em uma expressão de uso comum, verbos que nem sempre costumam ser encontrados com a função de suporte, em prol de obter ganhos em termos de expressividade discursiva.

- (ii) O futebolês ultrapassa o domínio discursivo do futebol, não só porque existe o potencial de se empregar expressão típica de outra área para algum ganho expressivo, mas também porque muitas expressões nesse domínio estão associadas a jogadas numa disputa de times/equipes e a comunicação (especialmente a de feição argumentativa) envolve disputa entre pontos de vista de interlocutores.
- (iii) Existe a possibilidade de diferença em atributo(s) funcional(is) quando uma expressão do futebolês é acionada em texto/discurso fora desse domínio. A contextualidade (GOLDBERG, 2016) é um parâmetro que pode impactar a relação de dados a (sub)esquemas ou microconstruções e, então, ocasionar mudança construcional ou até, se esta alcançar a face formal, servir de gatilho para construcionalização (formação de um novo pareamento – nova forma associada a nova função).

O referencial teórico é o da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções. Lidamos com os conceitos de: variação construcional (por similaridade/alternância), mudança construcional, construcionalização; parâmetros de mudança como esquematicidade, produtividade, composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e contextualidade (GOLDBERG, 2016); e habilidades cognitivas de domínio geral como analogia e *chunking*. Soma-se a esse a perspectiva socioconstrucionista, que vem sendo desenvolvida desde Machado Vieira (2016) com base na ideia de que relação de similaridade entre padrões construcionais por analogia também mobiliza, no conhecimento linguístico, uma zona de alternância em que as diferenças entre eles se neutralizam e que é representada como metaconstrução (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020).

Exploramos usos coletados em diferentes contextos, além do contexto de esporte; o contexto esportivo é, de todo modo, o que fornece um maior número de dados. Para a constituição da amostra aqui analisada, utilizamos a ferramenta de busca do Google para pesquisar ocorrências das expressões em diversos gêneros textuais, como sites de notícias, blogs, comentários feitos em redes sociais, entre outros.

No exame da amostra de usos, (i) observamos e descrevemos possíveis alternâncias construcionais, mudanças construcionais e construcionalização; (ii) averiguamos a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade dos dados das expressões investigadas, assim como sua contextualidade; (iii) analisamos a expressividade das construções tendo em conta a relação entre composicionalidade e contextualidade; (iv) mapeamos a rede de padrões construcionais de predicadores com verbo (semi-)suporte; e (v) estudamos os dados considerando os mecanismos cognitivos de analogia e *chunking*.

REFERENCIAL TEÓRICO

Verbo suporte e semissuporte

Machado Vieira (2018, p. 93) define verbo suporte assim:

Verbo suporte é o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração) desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo.

Verbo suporte é um verbo que se liga a um elemento não verbal para constituir, com ele, um predicador complexo (que pode até se repetir e cristalizar num *chunk*). Em uma construção com verbo suporte, portanto, quem seleciona os papéis participantes a se compatibilizarem aos argumentos presentes na oração em que esse verbo aparece não é o verbo isolado, mas a construção de predicador complexo. Nas palavras de Machado Vieira (2018, p. 94),

O predicador complexo passa a indicar a estrutura de participantes da predicação verbal. O verbo suporte partilha com o elemento não verbal (sintagma nominal, sintagma adjetival, sintagma preposicional) a função de determinar o número e a natureza dos papéis participantes, que, por sua vez, se compatibilizarão, no uso, com os papéis argumentais de uma construção gramatical oracional de predicação verbal (pessoal ou impessoal; transitiva ou intransitiva).

Além do verbo suporte, há também o estatuto de verbo semissuporte, ligado a verbos que não costumam ocupar a função de suporte, mas, ocasionalmente, devido a fatores como, por exemplo, o contexto, podem ocupar essa função em algumas situações. Tal definição é proposta por Machado Vieira (2014, p.105):

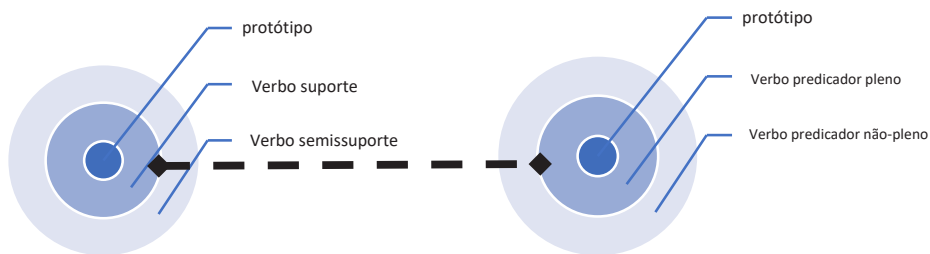
É preciso, então, levar em consideração que há: Construções com verbo que se situa numa categoria fronteira a de verbo predicador do contínuo léxico-gramática, já

que, por um lado, tem feição gramatical de verbo suporte (operando sobre um elemento não verbal, conferindo-lhe papel predicante, e com ele constituindo uma unidade funcional similar a um verbo pleno), mas, por outro, não é tão rotineiramente mobilizado para a formação regular de novos exemplos de predicadores complexos (uma espécie de verbo semissuporte).

O chamado verbo semissuporte é um lexema mais rotineiramente ligado à categoria de verbo pleno apesar de ser ocasionalmente levado a ter papel afim/próximo ao de um verbo suporte.

As noções de verbo suporte e semissuporte capturam diferentes graus de ligação ao protótipo do grupo de verbos com contorno de verbo suporte/verbalizador de um elemento não verbal (mais ou menos evidente).

Figura 1 – Relação entre tipos de funcionamento de lexemas verbais da gramática do Português pertencentes à família de padrões construcionais de predicadores (simples e complexos).



Fonte: Autoral.

Linguística Funcional-Cognitiva

A Linguística Funcional-Cognitiva corresponde a uma tendência mais atual do Funcionalismo antenado a demandas da Linguística Baseada no Uso (IBBOTSON, 2013), que busca lidar com questões de ordem discursivo-pragmática, questões cognitivas e afetivas e questões sociais, perspectivando-as como constitutivas do conhecimento linguístico. A língua emerge do uso, é fruto do processo desencadeado por atividades comunicativas, sociais e cognitivas. Dessa forma, o sistema linguístico configura-se e reconfigura-se a partir da experiência de uso ou do processamento/percepção de usos, a partir das instâncias de construções produzidas/recebidas pelos falantes.

A arquitetura de uma língua tem como unidade a construção, ou seja, um pareamento forma-função, constituído de atributos formais e funcionais, realizado mediante constructos/usos, configurado com base em diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e representado cognitivamente

em relação com outras construções, formando uma rede construcional, segundo a teorização construcionista. Fried (2013) faz a seguinte distinção entre construção e construto:

Construções são “pedaços de gramática” (Kay & Fillmore 1999: 2), enquanto construtos são realizações físicas reais de construções, ou seja, tokens de enunciado (palavras, frases, sentenças) que instanciam construções no discurso. Uma construção é, portanto, uma generalização sobre construtos. (FRIED, 2013: p. 5)⁴

Fried (2013) destaca que uma vantagem de uma análise de cunho construcionista tem a ver com a dimensão holística, já que o foco da pesquisa está no padrão como um todo e não apenas no item. A arquitetura de nosso conhecimento linguístico compreende generalizações que ficam estocadas na mente e que dizem respeito aos fenômenos de estabilização, variação, mudança construcional ou construcionalização. A principal diferença entre a construcionalização e a mudança construcional é que a construcionalização resulta na criação de uma nova construção e a mudança construcional não.

A construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) é compreendida como um processo que resulta na criação de um novo pareamento de forma e função, isto é, resulta na criação de uma nova construção ou nó na rede construcional. A criação dessa nova construção é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esse processo ocorre a partir de uma série de microetapas de mudança e, portanto, é sempre gradual. Como explicam Traugott e Trousdale, para que ocorra o processo de construcionalização é preciso que haja mudanças tanto na forma (morfológica, sintática, lexical, prosódica, fonético-fonológica) e no sentido (na função semântica, discursiva, pragmática, social, cognitiva) resultando na criação de uma nova construção que é o que configura o processo de construcionalização.

A mudança construcional caracteriza-se por alterações que afetam traços, ou características, de construções já existentes. Tais mudanças podem ocorrer tanto no nível da forma como no nível da função, mas nunca nos dois simultaneamente. “Uma mudança construcional é uma alteração que afeta um dimensão internade uma construção. Não envolve criação de um novo nó.”⁵, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 26).

⁴ Constructions are “pieces of grammar” (Kay & Fillmore 1999: 2), while constructs are actual physical realizations of constructions, i.e. utterance-tokens (words, phrases, sentences) that instantiate constructions in discourse. A construction is thus a generalization over constructs. (FRIED, 2013: p. 5).

⁵ “A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It

“Pode-se conceber a variação com base em relação de similaridade (por comparabilidade, alinhamento, sinonímia ‘imperfeita’), que é traçada pelos falantes e/ou é ensejada por conta de links de herança/instanciação” (MACHADO VIEIRA, 2019, p. 160). O fenômeno de variação aqui considerado é capturado empiricamente via percepção de similaridade entre construtos/dados e alinhamento funcional entre microconstruções que os licenciam. Advém do mecanismo cognitivo de analogia.

E o fenômeno de estabilização (sempre relativo ao que se captura no processo de observação científica) é aqui revelado pela representação teórico-explicativa da rede construcional a que se chega a partir dos usos de padrões construcionais de predicadores complexos empiricamente examinados.

Habilidades cognitivas de domínio geral

Entre as habilidades que importam a este capítulo estão analogia, categorização e *chunking*.

Chunking ou encadeamento (segundo BYBEE, 2010, 2017) é o processo pelo qual sequências de unidades passam a ser entendidas como um todo, isto é, uma estrutura complexa. Para que uma construção se torne um *chunk*, que é resultado de um *chunking*, isto é, sequências de material linguístico são armazenadas e acessadas como um todo, uma unidade fossilizada (BYBEE, 2010), deve haver uma frequência de uso dessa estrutura para que ela se torne uma forma cristalizada e seja entrincheirada na memória. Bybee também afirma que *chunking* é um mecanismo primário que leva à formação de construções.

Analogia, também segundo Bybee, diz respeito ao processo pelo qual o usuário de uma língua passa a usar um novo item numa construção, um processo que permite que novas estruturas sejam criadas por meio da comparação com estruturas já existentes anteriormente em outros contextos discursivos. Produzir e processar enunciados linguísticos envolve os movimentos de associação e dissociação. A associação potencializa o acionamento de novas possibilidades. Associação e dissociação envolvem categorização linguística.

Categorização é um processo, relacionado à nossa memória rica, pelo qual reunimos, por semelhança, e separamos, por dissimilaridade, entidades, organizando-as em categorias prototípicas cujos limites não são tão nítidos, uma vez que envolvem tanto exemplares prototípicos quanto exemplares periféricos.

does not involve the creation of a new node”, Traugott; Trousdale (2013, p. 26).

Parâmetros de análise

A **esquematicidade** revela-se via processo de esquematização da representação cognitiva que licencia usos linguísticos, pelo grau de abstração de uma construção e de seus *slots* (aos quais associações de, por exemplo, lexemas ou outras construções são previstas formal e funcionalmente). Todo construto que é encontrado na língua é realização licenciada por padrões construcionais que apresentam diferentes níveis de abstração. O nível mais esquemático é chamado de *esquema construcional* ou *macroconstrução*; em seguida, com um menor grau de abstração e maior grau de preenchimento de *slots* ou de previsão de suas potencialidades de preenchimento, há outro nível chamado *subesquema* ou *mesoconstrução*; entre o subesquema e o construto, há ainda outro nível de abstração chamado de *microconstrução*, que corresponde ao nível abstrato mais preenchido e mais substantivo (em termos de previsão de atributos de forma e funcionalidade). São as microconstruções que licenciam os construtos que correspondem aos usos efetivos pelos falantes (chamados, na teoria, de construtos).

A **produtividade** é o parâmetro que se alinha à potencialidade estatística de preenchimento de um *slot* ou de expressividade, no uso, de uma construção, bem como à repercussão dela em novas extensões de forma-função (e, por conseguinte, a extensibilidade da construção) ou à frequência de novos construtos gerados pelos esquemas construcionais existentes. Compreende, por exemplo, frequência de ocorrências e de tipos construcionais (*tokens* e *type(s)*) ocasionados por uma construção mais abstrata.

A **composicionalidade** diz respeito ao grau de transparência entre a construção e as partes que a compõem, bem como à ligação dessas partes. Quando o significado da construção pode ser compreendido a partir da soma dos significados das partes, trata-se de uma construção com alto grau de composicionalidade. Quando o significado da construção (quase) não corresponde à soma do significado das partes que a compõem, trata-se de uma construção com um baixo grau de composicionalidade ou não composicionalidade (sendo esta situação típica de casos de *chunking*).

Por último, a **contextualidade** é um fator mencionado por Goldberg (2016) e diz respeito às interferências na significação das construções de fatores contextuais e conhecimento partilhado propiciado pelo contexto. Goldberg (2016) adverte sobre a possibilidade de uma língua ser encarada como uma rede de construções cujo significado destas não reside inteiramente ou necessariamente na expressão (verbal) delas, tendo em vista expressão num elemento/“sinal” construcional como fator que promove que o significado de uma instanciação seja socialmente

compartilhado, uma vez que a língua em si normalmente oferece apenas pistas incompletas para a interpretação geral da sentença. Afinal, uma língua está também configurada por subespecificações conceptuais, vagueza, elipses, não explicitação de pensamentos ou intenções de interpretação. Metaforicamente falando, temos acesso, nas expressões linguísticas, apenas à ponta do *iceberg*. E é a partir dela(s) que inferimos efeitos de sentido rastreados numa contextualidade.

Os dados e a análise empírica

A amostra aqui descrita compõe-se de um total de **643** dados coletados em diferentes domínios discursivos: **477** dados foram coletados dentro do contexto esportivo e **166** foram coletados fora deste contexto. Fora do contexto esportivo, os principais temas encontrados nos textos dos dados foram os ligados à política (principalmente), ou ainda a cinema, relacionamento e escola.

A coleta, feita em sites de notícias de temas diversos, blogs e espaços destinados a comentários em blogs e redes sociais, ocorreu via ferramenta de busca do Google: buscamos dados de cada construção de predicador complexo cogitada como possível (a partir de consultas a textos do mundo do futebol), coletamos todas as notícias, comentários e matérias em sites em que cada construção procurada ocorreu, destacamos trechos dos textos com a predicação objeto da investigação e configuramos a partir deles a amostra-base. Outra forma de buscar esses dados foi acessando diretamente blogs relacionados ao futebol e procurando dados a partir da ferramenta de busca do navegador. A busca direta por expressões no Google foi necessária para que pudéssemos constituir uma amostra com um número expressivo de dados.

Com a finalidade de auxiliar na análise dos parâmetros de produtividade e esquematicidade e no mapeamento da rede de padrões construcionais, procedemos à organização de subamostras: (i) de todos os verbos que puderam ser encontrados nas construções estudadas exercendo a função de verbo (semi-)suporte; (ii) de compatibilização de lexemas verbais aos *slots* nas construções em questão. Ainda buscando examinar os parâmetros de produtividade e esquematicidade das expressões, foi feito um mapeamento da frequência e da extensibilidade de microconstruções (frequência *type*) e da frequência dos construtos (frequência *token*) licenciados por essas microconstruções. Além disso, projetamos a rede dos padrões construcionais abstratos que licenciam as tais expressões. Fizemos, também, uma análise do grau de composicionalidade das expressões em diferentes contextos a partir da comparação de diversos dados. Por fim, buscamos observar

e descrever os casos em que ocorriam possíveis mudanças construcionais, construcionalização e variação.

PREDICAÇÃO VIA PREDICADOR COMPLEXO COM VERBO (SEMI-)SUPORTE: RESULTADOS DE UMA ANÁLISE EMPÍRICA

Exame do grau de produtividade e esquematicidade das expressões

Quanto à potencialidade de preenchimento do *slot* verbal da construção com verbo (semi-)suporte por contexto (dentro e fora do domínio discursivo do futebol), os padrões construcionais mais frequentemente preenchidos pelos verbos são vistos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Distribuição percentual dos dados por verbo (semi-)suporte nos dois domínios discursivos examinados

No contexto esportivo	Fora do contexto esportivo
Fazer (269) (Fazer gol) 56,3%	Fazer (76) (Fazer pedalada) 45,7%
Dar (54) (Dar passe) 11,3%	Dar (30) (Dar cartão vermelho) 18,1%
Marcar (50) (Marcar gol) 10,4%	Bater (17) (Bater bolão) 10,2%
Cobrar (27) (Cobrar falta) 5,6%	Marcar (12) (Marcar gol de placa) 7,2%
Sofrer (20) (Sofrer gol) 4,2 %	Pendurar (7) (Pendurar as chuteiras) 4,2%
Tomar (18) (Tomar gol) 3,7%	Jogar (5) (Jogar para escanteio) 3%
Levar (15) (Levar gol) 3,1%	Levar (4) (Levar carrinho) 2,4%
Pendurar (13) (Pendurar as chuteiras) 2,7%	Colocar (4) (Colocar para escanteio) 2,4%
Bater (8) (Bater uma bolinha) 1,7%	Tomar (3) (Tomar cartão vermelho) 1,8%
Colocar (1) (Colocar para escanteio) 0,2%	Mostrar (3) (Mostrar cartão vermelho) 1,8%
Meter (1) (Meter golzinho) 0,2%	Arriscar (1) (Arriscar drible) 0,6%
Pintar (1) (Pintar um golzinho) 0,2%	Deixar (1) (Deixar de escanteio) 0,6%
	Levantar (1) (Levantar bola) 0,6%
	Passar (1) (Passar cartão vermelho) 0,6%
	Matar (1) (Matar no peito) 0,6%
Total: 477	Total: 166

Fonte: Autoral.

Em azul, estão os verbos encontrados a partir dos dados coletados no domínio esportivo e, em vermelho, estão os verbos encontrados a partir dos dados coletados fora desse domínio. Em ambos os domínios, os verbos *fazer* e *dar* foram os mais produtivos. São esses dois verbos também mais vezes referidos quando a intenção é ilustrar a categoria de verbo suporte (cf., por exemplo, MATEUS *et al.*, 2003; RAPOSO *et al.*, 2013; MACHADO VIEIRA, 2018).

Ao lado de cada verbo, optamos por ilustrar, entre parênteses, a expressão que mais vezes é registrada com ele no *corpus*. Assim, é possível observar a frequência de ocorrência de cada verbo separadamente a se compatibilizar na construção com verbo (semi-)suporte, bem como o padrão construcional mais recorrente. Então, passamos a estabelecer um contínuo no qual alguns verbos se apresentavam mais claramente ligados à categoria de verbo suporte e outros menos, com estatuto semissuporte. Os exemplos 4 e 5 ilustram as duas construções mais frequentes nos dois domínios discursivos.

(4) Alex: Em momento algum. O que queríamos era **fazer gol** no Maracanã. É claro que logo após a partida todos lamentam a perda de uma vantagem maior. Mas depois, com a cabeça mais fria, você consegue ver que o primeiro objetivo que era obter a vantagem tinha acontecido. <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/o-t%C3%ADtulo-do-cruzeiro-de-tetracampe%C3%A3o-da-copa-do-brasil-em-2003-contado-por-alex-1.561283>. Acesso em: 28 set. 2017

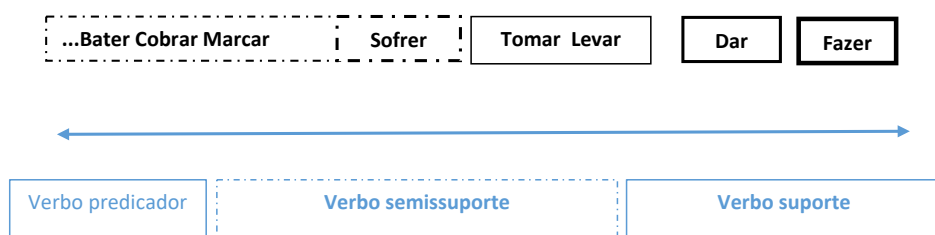
(5) “Fundeb e dinheiro dos Municípios não vamos pedalar. Eu garanto. Não vamos **fazer pedaladas**. Passei essa determinação expressa ao atual secretário de Fazenda Rogério Gallo”, afirmou Mendes em entrevista nesta semana. <https://www.midianews.com.br/politica/nao-vamos-dar-pedaladas-fundeb-e-municipios-terao-repasses/342253>. Acesso em: 22 maio 2019

Como o conceito de verbo semissuporte está diretamente ligado à frequência de ocorrência do item verbal que ocupa o *slot* com a função de verbo suporte e, portanto, é mais corriqueiramente atraído para esse *slot*, podemos dizer que *dar* e *fazer*, assim como já era nossa expectativa, são os mais frequentes. São esses verbos os que se revelam mais esvaziados de especificidade semântica, sem falar no fato de que são os que operam, noutras construções, também com outros perfis gramaticais (tais como o de verbo (semi-)auxiliar em estruturas como “dar de Vinfinitivo” ou “fazer Vinfinitivo”, com perfil aspectual e causativo respectivamente). São, por assim dizer, os verbos mais em consonância com o estatuto de verbo suporte. Por outro lado, verbos como *bater*, *cobrar* e *sofrer* se mostraram bem menos frequentes e, portanto, embora também sejam acionados para preencher a construção de predicador verbal complexo, fazem-no numa condição diferente: como semissuportes. Não são normalmente associados, pelo menos não de imediato, a algum grau no contínuo verbo predicador/de conteúdo-verbo suporte/procedural (verbalizador de elemento de partida não verbal);⁶ porém, ao ocorrerem nessa construção, já são alinhados a algum grau no contínuo, como um tipo de recurso de contorno menos nitidamente instrumental.

⁶ Cf. Figura 1.

Confirmamos a hipótese sobre haver verbos semissuportes no *corpus* estudado, uma vez que expressões esportivas com verbo (semi-)suporte são muito recorrentes na língua em uso e, justamente por conta dessa produtividade, estão constantemente sendo alvo de inovação, e estão sujeitas a outras alternativas de preenchimento, haja vista a representação de predicador verbal complexo enraizada na mente do falante. Estimamos o seguinte contínuo de associação dos lexemas verbais ao *slot* de verbo suporte:

Figura 2 – Concepção gradual da categorização verbal baseada na frequência *token* de acionamento de item verbal para a construção de predicador complexo.



Fonte: Autoral.

No esquema representado pela Figura 2, à direita encontram-se os verbos que mais se alinham à definição de verbo suporte, no caso, *fazer* e *dar*. O verbo *dar*, entretanto, por ser bem menos recorrente que o verbo *fazer*, aparece mais próximo ao meio do contínuo, mas ainda posicionado mais à direita. À esquerda, encontram-se os verbos que mais se alinham à definição de verbo semissuporte: para exemplificar essa categoria, na representação da Figura 2, temos, por exemplo, os verbos *sofrer* e *marcar* que ocorrem, no *corpus*, com uma frequência bem menor se comparada à dos verbos *fazer* e *dar*. Vale dizer que estudos sobre predicções passivas têm revelado o acionamento de *sofrer* como semissuporte em predicados complexos de passividade no Português do Brasil (cf. TEIXEIRA, 2020; MACHADO VIEIRA, 2021).

Examinando agora o *slot* de elemento não verbal, detectamos, nas tabelas a seguir, a combinação de alguns dos verbos apresentados na Tabela 1 aos elementos não verbais mais frequentes no *corpus*.

Tabela 2 – Frequência de compatibilização de lexemas ao *slot* de elemento não verbal por verbo (semi)suportemais produtivo em [V(semi-)suporte + elemento não verbal]predicador verbal complexo (no contexto esportivo)

Dados coletados no contexto esportivo

	gol	defesa	cera	X a Y	jogada	drible	cruzamento	golaço	cartão vermelho	passa	pênalti	escanteio	falta	golzinho
fazer	52	37	22	17	17	13	14	9					11	
dar						4				9				
marcar	35							5			3	1		
cobrar											5	6	10	
sofrer	10										1		3	
tomar	11								5					
levar	6								3					
bater											2			
cavar											1		4	
meter														1
pintar														1

Fonte: Autoral

Na tabela anterior, estão apenas os dados encontrados dentro do domínio esportivo. Na vertical, estão listados os verbos mais recorrentes e, na horizontal, os elementos não verbais que mais recorrentemente se combinam aos verbos. Os números correspondem à quantidade de vezes com que cada combinação, expressão *V(semi-)suporte + elemento não verbal*, foi encontrada.

Tabela 3 – Frequência de compatibilização de lexemas ao *slot* de elemento não verbal por verbo (semi)suporte mais produtivo em [V(semi-)suporte + elemento não verbal]predicador verbal complexo (fora do contexto esportivo)

Dados coletados fora do contexto esportivo

	peda lada	gol	firu la	joga da	defe sa	jogui nho	drible	cartão vermelho	cartão amarelo	bolão	pênal ti	escan teio	gol de placa
fazer	15	10	9	7	6	4	4						3
dar	1						8	12	2				
marcar		3										1	6
tomar							1	2					
levar								1	1				
bater										5	5	3	

Fonte: Autoral.

A Tabela 3 está organizada da mesma forma que a anterior. A diferença está no seguinte: nessa consideramos apenas os dados encontrados fora do domínio esportivo. Em vermelho estão destacados os elementos não verbais que se repetem nas duas tabelas e em amarelo os verbos que se repetem nas duas Tabelas (2 e 3).

Vemos que, dependendo do domínio discursivo, alguns verbos são mais comuns que outros. Observamos, também, uma mudança em relação ao termo não verbal mais compatível com cada verbo: o verbo *fazer*, por exemplo, no contexto esportivo, como ilustrado no exemplo 6, ocorre muito mais vezes combinado com o nome “gol” enquanto, fora desse contexto, como ilustra o exemplo 7, o mesmo verbo ocorre mais frequentemente combinado com o nome “pedalada”.⁷

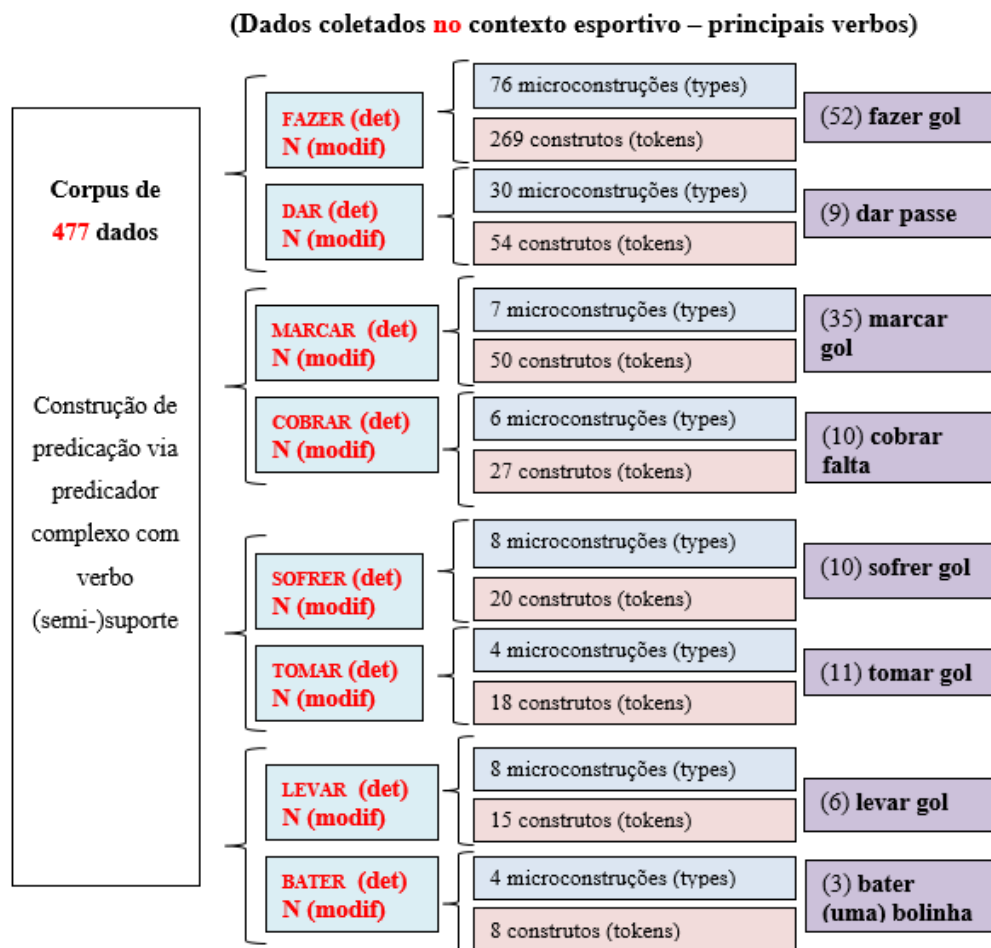
(6) Já a Ponte chegou a **fazer um gol**, ou melhor, viu David Braz **fazer um gol contra**, mas havia um atacante em impedimento e que participou do lance, o que justificou a anulação, ainda nos 45 minutos iniciais. <https://blogdojuca.uol.com.br/2017/06/santos-empata-com-a-ponte-mas-mereceu-vencer/>. Acesso em 18 jun. 2017

(7) O relatório aponta ainda que a agência **fez “pedaladas”** das obrigações que havia imposto às operadoras, trocando metas vencidas e não cumpridas por novas, sem que houvesse punição. <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/09/anatel-fez-pedaladas-em-fiscalizacao-contra-empresas-de-telefonia-diz-tcu.html>. Acesso em: 05 out. 2017

Os esquemas descritos a seguir (Figuras 3 e 4) resultam do mapeamento da: (i) distribuição dos dados por padrões construcionais (à esquerda/padrão construcional mais abstrato, mais à direita/padrões mais substantivos/preenchidos e menos abstratos); e (ii) extensibilidade de microconstruções a partir da construção de predicado complexo com verbos suporte (frequência *type*, quantos tipos/*types* construcionais foram detectados e um exemplar do mais frequente), bem como da frequência dos construtos (frequência *token*, ou seja, número de usos/*tokens* associado ao conjunto de tipos/*types* construcionais e ao tipo construcional mais produtivo, indicado entre parênteses neste último caso) licenciados por cada microconstrução detectada a partir da análise da amostra.

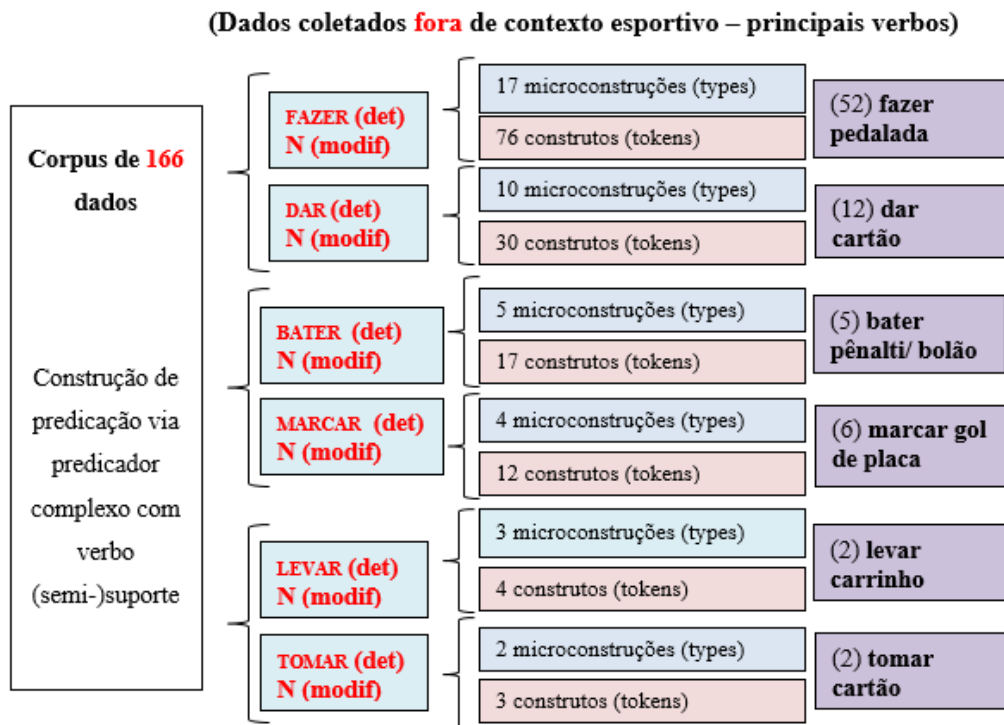
⁷ E nessa manifestação linguística mais recorrente nas construções textuais-discursivas observadas, também capturamos uma predicação marcante por um tempo na história política do Brasil, em que a expressão “fazer pedalada” é bastante acionada e associada a significado relativo a improbidade no gerenciamento fiscal de dinheiro público.

Figura 3 – Construção de predicação com verbo (semi-)suporte no contexto esportivo.



Fonte: Autoral.

Figura 4 – Construção de predicação com verbo (semi)suporte fora do contexto esportivo.



Fonte: Autoral.

Nas esquematizações apresentadas, vemos a frequência de ocorrência dos principais verbos estudados e os padrões construcionais de que fazem parte e que licenciam os construtos/dados em questão.

Analisando somente os dados encontrados dentro do contexto esportivo (subamostra de 477 dados), dentre os verbos suportes (*fazer* e *dar*), o que mais se destaca é o verbo *fazer* com 269 construtos, que foram gerados por setenta e seis microconstruções diferentes. A microconstrução mais produtiva é “fazer gol” com cinquenta e duas ocorrências. Em segundo lugar (como verbo suporte), está o número de dados envolvendo o verbo *dar*, que ocorreu em cinquenta e quatro construtos, licenciados por trinta microconstruções. A microconstrução que licencia mais ocorrências é “dar passe” (9 ocorrências).

Dentre os semissuportes (477 dados), o mais produtivo foi o verbo *marcar*, com cinquenta construtos gerados a partir de sete microconstruções diferentes. A microconstrução mais recorrente referente a esse verbo foi “marcar gol” com trinta e cinco ocorrências. Em segundo lugar, encontramos o verbo *cobrar*, que

ocorreu em vinte e sete construtos licenciados por seis microconstruções. “Cobrar falta” é a microconstrução à qual se ligam mais dados da subamostra (10 usos).

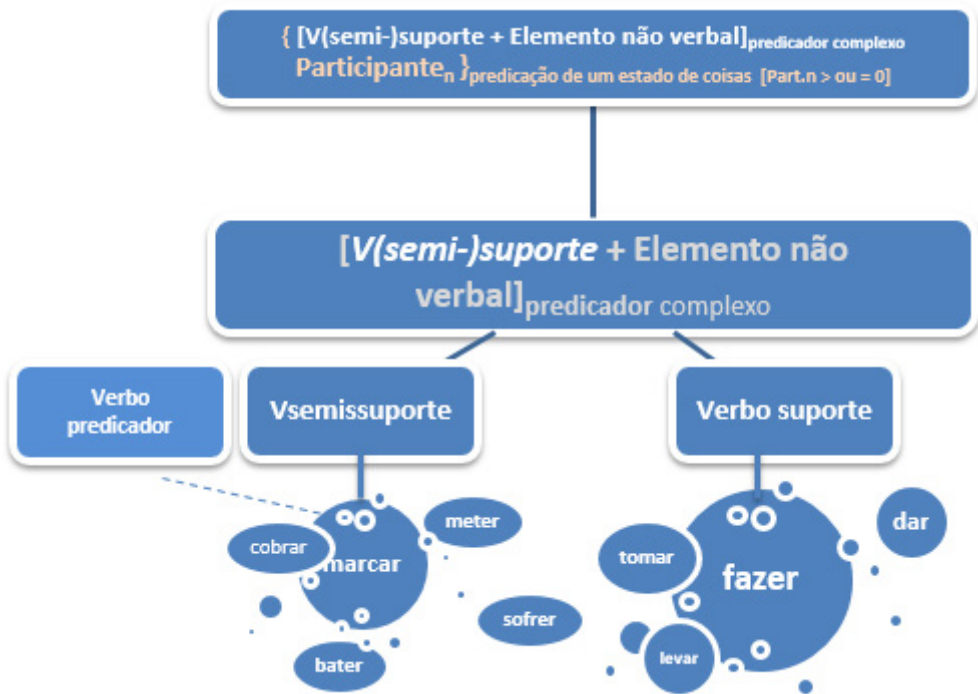
A partir da análise dos dados coletados fora do domínio esportivo (subamostra de 166 dados), o verbo suporte *fazer* também se revela o mais produtivo, sendo observado em setenta e seis construtos que foram licenciados por dezessete diferentes microconstruções. Em segundo lugar, também apareceu o verbo *dar*, que ocorre um total de trinta vezes em construtos licenciados por dez microconstruções distintas.

Dentre os verbos semissuportes (166 dados), o mais produtivo é o verbo *bater*, que ocorre em dezessete construtos, licenciados por cinco microconstruções. Em seguida, observamos o verbo *marcar*, que aparece em doze construtos, licenciados por quatro microconstruções.

O construto mais produtivo com o verbo *fazer* encontrado nesse contexto é a expressão “fazer pedalada”, que ocorre quinze vezes. Com o verbo *dar*, é a expressão “dar cartão vermelho” a mais produtiva, que ocorre doze vezes. Com o verbo *bater*, as mais produtivas são as expressões “bater pênalti” e “bater um bolão”, que ocorrem cinco vezes cada uma e, com o verbo *marcar*, a expressão mais produtiva é “marcar gol de placa”, encontrada seis vezes.

Na Figura 5, projetamos uma esquematização que propicia visualizar o nível mais abstrato que licencia tais microconstruções, a partir de combinações de lexemas (só os verbais estão representados no sopé da figura 5) e predicadores verbo-nominais à macroconstrução de predicação com predicador complexo que é formado de verbo suporte ligado a elemento não verbal.

Figura 5 – Rede de combinação de lexemas verbais e padrões construcionais de predicador complexo e predicação.



Fonte: Autoral.

As microconstruções são constituídas por possibilidades verbais normalmente ligadas à categoria de verbo suporte ou, ainda, à categoria de predicador. São, então, licenciadas pela mesoconstrução representada por um verbo semissuporte mais um elemento não verbal ou, mais produtivamente, pela mesoconstrução representada por um verbo suporte mais um elemento verbal. Essas duas mesoconstruções, por sua vez, são licenciadas por uma macroconstrução representada pela associação de um verbo/item verbal com estatuto de verbo (semi-)suporte a um elemento não verbal a qual ocupa o *slot* predicante da predicação de um estado de coisas.

EXAME DO GRAU DE COMPOSICIONALIDADE E DA CONTEXTUALIDADE DAS EXPRESSÕES

Ao analisar os dados segundo os parâmetros de composicionalidade e contextualidade, observamos que o grau de composicionalidade de uma mesma

expressão difere a depender do contexto. Os dados das expressões encontradas no contexto esportivo mostram-se, em alguns casos, mais composicionais ou menos, se comparados a dados da mesma expressão encontrada em outro domínio discursivo.

No caso da expressão “dar cartão vermelho”, por exemplo, podemos observar essa mudança do grau de composicionalidade devido à diferença de contexto. Quando usada dentro do contexto esportivo, essa expressão possui maior grau de composicionalidade (um cartão vermelho é apresentado), se comparada ao menor grau de composicionalidade que a mesma expressão possui quando usada no contexto político, por exemplo. Nesse caso, há um emprego metafórico da expressão, que está associada à ideia de advertência, reprimenda, reprovação, punição (de expulsão/banimento).

Essa diferença no grau de composicionalidade fica nítida nos seguintes exemplos:

(8) Depois do gol, a arbitragem analisou o lance desde sua origem com o uso do Árbitro de Vídeo e, além de confirmar o tento, ainda viu lance de falta onde Léo Sena acabou pisando com a ponta do pé na mão de Rithely e decidiu **dar cartão vermelho** para o atleta do Goiás. <https://www.lance.com.br/brasileirao/goias-com-menos-virada-bate-internacional-serra-dourada.html>. Acesso em 05 jan. 2020

(9) Mas os que **deram cartão vermelho** para a autora devem ter se arrependido: a quadrinista foi a mais premiada em 2018, levando as principais categorias...<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/quadrinhos/2019/05/01/NWS,103421,71,650,DIVERSAO,2330-MINHA-COISA-FAVORITA-MONSTRO-TRAZ-FORCA-NARRATIVA-TERROR-INCOMUM.aspx>. Acesso em: 05 jan. 2020

No exemplo 8 “dar cartão vermelho” é usado de forma mais composicional uma vez que, nesse caso, há de fato um cartão vermelho que está sendo levantado para sinalizar a expulsão de um jogador. No exemplo 9, a expressão é usada em um sentido menos literal e, portanto, menos composicional uma vez que não há cartão vermelho de fato, mas apenas a ideia de exclusão/censura a que o cartão vermelho (também no jogo de futebol) se associa.

Ressaltamos, entretanto, que, apesar de haver diferença do grau de composicionalidade, a depender do contexto, em ambos os casos a expressão não é totalmente composicional. Dessa forma, estamos considerando que o parâmetro de composicionalidade é gradual, podendo haver, assim, diferentes graus de composicionalidade.

No contexto esportivo, ainda que haja literalmente um cartão vermelho sendo levantado, o sentido da expressão não se restringe apenas ao ato de dar um cartão vermelho a alguém. O verbo “dar” ocupa a posição de um verbo suporte que acompanha o termo não verbal “cartão vermelho”. Essa expressão, portanto, tem um significado diferente do que o simples ato do juiz levantar o cartão vermelho ao jogador. Ela significa expulsar o jogador de campo. Também não diz respeito ao ato de transferência a que o verbo predicador *dar* é frequentemente associado (não é transferir-lhe um cartão vermelho).

Com isso, podemos dizer que, em ambos os casos, a expressão não é composicional. Isso se deve ao próprio verbo suporte que, ao ocupar essa função, revela algum grau de dessemantização. E também se deve ao sentido mais amplo que o ato de mostrar um cartão vermelho para um jogador durante uma partida de futebol possui.

Observamos esse tipo de diferença também nas expressões: “dar cartão amarelo”; “bater bola”; “bater uma bolinha”; “marcar gol”; “marcar golaço”; “levantar bola”; “marcar escanteio”; “fazer gol”; “fazer golaço”; “dar drible”; “bater pênalti” e “bater escanteio”.

(10) Indagado se há algum tema da reforma que o governo não aceita negociar, Bolsonaro negou. “O Parlamento é soberano para fazer os polimentos, tirar alguma coisa. A gente gostaria que passasse como chegou, mas sabemos que vai ter mudança”, reconheceu. “Quem vai **bater o pênalti** é a Câmara dos Deputados e, depois, o Senado”, ressaltou. <https://www.metropoles.com/mundo/politica-int/bolsonaro-sobre-previdencia-quem-vai-bater-o-penalti-e-a-camara>. Acesso em: 31 maio 2019

(11) Zagueiro do Paysandu **bate pênalti** de forma bizarra na final da Copa Verde e vira piada na web. <https://www.torcedores.com/noticias/2019/11/zagueiro-pay-sandu-erra-penalti-de-forma-bizarra-e-vira-piada>. Acesso em 05 jan. 2020

Algumas das expressões estudadas, contudo, não revelam essa diferença de composicionalidade de acordo com o contexto (esportivo e não esportivo). Essas expressões são: “dar/levar carrinho”; “dar/levar pedalada”; “dar/levar balão”; “dar/levar caneta”; “fazer chuveirinho”; “fazer gol de bicicleta”; “fazer fila”; “dar/levar chapéu”; “dar/levar lençol”; “tomar frango”; “levar meia lua” e “pendurar as chuteiras”. Essas expressões mostraram-se igualmente não composicionais em todos os contextos em que elas apareceram em nossa amostra, como ilustram os exemplos 12 e 13.

(12) Depois das bolas nas costas, Moro **leva carrinhos** no jogo da política. <https://amazonasatual.com.br/depois-das-bolas-nas-costas-moro-leva-carrinhos-no-jogo-da-politica/>. Acesso em 23 maio 2019

(13) E foi então que, quando tudo parecia mais feio do que o horrendo uniforme com que jogamos, Hernanes acreditou numa bola perdida, **deu um carrinho** e a ganhou uma, duas vezes para entregá-la a Edimar, que chuveirou na área. <http://saopaulofc.com.br/2017/10/adeus-z-4/>. Acesso em: 05 out. 2017

O contexto, de fato, interfere no grau de composicionalidade das expressões. Expressões fora do contexto esportivo são propensas a uma leitura menos composicional, se forem comparadas suas ocorrências dentro e fora desse contexto.

Uma característica das expressões fora do domínio esportivo é que elas quase sempre apresentam uma metáfora conceptual de jogada, disputa, negociação. Tal característica propicia uma transposição das expressões em questão para contextos menos prototípicos (em termos de lugar de manifestação): artístico/literários (cf. ex. 9), econômicos (cf. ex. 7), políticos (cf. ex. 12), publicitários, por exemplo. Outra característica desses textos é o fato de que eles ocorrem, no geral, relacionados a assuntos políticos. A conclusão a que isso nos leva é a de que o cenário político é facilmente comparado a uma cena de jogo e/ou de embate (de ideias), o que, conseqüentemente, favorece a ocorrência dessas expressões.

Tais resultados confirmam a hipótese inicial de que fatores cognitivos e pragmáticos também estariam em jogo ao realizarmos a transposição dessas expressões para diferentes domínios discursivos, influenciando, dessa forma, o sentido das expressões e, por consequência, o grau de composicionalidade nelas envolvido.

MUDANÇA, ESTABILIDADE E VARIAÇÃO

Há algumas expressões que se revelam mais cristalizadas, *chunks*. Possivelmente são resultantes de um processo de construcionalização lexical (conforme MACHADO VIEIRA, 2014, descreve). Um exemplo disso são as expressões “pendurar as chuteiras” e “fazer 7 a 1”.

No caso da expressão “fazer 7 a 1”, não há a possibilidade de qualquer outra forma de preenchimento dos *slots* que seja capaz de gerar o mesmo significado. Apesar de expressões com placar terem aparecido dezessete vezes no *corpus*, somente a construção “fazer 7 a 1” tem o sentido específico de “dar uma goleada”, uma vez que essa expressão começou a ser acionada rotineiramente nesse sentido somente após a vitória da Alemanha no jogo contra o Brasil na copa de 2014.

Nesse caso, constata-se uma mudança construcional, pois uma microconstrução licenciada por pareamento forma-função já existente (fazer x a y, estado de coisas que representa a disposição de gols por equipe num placar) sofreu alteração na sua função mantendo completamente a forma (fossilizou-se), já que não há a possibilidade de qualquer modificação nesta.

No caso da expressão “pendurar as chuteiras”, há um sentido que se mantém: a ideia de que há alguém em processo de aposentadoria. E esse sentido é o associado a todas as ocorrências da expressão nas duas subamostras (dentro e fora do domínio futebolístico). Mesmo que haja modificação em sua forma como, por exemplo, em “pendurar as raquetes”⁸ (expansão do uso), o sentido de aposentadoria se mantém, só que é perfilado no mundo do tênis. Portanto, há novamente outro caso de mudança construcional, pois a expressão já cristalizada “pendurar as chuteiras” com um significado de “alguém estar se aposentando”, pode sofrer uma pequena alteração em sua forma como em “pendurar as raquetes” ou “pendurar a capa” (em referência a super-herói) e, ainda assim, manter o mesmo sentido (afastamento do serviço ativo), havendo, portanto, alteração na forma, mas não no sentido da construção. Na verdade, esse fato revela que, uma vez entrincheirado na mente dos indivíduos de uma comunidade, eles começam a se valer de novas possibilidades de compatibilização de lexemas ao recrutar o padrão construcional para exprimir uma proposição, apostando que seu interlocutor processará também com base nessa convencionalização (compartilhada socialmente).

Em relação a casos de variação nas expressões estudadas, notamos que, em algumas construções, pode haver variação na escolha do verbo para o preenchimento do *slot* reservado ao verbo suporte. Em construções como: V(semi-)suporte + falta, pênalti, escanteio ou tiro de meta, por exemplo, o *slot* do verbo suporte pode ser preenchido por *cobrar* ou *bater* (quase) sem alteração de sentido. O mesmo ocorre em expressões desse tipo na qual o *slot* reservado para o elemento não verbal é preenchido por *drible*, *finta*, *passé*, *chapéu*, *lançamento* ou *enfiada*. Nesse caso, o *slot* reservado ao verbo suporte poderá ser preenchido tanto pelo verbo *dar* como pelo verbo *fazer* sem apresentar alteração de sentido, como mostram os exemplos:

⁸ Por exemplo: “Depois de **pendurar as raquetes**, Dementieva vira apresentadora em TV russa. Ex-tenista ancora programa sobre a liga de hóquei, um dos esportes mais populares e tradicionais de seu país”. (https://revistatenis.uol.com.br/artigo/depois-de-pendurar-as-raquetes-dementieva-vira-apresentadora-em-tv-russa_7304.html). Outro exemplo: “Henry Cavill pode **pendurar a capa**: rumores afirmam que ator não será mais o Superman.” (<https://mundoconectado.com.br/noticias/v/6812/henry-cavill-pode-pendurar-a-capa-rumores-afirmam-que-ator-nao-sera-mais-o-superman>)

(14) Autor dos dois gols pontepretanos, o atacante de 38 anos ainda recebeu um cartão amarelo ao reclamar do árbitro quando tentou **cobrar uma falta rápida** e o lance não foi válido. <https://m.futebolinterior.com.br/noticias/gilson-kleina-critica-arbitro-e-pede-atitude-da-diretoria-pontepretana>. Acesso em: 05 jan. 2020

(15) Em Porto Alegre, Fernandinho **bateu falta** e Barrios abriu o placar para o Grêmio. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pela-libertadores-gremio-bate-botafogo-e-santos-perde-em-casa/>. Acesso em: 05 jan. 2020

(16) Aos 24 minutos, Tréllez recebeu na frente, **fez o drible** em Victor e colocou na área para Yago, que mandou para o fundo do gol. <https://www.portalamirt.com.br/radio-minas/vitoria-derrota-atletico-sobe-tres-posicoes-e-deixa-a-zona-de-rebaixamento/>. Acesso em: 05 jan. 2020

(17) Em dois deles, teve lances memoráveis: diante do RB Brasil, no Paulistão, quando **deu drible desconcertante** em Thallyson. <http://www.tudotimao.com.br/news.asp?nID=122711>. Acesso em: 05 jan. 2020

Observamos, a partir dos exemplos, que as expressões “cobrar uma falta” e “bater uma falta” se apresentam como formas variantes (quase-sinônimos), pois podem levar à mesma inferência de sentido; o mesmo ocorre com as expressões “fazer drible” e “dar drible”, que também podem ser empregadas sinalizando sentido similar. Há, como esses, exemplos na amostra em que a variação nos lexemas que preenchem o *slot* de verbo (semi-)suporte não implica alteração do significado do predicador, o que é evidência em favor de relações de similaridade entre expressões verbo-nominais.⁹

DISCUSSÃO

A descrição feita traz à tona evidência da categoria de verbo semissuporte, um espaço intermediário na tipologia de funcionalidade de verbo instrumental/gramatical que normalmente não é cogitado na literatura sobre verbo suporte, bem como comprova que expressões que parecem ser do futebol têm escopo bem mais amplo e, principalmente, aparecem em (inter)ações enunciativas em que ocorre negociação de papéis, pontos de vista, cenas (eventos ou situações). Além disso, trata de *chunks*, resultantes de construcionalização lexical, assunto que, embora tenha servido de gatilho para o referencial de Gramática de Construções, continua pouco explorado (em termos de sua sistematicidade) na literatura da área.

⁹ Esse tipo de associação por similaridade fica evidente via relações presentes nas descrições linguísticas empreendidas na literatura, por exemplo na que a que foi feita: “fazer 7 a 1” e “dar (uma) goleada”; “pendurar as chuteiras” e “aposentar-se”.

A observação empírica de ocorrências da construção que envolve itens lexicais do Português que se ligam à categoria de verbo semissuporte é, sem dúvida, uma contribuição à literatura. Verbos auxiliares são normalmente perspectivados com base numa categorização que leva em conta exemplares do protótipo e exemplares fora deste (membros periféricos). Perspectiva similar já não vemos quando o assunto é a categoria verbo suporte, nos estudos normalmente feitos sobre expressões que o envolvem. Em sintonia com o que Machado Vieira (2014, 2018) propõe, nossa pesquisa reforça o vínculo de certos lexemas a uma categoria intermediária entre a de verbo predicador e verbo suporte, haja vista, inclusive, uma certa repetição no acionamento de verbos que atuam geralmente no *slot* de verbo principal de uma predicação, mas que, por combinação ao *slot* de verbo (semi-)suporte de um predicador complexo (por atração ou coerção), passam a ter atributo funcional de verbalizador ao se ligarem/incorporarem tão fortemente ao elemento não verbal que já não é proeminente uma leitura composicional de verbo e complemento verbal (como se dá no caso de verbo predicador).

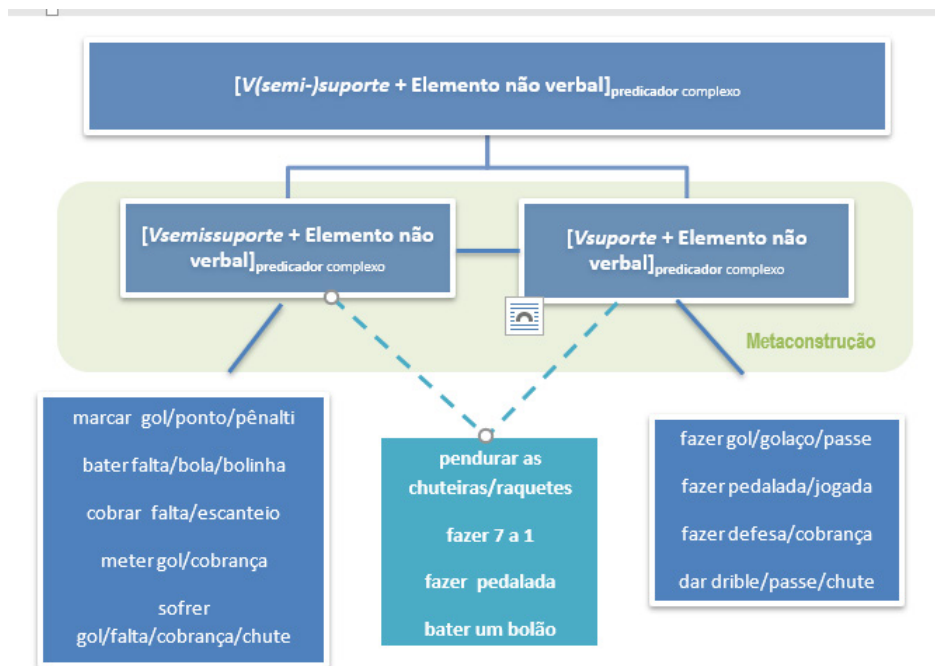
Por haver, na nossa língua, uma relação metafórica entre política e competição, o domínio discursivo em que essas expressões mais ocorreram, depois do contexto esportivo, é o político. E essa observação leva-nos a projetar a possibilidade de futura investigação que se atenha a textos de cunho político, materializados em gêneros e modalidades expressivas diferentes. O fato de os dados terem sido encontrados, principalmente, em sites de jornais, revista e blogs sugere-nos que tais expressões estão mais associadas a uma linguagem mais informal. Por isso, consideramos que textos produzidos em contextos de oralidade também devem ser objeto de observação.

Outro aspecto de destaque neste capítulo é a captura gramatical/linguística de idiomatismos, expressões verbo-nominais que já se manifestam, até em razão da frequência de uso, como *chunks*. Afinal, são repetidas sempre com a mesma forma e o mesmo significado, (quase) não são composicionais, têm sentido idiossincrático. Com isso, afastamo-nos, em certa medida, da tendência geral de concentrar atenção em construções que resultam do processo de construcionalização gramatical. Procuramos examinar todos os dados, perspectivando ambas as possibilidades: tipos construcionais resultantes da construção gramatical de predicado com verbo (semi-)suporte e tipos construcionais entrincheirados na mente e integralmente repetidos por força de um processo de construcionalização lexical que dá margem à expansão da rede de predicadores complexos para dar conta de idiossincrasias. E, assim, encontramos casos de predicadores complexos cristalizados (“pendurar as chuteiras”) que se mantêm relacionados a um significado nos dois diferentes

contextos textuais-discursivos considerados (dentro e fora do futebol), assim como encontramos predicadores complexos (“fazer pedalada”) que se associam a inferências de sentido diferentes, a depender do contexto considerado.

Com isso, alcançamos essa rede de construções de predicadores complexos, com padrões construcionais de diferentes níveis de esquematização, entre os quais está inclusive a previsão de metaconstrução para os potenciais casos de predicadores com (valores de) atributos diferentes mas relacionados por similaridade na expressão de um estado de coisas (*fazer cobrança (de falta), meter cobrança (de falta); bater falta, cobrar falta; sofrer gol, levar gol, tomar gol*) e, assim, pertencentes a uma zona de potencial neutralização de suas diferenças em prol de uma mesma funcionalidade semântica (“dar um drible”, “driblar”).

Figura 6 – Rede de padrões construcionais de predicador complexo.



Fonte: Autoral.

CONCLUSÃO

Expressões com verbo suporte indicativas de uma jogada esportiva são muito recorrentes no Português, principalmente no contexto esportivo. Apesar de no

contexto esportivo essas expressões serem bem mais recorrentes, seu emprego vai além do campo esportivo, são frequentes em outros domínios discursivos.

Em relação à classificação dos verbos encontrados, observamos uma grande ocorrência do verbo *fazer* como verbo suporte e uma grande ocorrência de outros verbos que, segundo a definição de Machado Vieira (2014, 2018), são classificados como verbo semissuporte.

Em relação à rede de padrões construcionais à qual as expressões estudadas estão ligadas, foi possível observar que as construções em questão são licenciadas pela seguinte construção de predicador complexo: [V(semi-)suporte + elemento não verbal]predicador verbal complexo Participanten, em que este pode ser igual a um ou mais de um participante.

Também observamos nesta pesquisa que algumas das construções estudadas já estão sofrendo mudanças. Há expressões que já se configuram como um *chunk* por se apresentarem como expressões estrutural e semanticamente cristalizadas. Algumas das construções estudadas também revelam ter passado por mudanças construcionais, por sofrerem alterações em sua forma, que não implicam propriamente alterações em sua significação/função, e outras por sofrerem mudança em sua função.

Apresentamos aqui um mapeamento de predicções usadas no Português brasileiro e típicas de uma linguagem empregada no esporte mais conhecido do país. Mostramos que lexemas e expressões formados no espaço esportivo do futebol ganham outras territorialidades em novas experiências discursivas, à medida que se reelaboram, metaforicamente, em função de novas condições cognitivas e sociopragmáticas.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco S. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. Araraquara-SP: Editora UNESP, 1991.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan; MODER, Carol Lynn. *Chunking and changes in compositionality in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- DIEWALD, Gabriele. *Context types in grammaticalization as constructions*. Constructions SV1-9, Düsseldorf, 2006. (www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860, ISSN 1860-2010).

FRIED, Mirjam. Principles of constructional change. In: TROUSDALE, Graeme; HOFFMANN, Thomas (ed.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press. 2013. Final preproof version.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford, 2006.

GOLDBERG, Adele E. Compositionality. In: Riemer, N. (ed.). *Semantics Handbook*. Route ledge, 2016.

IBBOTSON, Paul. The scope of usage-based theory. *Frontiers in Psychology*, v. 4, 2013. | <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00255>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. Rio de Janeiro: SOLETRAS, 2014.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 152-170. ISSN 2238- 975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5445>].

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA *et al.* (org.). *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, p. 90-112, 2018.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; SANTOS, Júlia Lessa dos; KROPF, Morgana Pinheiro Albuquerque. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. SOLETRAS [S.l.], n. 37, p. 154-178, 2019. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38481>. Acesso em: 27 out. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38481>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria. Neto de Oliveira (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Support verb complex predicates in varieties of Portuguese. Presentation at SLE www.societaslinguistica.eu/interaction, 2021. <https://osf.io/kwt2c/>.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

RAPOSO, Eduardo Paiva B *et al.* (org.). *Gramática do Português*. Vol. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

TEIXEIRA, Ravena Beatriz. *Estruturas com verbo (semi)suporte: a variação sob um prisma construcionista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. 2020. 155fl. <http://www.posvernaculas.lettras.ufrj.br/pt/mestrado/dissertacoes/2020/1779-ravena-beatriz-de-sousa-teixeira.html>.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: 54 ECKARD, R. *et al.* (ed.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Construction Grammar. In: KYTO, Merja; PAHTA, Päivi (ed.). *The Cambridge Handbook of English Historical Linguistics*. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics, Cambridge University Press, Cambridge, 2016.

TO “MATAR A BOLA NO PEITO” AND “FAZER UM GOLAÇO” IN THE SPEECH: PREDICATE WITH (SEMI-)SUPPORT VERB

Clarissa Fontenlos Figueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

The linguistic object of this chapter is a sample of Brazilian expressions composed by a (semi-)support verb and a nonverbal element that, together, forms a complex predicate indicative of state of affairs that is related to a sportive play, to soccer domain. Some examples of these expressions are exemplars such as “fazer um golaço” (something like “make a great goal”), “dar um carrinho” (more or less in the sense of “disarming the opponent’s ball domain with one-legged play”), “fazer uma defesa” (“make a defense”) and “marcar um gol” (“score a goal”). Some of them are made up of nonverbal elements which contain degree affixes (“fazer um golaço”, “fazer um golzinho”). The complex (verb-noun/verbal-nominal) predicate indicates a (dynamic or non-dynamic) state of affairs and then tends to select one participant role or more, matching, by force of attraction or coercion, to a construction of argument structure (usually a grammatical person structure that

foresees an argument or more) for the configuration of a proposition in relation to the psychobiosocial world.

(1) Carvajal é expulso após **fazer defesa** com a mão e vira piada na web. <https://www.torcedores.com/noticias/2017/12/carvajal-e-expulso-apos-fazer-defesa-com-mao-e-vira-piada-na-web-confira> acesso em: 06 set. 2021

Carvajal is sent off the field after **defending/making a defense** with his hand and becomes a joke on the web.

(2) O curioso caso do time que precisou **marcar um gol contra** para se classificar. <https://super.abril.com.br/cultura/o-curioso-caso-do-time-que-precisou-marcar-um-gol-contra-para-se-classificar/> acesso em: 06 set. 2021

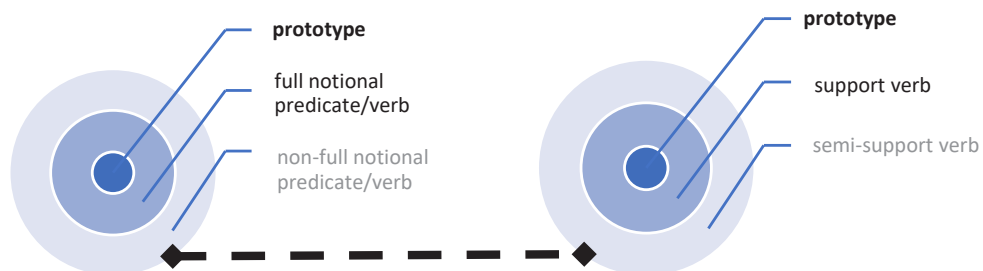
The curious case of the team that needed **to score an against/own goal** to qualify itself.

Example 1 shows a complex predicate exemplar with support verb (“fazer defesa” – “to make a defense”) and example 2 shows an exemplar with semi-support verb (“marcar um gol contra” – “to score a goal”). We aim to map (i) which verbal lexemes can act in this type of construction in Brazilian Portuguese in soccer discursive spaces and outside such spaces; (ii) if there are frequent examples of what we can call semi-support verb, according to MACHADO VIEIRA (2014, 2018), filling the support verb *slot* of the complex predicate construction; (iii) how the form-function pairing of the expressions are configured in our sample; (iv) how they are performed in different contexts (soccer ones and beyond); and (v) if there are cases of variation (near synonyms).

We consider a *support verb*, also called *light verb* in the literature (mainly in the formalist literature), a kind of grammatical/procedural unity that has the role of making a non-verbal element to behave as predicative/predicating unit, forming with it a complex predicate with behavior similar to a simple verb/simple predicate in a predication. The semi-support verb category is related to verbs that occupy more frequently the principal/notional verb *slot* of a predication, but behave, in such complex predicate, as well as a support verb, being responsible for verbalizing a non-verbal element.

The notions of support and semi-support verb capture different degrees of connection to the prototype of the group of verbs with the contour of the support/verbalizer verb of a non-verbal element (more or less evident contour).

Figure 1 – The relationship between types of functioning of verbal lexemes in Portuguese grammar belonging to the family of constructional patterns of (simple and complex) predicates.



Source: The authors.

In order to develop such research, we examined a dataset of 477 data licensed by complex predicate construction with (semi-)support verb that were collected in texts about soccer and also a dataset of 166 data that were collected in texts from diverse other contexts, different from soccer discursive context. Based on the theoretical framework of Functional-Cognitive Linguistics and Usage-Based Constructions Grammar and with a socioconstructionist perspective of language, we explore the concepts of: (i) constructional variation, constructional change and constructionalization (MACHADO VIEIRA, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); (ii) the degree of schematicity, productivity, compositionality and contextuality of the verb-noun/verbal-nominal expressions (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 2016); and (iii) the support and semi-support verbs, among others, that combine in the complex predicate construction.

The main hypotheses underlying such investigation are the following ones:

- (i) There is a variety of verbs that can collocate in these constructions’s verbal *slot*, since this type of verb-noun/verbal-nominal structure is quite recurrent in the language; this makes verbs that normally do not have grammatical status act just like those that have (support verbs, the verbalizers of non-verbal elements); such grammatical status is frequently activated due to the coercive force of the construction with the support verb. Among such variety, there are examples of semi-support verbs: conditions of interaction between speakers can give rise to the use, in an expression in common use, of verbs that are not always usually found as behaving the support function, in order to the speaker obtain gains in terms of discursive expressiveness.

- (ii) The soccer language goes beyond the discursive domain of soccer, not only because there is the potential to use typical expression from another area for some expressive gain, but also because many expressions in this domain are associated with plays in a team dispute/negotiation and the communication (especially that of an argumentative nature) involves a dispute between the interlocutors' points of view, places of speech.
- (iii) There is a possibility of difference in functional attribute(s) when a football expression is activated in text/speech outside this domain. Contextuality (GOLDBERG, 2016) is a parameter that can impact the relationship of data to (sub)schemas or micro-constructions and then can cause constructional change or even, if it reaches the formal face, may serve as a trigger for constructionalization (formation of a new constructional pairing – new form associated with new function).

In terms of a synthesis of the main results from the empirical research, we confirm the hypothesis that there are semi-support verbs, as well as support verbs, forming the *corpus* of complex predicates, since sports expressions with (semi-) support verbs are very recurrent in Brazilian Portuguese in use, both in soccer contexts and outside, and, precisely because of this productivity, they are constantly being target of innovation, and are subject to other filling alternatives, given the representation of a complex verbal predicate rooted in the speaker's mind.

In the dataset, there are exemplars as: (i) in texts about soccer, *fazer gol, dar passe, marcar gol, cobrar falta, sofrer gol, tomar gol, levar gol, bater bola*; (ii) in texts about other tematics, *fazer pedalada, dar cartão vermelho, bater pênalti, bater bolão, marcar gol de placa, levar carrinho* and *tomar cartão vermelho*.

Dar (to give) and *fazer* (to do/make), as we already expected (according to RAPOSO *et al.* 2013 and MACHADO VIEIRA, 2018), are the most frequent and the more commonly attracted to the support verb slot. These verbs are the ones that reveal themselves to be the most devoid of semantic specificity, not to mention the fact that they are the ones that operate, in other constructions, also with other grammatical profiles (such as the (semi-)auxiliary verb in structuring periphrasis such as “dar de Vinfinitive” or “make Vinfinitive”, with aspectual and causative profile respectively). They are, so to speak, the verbs most in line with the support verb status. On the other hand, verbs like *bater, cobrar e sofrer* (to hit, to demand, and to suffer/undergo¹) proved to be much less frequent and, therefore, although

¹ In order to know more about passive predication with the (semi-)support *sofrer*, see: MACHADO VIEIRA, 2021, slides can be accessed via <https://osf.io/kwt2c/>. Access: Sept.03, 2021.

they are also used to fill the construction of a complex verbal predicate, they do so in a different condition: as semi-supports. They are not normally associated, at least not immediately, to some degree in the continuum predicate/content verb–support/procedural verb, but, when they occur in this construction, they are aligned to that, as a type of contour feature less sharply instrumental.

We estimate the following continuum of association of the verbal lexemes to the support verb slot:

Figure 2 – Gradual design of verbal categorization based on the token frequency of verbal item activation for the construction of a complex predicate.

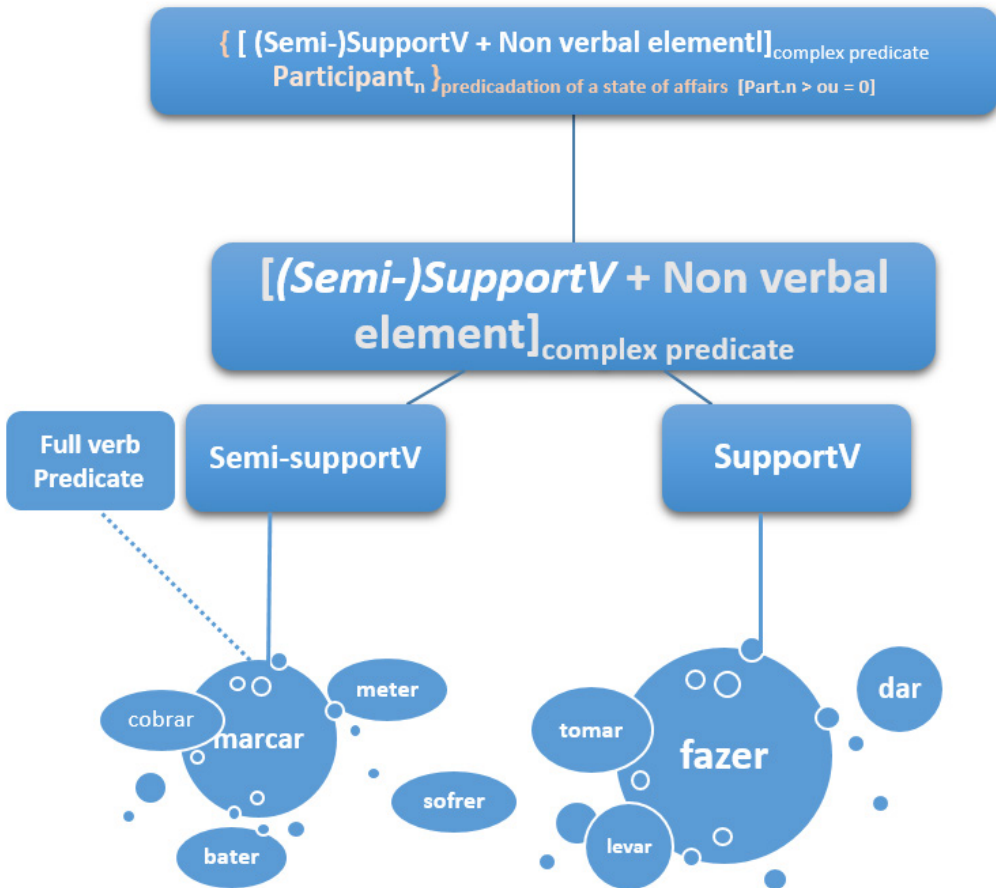


Source: The authors.

The complex predicates can indicate a dynamic or non-dynamic state of affairs, are usually personal (in)transitive or intransitive unities and, thus, they select a participant role or more than one (subject and prepositioned complement), they are made compatible, by force of attraction or coercion, to a construction of an argumental structure in order to configure a proposition in the soccer discourse and also outside this domain. In both they are quite activated and frequently involve the support verbs *fazer* (to do/make) and *dar* (to give), or the semi-support *marcar* (to score).

We observed some instances that occur as alternative predicates, near synonyms: *sofrer/tomar/levar gol* (“to take a goal”), *fazer/marcar gol* (“to score a goal”), *levar/tomar cartão* (“to get a (red/yellow) card”), including variants to simple verb forms (*fazer defesa/defender*, “to make a defense/defender, to defend, dar um chute/chutar, to give a kick”). And we designed a schematization that allows us to visualize the most abstract level that licenses microconstructions such as “marcar gol”, “fazer uma defesa”, “sofrer/tomar cartão vermelho” (“score a goal”, “make a defense/save”, “get a red card”), from combinations of lexemes (only the verbal ones are represented below) to verb-noun/verbal-nominal predicates and from these to the macroconstruction of predication with a complex predicate that is formed by a support verb linked to non-verbal element.

Figure 3 – Network of verbal lexemes and constructional patterns of complex predicate and predication.



Source: The authors.

The description brings out evidence of the semi-support verb category, an intermediate space in the instrumental/grammatical verb functionality typology that is usually not considered in the support verb literature, as well as proves that expressions that seem to be from soccer have much more/broad scope, and, mainly, appear in enunciative (inter)actions in which roles, points of view, scenes (events or situations) are negotiated. Furthermore, it deals with *chunks*, resulting from lexical constructionalization, a subject that, although it served as a trigger for the Grammar of Constructions framework, remains little explored in the literature. One example of *chunk* is “pendurar as chuteiras” (to retire).

The empirical observation of occurrences of the construction involving lexical items in Portuguese that are linked to the category of semi-support verb is, without a doubt, a contribution to the literature. Auxiliary verbs are usually viewed based on a categorization that takes into account examples of the prototype and examples outside of it (peripheral members). We no longer see a similar perspective when the subject is the support verb category, in studies normally carried out on expressions that involve it. In line with what Machado Vieira (2018) proposes, our research reinforces the link of certain lexemes to an intermediate category between the full notional predicate/verb and the support verb, considering even a certain repetition in the activation of verbs that usually act in the slot of the main verb of a predication, but which, by combination with the (semi-)support slot of a complex predicate (by attraction or coercion), come to have a functional verbalizer attribute when they bind/incorporate so strongly to the non-verbal element that a compositional reading of verb and verbal complement is no longer prominent (as in the case of full verb).

As there is, in our language, a metaphorical relationship between politics and competition, the discursive domain in which these expressions most occurred; after the sporting context, it is the political one. And this observation leads us to project the possibility of future investigation that sticks to texts of a political nature, materialized in different genres and expressive modalities. The fact that the data were found mainly on newspaper, magazine and blog sites suggests that such expressions are more associated with a more informal language. Therefore, we consider that texts produced in oral communicative contexts should also be the object of observation.

Another prominent aspect in this chapter is the grammatical/linguistic capture of idioms, verb-noun/verbal-nominal expressions that already manifest themselves, even due to their frequency of use, as *chunks*. They are (almost) always repeated with the same form and the same meaning, they are non-compositional, they have an idiosyncratic sense. With this, we move away, to some extent, from the general tendency to focus attention on constructions that result from the grammatical constructionalization process. We tried to examine all the data, considering both possibilities: constructional types resulting from the grammatical construction of predicate with (semi-)support verb and constructional types entrenched in the mind and fully repeated by virtue of a lexical constructionalization process that allows for the expansion of the network of complex predicates to account for idiosyncrasies. With this, we reach a network of constructions of complex predicates, with construction patterns of different levels of schematization, including the

prediction of a metaconstruction for potential cases of predicates with different attributes, but related by similarity in the expression of a state of affairs (*fazer cobrança (de falta), meter cobrança (de falta); bater falta, cobrar falta; sofrer gol, levar gol, tomar gol*).

We present here a mapping of predications used in Brazilian Portuguese and typical of a language used in the best known sport in the country. We show that lexemes and expressions formed in the soccer sports space gain other territorialities in new discursive experiences, as they are metaphorically re-elaborated in function of new cognitive and socio-pragmatic conditions.

REFERENCES

- GOLDBERG, Adele E. Compositionality. In: Riemer, N. (ed.). *Semantics Handbook*. Routledge, 2016.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. Rio de Janeiro: SOLETRAS, 2014.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 152-170. ISSN 2238- 975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5445>].
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA et al. (org.). *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, p. 90-112, 2018.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Support verb complex predicates in varieties of Portuguese. Communication presented at Societas Linguistica Europea 2021's meeting, www.osf.io/meetings/sle2021, 2021. <https://osf.io/kwt2c/>.
- RAPOSO, Eduardo Paiva B. et al. (org.). *Gramática do Português*. Vol. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

PARADIGMA DISCURSIVO COMO (PROTO)CONSTRUÇÃO: ALTERNÂNCIA LINGUÍSTICA VIA PRÁTICAS SOCIOCOMUNICATIVAS

Marcos Luiz Wiedemer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faperj

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

Resumo: Este capítulo trata do conceito de “*paradigma discursivo*” e defende a ampliação do escopo de conceptualização de construção no modelo da Gramática de Construções, ao abarcar paradigma discursivo como uma esfera de construções convencionalizadas e como parte integrante da gramática, no que diz respeito à captura do conhecimento linguístico dos falantes como um sistema simbólico. Para tal finalidade, a partir de breve análise dos gêneros *receita* e *resumo acadêmico*, procuramos evidenciar a associação entre paradigmas discursivos e construções gramaticais. Além disso, demonstramos que a estabilidade de tais associações é motivada, culturalmente, via práticas sociocomunicativas, bem como por propriedades de atributos do paradigma discursivo. E, assim, colaboramos para a descrição de variação construcional que se (re)configura em razão da representação cognitiva de experiências e expectativas de práticas textuais-discursivas, sociocomunicativas e culturais.

PARA INICIAR O TEXTO, VAMOS ATIVAR O PARADIGMA DISCURSIVO “ARTIGO CIENTÍFICO”

Neste capítulo, evidenciamos a necessidade de a Gramática de Construções (doravante GC) integrar os fenômenos sistemáticos e convencionais de tradições e/ou tipologias diversas de configuração do discurso no modelo da GC (conforme já apresentado por FRIED; ÖSTMAN, 2003, 2005; BERGS, 2008; HOFMANN; BERGS, 2014, 2018; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019, 2020; entre outros). E, a partir de observação empírica, defendemos que, na investigação construcionista, ganhe foco uma (agenda de) análise que vai além das propriedades internas das sentenças individuais ou, quando muito, da conexão entre elas e, então, alcance propriedades internas de textos e até hipertextos, de tradições ou inovações discursivas, ou seja, dimensões maiores em que se efetiva o acionamento de construções de ordem (infra/inter)lexical e (intra/inter)sentencial. E, assim, propomos uma ótica que considera a noção de construção em estruturas mais complexas de ordem textual-discursiva.

Para dar conta dessa proposição, lançamos mão da noção de “paradigma discursivo”, em que:

‘Padrões de discurso’ representam convencionalizações de propriedades linguísticas específicas, o que as coloca em pé de igualdade com os padrões convencionalizados conhecidos como ‘gramática’, pelo menos no que diz respeito à captura do conhecimento dos falantes da linguagem como sistema simbólico (ÖSTMAN, 2005, p. 121).¹

Paradigma discursivo é também uma construção de contorno procedural, uma vez que reúne generalizações, estabilizadas a partir das mais diversas práticas discursivas, que são, assim como as chamadas construções gramaticais que dizem respeito a representações de unidades que operam (intra ou inter) sentencialmente, norteadoras do acionamento de construções desta natureza e de natureza lexical. É, então, uma representação mental de (sub)conjuntos de atributos formais e funcionais pareados que se consolidam por convencionalização sociocultural e que funcionam como tradições textuais-discursivas nas quais e/ou segundo as quais operamos a formulação de nossas expressões linguísticas de toda a ordem de complexidade.

¹ Cf. original: “ ‘discourse patterns’ represent conventionalizations of specific linguistic properties, which places them on an equal footing with the conventionalized patterns known as ‘grammar’, at least with respect to capturing speakers’ knowledge of a language as a symbolic system”.

Nesse enquadre, os gêneros e os tipos textuais podem ser concebidos como construções, ou seja, pareamentos de forma-significado/função. Isso implica “o reconhecimento de sua natureza convencionalizada, esquemática e de seu caráter de estabilidade e flexibilidade, a um só tempo” (FERNANDES, 2009, p. 283). Dessa forma, faz parte do inventário de construções com que lidamos para organizar nossos pensamentos e emoções em linguagem verbal um conjunto de generalizações sobre padrões construcionais de ordem textual-discursiva, que são instanciadas pelos (sub)gêneros e tipos textuais.

A gramática de uma determinada língua é entendida como um *constructicon*, uma rede de padrões construcionais interconectados por alguns tipos de relações (verticais de herança, horizontais, entre as quais a de similaridade, e transversais).² A unidade mínima de análise é a construção, unidade simbólica em que são pareados forma (fonético-fonológica, morfossintática, lexical) e significado/função (semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva). O sistema linguístico configura-se, então, com base em *nós*: padrões construcionais com variados graus de esquematicidade/abstração que, em linhas gerais, constituem os recursos linguísticos e os modos de organização destes para a materialização de propósitos expressivos e comunicativos (conforme TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, a noção de “construção” cobre uma grande variedade de unidades linguísticas.

Dessa forma, as abstrações que os falantes fazem a partir dos textos/ usos existentes – generalizações de uso a partir de práticas de produção de textos orais e escritos – são gramaticalizadas na diversidade de textos/(sub)gêneros textuais existentes. Apoiando-nos em Bakhtin (1986), podemos explorar a dimensão histórica e cultural dos gêneros discursivos, em que

Cada esfera de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, sendo isso que denominamos **gêneros do discurso**. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso não têm limites, porque as diversas possibilidades da atividade humana são inesgotáveis, e cada esfera de atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que se diferencia e se amplia à medida que a própria esfera desenvolve-se e torna-se mais complexa. Uma ênfase particular deveria ser dada à extrema **heterogeneidade** dos gêneros do discurso (orais e escritos) (BAKHTIN, 1986, p. 60, grifos nossos).

² Vale lembrar que esse é o conceito de Gramática de Construções mais difundido, é também o que, em certa medida, põe em proeminência uma perspectiva homogênea de língua, embora haja a abordagem diassistemática em que se considera a noção de diassistema, cara, por exemplo, à Sociolinguística. A esse respeito, sugere-se a leitura de textos de Steffen Höder, desde Höder (2012, 2014). Machado Vieira (2020b) também desenvolve essa questão com base em pesquisas do Português e em ótica socioconstrucionista.

O que é importante nos dizeres de Bakhtin (1986) é justamente o caráter relativo dos textos, em que a recorrência de características similares em determinado tempo e cultura cria um frame interpretativo relativo e estável, o qual denominamos de *paradigma discursivo*. Afinal, os falantes engajam-se em ações sociais/discursivas que, em alguma medida, se pautam na tensão tradição e inovação, transformando-se em sujeitos que ativam relações entre (sub)esquemas convencionalizados e constructos e/ou em sujeitos, em algum grau, coautores de experiências compartilhadas, utilizam de frames discursivos específicos a certas condições de produção e circunstâncias socioculturais. Em resumo, a linguagem (verbal) materializa-se através de textos (seja ele composto de uma única unidade lexical, seja composto por um texto longo), que funcionam na orientação de determinado propósito comunicativo e da inferência de efeitos de sentido, a partir de sua emergência num domínio discursivo, pragmático, sociocultural e cognitivo.

Para Östman (2005, p. 125), “de fato, nem está claro que todos os praticantes da GC são a favor de levar a GC além da frase. No entanto, um movimento além da frase não está em desacordo com as motivações originais para a criação do modelo CG”.³

Aceitar a noção de *paradigma discursivo* como categoria analítica não é algo tão distante ou novo do que já feito em diversas áreas de estudo da linguística. Um exemplo é o que vemos na Linguística Textual, que assume a noção do texto como categoria analítica há bastante tempo. Sobre isso, Enghels e Sasiñena (2021, p. 1) aludem que:

Até o início deste século, o foco da Gramática de Construções (GC) estava principalmente em fenômenos morfossintáticos em um nível da frase em registros formais da língua escrita (Goldberg, 1995, 2006; Boas, 2003; Booij, 2005; Kay, 2005; Barðdal, 2008, entre outros). No entanto, a Gramática de Construções visa a dar conta da organização da língua em todos os níveis e, mais recentemente, todos os componentes desde morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, e fonologia até o nível do discurso foram integrados de forma mais explícita no modelo.⁴

³ Cf. original: “it is not even clear that all practitioners of Construction Grammar are in favor of taking Construction Grammar beyond the sentence. However, a move beyond the sentence is not at odds with the original motivations for devising the CxG model”.

⁴ Cf. original: “Until the beginning of this century, the focus of Construction Grammar (CxG) was mainly on morphosyntactic phenomena at a sentence level found in formal registers of written language (Goldberg 1995, 2006; Boas 2003; Booij 2005; Kay 2005; Barðdal 2008, among others). However, Construction Grammar aims at accounting for the grammatical organization of a language at all levels and, more recently, all components from morphology, syntax, semantics, pragmatics, and phonology to discourse levels have been more explicitly integrated into the model”.

A perspectivação dessa categoria no âmbito da Gramática de Construções talvez esbarre apenas no crivo das práticas de investigação mais frequentes ou mais divulgadas nesse área: ainda mais centradas em análise de colocação lexical em construções da ordem da sentença ou do período composto, menos em unidades construcionais textuais-discursivas; ainda há quem olhe com reserva esse encaminhamento, na medida em que sente falta de uma estruturação palpável da relação forma-função (principalmente quem se orienta por representações mais formais que funcionais). Porém, é importante enfatizar a necessidade de uma teorização construcionista de cunho cognitivista que situe e reconheça que as construções (lexicais ou gramaticais) se envolvem em (sub)gêneros do discurso, transformam-nos e são transformadas por eles e, assim fazendo, que os encare como formas convencionalizadas socialmente de que os falantes se valem para produzir/interpretar enunciados, que eles memorizam como (sub)esquemas cognitivos e/ou reconhecem como unidades (com configuração formal e funcional) e que, então, acionam em novas experiências de ação ou processamento discursivo(a)s.

É importante, ainda, apontar que a proposição de *paradigma discursivo* como construção está assentada em uma visão da linguagem atrelada aos aspectos socioculturais além dos aspectos cognitivos e linguísticos, pois, dar conta de um empreendimento de gramática que passe de geração a geração, só é possível se fizermos uma associação com alguma transmissão cultural, que engloba renovação dos usos já estabelecidos e inovações decorrentes de novas situações comunicativas. Assim, lembranças são a base de nossa vida como seres humanos, em que utilizamos de nossa capacidade para aprender, para interagir com o outro, ou seja, vivemos de memórias que são armazenadas em nossas estruturas cerebrais a partir das conexões neurais. Dessa forma, os falantes, nas suas interações⁵ do dia a dia, refletem sobre seus usos linguísticos como seres inseridos em um ambiente cultural. Esses eventos de usos são cruciais para a estrutura do sistema linguístico, bem como levam às regularidades desses usos, em que estão em jogo a estabilidade, a variação e a mudança linguística.

aquilo que os participantes do ato comunicativo acionam cognitivamente quando falam é fruto de experiências passadas, de uso de certas construções, a que se acrescenta a avaliação do contexto interativo, cujo enfoque está na imagem do interlocutor, não num conjunto fixo de postulados. Sua capacidade cognitiva, enquanto falantes, permite-lhes, portanto, a partir dos eventos discursivos, categorizar e classificar semelhanças e diferenças (ARAÚJO, 2012, p. 32).

⁵ A interação com coespecíficos, e até mesmo com outras espécies, é comum entre os animais, incluindo humanos (GALEF; LALAND, 2005; LEADBEATER; CHITTKA, 2007).

Assim, esses possíveis usos são resultados de processos de inovação e regularização, que geram unidades de forma padronizadoras e portadoras de significado que lhes é culturalmente associado, inclusive características pragmático-discursivas e sociais mais estavelmente associadas. Tais unidades são denominadas de construções. Dessa forma, o significado linguístico é dinâmico e flexível, ou seja, emerge na experiência de interação com outros, em que é conceptualizado/perspectivado de diferentes maneiras a depender da situação comunicativa (LANGACKER, 1987, 2008; CROFT, 2001); e, com o tempo, um perfil do significado pode tornar-se mais estabilizado do que outros, no pareamento.

Vale ainda acrescentar o que aponta Silva (2012, p. 168) sobre o significado:

não existe em mentes individuais isoladas, antes se constrói e se transmite na interação social. A conceptualização é, pois, necessariamente interativa: os nossos conceitos, os nossos significados são o resultado de mentes individuais em interação entre si e com os nossos contextos físicos, socioculturais, políticos, morais etc. Por outro lado, uma língua não é um sistema uniforme, mas um diassistema sócio-variacional.

No cenário brasileiro, a abordagem construcionista tem potencializado muitos projetos de investigação linguística, inclusive interdisciplinares; e, entre esses projetos, estão os desenvolvidos por nós em que procuramos reunir subsídios teórico-metodológicos para a modelagem da variação na arquitetura de um referencial (socio)construcionista de gramática (WIEDEMER e MACHADO VIEIRA, 2018b; MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2019, 2020). Procuramos evidenciar, neste capítulo, que a noção de *paradigma discursivo* pode contribuir para a análise da variação no âmbito da GC, bem como o escopo de análise.⁶

Em linhas gerais, o pontapé inicial da proposta de articulação entre GC e o fenômeno da variação surge por ocasião do artigo, resultado da comunicação realizada por Machado Vieira (2016), em que, desde então, a autora defende a proposta de reflexão sobre variação (por similaridade) no âmbito dos estudos praticados pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática.⁷ Como consequência dessa proposta, no texto seminal de Machado Vieira; Wiedemer (2020),⁸ reunimos subsídios teórico-metodológicos para tal modelagem, a partir de três possibilidades

⁶ Östman (2005) indica outras importantes aplicações: julgamentos de aceitabilidade, gramaticalidade e ambiguidades.

⁷ XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 04 a 07 de julho de 2016, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁸ Texto apresentado no XXXII ENANPOLL – Encontro Intermediário do GT de Sociolinguística da ANPOLL, PUC-RS, 22 a 24 de novembro de 2017.

de tratamento da variação: (i) variação por *aloconstruções* e *metaconstrução*; (ii) variação por semelhança simbólica; e (iii) variação por paradigma discursivo. Além disso, essas metodologias de observação desenvolvidas no sentido de cercar as potencialidades configuracionais de variação partem de duas premissas. Nelas exploramos possibilidades de representação dos tipos de variação a partir do arcabouço teórico-metodológico oferecido pela GC. As duas premissas para o tratamento da variação são: (i) variação por analogia/alinhamento de construções independentes; e (ii) variação por compatibilização de (co)lexemas/idades construcionais a *slot* de construção.

Aqui, destacamos a noção de *paradigma discursivo*. Na próxima seção, destacamos o papel da tradição cultural e sua relação com o estabelecimento de padrões discursivos. Na seção subsequente, temos a representação da noção de *paradigma discursivo* na Gramática de Construções. E, na sequência, oferecemos duas breves análises de paradigmas discursivos, que são associados a práticas cotidianas em diversas culturas: a primeira, o gênero receita; e a segunda, o gênero discurso acadêmico. Por fim, expomos nossas considerações finais e referências.

“PADRÕES DISCURSIVOS” COMO TRADIÇÃO CULTURAL

Para buscarmos uma caracterização do discurso em termos de um constructo teórico e uma conceituação, é necessário compreendermos que a coerência textual-discursiva deve ser vista em termos de compreensão sociocognitiva: textos e discursos estão relacionados, são utilizados e transmitidos por uma determinada cultura ou comunidade linguística. Por exemplo, quando falamos de uma “bula de receita”, imediatamente acionamos as seguintes categorizações: *composição*; *como usar (indicação)*; *informações*; *contraindicações*; *dosagem*, entre outras informações, ou seja, perfilamos o conhecimento desse gênero a partir das nossas experiências.

O reconhecimento do paradigma discursivo como construção, a ser contemplado no arcabouço teórico-metodológico da GC, alia-se à *Hipótese Sociocognitiva* de Tomasello (1999), em que o autor defende que os seres humanos foram capazes de evoluir em relação às demais espécies em função de sua capacidade específica de transmissão cultural. Sobre isso, “é dessa capacidade que se engendram as formas simbólicas de comunicação, ou seja, a linguagem: **a linguagem é ação conjunta**, o que significa dizer que, sem atenção partilhada,⁹ não há linguagem” (SALIM MIRANDA, 2016, p. 59, grifos da autora).

⁹ É importante esclarecer como estamos tomando a noção de “atenção partilhada ou

Assim, para dar conta da transmissão cultural, é necessário assumirmos que aprendemos por meio da observação de outros, ou seja, a partir da interação. Sobre isso, no campo de estudo da cognição social, já há farta comprovação de tal aprendizagem (por exemplo, aprendizagem sobre lugares, objetos, ações e agentes), em que utilizamos mecanismos de *associação*, *recompensa*, *Gaze-following*, *espelhamento*, conforme revisado por Frith e Frith (2012). Além disso, os autores afirmam que “a maior parte do aprendizado humano ocorre por meio de ensino deliberado ao invés de mera observação e é muito dependente do uso da linguagem”¹⁰ (FRITH; FRITH, 2012, p. 312). Com isso, reconhecemos e destacamos o papel da memória, do entrincheiramento e da convencionalização na estruturação de gramática (conforme SCHMID, 2020). Assim, aprender uma gramática é também aprender *paradigmas discursivos*.

É importante apontar que os *paradigmas discursivos*, ou seja, as práticas discursivas estabelecidas têm significados específicos em diferentes instituições e grupos sociais e, com isso, temos que assumir que essas práticas discursivas são diferentes a depender das esferas e dos grupos sociais: escolar, religioso, familiar, entre outros, que posicionam o sujeito por relação à forma de aceder, tratar ou usar os textos. Nesse sentido, a produção do discurso de forma interacional é situada no interior de uma determinada atividade social, que, por sua vez, congrega inúmeras esferas sociointeracionais (uso de diferentes linguagens sociais). Já é sabido que cada esfera compreende determinado tipo de texto, que apresenta “relativa estabilidade” (BAKHTIN, 2000, p. 279), que são rotinizados pela comunidade de fala e/ou comunidade de prática. Além disso, vários aspectos interferem na construção do discurso, os quais são denominados de condições de produção, e isso é refletido no plano textual, ou seja, no objeto linguístico.¹¹

Já é sabido que um texto ou discurso é mais do que uma combinação de constituintes sintáticos. Östman (2005) chama a atenção para o fato de que não se

compartilhada”: é definida como a habilidade de coordenar a atenção entre dois parceiros sociais em relação a um terceiro referencial externo, com o propósito de compartilhar uma experiência comum (TOMASELLO, 1999; MUNDY; NEWELL, 2007).

¹⁰ Cf. original: “Most human learning arguably occurs through deliberate teaching rather than mere observation and is greatly dependent on the use of language”.

¹¹ Não é nosso objetivo discutir a relação entre escolhas estilísticas associadas à comunidade de prática. Sobre isso, Wiedemer e Oliveira (2015) aludem que “é visível que as práticas de discursos possuem restrições estilísticas, que se realizam em atividades de construção de identificação/demarcção dos sujeitos, que são representados pelos modos de dizer na comunidade de prática” (p. 350) e “Nesta proposta, a visão do uso linguístico e da variação são reflexos de identidades sociais e categorias da prática linguística em que os falantes se colocam através da prática estilística” (p. 351).

pode confundir a análise/investigação de frases complexas e combinação dessas frases com a análise do padrão construcional discurso. A abordagem de *padrão construcional discursivo* assenta-se na noção de gênero como conhecimento estruturado que interage com nosso conhecimento gramatical. Para o autor, a noção de “paradigma discursivo” é uma entidade abstrata, assim como “a noção de construção; ou seja, é também um fenômeno cognitivo”¹² (ÖSTMAN, 2005, p. 131).

Dessa forma, coadunamos tais noções com base em Östman (2005) ao indicar a necessidade

de um filtro cognitivo de ‘significado’ para encaixar forma e função, também precisamos de um filtro para mediar entre descrições de gênero e tipo de texto. É aqui que entra a noção ‘paradigma discursivo’ – já que o discurso cognitivo se correlaciona com o ‘significado’ no nível da frase¹³ (ÖSTMAN, 2005, p. 132).

Östman (1999), ao conceitualizar gênero/tipo, incorpora os dois como constelações de significado/forma e, para todos os efeitos, é denominado de coerência, porém, para o autor, a coerência textual e discursiva é mais bem vista em termos de compreensão sociocomunicativa que sustenta textos e discursos juntos a membro de uma comunidade de fala.

No entanto, gênero e tipo de texto são muitas vezes vistos como constituindo uma dicotomia, como duas perspectivas sobre o discurso: o gênero amplia as relações externas que um texto/discurso apresenta em relação aos contextos sociais e comunicativos; e o tipo de texto se concentra nas relações internas em um texto ou discurso¹⁴ (ÖSTMAN, 2005, p. 131).¹⁵

¹² Cf. original “the notion of ‘discourse pattern’ is an abstract entity, as is the notion of construction; it is also a cognitive phenomenon”.

¹³ Cf. original: “In the same way as we need a cognitive ‘meaning’ filter to fit form and function together, we also need a filter to mediate between genre and text-type descriptions. This is where the notion *discourse pattern* comes in – as the cognitive discourse correlates of ‘meaning’ on sentence level”.

¹⁴ Cf. original: “Nevertheless, genre and text type are very often seen to form a dichotomy, as being two perspectives on discourse: genre zooms in on the external relations that a text/discourse displays in relation to social and communicative settings; and text type focuses on the internal relations in a text or discourse”.

¹⁵ Não é nosso objetivo discutir as diferenças entre as noções de tipo/gênero como configurações, mas reconhecemos que: os gêneros envolvem as atividades com que as pessoas se engajam nas ações sociais para fins devidos, por exemplo, receitas, notícia, entre outros gêneros; e os tipos envolvem sentenças organizadas como partes de um pedaço/trecho de discurso em relação a outro(s), por exemplo, argumentativo, narrativo, instrutivo, expositivo e descritivo. Ao leitor interessado, sugerimos Bezerra (2017).

Para definir a noo de padrão discursivo, o autor (STMAN, 2005) aponta o exemplo do gênero “receita” (ver Figura (1) e (2), a seguir), e alude que

quando o tpico de uma conversa são receitas, o que vem  mente (em um grande subconjunto de culturas) não  que as receitas sejam tipicamente formuladas em um tipo de texto instrutivo, nem que as atividades em torno de uma receita ocorram na cozinha. Esses aspectos desempenham um papel na conceituaco, mas nenhum deles por si são, nem considerados em conjunto, fornecem uma explicao completa e satisfatória. A compreensão e categorizao de uma receita como uma receita, ocorre em termos de visual, conforme o gráfico mostrado na Figura 1, posteriormente resumida como Figura 2¹⁶ (STMAN, 2005, p. 132-133).

Figura 1 – A schematization of the recipe image¹⁷

Figura 2 – The recipe pattern; [dp recipe]

<p>SDKJD JSJKSJDD JDDSSKJ</p> <p>2 tbl fdjkfjfd</p> <p>2½ dl lkfdlkjf sdjklfdsjkl</p> <p>30 g kjdsjklfdiop</p> <p>Aslkfj V-IMP oksd jfdkfjfd dskfj dfjsd fjsdfsfsf sa df kskfkdkfd V-IMP dsfkdsf kdkkd fkdksdfl ls kd V-IMP flsd kfsdk kfsfkskk s dltk IMP d fs ldkfs dlflsdkfl s fks dlfkds IMP sdl kfsd uilsdk fsdk flsd V-IMP dfksd k fsdfk dsflk lfkds fk.Eigr ds or hhre e mmmmererp ppdfde V-IMP-Neg.</p>	<p><i>Heading</i></p> <p>name of product to-be</p> <p>cultural information</p>
	<p><i>Ingredients</i></p> <p>list of ingredients</p> <p>specif amounts</p> <p>amount of final product;</p> <p>e.g., ‘serves four’</p>
	<p><i>Instructions</i></p> <p>sequentially ordered</p> <p>directive mode</p> <p>alternative paths</p>

Fonte: stman (2005, p. 132-133).

Nas Figuras 1 e 2 temos a representao prototípica de uma receita: certas especificaoes sobre medidas dos ingredientes em forma de lista, seguidas de um texto que fornece instruoes para a preparao do prato em questão (cf. ÖSTMAN, 2005). Além disso, para östman (2005), o padrão discursivo (cf.

¹⁶ Cf. original: “when the topic of a conversation is recipes, what comes to mind (in a large subset of cultures) is not that recipes are typically couched in an instructive text type, nor that activities surrounding a recipe take place in a kitchen. These aspects do play a role in conceptualization, but neither of them by itself, nor taken together, give a full and satisfactory account. Understanding and categorizing a recipe *as* a recipe, takes place in terms of the visual, graphic display in Figure 1, further abstracted as Figure 2”.

¹⁷ Mantivemos o original em inglês nos dois exemplos.

Modelos Cognitivos Idealizados – MCI, de LAKOFF, 1987) constituem uma ferramenta para compreensão dos textos. Assim, as esquematizações dispostas nas Figuras (1) e (2)

são manifestações da percepção visual do padrão Receita conforme definido cognitivamente. Esse padrão é constitutivo da coerência das receitas em geral. Quando as instruções de cozimento são apresentadas de alguma outra maneira, mais trabalho de processamento será exigido do leitor ou destinatário para que ele entenda e conceitualize essas instruções como uma receita¹⁸ (ÖSTMAN, 2005, p. 133).

Assim, os paradigmas discursivos pertencem à

percepção holística do texto/discurso; não são simplesmente formas, mas funcionam como estruturas para a compreensão. E se os padrões de discurso estão diretamente associados à coerência em termos de compreensão, a similaridade dos padrões de discurso implica semelhança na maneira de compreensão cognitiva e semelhança em como percebemos e processamos textos. Assim, a receita, o guia e a direção como interação têm uma estrutura muito semelhante: primeiro uma apresentação dos ingredientes (receita), os lugares que vale a pena ver (guia), e o estabelecimento conjunto de pontos de referência mutuamente conhecidos e meio de transporte (entrega de direção); a seguir, um relato passo a passo do processo pelo qual se obtém dos ingredientes até o produto acabado, ou do ponto A ao ponto B (ÖSTMAN, 2005, p. 134).¹⁹

Sabendo que o *paradigma discursivo* é uma abstração teórica oriunda de textos existentes, ou seja, é generalização advinda de usos, e atua como um princípio organizador, esses modos distintos de falar/escrever são vistos e analisados a partir de graus de abstração entre padrões de discurso semelhantes (por exemplo, *receita, manual, mapa* = padrão discursivo: instrucional). Dessa forma, os padrões discursivos atualizam-se ao longo do tempo, espaço e estrutura social. Com isso, podemos pensar que os padrões discursivos se atualizam em instâncias

¹⁸ Cf. original “are manifestations of the visual perception of the Recipe pattern as cognitively defined. This pattern is constitutive of the coherence of recipes in general. When cooking instructions are presented in some other manner, more processing work will be demanded from the reader or addressee in order for him/her to understand and conceptualize these instructions as a recipe”.

¹⁹ Cf. original “the holistic perception of text/discourse; they are not simply shape, but they function as frames for understanding. And if discourse patterns are directly associated with coherence in terms of understanding, discourse pattern similarity implies similarity in the manner of cognitive understanding, and similarity in how we perceive and process texts. Thus, the recipe, the guidebook, and direction-giving as interaction have a very similar structure: first a presentation of the ingredients (Recipe), the places worth seeing (Guidebook), and the joint establishment of mutually known landmarks and means of transportation (Direction giving); then a step-by-step account of the process by which one gets from ingredients to the finished product, or from point A to point B”.

de interação e renovação de seus sentidos já estabelecidos. Assim, os usos vão moldando o paradigma discursivo, e o paradigma vai moldando o uso.²⁰

REPRESENTAÇÃO DE “PADRÕES DISCURSIVOS” NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Östman (2015) apresenta quatro reivindicações para a ampliação da análise para além da sentença na GC: (i) o discurso é convencional;²¹ (ii) o discurso não se opõe à sintaxe; (iii) aceitabilidade e convencionalidade são relativas ao contexto; e (iv) a GC precisa reconhecer a utilidade de quadros holísticos, semelhantes aos gêneros.

Aqui, vale lembrar que a ideia *frame* é central na GC (ver, por exemplo, FILLMORE, 1968; FILLMORE *et al.*, 1988; JOHNSON *et al.*, 2001), porém, baseados em Östman (2005), necessitamos fazer referência ao *frame* no nível do discurso,

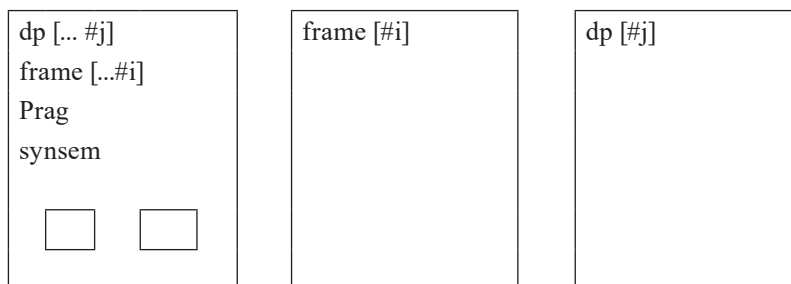
Precisamos ser capazes de nos referir a “frames como gêneros”, para indicar como sabemos que o que dizemos é apropriado nessa configuração. Tais quadros holísticos restringem as possibilidades de interpretação e desenharam fronteiras na esfera da compreensão da maneira como os tópicos discursivos, esquemas ou conhecimentos de um gênero discursivo fazem.²²

Östman (2005) indica a seguinte representação dos padrões discursivos (dp) e as informações que precisam ser especificadas na GC, a seguir.

²⁰ Hilpert (2013) e Petré (2015) argumentam que frequência e a ativação de um padrão metatextual podem ser tão ou mais importantes do que inferências como pré-requisitos para mudança morfossintática.

²¹ Em relação à convencionalização, Östman (2005) aponta que as construções são vistas como associações entre forma e significado, mas essa convencionalização é uma questão de grau; ou seja, em termos cognitivos, conceituamos e categorizamos em vários níveis da linguagem.

²² Cf. original: “We need to be able to refer to ‘frames as genres’, to indicate how we know that what we say is appropriate in that setting. Such holistic frames restrict the interpretational possibilities and draw borders around the sphere of understanding the way discourse topics, schemata, or knowledge of the particular discourse genre do”.

Figura 3 – Representação para o atributo *dp*.

Fonte: Östman (2005, p. 136).

Leino e Östman (2005) recorrem à noção de *paradigma discursivo*, conforme desenvolvido em Östman (1999, 2000, 2005), para o tratamento de diferentes construções a partir de um paradigma. De acordo com os autores, “um padrão de discurso é o correlato cognitivo do tipo de texto definido linguisticamente e do gênero definido socioculturalmente. A compreensão do texto e do discurso ocorre principalmente em termos de padrões discursivos”²³ (LEINO; ÖSTMAN, 2005, p. 200). O conceito de *paradigma discursivo* é concebido para ser invocado por construção, conforme o esquema proposto por Leino e Östman (2015, p. 201). Temos um padrão discursivo que licencia determinadas construções, conforme Figura (3), anteriormente apresentada.

Para Leino e Östman (2015), construções terão um atributo “dp” (‘padrão de discurso’) ao qual se confere um valor, ou seja, uma especificação. Para dar conta dos possíveis paradigmas de uma construção (por exemplo, domínio discursivo (acadêmico/familiar), configuração textual (tese/artigo/resumo/comunicação), registro (informal/formal)), os autores lançam mão da noção de “*value pool*” – valores. Esta é a região em que se combinam valores relativos a cada atributo.²⁴ Por exemplo, para o atributo categoria lexical, temos os valores Nome e Verbo (categoria lexical {N; V}), em que “a ideia básica é que um conjunto de valores pode ser imputado a um atributo”²⁵ (p. 202). Esses valores são dados dentro de colchetes, conforme a Figura (4), onde ‘a’ significa ‘atributo’ e ‘v’ para ‘valor’.

²³ Cf. original: “A discourse pattern is the cognitive correlate of the linguistically defined *text type*, and the socioculturally defined *genre*. Understanding of text and discourse takes place primarily in terms of discourse patterns”.

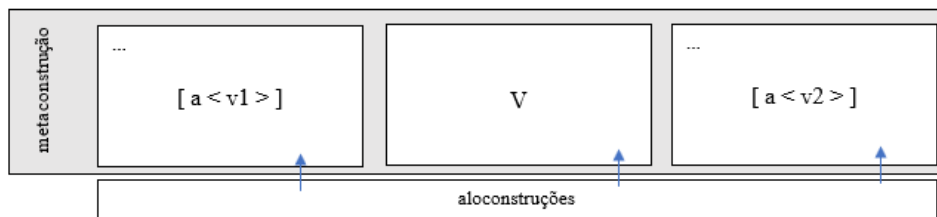
²⁴ São exemplos de atributos/valores: (i) categoria lexical (nome, adjetivo, verbo); (ii) definitude (+/-); (iii) papel semântico (agente, paciente); (iv) registro (formal/informal); (v) gênero (argumentativo; informacional); e (v) papel discursivo (tema/remã). Ao leitor interessado no assunto, indicamos o trabalho de Fried (2009, 2010).

²⁵ Cf. original: “The basic idea is that a *set of values* can be assigned to an attribute”.

Assim, temos um ‘dp’ (dp – paradigma/padrão discursivo) que está condicionado aos atributos, representados pela letra (a). Estes, por sua vez, possuem valores, representados pela letra (v). É importante salientar que um (dp) pode receber vários atributos, que podem ser comparados aos fatores condicionadores com que, em Sociolinguística, mensuramos estatisticamente a coatuação de variáveis independentes. Para exemplificarmos, atributo: substantivo (N), valor: semântico (concreto), teríamos, por exemplo, o substantivo *cadeira*.

Machado Vieira e Wiedemer (2020), no tratamento da variação no âmbito da GC, a partir de adaptação e ampliação da noção de paradigma discursivo até aqui apontada, relacionam aloconstruções à metaconstrução: “para dar conta das aloconstruções, Leino e Östman (2005) associam a metaconstrução com a noção de ‘value pool’ (combinação de valores quanto a um atributo da face forma ou função do pareamento)”. Assim, temos, duas aloconstruções, cada qual com um valor de atributo.

Figura 4 – Metaconstrução como atributo/valores.



Fonte: WIEDEMER; MACHADO VIEIRA (2018b).

Com isso, abre-se espaço para o estudo de uma alternativa para o tratamento da variação, que também pode ser encontrada nos estudos construcionistas empreendidos pela Semântica de Frames (conforme desenvolvido por FRIED, 2009, 2010). Nessa perspectiva, as “alternâncias” são consideradas como epifenômeno, correspondente a diversas unidades lexicais diferentes, que são evocadas a partir de um paradigma discursivo. Leino e Östman (2015, p. 137) aludem ainda que:

especificações de padrão discursivo são necessárias para muitas construções gramaticais, mas de forma alguma para todas as construções. As informações do nível micro necessárias para uma explicação adequada da “gramática” podem ou não ter nada a ver com *dp* particular, mas uma vez que cada frase, enunciado ou turno aparecem como parte de algum discurso, que por sua vez calcula informações sobre sua semân-

tica, é de se esperar que o enunciado precise herdar informações de frames e padrões de discurso.²⁶

Se construções são representações convencionalizadas de FORMA<=>SIGNIFICADO, que são armazenados em redes taxonômicas em nível micro, meso e macroconstrucional, elas podem evocar também informações sobre molduras comunicativas,²⁷ ou seja, uma construção esquemática de gênero mais abstrata.²⁸ Salim Miranda (2016, p. 71) comenta que:

Dentre essas categorias abstratas formuladas estão os conjuntos de conhecimentos estruturados (domínios culturais) sobre eventos e seus participantes – as molduras comunicativas. Interagindo de múltiplas formas, em múltiplos cenários, com múltiplos sujeitos, os homens vão, no curso da história, modelando esse conhecimento que lhes permite identificar a natureza da interação em processo, ou seja, se o evento em foco é uma palestra, uma conversa, uma aula, um espetáculo, uma entrevista, um inquérito, e assim por diante. E essa herança, vale reafirmar, é produto estável, mas não estático.

Diessel (2015), ao tratar da relação entre construções e lexemas, alude que há uma tendência para que as formas lexicais sejam semanticamente compatíveis como o significado construcional, mas a compatibilização semântica não é o único fator que influencia a relação entre lexemas e construções. Outro fator é, sem dúvida, sua frequência de uso/seu entrincheiramento na memória. Sobre isso, Diessel (2015, p. 16) esclarece que:

As associações entre os verbos e construções não são totalmente previsíveis a partir de critérios semânticos. Além do ajuste semântico, é a experiência do usuário da língua com o padrão estabelecido que influencia os *links* associativos entre lexemas e construções.²⁹

²⁶ Cf. original “discourse pattern specifications are needed for many grammatical constructions, but by no means for all Constructions. The micro-level information needed for na adequate account of ‘grammar’ may or may not have anything to do with a particular *dp*, but since every sentence, utterance or turn appear as part of some discourse, which in turn computes information about its semantics, it is only to be expected that the utterance needs to inherit information from frames and discourse patterns”.

²⁷ “Nos termos da Hipótese Sociocognitiva, molduras comunicativas definem-se, pois, como domínios sociocognitivos estáveis (mas não estáticos), estruturas de conhecimento organizados sob formas de interação (SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2000 *apud* SALIM MIRANDA, 2016, p. 71)”.

²⁸ Hofmann e Bergs (2018) comentam que nem toda a construção do texto ficará entrincheirada, mas apenas os recursos mais importantes/proeminentes de forma-significado de um texto específico serão armazenados.

²⁹ Cf. original: “the associations between verbs and constructions are not fully predictable from semantic criteria. In addition to the semantic fit, it is the language user’s experience with the established pattern that influences the associative links between lexemes and constructions”.

Dessa feita, precisamos ampliar a noção de rede de construções e integrar a noção de *padrão discursivo*. Nosso conhecimento linguístico é formado por um inventário de (i) padrões construcionais gramaticais/procedurais; (ii) padrões construcionais lexicais/de conteúdo; e (iii) padrões construcionais discursivos – unidades de forma e significado/função convencionais, cognitivamente rotinizadas e, então, estocadas em nossa memória – para viabilizar nossos propósitos sociocomunicativos de conceptualização e expressão no mundo.³⁰ Esses padrões de usos (esquemas/subesquemas) são importantes, pois permitem ao analista da língua compreender como as categorias são formadas em *slots* esquemáticos na construção, bem como emergem da experiência dos usuários de uma língua e resultam, conseqüentemente, de convencionalização definida sociohistórica, pragmática e culturalmente. Estão estocados na memória: alguns são mais produtivos, outros são menos. São, então, acionados sistematicamente nas atividades de produção e percepção/compreensão linguísticas.

Como a gramática consiste em construções interconectadas e muitas destas, por sua vez, requerem combinação de unidades em seus *slots*, temos o seguinte:

- (i) o protótipo de uma construção é caracterizado pelos valores de atributos de forma e significado/função fortemente associados numa construção; assim, a força de associação de determinados lexemas a *slots* numa construção é regulada por esses valores, de modo que, na combinação de lexemas em uma construção, há desde lexema mais prototípico até lexema menos prototípico (cf. WIEDEMER; VIEIRA, 2018a).
- (ii) o protótipo de um paradigma discursivo é caracterizado pelos valores de atributos de forma e significado fortemente associados numa construção textual-discursiva que, por sua vez, se configura em termos de *slots* com ligação às construções gramaticais e lexicais. Quanto maior for certa prática de configuração linguístico-textual (situada no tempo, cultural e socialmente contextualizada) de uso/produção de um determinado gênero textual-discursivo (seja ele oral ou escrito), mais associada como prototípica do gênero essa prática passa a ser; quanto menor for a prática, menos prototípica; denominamos esse constructo teórico de *protoconstrução*.³¹

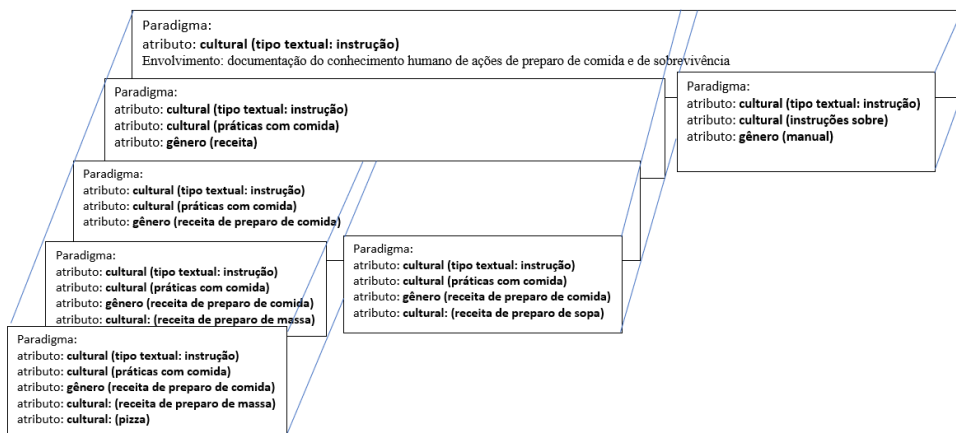
³⁰ Alves (2006), no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional, alude que existe de um “componente contextual” formado por fatores da situação comunicativa imediata (participantes, eventos etc.); conhecimento compartilhado (categorizações convencionalizadas de uma determinada língua: entidades, classes de palavras, gêneros textuais, estilos, registros etc. e a atuação destes na expressão linguística).

³¹ Fernandes (2009) denomina esse domínio de construções discursivas.

PARADIGMA DISCURSIVO “RECEITA”: CONSTRUÇÕES LEXICAIS E GRAMATICAIS E A RELAÇÃO SOCIOCULTURAL

O primeiro exemplo que vamos ilustrar é a relação entre o paradigma discursivo e o significado lexical e gramatical. Procuramos dar destaque à relação entre as construções acionadas e o aspecto cultural de determinado paradigma discursivo, aqui o gênero “receita”. As escolhas lexicais que os falantes fazem no discurso são determinadas por diferentes fatores. Obviamente há escolhas lexicais de conceitos (mais ou menos) específicos determinadas pelo tema do discurso – que vamos denominar de contexto/contextualidade –, mas há outras escolhas lexicais que têm a ver, não com diferenças entre conceitos, mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas. Além dessas possibilidades, o paradigma discursivo pode especificar determinadas construções, o que resolve a questão da ambiguidade/polissemia. Por exemplo, podemos especificar uma construção a partir de determinado atributo e com isso promover um cancelamento de determinados significados. Vejamos a representação, a seguir, em que temos um paradigma bastante acionado culturalmente, o tipo instrucional, que está representado pelo atributo: cultural (tipo de textual: instrucional). Vale apontar que, ao longo de nossa vida, vamos apreendendo diferentes ações instrucionais (receita, manual, entre outras) que, a depender do nosso envolvimento nessas ações e das práticas sociocomunicativas, são específicas (por exemplo, receita de preparo de determinada comida). Procuramos representar na Figura (5) esse conhecimento cultural e construcional.

Figura 5 – Rede construcional e esquematização do dp - tipo textual: instrução.



Fonte: Autoral.

Passamos, agora, a analisar o gênero “receita”,³² conforme exemplo a seguir. Para tal finalidade, recorreremos a (10) dez textos para nossa amostra de análise.

Figura 6 – Exemplo de gênero receita culinária, mais especificamente “receita de bolo”.

Ingredientes

2 xícaras (chá) de **açúcar**
4 unidades de **ovo** (claras e gemas separadas)
3/4 xícara (chá) de **óleo**
3/4 xícara (chá) de **achocolatado**
3/4 xícara (chá) de **Água** morna
2 xícaras (chá) de **farinha de trigo**
1 colher (sopa) de **fermento químico**
200 **licor de chocolate** de cacau
100 **Água**
3 colheres (sopa) de **açúcar**
2 latas de **leite condensado**
2 colheres (sopa) de **margarina**
200 gramas de **granulado de chocolate**



Modo de preparo

Prepare a massa: bata 2 xícaras (chá) de açúcar com as gemas, depois adicione o óleo, 3/4 de xícara (chá) de achocolatado dissolvido na água morna e, por último, a farinha.

Bate bem a massa, retire da batedeira e junte as claras batidas em neve.

Misture delicadamente e acrescente o fermento em pó.

Leve para assar em forma untada e enfarinhada em forno, preaquecido a 180 °C.

Prepare a calda: em uma panela, misture o licor de cacau, a água e 3 colheres (sopa) de açúcar e leve o fogo até ferver.

RECEITA

Nossa primeira etapa da análise consiste em verificar a colocação das unidades linguísticas que coocorrem, seja na colocação adjacente – unidades linguísticas que ocorrem diretamente próximas umas das outras, seja na colocação de unidades que coocorrem em um intervalo de palavras em uma construção.³³ Assim, primeiramente, fornecemos o rank de usos/frequência de alguns lexemas, conforme Tabela (1), a seguir.

³² 01-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/20816-macarrao-com-bacon-e-molho-branco.html>

02-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/760-panqueca-de-carne-moida.html>

03-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/19817-lasanha-a-bolonhesa.html>

04-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/15559-macarrao-com-calabresa-na-panela-de-pressao.html>

05-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/6351-empadao-de-frango.html>

06-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/105067-pao-recheado.html>

07-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/82681-massa-de-panqueca.html>

08-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/29110-broa-de-fuba-de-liquidificador.html>

09-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/302-pizza-de-pao-de-forma.html>

10-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/431-nhoque-facil.html>

³³ Para uma discussão sobre a relação de coerção entre lexemas e construções, conferir Wiedemer e Machado Vieira (2018a).

Tabela 1 – Relação em rank/frequência de lexemas

Rank	1°	6°	7°	8°	9°	10°	11°	12°	17°	18°	35°
Frequência	130	38	35	25	25	24	22	22	16	16	11
Lexema	de	com	massa	em	para	uma	leite	sal	cebola	farinha	trigo
Types: 592											
Tokens/Ocorrências: 2.126											

Fonte: Autoral

Ao observarmos a relação entre a frequência de uso dos lexemas nos textos analisados, encontramos a utilização da preposição “de” com uma frequência de 130 usos e (1°) colocação do rank, enquanto o lexema “massa” com 35 usos, (6°) colocação do rank.

Comparando esses dois lexemas, já é possível perceber uma maior utilização da preposição “de” como construção + gramatical, enquanto o lexema “massa” como construção + lexical, ver Quadro (1). Aqui é importante apontar que as preposições “desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência” (WIEDEMER, 2014, p. 117). Assim, como estamos diante de textos que demandam relacionar diferentes elementos nominais, há maior preponderância de usos da preposição “de”, conforme exemplos, a seguir, Quadro (1). Além disso, a construção ([SN preposição SN]/função relacional) ocorre em todos os textos analisados, ou seja, possui alto grau de produtividade e esquematicidade. Além disso, observando, ainda os resultados dispostos na Tabela (1), é possível perceber que os lexemas “com”, “em” e “para” estão entre os mais frequentes, o que confirma a produtividade de uso de construções nominais nos textos analisados, em que temos uma relação entre uma preposição e um SN. Vejamos algumas ocorrências de usos da preposição “de” no Quadro (1).

Quadro 1 – Exemplos de usos da preposição “de” no paradigma discursivo “receita”

10	Massa 1 e 1/2 xÃ-cara (chÃ;) de farinha de trigo 1 xÃ-cara (ch	02_PANQUECA
11	1/2 xÃ-cara (chÃ;) de farinha de trigo 1 xÃ-cara (chÃ;) de lei	02_PANQUECA
12	nha de trigo 1 xÃ-cara (chÃ;) de leite 2 ovos 4 colheres (sopa	02_PANQUECA
13	eite 2 ovos 4 colheres (sopa) de ã³leo sal a gosto Recheio 300	02_PANQUECA
14	leo sal a gosto Recheio 300 g de carne moÃ-da 2 colheres (sopa	02_PANQUECA
15	arne moÃ-da 2 colheres (sopa) de cebola picada ou ralada 1/2 t	02_PANQUECA
16	ate cortado em cubos 1/2 lata de extrato de tomate 1 caixa de	02_PANQUECA
17	em cubos 1/2 lata de extrato de tomate 1 caixa de creme de le	02_PANQUECA
18	de extrato de tomate 1 caixa de creme de leite sal a gosto 40	02_PANQUECA
19	to de tomate 1 caixa de creme de leite sal a gosto 400 g de mu	02_PANQUECA

Fonte: Autoral.

É claro que a preposição “de” não é específica desse paradigma discursivo, mas nos ajuda a compreender uma maior ocorrência de construções adjetivas no gênero analisado, pois essas desempenham o papel de adjunto adnominal. Além disso, esse papel mais sintático dessa construção aponta para seu caráter mais gramatical, bastante característico das preposições. Observamos, agora, o resultado em relação ao lexema “massa”, conforme exemplos, a seguir, Quadro (2), apesar desse elemento possuir uma frequência de 35 usos, conforme a Tabela (1), ele não é utilizado nos textos 01, 04, 08 e 09, sendo os textos 01 e 04, receitas de macarrão, o texto 08, broa de fubá, e o texto 09, pizza. Dessa forma, conforme já ressaltamos, um paradigma discursivo ajuda na resolução de polissemia de sentidos, conforme se observa quanto ao lexema “massa”, correlacionado com o sentido culinária. Em uma consulta rápida quanto às possíveis definições para o lexema “massa”, encontramos pelo menos mais de dez significados (sentidos oriundos do campo da química, gíria, física, uso figurado etc.). Se compararmos a utilização desse lexema num gênero *fórmula química* e em gênero *receita*, vemos a atualização do significado a depender do contexto do gênero. Os exemplos de uso do lexema “massa” no Quadro (2), a seguir, demonstram tal aplicação de um paradigma discursivo na resolução de polissemias. Assim, a natureza polifuncional de determinado lexema pode ser iluminada a partir da utilização da noção de *paradigma discursivo* e, com isso, resolver questões de sentido.

Quadro 2 – Exemplos de usos do lexema “massa” no paradigma discursivo “receita”

5		entos circulares para que a massa se espalhe por toda a frigid	02_PANQUECA
6		a frigideira. Espere até a massa soltar do fundo e vire a mas	02_PANQUECA
7		sa soltar do fundo e vire a massa para fritar do outro lado. R	02_PANQUECA

Fonte: Autoral.

Além disso, como vimos na Tabela (1), encontramos outros lexemas relacionados ao campo culinário (*leite, sal, cebola, farinha, trigo*), que são produtivos na amostra analisada. Vejamos exemplos de usos da microconstrução “farinha de trigo” (11 usos/instanciações no *corpus*).

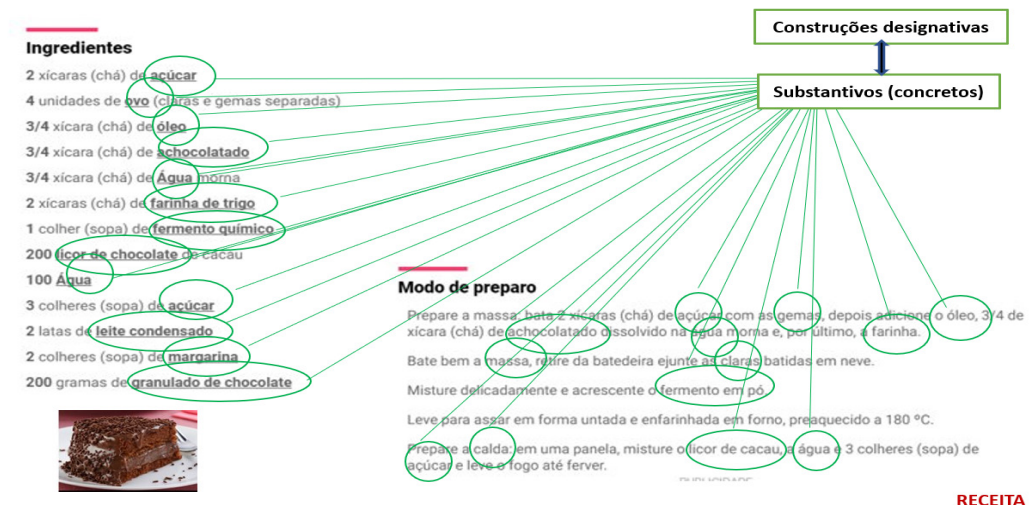
Quadro 3 – Exemplos de usos de “farinha de trigo” no paradigma discursivo “receita”

1	e 1/2 xícara (chá) de farinha de trigo 1 xícara (chá) de	02_PANQUECA
2	, o óleo, e acrescente a farinha de trigo aos poucos. Após a	02_PANQUECA
3	Após acrescentar toda a farinha de trigo, adicione sal a gos	02_PANQUECA
4	e margarina 4 colheres de farinha de trigo 2 xícaras de leite	03_LASANHA À
5	DIENTES massa: 1/2 kg de farinha de trigo 200 g de margarina 1	05_EMPADÃO D
6	icadas 1 colher (sopa) de farinha de trigo dissolvida em um po	05_EMPADÃO D
7	tabletes frescos) 1kg de farinha de trigo 500g de linguiça c	06_PÃO RECHE
8	quificador tudo, exceto a farinha de trigo e o fermento seco,	06_PÃO RECHE
9	NTES 2 xícaras (chá) de farinha de trigo 2 xícaras (chá) d	07_MASSA DE
10	sal a gosto 3 xícaras de farinha de trigo PREPARO: 60MIN REN	10_NHOQUE FÁ
11	etire do fogo e coloque a farinha de trigo de uma só vez. Mis	10_NHOQUE FÁ

Fonte: Autoral

Até aqui, vimos a ocorrência de construções adjetivas e de lexemas relacionados ao campo da culinária. Voltando nossa atenção para esses substantivos, vimos que todos os usos possuem o traço [+ concreto] e designam objetos, ou seja, podemos perceber que o sentido denotativo é característica deste tipo de gênero, o que é confirmado pelos usos mais concretos desses substantivos. Vamos denominar esses usos de construções designativas, conforme se observa na figura, a seguir.

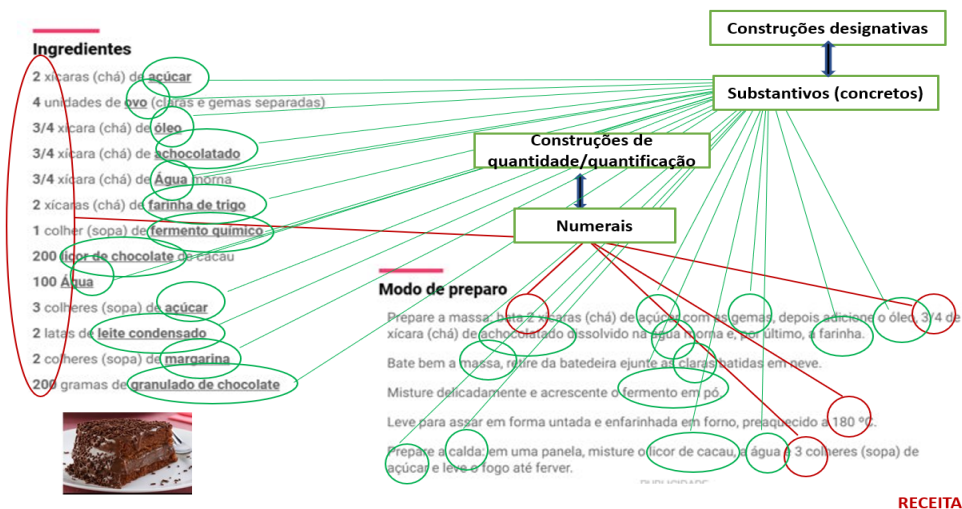
Figura 7 – Relação entre construções designativas e o paradigma discursivo “receita”.



Fonte: Autoral

Outra construção recorrente é a de indicação de quantidade dos objetos, principalmente, no frame *lista*, em que temos a indicação dos ingredientes. Vejamos essas possibilidades na figura, a seguir.

Figura 8 – Relação entre construções designativas, quantificação e o paradigma discursivo “receita”.



Fonte: Autoral.

Considerando a estrutura da receita como padrão discursivo genérico, a partir dos parâmetros de esquematicidade, esse paradigma delinea-se como uma protoconstrução com as seguintes propriedades, por exemplo: (quantificação dos objetos; sequência de ações ordenadas; ações orientadoras etc.). Além disso, o padrão discursivo *receita* atualiza-se no tempo, no espaço e culturalmente. Nisso, podemos perceber sua estabilidade e inovação, a um só tempo, que permitem aos falantes categorizarem determinado conhecimento cultural compartilhado, importante para a sobrevivência humana, o ato de fazer comida. Esse conjunto de práticas (sejam orais ou escritas) é circunscrito em atos discursivos (conhecimento de práticas estabelecidas socioculturalmente), que integram nosso conhecimento. Procuramos representar tal conhecimento e funcionalidade do gênero textual receita a partir do paradigma discurso indicado:

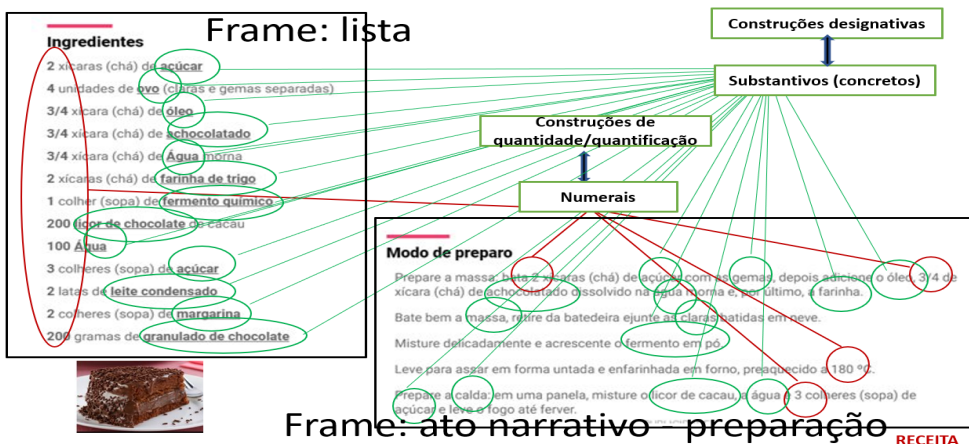
Quadro 4 – Representação do paradigma discursivo “receita”

Paradigma discursivo: receita	
Atributos: cultural (valor: tipo de texto: instrucional); (valor: práticas com comida)	
gênero textual (valor: receita)	
Envolvimento: documentação do conhecimento humano de ações de preparo de comida e de sobrevivência	
Título	Nome / representação situada socioculturalmente de um objeto do mundo
Orientação	*Frame lista (sequência 01 – <i>lista de ingredientes</i>) Construções de quantificação (<i>especificações sobre quantidades dos produtos e da quantidade de pessoas que serve</i>)
Instruções	*Frame preparo (sequência 02 – <i>sequência de ações ordenadas</i>) Construções injuntivas (<i>ações orientadas</i>)

Fonte: Autoral.

Por fim, podemos visualizar a representação já citada na figura a seguir, em que temos os dois frames acionados (*lista, preparação*) e as construções acionadas (*designativas, quantificadoras*). Vale apontar que, aqui, não estamos apontando todas as construções acionadas pelo gênero *receita*. Procuramos destacar as principais, a título de exemplificação.

Figura 9 – Representação do paradigma discursivo “receita” e relação entre os frame e as construções.



Fonte: Autoral.

O Quadro (4), considerando o esquema proposto por Östman (2005) e Fernandes (2009) para os padrões discursivos, pode ser representado pela seguinte (proto)construção.

Quadro 5 – Paradigma discursivo “receita” como (proto)construção

TÍTULO	ORIENTAÇÃO	INSTRUÇÕES	↕	<i>FUNÇÃO</i>
Informação cultural	Ações sequenciais	Ações orientadas	↕	<i>RELAÇÃO SIMBÓLICA</i>
NOME	SEQUÊNCIA 01	SEQUÊNCIA 02	↕	<i>FORMA</i>

Fonte: Autoral.

Empreendimentos nesse sentido podem ser visualizados nas propostas de Östmann (2005), Leino e Östmann (2005), Miranda (2006), Fernandes (2006, 2009) e Nicolas (2019), que defendem a ideia de paradigmas discursivos, bem como nas pesquisas de Hoffmann e Bergs (2018) e Fried (2010), que defendem uma noção ampliada da construção como frames discursivos, e nas de Höder (2017), que defende a especificidade da língua como significado pragmático, propondo a seguinte noção de construção: [forma (sintaxe, morfologia, fonologia.../referencial, gramatical, socio-pragmático...)].

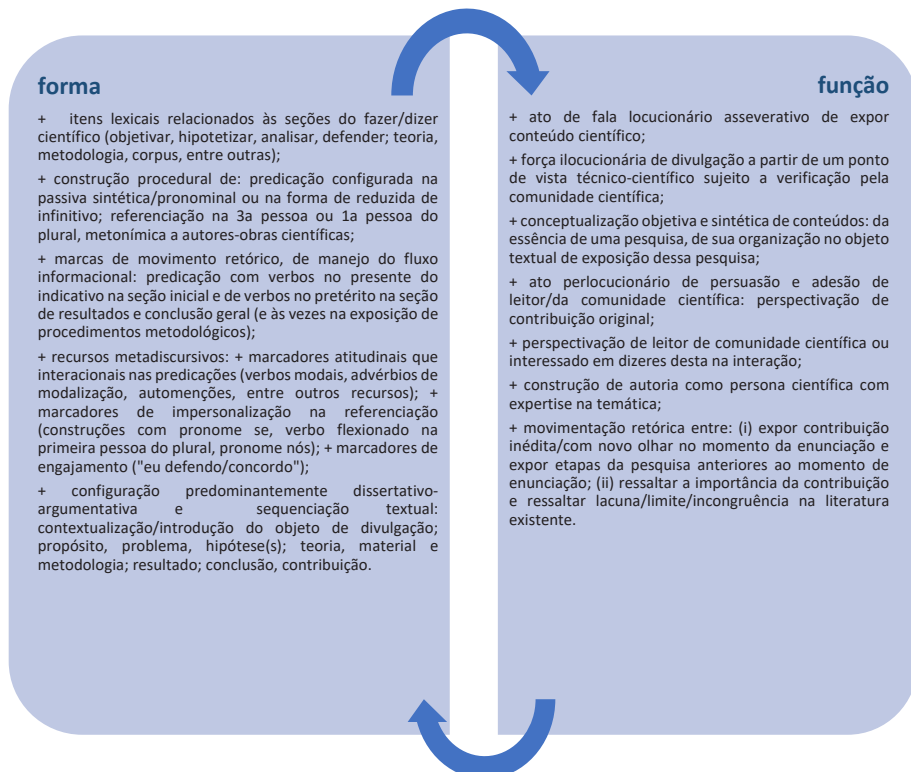
PARADIGMA DISCURSIVO “RESUMO ACADÊMICO-CIENTÍFICO”: CONSTRUÇÕES PROCEDURAIS E LEXICAIS COMBINADAS A UMA CONSTRUÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA

O universo acadêmico-científico é um domínio de interação (sócio)comunicativa que se instaura mediante (i) a funcionalidade geral de reunião de conhecimentos como meios de produção, aplicação, ensino ou divulgação de saberes/ciência; e (ii) uma gama diversificada de práticas, tipos, (sub)gêneros, registros, modalidades discursivo(a)s – mais ou menos culturalmente estabilizado(a)s, embora sempre sujeito(a)s a variação e mudança, e, assim, socialmente convencionalizado(a)s e cognitivamente entrincheirado(a)s na mente de quem tem contato ou participa dele. Uma rápida observação das manifestações concretizadas nesse domínio em diferentes partes do mundo revelará o alto grau de convergência de valores dos atributos envolvidos em sua configuração.

O resumo acadêmico-científico é um dos objetos discursivos muito importantes nesse universo que descreveremos para exemplificar nosso entendimento de paradigma discursivo como protoconstrução. É importante porque, além de ser uma seção frequentemente lida, tem o potencial de mobilizar ou não a atenção e a decisão de ler pela qualidade e pelo grau de informação, tem o poder também de ativar uma primeira impressão do leitor sobre o dizer/fazer científico, pelo projeto e escopo de pesquisa que condensa.

Ele constitui, em si, um pareamento forma-função estocado na mente de quem tem a experiência de ler ou escrever textos de conclusão de curso na universidade (teses, dissertações, monografias, entre outros), artigos científicos, propostas de pôster, comunicação oral, conferências, entre outras manifestações nesse universo. É uma construção textual-discursiva que tende a ser configurada, segundo um espaço limitado de palavras/caracteres, com base em valores associados a atributos como estes:

Figura 10 – Polos forma-função e valores/atributos associados ao gênero “resumo acadêmico-científico”.



Fonte: Autoral.

As unidades linguísticas de diversos níveis de complexidade combinam-se nesse complexo de relações simbólicas de atributos formais e funcionais relativamente estabilizados em decorrência da experiência de uso (produção e processamento de resumos). Esse complexo representado anteriormente, ainda que não o tenhamos feito exaustivamente, é reconhecido como o que configura o conhecimento mais geral de resumo científico.

Em resumos científicos, tendemos a ver materializado o acionamento de certos lexemas/construções lexicais:

- verbais – observar, descrever, explicar, objetivar, verificar, investigar, pesquisar, estudar;
- nominais – dados, hipótese, teoria, pressuposto, método, tratamento, quantitativo, qualitativo.

E diferentes são as construções procedurais acionadas na sua configuração: desde construções procedurais relativas às funções de referenciação e predicação, sempre presentes, até construções procedurais relativas ao manejo entre a organização persuasiva dos conteúdos e a perspectivação da contribuição à comunidade científica promovida pelo objeto textual (oral ou escrito) que o resumo visa a sumarizar.

No processo de referenciação em resumos científicos, predomina o acionamento de construções de terceira pessoa discursiva ou primeira pessoa discursiva, em detrimento da de segunda: a primeira pessoa discursiva normalmente é viabilizada por verbos flexionados na primeira pessoa gramatical do plural e geralmente não é acompanhada de pronome *nós*, já que sobressai a inclinação ao não preenchimento do sujeito (até por parcimônia de caracteres).

A predicação pode organizar-se na voz ativa ou na voz passiva. Nesse caso, o emprego de passiva sintética/pronominal é bem mais frequente nesse gênero de texto do que a passiva analítica (MACHADO VIEIRA; SANTOS; KROPF, 2019). Essa construção passiva geralmente é mais acionada no corpo do texto/objeto textual a que se relaciona o resumo. Quando a passiva analítica ocorre no resumo, tende a localizar-se na seção de exposição dos procedimentos metodológicos. Ademais, Machado Vieira (2020c, em comunicação feita no SLE2020), destaca, ao estudar a alternância de dados de construção passiva analítica com verbo auxiliar de voz (ser, estar, ficar) e com verbo suporte (ter, sofrer), que esta alternativa de passiva analítica raramente tem lugar no resumo de teses, embora ocorra no corpo de objetos textuais mais longos (como teses, dissertações, artigos, por exemplo). Em predicações na voz ativa feitas em resumo, também é mais frequente a presença

de predicadores simples (objetivar, considerar) que predicadores complexos (ter por objetivo, levar em consideração), dado o limite (de palavras ou caracteres) imposto à sua materialização.

Construções com verbos no presente e/ou no pretérito são as mais expressivas em resumos científicos: aqueles, se não ocuparem todo o resumo, normalmente aparecem nas seções iniciais mais ligadas ao desenho propositivo do texto no resumo; esses tendem a ocorrer na exposição dos resultados alcançados e da conclusão, às vezes, também na apresentação da metodologia.

Entre os recursos metadiscursivos, são explorados recursos que viabilizem:

- um modo de exposição de conteúdos predominantemente dissertativo-argumentativo;
- um ponto de vista técnico (com sintagmas nominais com referência a uma área de saber específico e consolidado e/ou a autor-autoridade nela, bem como com advérbios que sinalizem rigor técnico – um sociolinguista, empiricamente, estatisticamente);
- a relativização do espaço autor-interlocutor-comunidade científica-ciência e a construção do enquadre discursivo, por meio de
 - » anguladores (“nossa hipótese”, “em nossa perspectiva teórico-metodológica”, “na concepção de muitos linguistas”, “de fato”, “definitivamente”, “praticamente”, “está evidente que”, “há quem diz”, sinalizando ângulos discursivos mais específicos ou mais abrangentes, mais precisos ou imprecisos, mais ou menos comprometidos com o estatuto de verdade),
 - » modalizadores atitudinais (verbais ou adverbiais – poder, dever, garantir, ponderar, talvez, decisivamente, surpreendentemente),
 - » automenção (via referência bibliográfica, via construção procedural do tipo “eu acredito/argumento/provo”, “nós defendemos”, “nossa/minha”)
 - » eventualmente, marcadores intersubjetivos (note, veja, pondere);
- a impersonalização do discurso, haja vista o interesse em tornar proeminente o fazer/dizer científico e não o autor desse fazer/dizer (SARAIVA, 2019; SARAIVA; MACHADO VIEIRA, 2021; SARAIVA, 2022); e isso se dá por meio de diversos recursos, tais como construção de predicação com o verbo suporte *haver* que encaminha um estado de coisas impessoal, *houve defesa...* por *defendeu-se...* (MACHADO VIEIRA, 2017), construção de

predicação na voz passiva pronominal na qual o participante força indutora fica suspenso (MACHADO VIEIRA, 2020a).

E as construções (lexicais e procedurais) que viabilizam referenciação e predicação na organização de estados de coisas combinam-se a seções do resumo que se conectam segundo uma sequenciação relativamente estável e, em alguma medida, esperada (em geral, conforme a representada na figura anterior).

Naturalmente valores de atributos que configuram o pareamento forma-função que reconhecemos como resumo científico nem sempre se apresentam, todos eles, nos constructos dessa construção, bem como também podem fazer parte de outros objetos textuais do domínio científico (diferentes de resumo). Essa potencialidade configuracional só soma subsídios à concepção de que o paradigma discursivo atua como uma protoconstrução, a orientar a combinação ou a compatibilização e a combinação de construções linguísticas lexicais e procedurais: por um lado, diz respeito à esquematização cognitiva como construção de ordem textual-discursiva (entrincheirada) que orienta o acionamento de unidades linguísticas que, nela e por influência de atributos dela, se combinam por força de atração ou coerção; por outro, sujeita-se ao parâmetro de produtividade (extensibilidade, a partir do que emerge da experiência de usos e socioculturalmente se convencionaliza a partir destes). Assim fazendo, organiza-se em configuração que prevê prototipia (relação entre (i) uma dimensão central com exemplares que têm configuração otimizada pela reunião de mais atributos formais e funcionais associados à concepção fundamental de resumo científico e (ii) uma dimensão periférica com exemplares cuja configuração envolve menos atributos característicos do gênero aqui usado para ilustrar o licenciamento de unidades linguísticas a partir da noção de paradigma discursivo.

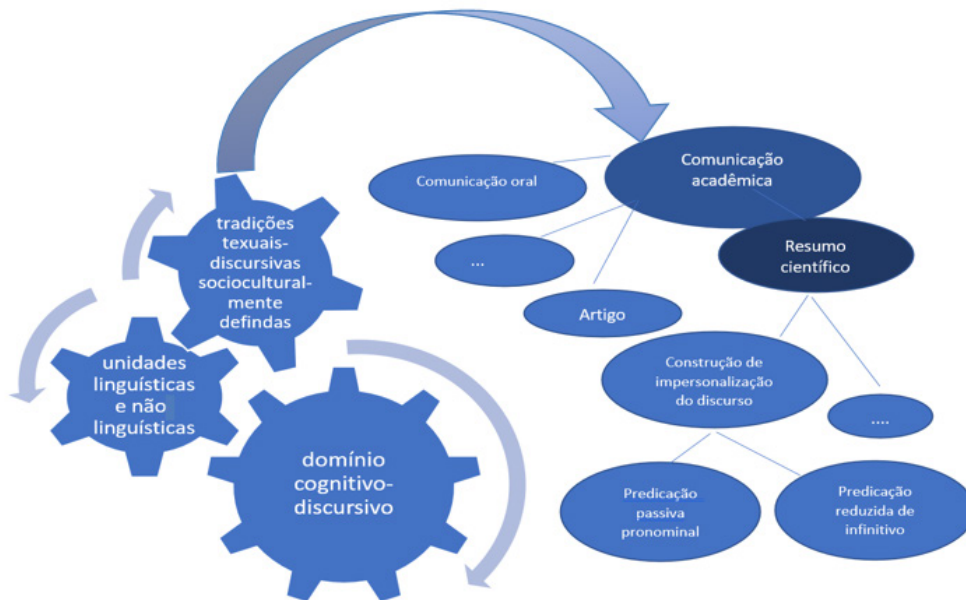
Figura 11 – Dimensões da construção textual-discursiva “resumo acadêmico-científico”.



Fonte: Autoral.

Na configuração de resumos acadêmico-científicos, entram em jogo atributos também presentes noutros gêneros discursivos do universo acadêmico, noutras tradições discursivas deste: por exemplo, a modalidade expressiva escrita (oral), o registro (semi-)formal (ou informal, noutras comunicações), a condição de planejamento prévio (ou síncrono à comunicação), a natureza institucional/pública (em vez de privada) – direcionada a poucos ou a muitos interlocutores. Também como exemplo, o quão dialógica ou cooperativa é a atividade discursiva (se há ou não, em alguma medida, troca real ou virtual de turno discursivo), o grau de distanciamento (ou proximidade) comunicativa entre locutor-interlocutor, baixo (ou alto) grau de emoção ou espontaneidade, a natureza do tema técnico e especializado (ou não), o baixo (ou alto) grau de autonomia (ou dependência) da situação pragmática mais imediata. Todos esses atributos têm influência no acionamento de unidades lexicais e gramaticais que configuram o texto.

Figura 12 – A ação de linguagem, tradições textuais-discursivas socioculturalmente definidas e domínios cognitivo-discursivos em relação ao acionamento de gêneros de comunicação acadêmica e de suas construções linguísticas prototípicas.



Fonte: Autoral.

DISCUSSÃO

Operar com o conceito de *paradigma discursivo*, como aqui formulamos, no âmbito dos estudos funcionais-construcionistas soma contribuições para além das advindas do costumeiro olhar centrado em morfossintaxe e léxico. Além disso, é um movimento de análise e descrição que se alinha à meta da modelagem construcionista de gramática trilhada no sentido de ser inclusiva e integracionista, no que diz respeito, por exemplo, à articulação entre léxico e gramática, entre as faces formal e funcional da linguagem, entre os chamados “idiomatismos” e não idiomatismos/construções regulares.

Soma-se a isso o fato de propiciar aos estudos de alternância linguística atenção a outra dimensão responsável pelo acionamento de uma ou outra variante construcional. Por exemplo, na comunicação científica oral, a impersonalização via recurso ao pronome *você* genérico é cada dia mais frequente (MACHADO VIEIRA, 2021) ao passo que, na comunicação científica escrita, ela ainda ou não tem lugar ou é de uso bastante restrito. Em receitas culinárias, entre as alternativas

para indicação de seqüências de ação, também notamos que vem ganhando lugar, em termos de frequência de ocorrência, o recurso a verbos no infinitivo, em vez do recurso a verbos flexionados na terceira pessoa acompanhado de clítico *se* ou do recurso a verbos flexionados na terceira ou segunda pessoa do imperativo (esta, mais frequente na variedade de Portugal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a produção de determinada textualidade de forma interacional, em que no evento comunicativo estão em jogo, por um lado, locutor, interlocutor e um objetivo definido, e, por outro lado, a localização dessa produção numa determinada atividade social, que congrega inúmeras esferas sociointeracionais, por exemplo, familiares, jornalística, científica entre outras. É sabido que cada esfera admite determinada configuração de texto, este é concretizado por uma relativa tradição, que é construída e rotinizada culturalmente. Assim, vários elementos interveem na construção do gênero de um texto, que são denominados de condições de produção. E, isso é refletido no plano da tessitura textual, ou seja, no objeto linguístico. Aqui, ainda, incluímos as preferências estilísticas como ingrediente da produção discursiva, pois é sabido que as práticas de discurso têm restrições dadas pelas tradições discursivas, porém se realizam em atividades de individualização da expressão, de modos de dizer representados pelas comunidades de prática.

Dessa forma, argumentamos que no processo de categorização dos padrões linguísticos, ao longo do tempo e por transmissão social, os padrões discursivos sejam considerados na abordagem da Gramática de Construções, pois eles também são partes essenciais da representação preexistente na base do comportamento linguístico humano, embora se sujeitem, como as demais construções, a recontextualização e reconfiguração para novos fins. Esses padrões discursivos são representações mentais pré-instanciadas na cultura do dia a dia e, portanto, generalizações sobre eles também devem ter lugar nas descrições construcionistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elisabeth. *Categorias lexicais e funções na linguagem de especialidade da economia*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2006.

ARAÚJO, Ana Alice de Freitas N. *Os usos dos verbos vender e alugar em anúncios classificados de jornal impresso*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2012.

- BAKHTIN, Mikhail. The Problem of Speech Genres. In: EMERSON, C.; HOLQUIST, M. (ed.). *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin: University of Texas Press, 1986, p. 60-102.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BERGS, Alexander. Can we take Construction Grammar Beyond Sneezing Napkins off Tables? In: STIERSTORFER, K. (ed.). *Proceedings of the Anglistentag Münster 2007*. Trier: WVT, P. 269-276, 2008.
- BEZERRA, Benedito G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.
- DIESSEL, Hogel. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, Eva; DIVJAK, Dagmar (ed.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- FERNANDES, G. S. Uma abordagem construcional dos gêneros textuais. In: SALIM MIRANDA, N.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, 64, p. 510-538.
- FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola. (2003). The explicit and the implicit in the Suasion Frame. In: HAJIĆOVÁ, E.; KOTĚŠOVCOVÁ, A.; MÍROVSKÝ, J. (ed.). *Proceedings of CIL 17*. Prague: Matfyzpress, 2003.
- FRITH, Chris D.; FRITH, Uta. Mechanisms of Social Cognition. *Annual Review of Psychology*, v. 63, p. 287-313, 2012.
- GALEF, Bennett G.; LALAND, Kevin N. Social learning in animals: Empirical studies and theoretical models. *Bioscience*, 55, p. 489-99, 2005.
- GOLDBERG, Adele. E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* 7, p. 219-224, 2003.

GROOM, Nicholas. Construction grammar and the *corpus*-based analysis of discourses: the case of the WAY IN WICH construction. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 24, n. 3, p. 291-323, 2019.

HILPERT, Martin. *Constructional change in English: Developments in allomorphy, word-formation and syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, Martin. From *hand-carved* to *computer-based*: Noun-participle compounding and the upward strengthening hypothesis. *In: Cognitive Linguistics*, 26, p. 113 - 147, 2015.

HÖDDER, Steffen. Convergence vs. Divergence from a diasystematic perspective. *In: BRAUNMÜLLER, Kurt; HÖDER, Steffen; KÜHL, Karoline (ed.). Stability and divergence in language contact: factors and mechanisms (Studies in Language Variation 16)*, p. 39-60, 2014.

HÖDDER, Steffen. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. *In: Braunmüller, Kurt; Gabriel, Christoph (ed.). Multilingual individuals and multilingual societies (Hamburg Studies on Multilingualism 13)*, 2012, 241–257. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.

HOFFMAN, Thomas; BERGS, Alexander. Are you a construction in disguise? Was Fußballgesänge uns über soziale und physische Kontexteigenschaften von Konstruktionen lehren. *In: ZIEM, Alexander; LASCH, Alexander (ed.). Konstruktionsgrammatik IV*. Tübingen: Stauffenburg, p. 115-131, 2014.

HOFFMAN, Thomas; BERGS, Alexander. A Construction Grammar Approach to Genre. *CogniTextes-Revue de L'Association Française de Linguistique Cognitive*, v. 18, 2018.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*, V. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEADBEATER, Ellouise; CHITTKA, Lars. Social learning in insects: from miniature brains to consensus building. *Current Biology* 17, p. 703-13, 2007.

LEINO, Leino; ÖSTMAN, Jan-Ola. Constructions and variability. *In: FRIED, M.; BOAS, H. C. Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/

Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005 (Constructional Approaches to Language).

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, 2016, p. 152-170.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. *Letrônica*, 10(1), 82-95, 2017. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25061>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português (Verbal predication and discursive impersonalization: gradience and alternation in the Portuguese Construction Grammar). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 65-84, 2020a. DOI: 10.22481/el.v18i1.6131. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6131>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal / Constructional variation in perspective: verbal predication. *Pensares em Revista*, [S.l.], n. 19, set. 2020b. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/52656>. Acesso em: 13 set. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/pr.2020.52656>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Passive predication in Portuguese: Alternation in Construction Grammar. Comunicação apresentada em agosto de 2020 durante 53rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, <http://www.sle2020.eu/programme>, <https://osf.io/48dcz/>, 2020c.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Impersonalização discursiva na predicação verbal em variedades escritas do Português. Comunicação apresentada durante o I Colóquio Internacional Variar – A variação fonológica e sintática nas línguas românicas, 2021. <https://variar.wixsite.com/variar/confer%C3%A0ncias>. Acesso em: 13 set. 2021.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; SANTOS, Júlia Lessa dos; KROPF, Morgana Pinheiro Albuquerque. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. *SOLETRAS*, [S.l.], n. 37, p. 154-178, jan. 2019. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38481>. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38481>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: Variationist Sociolinguistics and Construction Grammar: os desafios e as perspectivas de

compatibilização. In: *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 85-120. <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/dimensoes-e-experiencias-em-sociolinguistica-1575>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MUNDY, Peter; NEWELL, Lisa. Attention, joint attention and social cognition. *Current Directions in Psychological Science*, 16(5), p. 269-274, 2007.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Coherence through understanding through discourse patterns. Focus on News Reports. In: BUBLITZ, W. et al. (ed.). *Coherence in spoken and written discourse: How to create it and how to describe it*. Amsterdam & Philadelphia, PA: John Benjamins, 1999, p. 77-100.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction Discourse: a prolegomenon. In: FRIED, Mirjam (ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 121-144.

PETRÉ, Peter. Grammaticalization by changing co-text frequencies, or why [BE Ving] became the ‘progressive’. *English Language and Linguistics*, v. 20(1), p. 31-53, 2015.

SALIM MIRANDA, Neuza. O caráter partilhado da construção da significação. *Veredas, revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 57-81, 2016.

SARAIVA, Eneile Santos. Variação em usos de construções com predicador verbalTD + clítico SE: impessoalização e indeterminação em textos científicos e jornalísticos do Português Brasileiro. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 21, n. 2, p. 83-98, 2019.

SARAIVA, Eneile Santos. Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2022.

SARAIVA, Eneile Santos; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Indeterminacy and impersonalization in Brazilian Portuguese discursive practices. Comunicação apresentada em 2021 durante 54rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, <http://www.sle2021.eu/programme>, <https://osf.io/yvpfg/>.

SCHMID, Hans-Jorg. *The Dynamics of the Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford University Press: Oxford, 2020.

SILVA, Augusto Soares. Variação do significado e significado da variação: para a integração dos aspetos sociais e conceptuais da variação pluricêntrica do português europeu e brasileiro. In: COSTA, A.; DUARTE, I. *Nada na linguagem lhe é estranho: homenagem a Isabel Hub Faria*. Porto: Edições Afrontamento, p. 167-182.

TOMASELLO, Michael. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, Marcos Luiz. Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. *Revista Veredas*, v. 18, n. 2, 2014, p. 102-122.

WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Marcia Lisboa Costa de. Ler e escrever para quê? Sentidos do letramento escolar para adolescentes em conflito com a lei. *Revista Uniabeu*, v. 8, n. 18, 2015, p. 347-363.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal, número especial*, v. 30, n. 30, 2018a, p. 81-132.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, Lucene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi (org.). *Sociolinguística: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.

DISCURSIVE PARADIGM AS (PROTO) CONSTRUCTION: LINGUISTIC ALTERNATION VIA SOCIO- COMMUNICATIVE PRACTICES

Marcos Luiz Wiedemer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faperj

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

In this chapter, we highlight the need for the Construction Grammar (CG) to integrate the systematic and conventional phenomena of different traditions and/or typologies of discourse configuration in the CG model (as already presented by FRIED; ÖSTMAN, 2003, ÖSTMAN, 2005, BERGS, 2008, HOFMANN; BERGS, 2014, 2018, MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019, 2020, among others). And, based on empirical observation, we argue that the constructionist research focuses on an (agenda of) analysis that goes beyond the internal properties of individual sentences or, at most, the connection between them, and then it reaches internal properties of texts and even hypertexts, from traditions or discursive innovations. In other words, we defend that this framework pays attention to the description of larger constructional dimensions in which (infra/inter)lexical and (intra/inter) sentential constructions are activated. And, thus, we propose a perspective of description that considers the notion of construction in more complex structures of a textual-discursive domain.

In order to account for this proposition, we use the notion of “discursive paradigm”, in which “ ‘discourse patterns’ represent conventionalizations of specific linguistic properties, which places them on an equal footing with the conventionalized patterns known as ‘grammar’ ” (ÖSTMAN, 2005, p. 121). Discursive paradigm is also a procedural construction, as it brings together generalizations, that get stabilized from the most diverse experiences of discursive practices. They are guiding – as well as the so-called grammatical constructions, that relate to representations of units that operate (intra/inter)sententially – the activation of the constructions of this nature and the ones of lexical nature. There is, then, a mental representation of (sub)sets of paired formal and functional attributes that are consolidated by conventionalization and that function as textual-discursive traditions in which and/or according to which we operate the formulation of our linguistic expressions of any order of complexity.

In this context, textual genres/types can be conceived as constructions, that is, form-meaning/function pairings. In this way, the abstractions that speakers make from existing texts/uses – generalizations of use from oral and written texts production practices – are grammaticalized in the diversity of existing texts. The recurrence of similar characteristics, at a given time and culture, in such texts creates a relative and stable interpretive *frame* which we call *discursive paradigm*. After all, speakers engage in social/discursive actions that, to some extent, are based on the tension between tradition and innovation, transforming themselves into subjects that activate relationships between conventionalized (sub)schemes and constructs and/or subjects, in some degree, co-authors of shared experiences, use discursive frames specific to certain production and social conditions. In short, language materializes itself through texts (whether it is composed of a single lexical unit or it is composed of a long text), which work to guide a given communicative purpose and the inference of meaning effects, from its emergence in a discursive, pragmatic, sociocultural and cognitive domain.

DISCURSIVE PATTERNS AS A CULTURAL TRADITION

To seek a characterization of discourse in terms of a theoretical construct, it is necessary to understand that textual-discursive coherence must be seen in terms of socio-cognitive understanding: texts and discourses are related, used and transmitted by a particular culture or by a linguistic community. For example, when we talk about a “revenue/prescription”, we immediately trigger the following categorizations: *composition; how to use (indication); information; contraindications;*

dosage, among other information, that is, we profile the knowledge of this genre based on our experiences.

It is important to point out that the “discursive paradigms”, that is, the established discursive practices have specific meanings in different institutions and social groups. And, therefore, we have to assume that these discursive practices are different depending on the communicative spheres and the social groups: school, religious group, family, among others, which position the subject in relation to the way to access, treat or use the texts. In this sense, the production of discourse in an interactional way is situated within a certain social activity, which, in turn, brings together numerous socio-interactional spheres (use of different social languages).

Knowing that the discursive paradigm is a theoretical abstraction of existing texts, that is, it is generalization of uses, and acts as an organizing principle, these distinct ways of speaking/writing are seen and analyzed from degrees of abstraction between similar discourse patterns (for example, *revenue, manual, map* = discursive pattern: instructional). In this way, the discursive patterns are updated to the over time, space and social structure. Thus, we can think that discursive patterns are updated in the instances of interaction and these can be contexts to renew their already established meanings.

REPRESENTATION OF DISCURSIVE PATTERNS IN THE CONSTRUCTION GRAMMAR

Leino; Östman (2005) use the notion of *discursive paradigm* for the treatment of different constructions from a paradigm. According to the authors, “a speech pattern is the cognitive correlate of linguistically defined text type and socioculturally defined gender. The comprehension of text and discourse occurs mainly in terms of discursive patterns” (LEINO; ÖSTMAN, 2005, p. 200).

For the authors, constructions will have an attribute “discourse pattern”, in correlation to the notion of frame, scenario, to which gives a value, that is, a specification. To account for the possible paradigms of a construction, the authors use the notion of “*value pool*” – values: region in which values for each attribute are combined.

We need to expand the notion of construction network in order to integrate the notion of *discursive pattern*. Our linguistic knowledge is formed by an inventory of (i) grammatical/procedural constructional patterns, (ii) lexical/content constructional patterns, and (iii) textual-discursive constructional patterns – conventional and cognitively routinized units of paired form and meaning/function values that are

stored in our memory – in order to enable our socio-communicative purposes of conceptualization and expression in the world. Those usage patterns are important, as they allow the language analyst to understand how categories are formed in the *slots* of the constructions, as well as how they emerge from the users' experience of a language and result, consequently, from the socio-historically, pragmatically and culturally conventionalization. They are stored in memory: some are more productive, some are less. They are then systematically activated in the activities of linguistic production and perception/understanding.

As the grammar of a language consists of interconnected constructions and many of these, in turn, require combining units in their slots, we have the following:

(i) the prototype of a construction is characterized by values for attributes of form and meaning/function strongly associated in a construction; thus, the strength of association of certain lexemes to slots in a construction is regulated by these values, so that, in the combination of the lexemes in a construction, there is since a more prototypical lexeme til a less prototypical lexeme (cf. WIEDEMER; VIEIRA, 2018a).

(ii) the prototype of a discursive paradigm is characterized by values for attributes of form and meaning/function strongly associated in a textual-discursive construction which, in turn, is configured in terms of slots connected to grammatical and lexical constructions. The greater a certain practice of (located in time, as well as culturally and socially contextualized) linguistic-textual configuration of use/production of a given textual-discursive genre (whether oral or written), the more associated as a prototypical configuration of the genre this practice becomes; the smaller the practice, the less prototypical it is; we call this theoretical construct *protoconstruction*.

THE DISCURSIVE PARADIGM "ACADEMIC-SCIENTIFIC SUMMARY": PROCEDURAL AND LEXICAL CONSTRUCTIONS COMBINED WITH A TEXTUAL-DISCURSIVE CONSTRUCTION

The academic-scientific summary is one of the very important discursive objects in this universe that we are going to describe in order to exemplify our understanding of the discursive paradigm as a protoconstruction. It is important because, in addition to being a frequently read section, it has the potential to mobilize or not the reader's attention. It also has the power to activate the reader's first impression for the project and scope of research that it condenses.

It constitutes, in itself, a form-function pairing stored in the mind of those who have the experience of reading or writing texts at the university (theses, dissertations, monographs, among others) and other spaces of science – scientific articles, poster proposals, conferences, among other manifestations in this universe. It is a textual-discursive construction that tends to be configured, according to a limited space of words/characters, based on values associated with attributes.

In scientific summaries, we tend to see the activation of certain lexemes/lexical constructions materialized:

- verbal – observe, describe, explain, objectify, verify, investigate, research, study;
- nominal – data, hypothesis, theory, assumption, method, treatment, quantitative, qualitative.

And the procedural constructions triggered in their configuration are different: from procedural constructions related to the functions of referencing and predicating, always present, to procedural constructions related to the management between the persuasive organization of contents and the perspective of contribution to the scientific community promoted by the textual object (oral or written) that the abstract is intended to summarize.

In the process of referencing scientific abstracts, the activation of constructions of discursive third person or discursive first person predominates, to the detriment of the second one: the first person discursive is usually made possible by verbs inflected in the grammatical first person plural and is usually not accompanied by pronoun *we*.

Predication can be organized into the active voice or the passive voice. In this case, the use of synthetic/pronominal passive is much more frequent in this type of text than the analytical passive (MACHADO VIEIRA; SANTOS; KROPF, 2019). This passive construction is usually more activated in the body of the text/textual object to which the abstract relates. When the analytical passive occurs in the abstract, it tends to be located in the exposition section of the methodological procedures. Furthermore, Machado Vieira (2020b) highlights, when studying the alternation of passive analytic construction data with auxiliary voice verb (*ser, estar and ficar/to be, to become*) and with support verb (*ter, sofrer/to have, to suffer*), that this passive analytic alternative rarely has a place in thesis abstracts, although it occurs in the body of longer textual objects (such as theses, dissertations, articles, for example). In active voice predications made in summary, the presence of simple predicates (*objectify, consider*) is also more frequent than complex predicates

(target, take into account), given the limit (of words or characters) imposed on their materialization.

Constructions with verbs in the present and/or past tense are the most expressive in scientific summaries: those, if they do not occupy the entire abstract, usually appear in the initial sections more linked to the propositional design of the text in the abstract; these tend to occur in the presentation of the results achieved and the conclusion, sometimes also in the presentation of the methodology.

Among the metadiscursive resources, there are resources that enable:

- a way of exposing predominantly dissertation-argumentative content;
- a technical point of view (with noun phrases referring to a specific and consolidated area of knowledge and/or the author-authority in it, as well as with adverbs that signal technical rigor – a sociolinguist, empirically, statistically);
- the relativization of the author-interlocutor-scientific community-science space and the construction of the discursive framework, through
 - » hedges (“our hypothesis”, “in our theoretical-methodological perspective”, “in the conception of many linguists”, “in fact”, “definitely”, “practically”, “it is evident that”, signaling more specific or more discursive angles comprehensive, more precise or imprecise, more or less committed to the statute of truth),
 - » attitudinal modalizers (verbal or adverbial – power, duty, guarantee, ponder, perhaps, decisively, surprisingly),
 - » self-mention (via bibliographic reference, via procedural construction such as “I believe/argument/provo”, “our/mine”)
 - » eventually, intersubjective markers (note, see, ponder);
- the impersonalization of the discourse, given the interest in making scientific doing/saying prominent and not the author of this doing/saying (SARAIVA; MACHADO VIEIRA, 2021; SARAIVA, 2022); and this is done through several features, such as predication construction with the support verb *haver/ter* (*to have/there to be*) that forwards an impersonal state of affairs, *Há/Tem-se defesa* (*there is defense*) per *Defende-se* (*It is defended*) (MACHADO VIEIRA, 2017), construction of predication in the pronominal passive voice in which the participant inducing force is suspended (MACHADO VIEIRA, 2020a).

And the (lexical and procedural) constructions that enable the referentiation and predication functions in the organization of the states of affairs combine with the sections of the summary. They connect according to a relatively stable and, to some extent, expected sequencing configuration.

Naturally, the attribute values that configure the form-function pairing that we recognize here as a scientific abstract are not always present, all of them, in the constructs of this construction (the scientific abstract), as well as they can be part of other textual objects in the scientific domain (other than abstract). This configurational potential only adds subsidies to the conception that the discursive paradigm acts as a protoconstruction, guiding the combination or compatibilization of lexical and procedural linguistic constructions in a textual-discursive one: on the one hand, it concerns cognitive schematization as a/an (entrenched) textual-discursive construction that guides the activation of linguistic units that, in it and through the influence of its attributes, are combined by force of attraction or coercion; on the other hand, it is subject to the productivity parameter (to extensibility, based on what emerges from the experience of uses and is socioculturally conventionalized from these) and, in doing so, organizes itself in a configuration that provides for a prototyping relationship. This relationship is between (i) a central dimension with exemplars that have an optimized configuration by bringing together more formal and functional attributes associated with the fundamental concept of scientific abstract and (ii) a peripheral dimension with exemplars whose configuration involves less characteristic attributes of the genre used here to illustrate the licensing of linguistic units to from the notion of discursive paradigm.

In the configuration of academic-scientific summaries, there are attributes that are also present in other discursive genres of the academic universe, in other discursive traditions of this universe: for example, the written (oral) expressive modality, the (semi-)formal or even informal profile, the condition of prior planning (or synchronous planning to communication), the institutional/public (instead of private) nature – aimed at few or many interlocutors –, the degree of dialogical or cooperative discursive activity (whether there is or not, to some extent, real or virtual exchange of discursive turn), the degree of communicative distance (or proximity) between speaker-interlocutor, the low (or high) degree of emotion or spontaneity, the nature of the technical and specialized topic (or not), the low (or high) degree of autonomy (or dependence) on the more immediate pragmatic situation. All these attributes influence the triggering of lexical and grammatical units that configure the text/discourse by which an enunciation comes into form.

FINAL CONSIDERATIONS

We understand that the production of certain textuality occurs in an interactional way, in which the communicative event is at stake, relating, on the one hand, speaker, interlocutor and a defined objective, and, on the other hand, the location of this production in a certain social activity. These bring together numerous social interactions spheres, for example: family members, journalistic sphere, scientific domain, among others. And it is known that each sphere admits a certain configuration of text, which is materialized by a relative tradition, which is culturally constructed and routinized. Thus, several elements intervene in the construction of a text/genre, which are called production conditions. And, this is reflected in the textual texture plane, that is, in the linguistic object. Here, we also include stylistic preferences as an ingredient in discursive production, as it is known that discourse practices have restrictions given by discursive traditions, but they take place in activities of expression that are individual as well as in ways of saying represented by communities of practice.

Thus, we argue that, in the process of categorizing linguistic patterns, over time and through social transmission, textual-discursive patterns are considered in the Construction Grammar approach, as they are also essential parts of the preexisting representation at the base of human linguistic behavior, although they are subject, like other constructions, to recontextualization and reconfiguration for new purposes. These discursive patterns are pre-instantiated mental representations in everyday culture and therefore generalizations about them must also have a place in constructionist descriptions.

REFERENCES

- BERGS, Alexander. Can we take Construction Grammar Beyond Sneezing Napkins off Tables? In: STIERSTORFER, K. (ed.). *Proceedings of the Anglistentag Münster 2007*. Trier: WVT, p. 269-276, 2008.
- FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola. (2003). The explicit and the implicit in the Suasion Frame. In: HAJIĆOVÁ, E.; KOTĚŠOVCOVÁ, A.; MÍROVSKÝ, J. (ed.). *Proceedings of CIL 17*. Prague: Matfyzpress, 2003.
- HOFFMAN, Thomas; BERGS, Alexander. Are you a construction in disguise? Was Fußballgesänge uns über soziale und physische Kontexteigenschaften von Konstruktionen lehren. In: ZIEM, A.; LASCH, A. (ed.). *Konstruktionsgrammatik IV*. Tübingen: Stauffenburg, p. 115-131, 2014.

HOFFMAN, Thomas; BERGS, Alexander. A Construction Grammar Approach to Genre. *CogniTextes-Revue de L'Association Française de Linguistique Cognitive*, v. 18, 2018.

LEINO, Jaako; ÖSTMAN, Jan-Ola. Constructions and variability. In: FRIED, M.; BOAS, H. C. *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 192-213, 2005. (Constructional Approaches to Language).

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. *Letrônica*, 10(1), 82-95, 2017. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25061>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; SANTOS, Júlia Lessa dos; KROPF, Morgana Pinheiro Albuquerque. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. *SOLETRAS*, [S.l.], n. 37, p. 154-178, jan. 2019. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38481>. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38481>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português (Verbal predication and discursive impersonalization: gradience and alternation in the Portuguese Construction Grammar). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 65-84, 2020a. DOI: 10.22481/el.v18i1.6131. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6131>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Passive predication in Portuguese: Alternation in Construction Grammar. Comunicação apresentada em agosto de 2020 durante 53rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, <http://www.sle2020.eu/programme>, <https://osf.io/48dcz/>, 2020b.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Variationist Sociolinguistics and Construction Grammar: the challenges and the prospects of compatibilization. In: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p.121-128. <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/dimensoes-e-experiencias-em-sociolinguistica-1575>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction Discourse: a prolegomenon. In: FRIED, M. (ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 121-144.

SARAIVA, Eneile Santos. Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2022.

SARAIVA, Eneile Santos; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Indeterminacy and impersonalization in Brazilian Portuguese discursive practices. Comunicação apresentada em 2021 durante 54rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, <http://www.sle2021.eu/programme>, <https://osf.io/yvpfg/>.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal, número especial*, v. 30, n. 30, 2018a, p. 81-132.

A PANDEMIA NAS MÍDIAS BRASILEIRA E ITALIANA: REFERENCIAÇÃO E POSICIONAMENTO ARGUMENTATIVO

Heloisa da Costa Miranda

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leonor Werneck dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este capítulo tem o objetivo de ampliar a discussão teórica sobre referenciação, no que se refere ao papel das pistas textuais. Nessa perspectiva, nossa análise concentra-se na comparação de duas notícias, em mídias brasileira e italiana, sobre a marca de 500 mil mortos por Covid-19 no Brasil. Nosso intuito é verificar o posicionamento e o enfoque das diferentes mídias, demonstrando de que maneira objetos de discurso, expressões referenciais e pistas textuais se solidarizam para revelar perspectivas argumentativas diferentes sobre o mesmo fato noticiado. Para esse fim, utilizamos uma abordagem sociocognitiva e interacional da linguagem que considera o texto como um evento comunicativo e a referenciação um fenômeno textual-discursivo importante para produção de sentidos no

texto (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2001, 2014[2008]; MARCUSCHI, 2008; SEARA; SANTOS, 2019). Desse modo, procuramos evidenciar o papel das estratégias referenciais e pistas textuais que orientam o sentido argumentativo das notícias, a partir de uma visão mais complexa das relações textuais.

INTRODUÇÃO

O cenário pandêmico em que vivemos deixou o mundo inteiro em estado de alerta sobre as principais medidas de prevenção contra o coronavírus SARS-CoV-2 e sobre a busca de meios eficazes para combater o avanço da Covid-19. Mais de 18 meses após o início da pandemia, mesmo com a descoberta de vacinas e todos os protocolos de saúde recomendados pelos principais órgãos científicos, ainda é preocupante a situação de alguns países. Entre eles, o Brasil, que apresenta um número elevado de óbitos, chegando a superar a marca de 500 mil mortos em junho de 2021, assim como um número ainda muito baixo de pessoas vacinadas com a segunda dose. Por outro lado, em uma perspectiva mais promissora, a China supera 1 bilhão de doses de vacina contra a Covid-19. Além desses fatos, no Brasil, a discussão sobre a eficácia ou não de medicamentos como a cloroquina e a hidroxicloroquina, apontada como principal meio de prevenir a doença, entretanto sem o aval da ciência, parece estar longe do fim.

Tais desdobramentos da pandemia de Covid-19 têm recebido destaque em diversos canais de comunicação, no Brasil e em outros países, porém é flagrante a variedade de posicionamento argumentativo e de enfoque, quando comparamos mídias diferentes, abordando o mesmo fato noticioso. Nesse contexto, buscamos analisar, neste capítulo,¹ duas notícias abordando a marca de 500 mil mortos por Covid-19 no Brasil: uma publicada no Brasil, no jornal *O Globo* online,² em 20 de junho de 2021, e outra na Itália, no jornal *La Repubblica* online,³ em 21 de junho do mesmo ano. Nosso objetivo não é tecer generalizações acerca das estratégias utilizadas ou acerca das escolhas efetuadas pelas mídias selecionadas, mas traçar um panorama de análise qualitativa para exemplificar de que maneira

¹ Agradecemos às colegas Profa. Dra. Margareth Andrade Morais (IFRJ/Brasil) e Profa. Júlia Lourenço de Jesus (Mestrado em Letras Vernáculas/UFRJ/Brasil), pela leitura crítica e pelas valiosas sugestões.

² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cpi-da-covid-comeca-delinear-equivocos-do-governo-bolsonaro-que-levaram-marca-de-500-mil-mortos-2-25068876> Acesso em: 25 jun. 2021.

³ Disponível em: https://www.repubblica.it/esteri/2021/06/20/news/coronavirus_nel_mondo_il_brasile_supera_mezzo_milione_di_vittime-306818077/?ref=search Acesso em: 25 jun. 2021.

a referência, nessas duas mídias, ajuda a revelar perspectivas argumentativas diferentes em relação ao fato noticiado, principalmente explicitando ou não a culpabilização do presidente brasileiro na condução da pandemia no país.

Para essa análise, selecionamos um objeto de discurso (OD) do jornal brasileiro – “equivocos do governo Bolsonaro” – e dois OD do jornal italiano – “China” e “Brasil”. Pretendemos verificar, a partir de uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, como esses OD são (re)construídos ao longo dos textos, bem como sua contribuição para a orientação argumentativa do sentido (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2001). Também buscamos observar o papel das pistas textuais como importante estratégia de recategorização dos OD e a relação entre processos referenciais que se inter cruzam, formando novas cadeias referenciais. Com isso, pretendemos mostrar uma relação mais complexa do papel dos processos referenciais, que podem unir-se ou mesmo sobrepor-se argumentativamente ao longo do texto.

Assim, apesar de manuais de redação jornalística defenderem que a configuração formal do gênero textual notícia deve primar pela objetividade e exatidão, concordamos com Santos (2015, p. 6) que “a imparcialidade na linguagem é um mito, uma ilusão”. Desse modo, reiteramos a concepção de linguagem como forma de ação, que considera a relação interativa dos interlocutores em um evento comunicativo (JUBRAN, 2003).

TEXTO, LEITURA E GÊNERO TEXTUAL

Ao longo de sua trajetória, a Linguística de Texto (LT) vem priorizando uma perspectiva mais ampla do processo de produção textual e considerando a interação comunicativa entre sujeitos sociais para determinados fins (KOCH, 2011). Desse modo, conforme Marcuschi (2008, p. 72), “falamos de texto como um evento que atualiza sentidos e não como uma entidade que porta sentidos na independência de seus leitores”. Isso significa que o texto representa o lugar para o qual converge uma série de atividades cognitivo-discursivas (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2008), ou seja, o conhecimento de mundo dos sujeitos envolvidos no processo, suas práticas comunicativas, sua cultura, sua história, que serão responsáveis pela produção de sentidos. Assim, quando lemos ou produzimos um texto, acionamos conhecimentos prévios que nos ajudam na construção de sentido e que podem ser de natureza linguística, enciclopédica e interacional.

Nessa perspectiva, Koch e Elias (2008, p. 21), afirmam que “a leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva:

conhecimento da língua e das coisas do mundo”. Para a compreensão do texto, é essencial a interação autor-texto-leitor, uma vez que o papel do leitor passa a ter um grande destaque como sujeito ativo nesse processo de construção dialógica dos sentidos – o que implica dizer que, ao lermos um texto, “sempre retomamos, de certa forma, na nossa memória, o que já lemos e conhecemos, para fazer inferências e compreender o que está na nossa frente” (SANTOS; CUBA RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 42). Portanto, falamos em compartilhar conhecimentos quando falamos de leitura e de construção de sentido.

Conforme Bezerra (2017), considerando a importância da situação comunicativa, o conceito de gênero textual representa um princípio caro aos estudos de LT, principalmente, quando o texto passou a ser visto como elemento de interação. Na perspectiva de Bakhtin (2011[1979], p. 261), um gênero pode ser caracterizado pelo seu conteúdo, estilo e composição, elementos “indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Por isso, para Marcuschi (2008), a atividade verbal só é possível por meio de um gênero textual.

Todos os gêneros são marcados pela esfera de atuação, ou seja, circulam em ambientes recorrentes e próprios, denominados domínios discursivos que lhes conferem legitimidade discursiva. Conforme explicita Marcuschi (2008, p. 194), entendemos domínio discursivo como “uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual ocorrem práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão”. Além disso, segundo Marcuschi (2008), em virtude dos nossos propósitos comunicativos, o gênero surge para atender a uma determinada função, que o determinará. Portanto, os gêneros não são formas rígidas e estanques, mas fluidos, em função do seu dinamismo sociodiscursivo.

Além do exposto, como estamos tratando do gênero textual notícia, neste capítulo, é importante salientar que não devemos confundir gênero com domínio discursivo. De acordo com Bezerra (2017), em algumas escritas científicas, é usado o termo “gênero jornalístico”, confundindo leitores não especializados. Sendo assim, o autor esclarece que “o jornalismo não deve ser tratado como gênero e sim como uma esfera de atividade profissional, enquanto instância discursiva, ‘dá origem’ a uma variedade de gêneros requeridos e validados socialmente” (BEZERRA, 2017, p. 4, grifo do autor).

Na visão de Charaudeau (2007, p. 132, grifos do autor), a notícia é

[...] um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático (o acontecimento, de algum modo, é um fato que se inscreve num certo domínio do

espaço público), tendo um caráter de novidade (trazendo um novo elemento que até então se supunha desconhecido do público), proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado.

Assim, de modo geral, a notícia é caracterizada pelo seu papel informativo sobre fatos recentes que sejam de relevância social, apresenta uma estrutura facilmente reconhecida (manchete, *lead*, episódio e comentário) e uma linguagem que pretende passar a imagem de ser objetiva e imparcial. Nesse sentido, Lage (2004) pondera que existem certas “restrições pragmáticas” associadas à estrutura da notícia, como a linguagem utilizada, a disposição sintática, os temas abordados, a postura do redator etc. Contudo, Bastos (2018, p. 67) assevera que “as notícias, para além da informação, têm um propósito que, consciente ou inconsciente, transmite valores e é investido por uma ideologia”. Nessa mesma linha de raciocínio, Koch (2012[2005], p. 45, grifos da autora) recupera reflexões de Van Dijk, para reiterar que o discurso jornalístico tem mostrado diferenças ideológicas na seleção de termos [...], conforme a pessoa ou o grupo a quem se atribui uma fala ou cuja fala se transcreve. Enquanto membros de uma elite (política, cultural, econômica ou outra qualquer) *asseveram, expõem, refletem, argumentam, refletem, ponderam, constataam, determinam, evidenciam*, e assim por diante, os membros de minorias apenas *falam, dizem, depõem, negam, mentem*. Dessa forma, quando se qualifica a fala dos primeiros, atribuem-se-lhes *asserções, constatações, exposições, reflexões, explicações, ponderações, confirmações, comentários*; ao passo que os enunciados dos segundos são qualificados simplesmente como *afirmações, negativas, falas, respostas* ou, no máximo, *declarações, confissões* ou *recusas*.

Dessa forma, é evidente a importância do gênero e o seu papel para comunicação verbal em uma perspectiva sociointeracional da linguagem. O discurso jornalístico funciona como instrumento de persuasão do leitor, mesmo nas notícias – comumente chamadas de objetivas –, deixando entrever pontos de vista, crenças e ideologias.

REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Partindo das concepções adotadas pela Linguística de Texto (LT) de que o texto não representa uma simples junção de frases ou apenas uma troca de informações, mas um sistema complexo de elaboração de sentidos, situamos a referenciação como um fenômeno textual-discursivo importante para produção/construção de sentidos no texto. Assim, de acordo com Koch (2014[2008], p. 48), a referenciação constitui

uma atividade discursiva. O sujeito, na interação, opera o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (Koch, 1999, 2002). Isto é, os processos de referenciação são as escolhas do sujeito em função de um querer dizer [...] a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

De modo mais específico, a referenciação atua na construção e reconstrução dos objetos do discurso (OD) ou referentes, ou seja, elementos que representam na mente dos interlocutores uma entidade estabelecida, construída discursivamente (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nesse sentido, as expressões referenciais são estruturas linguísticas responsáveis pela remissão aos OD, que não se confundem com os objetos do mundo (KOCH, 2001), pois estão em constante transformação pelos sujeitos envolvidos na interação em função de um projeto de dizer. Conforme atestam Koch e Elias (2008, p. 125),

trata-se de uma construção e reconstrução de referentes bastante complexa. Nessa construção intervêm não somente o saber construído linguisticamente pelo próprio texto e os conteúdos inferenciais que podem ser calculados a partir dos elementos nele presentes (graças aos conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais e aos lugares-comuns de uma dada sociedade), como também os saberes, opiniões e juízos mobilizados no momento da interação autor – texto – leitor.

Percebemos, então, que a referenciação é um processo sociocognitivo bastante complexo, devido à ideia de realidade instável (CAVALCANTE, 2012), ou seja, a reelaboração da realidade, no campo da LT, significa que “o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados” (CAVALCANTE, 2012, p. 105). Nesse processo, os OD, no decorrer do texto, podem ser construídos, reconstruídos, ativados, desativados e recategorizados, por meio de estratégias linguístico-textuais que nunca são aleatórias, pois, de acordo com Santos (2015, p. 6), “não há signo neutro, não há linguagem totalmente objetiva, isenta de posicionamento”.

Dessa forma, temos como pressuposto que a língua é concebida em uma perspectiva dialógica para a qual convergem fatores culturais, históricos, sociais e cognitivos. Por isso, a LT passou a utilizar o termo referenciação, por entender o caráter dinâmico de (re)construção de sentido no texto, “que leva em conta não somente o sujeito ‘encarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Nesse sentido, corroborando o caráter dinâmico de construção e reconstrução de sentido no texto, Mondada e Dubois (2003), Koch e Elias (2008), Cavalcante (2012), Santos (2015), dentre outros autores, defendem que o ato de se referir não representa um mero apontamento, uma simples relação de equivalência entre os termos no texto ou ainda uma ligação direta entre as palavras e as coisas. Segundo os autores, o processo é muito mais complexo e dinâmico, pois envolve uma intensa negociação entre os atores sociais, envolvidos na interação – o que implica dizer que os OD são (re)construídos no interior do texto para atender a uma demanda interacional dos sujeitos, de acordo com o projeto de dizer.

Partindo dessas concepções, defendemos que o processo de referenciação desempenha importantes funções discursivas efetivadas pelas expressões referenciais (CAVALCANTE, 2012), sejam casos de anáforas ou dêixis, associadas às pistas textuais para construir cadeias referenciais. Com base em Santos e Cavalcante (2014, p. 225), podemos apontar as anáforas como responsáveis pelas “diversas estratégias de continuidade referencial, [...] sempre ancorad[a]s em alguma pista textual do cotexto”, e a dêixis representa “as remissões a dados contextuais quando pressupõem uma *origo*”. Desse modo, a retomada de um referente pode ocorrer por meio de anáforas diretas (AD), anáforas indiretas (AI) e anáforas encapsuladoras (AE). As AD, caracterizadas pela correferencialidade entre os termos, retomam um referente no texto. As AI, por sua vez, não retomam um termo específico, por isso são não correferenciais, mas associam-se a uma âncora do contexto discursivo. Porém, é oportuno enfatizar que, conforme Moraes (2017), embora as AD retomem um termo específico no cotexto, não significa que exijam menos inferência ou apelo ao conhecimento partilhado pelos sujeitos na interação. Ou seja, não se trata de uma simples relação de equivalência, mas, a exemplo das AI, a construção dessa referência direta também pode ocorrer por meio de uma complexa rede de inferências. Com relação ainda às AD e AI, Seara e Santos (2019, p. 4) advertem que, “tradicionalmente, a diferença entre ambas consiste na presença/ausência dos correferentes no cotexto [...] importa, porém, destacar a importância das pistas textuais que colaboram para a construção do referente”.

As AE, por sua vez, desempenham papel crucial na dinâmica discursiva, pois “não só rotulam uma parte do cotexto que as precede [...], mas, ao fazê-lo, criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a constituir um tema específico” (KOCH 2012[2005], p. 38). Outro aspecto relevante das AE está relacionado à sua propriedade de revelar informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes dos produtores do texto, assim como o engajamento do leitor,

para conquistar sua adesão. De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 80), as anáforas encapsuladoras

exercem funções argumentativas decisivas para o projeto de dizer de cada enunciador, no momento em que buscam o melhor modo de designar, de sintetizar parafraseando um ponto de vista (e, conseqüentemente, rebatendo outros, ditos ou não).

Para Conte (2015[2003], p. 177), “quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é axiológico”, o papel argumentativo fica mais evidente. Porém, segundo Seara e Santos (2019), mesmo AE não muito marcadas axiologicamente podem carregar um viés argumentativo, uma vez que as pistas textuais colaboram para a construção da cadeia referencial. Consideramos pistas textuais, conforme Colamarco (2014, p. 64), “toda a materialidade verbal do texto que contribui para a construção cognitiva dos diferentes objetos de discurso sem corresponder, porém, a expressões referenciais”.

Assim, neste capítulo, além de priorizar a análise de processos referenciais anafóricos em notícias brasileiras e italianas, também destacamos o papel das pistas textuais que promovem uma “costura” ao longo do texto, delineando sua construção argumentativa. Afinal, é importante não apenas analisar as estratégias referenciais, mas o fenômeno como um todo, atrelado ao reconhecimento das cadeias referenciais, destacando uma série de aspectos textuais e discursivos implicados na construção de sentido do texto.

ANÁLISE: 500 MIL MORTOS POR COVID NO BRASIL

Nossa análise concentra-se em duas notícias sobre o mesmo tema – a marca de 500 mil mortos por Covid no Brasil –, publicadas em países diferentes (Brasil e Itália), para verificar como os objetos de discurso (OD) progridem, ao longo da notícia, e como se solidarizam com outros elementos linguísticos, orientando o sentido e a direção argumentativa dos textos. No jornal online *O Globo*, destacamos o OD “equivocos do governo Bolsonaro” e, no *La Repubblica*, os OD “a China” e “o Brasil”. Para visualização das estratégias referenciais analisadas nos exemplos citados, colocamos os OD em negrito, e as pistas textuais estão sublinhadas. Os exemplos em italiano foram traduzidos por nós.

Iniciamos com o exemplo (1), retirado do jornal brasileiro, no qual destacamos o OD “equivocos do governo Bolsonaro”, que aparece na manchete da notícia. Caracterizado como uma anáfora encapsuladora (AE), esse sintagma torna o referente saliente na memória discursiva do interlocutor:

(1) CPI da Covid começa a delinear **equívocos do governo Bolsonaro** que levaram à marca de 500 mil mortos

Em quase dois meses de trabalho, foram coletados mais de mil documentos, 21 depoimentos e aprovação de 29 quebras de sigilos bancários e telefônicos

BRASÍLIA - Ao longo de quase dois meses de trabalho, a CPI da Covid coletou mais de mil documentos, colheu 21 depoimentos e aprovou 29 quebras de sigilos bancários e telefônicos. A partir da análise desse material, a investigação começa a delinear três caminhos que levaram o Brasil a registrar a marca de 500 mil mortos pela pandemia: a aposta em medicamentos sem eficácia, a lentidão na compra de vacinas e a crença na tese da “imunização de rebanho”.

Além disso, a cadeia referencial do OD “equívocos do governo Bolsonaro” está relacionada a diversas informações ao longo da notícia, inclusive outros OD: “levaram à marca de 500 mil mortos” demonstra como um número elevado de mortes é consequência desse “equívoco”; as informações a respeito da CPI e dos documentos analisados durante quase dois meses – presentes no subtítulo e no *lead* da notícia –, reiteram o trabalho de apuração dos fatos e enfatizam as provas dos equívocos; as anáforas indiretas (AI) “a aposta em medicamentos sem eficácia”, “a lentidão na compra de vacinas” e “a crença na tese da ‘imunização de rebanho’ iniciam novas cadeias referenciais, mas estão associados à AE da manchete, representando os “três caminhos” – cuidadosamente enumerados e retomados ao longo da notícia – do alto número de mortes.

As pistas textuais, que incluem outros OD, se solidarizam para “tecer” o sentido do texto e orientá-lo discursivamente. Por exemplo, a AI “a aposta em medicamentos sem eficácia” apresenta um novo referente “medicamentos”, que atua como modificador do núcleo do sintagma “aposta”. Como a AI “a aposta em medicamentos sem eficácia” está associada à AE “equívocos do governo Bolsonaro”, é importante observar como o novo OD “medicamentos” é recategorizado, ao longo da notícia, por meio de anáforas diretas (AD): “medicamentos” > “medicamentos” > “cloroquina” > “cloroquina” > “cloroquina e hidroxicloroquina” > Ø > “a cloroquina” > “o remédio” > “a cloroquina” > Ø > “cloroquina” > “hidroxicloroquina” > Ø > “o medicamento” > “cloroquina” > “cloroquina”. Ressaltamos que a repetição exaustiva no nome da substância “(hidroxi)cloroquina” não acontece por acaso, pois colabora para a reiteração do OD “medicamentos”, cuja utilização é avaliada negativamente no decorrer da notícia.

Dessa forma, o OD “equívocos do governo Bolsonaro” é recategorizado, ao longo do texto, por meio de diversas informações, dispersas pelas pistas textuais. Essas pistas incluem núcleos e determinantes de sintagmas nominais que funcionam como outras anáforas – ligadas a outros OD –, além de outros recursos, como verbos, por exemplo, que colaboram decisivamente para construção de sentido:

“a aposta”, “sem eficácia”, “sem comprovação científica”, “o abastecimento”, “insumos para fabricação”, “indicada para malária”, “o governo distribuiu mais de 6 milhões de comprimidos”, “ineficaz contra a Covid”, “a inadequação”, “não tinha efeitos significativos e poderia até ser prejudicial”, “apostava”, entre outros. A notícia focaliza o interesse do governo pela cloroquina, como um dos aspectos mais negativos no combate contra a Covid-19, associando a ineficácia desse medicamento à imagem negativa que se cria do governo Bolsonaro (principal defensor do uso da substância), contribuindo com o projeto de dizer e para a construção argumentativa do texto. Assim, a cadeia referencial da AE “equivocos do governo Bolsonaro” é formada por várias informações, incluindo AI e AD, promovendo a progressão textual e colaborando para argumentatividade da notícia.

Por outro lado, na notícia publicada no jornal italiano⁴ *La Repubblica*, o enfoque é diferente:

(2) Coronavirus nel mondo, la Cina supera il mezzo miliardo di dosi, mentre il Brasile piange oltre mezzo milione di vittime

Coronavírus no mundo, a China ultrapassa meio bilhão de doses, enquanto o Brasil chora mais de meio milhão de vítimas

Nessa notícia, selecionamos dois objetos de discurso (OD) “a China” e “o Brasil”, presentes na manchete, que são apresentados por meio de um jogo de oposições China *versus* Brasil. A partir dessa primeira menção, esses OD progridem no texto, por meio de estratégias textual-discursivas diversas, que incluem não somente AD, mas também pistas textuais variadas. Além do contraste entre os dois países, chama a atenção a estrutura da notícia, que sintetiza a situação da pandemia em mais três países (Rússia, Bélgica e Índia), apresenta *tags* referentes a temas genéricos (situação no mundo, *timeline*, vacinação), porém apresenta manchete e enfoque na construção de uma oposição entre Brasil e China que, na verdade, se amplia aos demais locais. Ou seja, após a leitura da notícia, é flagrante a diferença entre o que acontece no Brasil e nos outros países citados em relação à pandemia e à vacinação – com a China simbolizando essa diferença. Assim, na manchete já se desenha o antagonismo que será delineado no texto: enquanto a China “ultrapassa meio bilhão de doses”, o Brasil “chora mais de meio milhão de vítimas”.

Analisemos o exemplo (3):

⁴ Todas as traduções foram feitas pelas autoras deste capítulo.

(3) A China ultrapassa um bilhão de doses

A China administrou mais de um bilhão de doses da vacina Covid, quase metade dos 2,5 bilhões inoculados até agora em todo o mundo. Uma meta que se contrapõe à outra, negativa: mais de meio milhão de mortes no Brasil, onde a pandemia ainda está fora de controle e faz do grande país sul-americano o grande enfermo em um mundo onde o número total de mortes ultrapassou 3,8 milhões.

A China, com seus 1,4 bilhão de habitantes, o primeiro país a adoecer e, oficialmente, o primeiro a se curar, com dados epidemiológicos – segundo fontes oficiais chinesas – risíveis se comparados ao resto do mundo (nas últimas 24 horas apenas 23 casos, todos importados do exterior), agora tem a meta de vacinar 40% da sua população com duas doses até o final de junho. Para conseguir isso, as autoridades empregaram todos os meios para convencer as camadas mais relutantes, céticas ou mesmo mal informadas da população, e não apenas nas zonas rurais. E assim, na província central de Anhui, aos vacinados são oferecidos ovos, em Pequim, vale-compras para supermercado.

No exemplo (3), é importante destacar que o OD “a China” é retomado como AD, pelo mesmo sintagma nominal repetido “a China” e pelos sintagmas “o primeiro país a adoecer”, “o primeiro a se curar”, além de ser recuperado também por meio das AI que representam “as autoridades”, as suas regiões (“zonas rurais”, “Anhui”, “Pequim”) e a sua população (incluindo os termos “mais de um bilhão de doses da vacina Covid” e “aos vacinados”). Essas recategorizações colaboram para criar a imagem de um país gigantesco que, a despeito do caos enfrentado no início da pandemia, conseguiu superar a situação e vacinar boa parte dos cidadãos. Essa imagem positiva da China é reiterada pelas pistas textuais representadas pelo verbo “ultrapassar” (repetido da manchete). Além disso, nos trechos seguintes, são associadas à China várias pistas textuais que enaltecem a capacidade do país de controlar a propagação do vírus por meio da vacina, como “administrou mais de um bilhão de doses da vacina Covid”.

Seguindo a perspectiva de destacar os pontos positivos do país, a notícia continua recategorizando o OD “a China”, por meio das pistas textuais, e, mesmo sem mencionar o Brasil, nesse trecho, por um processo de inferências, destaca seus aspectos negativos no trato da pandemia. Desse modo, em relação à China, ressaltamos as pistas textuais: “o primeiro país a adoecer”, “o primeiro a se curar”, “nas últimas 24 horas apenas 23 casos”, “tem a meta de vacinar com duas doses 40% da sua população até o final de junho”. Ainda nesse trecho, observamos que o país procura incentivar a sua população a aderir à campanha de vacinação, inclusive, oferecendo recompensas aos vacinados, como no trecho: “E assim, na província central de Anhui, aos vacinados são oferecidos ovos, em Pequim, vale-compras para supermercado”.

No caso das referências ao Brasil, as marcas alcançadas referem-se ao elevado número de mortes em decorrência da pandemia, evidenciadas nas seguintes pistas textuais: “a pandemia ainda está descontrolada”, “faz do grande país sul-americano o grande enfermo em um mundo onde superou o total de 3,8 milhões de mortes”. Assim, a notícia deixa subentendida a falta de incentivo das autoridades brasileiras, sobretudo quando enfatiza que, no caso da China “as autoridades colocaram em prática todos os meios para convencer as camadas mais resistentes, céticas ou mesmo mal informadas da população”.

Os detalhes da notícia a respeito do que ocorre no Brasil são citados no exemplo (4):

(4) Mais de meio milhão de mortes por Covid no Brasil

Ao contrário da China, o Brasil se destaca, tornando-se ontem o segundo país do mundo depois dos Estados Unidos a ultrapassar a marca de 500 mil mortes por Covid-19, com um recente aumento das mortes diárias confirmando a iminência de uma terceira onda. A campanha de vacinação parou em cerca de 11% das pessoas inoculadas, apesar da tardia mudança de atitude do presidente, que tende a ser negacionista e contrário às medidas de lockdown, Jair Bolsonaro, até pouco tempo cético em relação às vacinas. Bolsonaro agora prometeu completar a imunização de toda a população até o final do ano. Mas, enquanto isso, meio milhão de mortos pesa uma tonelada e ontem milhares de pessoas saíram às ruas para protestar no Rio de Janeiro, Brasília e outras cidades, gritando slogans como “Fora Bolsonaro”, com muitos cartazes ostentando simplesmente a cifra “500.000”.

Já no exemplo (4), o OD “o Brasil” é retomado pela repetição e pela AD “o segundo país do mundo depois dos Estados Unidos a ultrapassar a marca de 500 mil mortes por Covid-19”, sendo que o antagonismo entre este país e a China é reforçado com a expressão “Ao contrário da China”. A cadeia referencial do OD “Brasil” ainda é alimentada por expressões como “um recente aumento das mortes diárias”, “a iminência de uma terceira onda”, “A campanha de vacinação parou em cerca de 11% das pessoas inoculadas”, “tardia mudança de atitude do presidente”, “meio milhão de mortos pesa uma tonelada”, “milhares de pessoas saíram às ruas para protestar”, “muitos cartazes ostentando simplesmente a cifra 500.000”. Todos esses elementos colaboram para a construção da cadeia referencial de “Brasil”, criando a imagem de um país que sofre com a pandemia e que reivindica mudanças políticas.

Além disso, a AI “o presidente” – um novo objeto de discurso que passa a ser o centro de novas predicções, está associada a outras pistas textuais, como “negacionista e contrário às medidas de lockdown”, “cético em relação às vacinas”, que, além de recategorizarem “o presidente”, reforçam o caráter negativo atribuído a ele e à maneira como o Brasil vem lidando com a pandemia. Como, a

seguir, ressalta-se que há uma onda de protestos pelas cidades do Brasil, pedindo a saída do presidente, a imagem negativa é reiterada. Merece destaque, também, o contraponto temporal “até pouco tempo” x “agora” associado ao comportamento do presidente brasileiro em relação à vacinação.

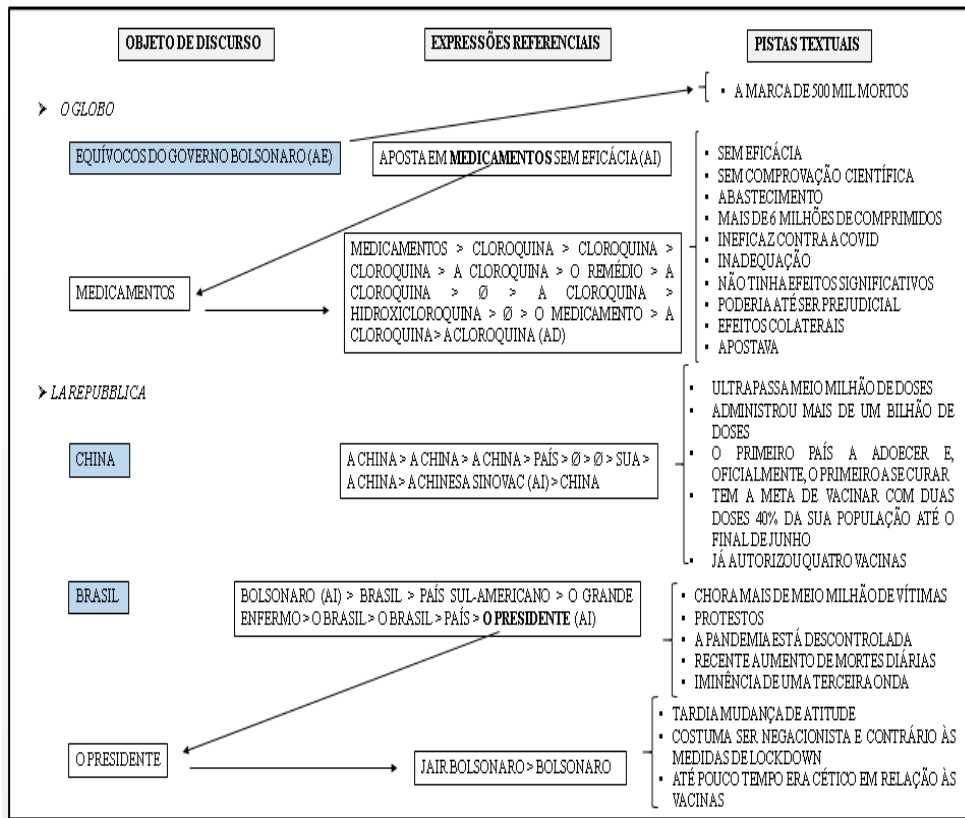
Assim, o jornal italiano enaltece o êxito da China, contrapondo ao “fracasso brasileiro no combate à pandemia”, apresentando informações acerca do que ocorre em ambos os países. Porém, chama a atenção como, ao recategorizar o OD “China”, constrói-se uma imagem negativa do Brasil, antecipando o que será relatado a seguir a respeito do país. Ou seja, o OD “Brasil” vai sendo (re)construído, não apenas pela sua cadeia referencial, mas também quando são ressaltados os pontos positivos da China.

DISCUSSÃO

A partir das análises realizadas, verificamos que cada jornal ressaltou um aspecto diferente sobre o mesmo prisma da marca de 500 mil mortos por Covid no Brasil. O jornal brasileiro salientou a aposta em medicamentos sem eficácia comprovada como um dos principais problemas enfrentados pelo Brasil na luta contra a Covid, listando este e outros dois “equivocos do governo Bolsonaro”. Já o jornal italiano destacou, por meio de um jogo de oposição China *versus* Brasil, aspectos positivos da China a respeito do combate à doença, atribuindo ao Brasil, de modo explícito ou implícito, o fracasso do controle da pandemia, especialmente enfatizando a vacinação.

Em nossa análise, procuramos destacar o papel das pistas textuais como importante estratégia de recategorização dos OD. Os estudos clássicos sobre referência não costumam considerar a importância desse recurso linguístico, uma vez que preferem analisar um objeto de discurso específico e sua cadeia referencial por meio apenas das anáforas. No entanto, procuramos demonstrar que, ao longo do texto, os OD se solidarizam, de modo a formar uma unidade significativa, por meio de uma “trilha” de pistas textuais que vai orientando argumentativamente o sentido do texto. Desse modo, não nos preocupamos apenas em verificar as estratégias referenciais utilizadas na cadeia referencial de um determinado objeto de discurso ou identificar a presença/ausência de correferencialidade das anáforas (SEARA; SANTOS, 2019). Ao contrário disso, ampliamos a análise, procurando observar as pistas textuais e as recategorizações por elas realizadas, para compor a cadeia referencial, conforme podemos observar na Figura 1:

Figura 1 – Cadeias referenciais nos jornais analisados.



Fonte: Autoral.

Sendo assim, no caso do jornal *O Globo*, se observássemos somente a cadeia referencial de “medicamentos sem eficácia”, construída por sucessivas AD, ao longo da notícia, estaríamos limitando o potencial argumentativo dessas expressões referenciais. Ou seja, apesar de as AD sofrerem transformações por meio de seus modificadores, como, por exemplo, “medicamentos sem eficácia”, “medicamentos sem comprovação científica”, as demais pistas textuais colaboram decisivamente para a recategorização cognitiva desse referente. Desse modo, verbos, predicções, entre outras informações, participam da (re)construção do referente “medicamentos”. Então, sinalizações do tipo “não tinha efeitos significativos e poderia até ser prejudicial” e “apostava” não só revelam a falta de credibilidade desse medicamento como também essa mesma característica é extensiva ao presidente brasileiro, por ser o principal defensor do remédio. A partir da perspectiva apontada, procuramos salientar a relação entre os OD, as estratégias referenciais

e as demais marcas linguístico-textuais que se unem para compor a arquitetura textual e a construção argumentativa de sentido.

De maneira semelhante, no jornal *La Repubblica*, as pistas textuais também participam desse jogo argumentativo e orientam o sentido do texto. É interessante perceber que, ao destacar os aspectos positivos da China (OD que aparece repetido diversas vezes na notícia), por meio de sinalizações textuais, como “nas últimas 24 horas apenas 23 casos” e “tem a meta de vacinar com duas doses 40% da sua população até o final de junho”, a notícia implicitamente refere-se ao Brasil, devido à polarização China x Brasil apontada já na manchete. Como os dados da pandemia têm sido amplamente divulgados, é possível que um leitor possa realizar uma comparação entre o número de casos diários na China e os do Brasil, ainda que esta informação não esteja explícita na notícia.

Além disso, enquanto *O Globo* finaliza a notícia apontando o silêncio do presidente Bolsonaro frente à marca de 500 mil mortos, o *La Repubblica* ressalta a voz de milhares de pessoas que saíram as ruas para protestar e pedir a saída do presidente. É interessante perceber ainda que, no final da matéria italiana, a partir da cadeia referencial do OD “Brasil” uma nova cadeia é inaugurada com o OD “o presidente”, uma AI de “Brasil” que, acompanhada de novas informações, recategoriza ambos os OD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, procuramos evidenciar que os processos referenciais não devem ser analisados independentemente das pistas textuais, como ocorre, geralmente, nos estudos da área. Anteriormente, acreditava-se que as principais transformações dos referentes ocorriam majoritariamente por meio de expressões referenciais. Atualmente, procura-se analisar o texto como um todo, considerando a análise da referenciação realmente como um processo sociocognitivo e interacional, que se associa a inúmeros elementos na configuração textual.

Assim, percebemos que são formadas, nas notícias analisadas, cadeias referenciais altamente complexas, que ultrapassam o papel de retomar, reiterar ou antecipar informações, mas colaboram também para o direcionamento argumentativo do texto, tanto por meio de expressões referenciais com carga axiológica mais explícita quanto por meio das diversas pistas textuais dispersas ao longo do texto.

A análise que efetuamos neste capítulo é apenas uma amostra da pluralidade de leituras possíveis nos textos que circulam no nosso cotidiano. E também uma amostra da complexa rede construída nesses textos, por meio da referenciação.

Trata-se, portanto, de um campo de pesquisa em expansão, com diversos vieses a serem desvendados – uma viagem para a qual convidamos os leitores.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011[1979].
- BASTOS, Maria Cristina V. *Anáforas encapsuladoras e argumentatividade em notícias*. 142f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, 2018.
- BEZERRA, Benedito G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- CAVALCANTE, Mônica. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- COLARMACO, Manuela. *Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo*. 2014. 189f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- CONTE, Maria-Elizabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2015[2003]. p. 177-190.
- JUBRAN, Célia. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 44, p. 93-104, 2003.
- KOCH, Ingedore. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 41, p. 75-90, 2001.
- KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore. *O Texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012[2005]. p. 33-52.

KOCH, Ingedore. *As tramas do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014[2008].

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORAIS, Margareth. *Referenciação em campo: a construção de sentidos na notícia esportiva*. 2017. 181 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Leonor W. dos. *Revel na escola: referenciação*. *Revel*, v. 13, n. 25, p. 1-8, 2015.

SANTOS, Leonor W. dos; CAVALCANTE, M. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 224-246, maio, 2014.

SANTOS, Leonor W. dos; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SEARA, Isabel; SANTOS, Leonor W. dos. Linguagem e poder na mídia brasileira e portuguesa. *Diacrítica*, Porto/Portugal, v. 33, n. 3, p. 122-137, 2019.

THE PANDEMIC IN THE BRAZILIAN AND ITALIAN MEDIA: REFERENCING AND ARGUMENTATIVE POSITIONING

Heloisa da Costa Miranda

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leonor Werneck dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

The pandemic scenario we live in has put the whole world on alert about the main prevention measures against the coronavirus, and about the search for effective means to combat the Covid-19's advance. The consequences of the pandemic have been highlighted in mass media, in Brazil and in other countries. It is notorious, though, the variety of argumentative positioning and of emphasis, comparing to different media and considering the same news story. In this context, we aim to analyze, in this chapter, two news about the 500,000 Covid-19 deaths mark in Brazil: one published online in the Brazilian newspaper *O Globo*, on June 20, 2021, and another published in the Italian newspaper *La Repubblica*, on June 21 of that same year. Our goal is not to make generalizations about the strategies used or about the choices made by the selected media. We aim to outline a qualitative

analysis to exemplify how the referencing, in these two papers, helps to reveal different argumentative perspectives in relation to the reported fact.

For this analysis, we selected a discourse object (DO) from the Brazilian newspaper – “mistakes of the Bolsonaro government” – and two DOs from the Italian newspaper – “China” and “Brazil”. We intend to verify, from a socio-cognitive and interactional conception of language, how these DOs are (re)constructed throughout the texts, as well as their contribution to argumentative direction of meaning (MONDADA; DUBOIS; 2003; KOCH, 2001). We also seek to observe the role of textual clues as an important recategorization strategy of DO and the intersection sets from the relationship between referential processes, creating new referential chains. Hence, we intend to show a more complex relationship of the role of referential processes, which can be combined or even argumentatively overlapped throughout the text.

Although journalistic writing manuals defend that the formal configuration of the news textual genre should prioritize objectivity and accuracy, we agree with Santos (2015, p.6) that “impartiality in language is a myth, an illusion”. Thus, we reiterate the concept of language as a form of action, which considers the interactive relationship of interlocutors in a communicative event (JUBRAN, 2003).

First of all, we adopt the current conception of Text Linguistics (TL) regarding the concept of text. According to Marcuschi (2008, p. 72), “we talk about text as an event that updates meanings and not as an entity that carries meanings regardless of its readers”. This means that the text represents the place to which a series of cognitive-discursive activities converge (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2008), that is, the world knowledge of the subjects involved in the process, their communicative practices, their culture, their history, will be responsible for the production of meanings. Hence, when we read or produce a text, we activate prior knowledge that helps us in the construction of meaning and that can be linguistic, encyclopedic and interactional in nature.

From this perspective, Koch and Elias (2008) state that, for the comprehension of the text, the author-text-reader interaction is essential, since the role of the reader starts to have a great prominence as an active subject in this dialogical construction process of the senses. Therefore, we talk about sharing knowledge when we talk about reading and making sense.

Based on the concepts adopted by Text Linguistics (TL) that the text does not represent a simple joining of sentences or just an information exchange, but a complex system for the elaboration of meanings, we situate referencing as an important textual-discursive phenomenon for production/construction of meanings

in the text. More specifically, referencing acts in the construction and reconstruction of discourse objects (DOs) or referents, which, in essence, are elements that represent in the interlocutors' minds an established entity, constructed discursively (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). In this sense, referential expressions are linguistic structures responsible for referring to the DO, and they are in constant transformation by the subjects involved in the interaction due to a project of saying.

In this referencing process, the DOs, throughout the text, can be constructed, reconstructed, activated, deactivated and recategorized, through linguistic-textual strategies that are never random, since, according to Santos (2015, p. 6), "there is no neutral sign, there is no totally objective language, free from positioning". In this sense, corroborating the dynamic character of meaning construction and reconstruction in the text, Mondada and Dubois (2003), Koch and Elias (2008), Cavalcante (2012), Santos (2015), among other authors, argue that the act of referring does not represent a mere pointing, a simple equivalence relation between terms in the text or even a direct connection between words and things. According to the authors, the process is much more complex and dynamic, as it involves intense negotiation between the social actors involved in the interaction - which implies that the DOs are (re)constructed within the text to meet an interactional demand of the subjects, according to the project of saying. Therefore, in this chapter, in addition to prioritizing the analysis of anaphoric referential processes in Brazilian and Italian news, we also highlight the role of textual clues that promote a "seam" throughout the text, outlining its argumentative construction. After all, it is important to analyze not only referential strategies, but also the phenomenon as a whole, linked to the recognition of referential chains, highlighting a series of textual and discursive aspects involved in the construction of text meaning.

In our analysis, we sought to highlight the role of textual clues as an important strategy for re-categorizing DO. Classical studies on referencing do not usually consider the importance of this linguistic resource, as they prefer to analyze a specific discourse object and its referential chain using only anaphoras. However, we try to demonstrate that, throughout the text, the DOs are solidarized, in order to form a significant unity, through a "trail" of textual clues that argumentatively guide the meaning of the text. Thus, we are not concerned only with verifying the referential strategies used in the referential chain of a given discourse object or with identifying the presence/absence of co-referentiality of anaphoras (SEARA; SANTOS, 2019). Yet, we intend to expand the analysis, seeking to observe the

textual clues and the recategorizations carried out by them, to compose the referential chain.

Thus, in the case of the newspaper *O Globo*, if we only observed the referential chain of “ineffective medicines”, built by successive direct anaphors (DA), throughout the news, we would be limiting the argumentative potential of these referential expressions. In other words, although DA undergo transformations through its determinants, such as “drugs without efficacy”, “drugs without scientific proof”, the other textual clues contribute decisively to the cognitive recategorization of this referent. In this way, verbs, predications, and other information, participate in the (re)construction of the referent “medicines”. Hence, signs such as “it had no significant effects and could even be harmful” and “was bet” not only reveal the lack of credibility of this drug, but also this same characteristic extends to the Brazilian president, as he is the main defender of the drug. From this perspective, we seek to highlight the relationship between the DO, the referential strategies and the other linguistic-textual marks that come together to compose the textual architecture and the argumentative construction of meaning.

Similarly, in the newspaper *La Repubblica*, textual clues also participate in this argumentative game and guide the text meaning. It is interesting to note that, when highlighting the positive aspects of China (DO that appears repeated several times in the news), through textual signs, such as “in the last 24 hours only 23 cases” and “has the goal of vaccinating with two doses 40% of its population by the end of June”, the news implicitly refers to Brazil, due to the China x Brazil polarization already pointed out in the headline. As pandemic data have been widely disseminated, it is possible that a reader could make a comparison between the number of daily cases in China and those in Brazil, even if this information is not explicit in the news.

In addition, while *O Globo* ends the news pointing out President Bolsonaro’s silence in the face of the 500,000 death mark, *La Repubblica* highlights the voice of thousands of people who took it to the streets and protested, demanding the president’s impeachment. It is also interesting to note that, at the end of the Italian article, from the referential chain of the DO “Brazil” a new chain is inaugurated with the DO “the president”, an indirect anaphor of “Brazil” which, accompanied by new information, recategorizes both the DO.

From the analysis carried out, we verified that each newspaper highlighted a different aspect on the same prism of the 500,000 deaths mark due to covid in Brazil. The Brazilian newspaper highlighted the bet on medicines without proven efficacy as one of the main problems faced by Brazil in the fight against Covid,

listing this and two other “mistakes by the Bolsonaro government”. The Italian newspaper, in turn, highlighted, through a game of opposition between China and Brazil, positive aspects of China regarding the fight against the disease, attributing to Brazil, explicitly or implicitly, the failure to control the pandemic, especially emphasizing vaccination.

In light of the above, we sought to highlight that referential processes should not be analyzed independently of textual clues, as is generally the case in studies of the area. Previously, it was believed that the main transformations of referents occurred mostly through referential expressions. Currently, the aim is to analyze the text as a whole, associating the analysis of referencing really as a socio-cognitive and interactional process, which is associated with numerous elements in the textual configuration.

Thus, we notice that highly complex referential chains are formed in the analyzed news. These chains not only go beyond the role of retrieving, reiterating or anticipating information, but also contribute to the argumentative direction of the text, both through referential expressions with a more explicit axiological load and through the various textual clues scattered throughout the text.

The analysis that we carry out in this chapter is just a sample of the plurality of possible readings in texts that circulate in our daily lives. Additionally, the reasoning throughout the article also addresses a sample of the complex network, built in the analyzed texts through referencing. Therefore, it is clear that referencing is an expanding field of research, with several biases to be unveiled – a journey to which we invite readers on.

REFERENCES

- CAVALCANTE, Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica P. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 44, p. 93-104, 2003.
- KOCH, Ingedore. A referência como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 41, p. 75-90, 2001.
- KOCH, Ingedore. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore. V. *As tramas do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014[2008].

KOCH, Ingedore. V; ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

SANTOS, Leonor Werneck dos. *Revel na escola: referenciação*. Revel, v. 13, n. 25, p. 1-8, 2015.

SEARA, Isabel; SANTOS, Leonor Werneck dos. *Linguagem e poder na mídia brasileira e portuguesa*. *Diacrítica*, Porto/Portugal, v. 33, n. 3, p. 122-137, 2019.

PREDICAR VIA DIACONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÃO EM PORTUGUÊS E ESPANHOL

Jeane Nunes da Penha

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

RESUMO: Neste capítulo, mapeamos atributos de *forma e função* de construções compostas por predicadores verbo-nominais que conceptualizam algum tipo de simulação, representação. E, então, desenhamos a rede de unidades construcionais que licencia usos desses predicadores. Defendemos que a construção mais esquemática que indica representação é uma diaconstrução (cf. HÖDER, 2012 e 2014), pois licencia usos que observamos tanto no Português Brasileiro (PB) quanto no Espanhol Americano (EA). Lançamos mão de uma análise quali-quantitativa de *corpora* reunidos por meio de coleta de dados do uso na plataforma online Google e no gerenciador de *corpus Sketch Engine*. Os resultados evidenciam que a unidade construcional no nível mais alto e abstrato de esquematização de predicador de representação dá margem a diferentes *types* construcionais no PB e no EA. Seus *tokens/usos*, a depender dos contextos em

que estão inseridos, podem traduzir uma dissimulação e/ou uma atitude (inter) subjetiva dos falantes.

INTRODUÇÃO

A partir de uma perspectiva construcionista, observamos a língua como uma gama de construções, pareamentos de *forma* e *significação/função*, cognitivamente engendradas em uma rede rica e extensa e por meio de *links* relacionais e *links* de herança entre essas unidades.

Compreendendo que determinados padrões construcionais não são específicos de uma dada língua, assumimos que, na configuração da rede construcional que constitui nosso conhecimento linguístico, existam, conforme Höder (2012 e 2014), diaconstruções (*diaconstructions*) responsáveis por apreender pareamentos de atributos formais e funcionais em comum entre duas ou mais línguas naturais e não especificados pragmaticamente, além de outros tipos de construções. Nesse sentido, partimos de um olhar construcionista diassistêmico da linguagem para detectar pareamentos de *forma* e *função* vinculados ao rol de predicadores de representação. As construções dessa natureza aqui examinadas envolvem um *slot* de verbo suporte, preenchido por FAZER(-SE), verbo de ação ou de processo de mudança, no Português Brasileiro (PB) ou pelo *verbo de cambio* HACERSE no Espanhol Americano (EA),¹ que opera sobre um elemento nominal, formando com este um predicador verbo-nominal complexo de representação, conforme esquematicidade modelada a seguir:

[participante1 participante2 [ELEMENTO VERBAL FAZER(-SE)/HACERSE +
(determinante/preposição) + ELEMENTO NOMINAL(-sufixo)]predicador verbo-nominal
participante3]predicação de representação/simulação

Ilustramos esse tipo de predicador com base nos dados de (1) a (4):

- (1) Segundo a polícia, após empurrar a criança de cinco anos, a idosa ainda teria debochado da ação e afirmado que iria *se fazer de louca* para não

¹ Como será ilustrado na seção de metodologia, os dados oriundos do espanhol foram coletados com a ajuda do *Sketch Engine*, que separa os dados entre variedade americana e variedade europeia. Por optarmos em analisar somente aqueles caracterizados como “espanhol americano”, adotamos ao longo do texto a nomenclatura Espanhol Americano (EA). Entendemos que na América o espanhol não é homogêneo, por isso, ressaltamos que não se trata de uma categoria sociolinguística em si, mas de demarcar a origem do *corpus*.

- ser punida [Fonte: <https://www.folhavitoria.com.br/policia/noticia/06/2014/crianca-e-arremessada-do-segundo-andar-e-idosa-acaba-presa-na-serra>]
- (2) As pessoas que gostam de *fazer de vítimas* acabam, sem perceber, afastando pessoas de suas vidas, e em alguns casos, se tornando ainda mais solitárias. [Fonte: <https://gerandoaguas.com/vitimismo/>]
 - (3) Lo miré sorprendido y siguió diciéndome que tenía que encontrar una fórmula para lograr que toda la gente se ocupara de él. Creo que fue esa vez que decidí comenzar a *hacerse el loco*. [Fonte: <http://malaspalabras.org/ali-un-hombre-libre/>]²
 - (4) Cuando algún tiempo más tarde él fue a un programa de televisión a hablar de nosotros, a *hacerse la víctima*, ya no me importaba. Solo pensaba cómo podía haber sido tan idiota y recordé cuando años atrás me descubrieron el papiloma y me comí yo solita las innumerables biopsias [Fonte: <https://okdiario.com/look/famosos/chenoa-10-revelaciones-libro-235815/fotos/9>]³

As construções destacadas nos quatro exemplos têm em comum a ideia de um fingimento, simulação: em (1) e (3), observamos uma representação voltada para uma falsa lucidez, cuja finalidade é controlar uma situação (em (1) fingir loucura para esquivar-se de uma punição; em (3) fingir loucura para ter a atenção do outro); em (2) e (4), notamos uma simulação que tem por foco a obtenção de algum proveito (em (2) prejudicar alguém em prol de uma vantagem pessoal; em (4) lograr a pena do interlocutor).

Os dados mostram-nos que o recurso de utilizar padrões complexos com os verbos em foco para indicar representação é acionado entre falantes do PB e falantes do EA. Sendo assim, objetivamos, para além do mapeamento dos aspectos formais e funcionais, traçar os (sub)esquemas e microconstruções licenciados a partir da construção mais esquemática e geral de representação. Essa apresenta configuração de uma diaconstrução na medida em que possibilita o acionamento de dados licenciados por predicadores complexos de representação em mais de uma língua, ou seja, tanto entre os dados do PB quanto entre os dados do EA, delineados por atributos formais e funcionais semelhantes nessas línguas.

² Olhei para ele com surpresa e ele continuou me dizendo que precisava encontrar uma fórmula para fazer com que as pessoas cuidassem dele. Acho que foi nesse momento que ele decidiu começar a *fazer-se de louco* (tradução nossa).

³ Quando, algum tempo depois, ele apareceu em um programa de televisão para falar sobre nós, para *fazer-se de vítima*, eu não me importei mais. Eu estava pensando como pude ser tão idiota e me lembrei de quando anos atrás meu papiloma foi descoberto e eu mesma comi as incontáveis biópsias (tradução nossa).

A PERSPECTIVA DIASSISTEMÁTICA NO MODELO CONSTRUCIONISTA DA LINGUAGEM

Na abordagem construcionista, a unidade básica do conhecimento linguístico do falante é a construção (cf. GOLDBERG, 1995 e 2006), sendo esta formada a partir de um pareamento convencionalizado e simbólico entre *forma* (fonético-fonológica, segmental e suprasegmental, morfossintática e/ou lexical) e *função* (semântica, pragmática, discursiva, cognitiva e social). As construções podem ser gramaticais ou lexicais, podem variar quanto a sua extensibilidade e complexidade, pois vão desde morfemas até estruturas mais complexas, sob a condição de que alguma característica formal ou funcional não seja apreendida com base em parte de seus constituintes ou de outras construções já entrincheiradas no inventário linguístico dos falantes.

Lançamos mão da *metáfora do conhecimento modelado em rede* para definir uma língua natural, uma vez que consiste em um conjunto de construções hierárquicas que, interconectadas, compõem uma rede extensa, na qual verificamos relações verticais/taxonômicas, que dizem respeito à esquematização que é possível desenhar no exame da relação entre unidades construcionais mais abstratas e unidades concretas instanciadas através do uso, da experiência textual-discursiva, e relações horizontais, observadas entre construções em um mesmo nível de abstração.

Podemos caracterizar as construções gramaticais a partir da sua (i) produtividade (relacionada com a expansão por meio do surgimento de novos *types* construcionais e com os *tokens* de seu uso); (ii) composicionalidade (nível de (não)opacidade/transparência da ligação semântica/sintática entre os polos de forma e função dos componentes da construção gramatical); (iii) esquematicidade (desenvolvimento de esquemas que se revelam em termos de *slots* mais ou menos sujeitos a variação de preenchimento ou relação de *slots* delineados com base em atributos formais e funcionais mais gerais e subesquemas) (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); e (iv) contextualidade (parâmetro relativo a propriedades do contexto na inferência de sentido associado às construções), conforme Goldberg (2016).

O fenômeno da variação tem lugar nas generalizações construcionistas, podendo a similaridade ser percebida em atributos de ambos os polos de uma construção gramatical. Como defende Machado Vieira (2020a, p. 34), o termo variação é abrangente, pois “também alcança a concepção de que uma língua é um diassistema”, dado que pode ser construído a partir da análise de usos

licenciados por dois ou mais sistemas linguísticos. Höder (2012 e 2014) defende uma abordagem construcional diassistêmica, já que, segundo o autor, seria possível inter-relacionar duas línguas e/ou variedades de uma mesma língua com base em similaridades funcionais e/ou formais. Essa interconectividade linguística ocorre porque falantes, cujo perfil é multilíngue ou pelo menos multidialetal, seriam capazes de organizar seu conhecimento linguístico a partir da abstração e da categorização de elementos de diferentes idiomas/variedades em prol do entrenchamento de uma gramática comum a mais de uma língua, ou nem linguística nem pragmaticamente especificada.

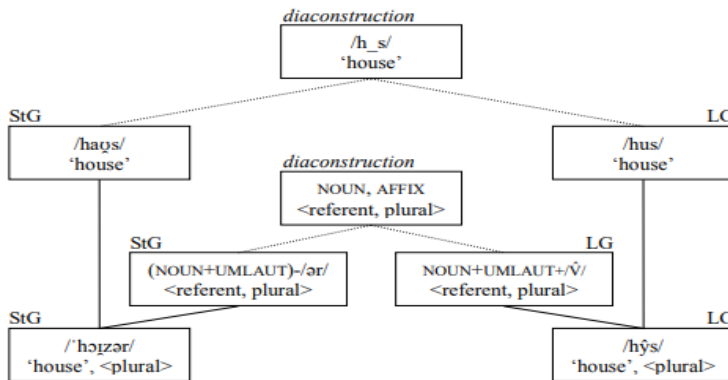
A categorização interlinguística permite-nos chegar ao estabelecimento do que Höder (2012 e 2014) classifica como *diaconstruction* (diaconstrução): generalização formal-funcional na base da interconexão de línguas e/ou variedades distintas, que apreende o que há em comum entre estas. Nas palavras do autor:

[...] O resultado de uma identificação interlingual bem-sucedida é uma ligação diassistêmica estabelecida entre dois elementos diferentes, ou seja, um mapeamento socialmente convencionalizado. Se tomarmos uma ligação diassistêmica entre dois elementos específicos da linguagem como constituindo um item mais abstrato dentro de um sistema abrangente compartilhado pelas duas línguas, então podemos assumir a existência de ‘dia-elementos’ (Höder 2012, p. 245-246)⁴ (tradução nossa).

Em Höder (2014), podemos observar um exemplo de rede construcional organizada, por herança, a partir de construção diassistêmica e a licenciar construções em duas variedades do alemão (o alemão padrão e o baixo alemão):

⁴ [...] The result of a successful interlingual identification is an established diasystematic link between two different elements, i.e. a socially conventionalised mapping. If we take a diasystematic link between two language-specific elements as constituting a more abstract item within an overarching system shared by the two languages, then we can assume the existence of ‘dia-elements’ (cf. original).

Figura 1 – Exemplo de rede de construção diassistêmica.



Fonte: Höder (2014).

De acordo com o autor, os lexemas para *casa* nas duas variedades estão ligados por meio de uma diaconstrução, responsável pelo estabelecimento de um conceito lexical semanticamente comum para ambas variedades. Além disso, a diaconstrução atribui ao conceito a forma fonológica esquemática “h_s” e define algumas propriedades morfológicas como classe de palavra (substantivo), gênero (neutro) e plural.

Assim como Höder (2012, p. 246), acreditamos que seja possível hipotetizar uma rede de construções diassistemicamente configurada para projetar construções que indiquem algum tipo de representação entre as línguas românicas, Português e Espanhol, visto que são sistemas linguísticos derivados do Latim vulgar:

[...] O grau com que duas variedades em contato participam do diassistema comum depende, é claro, de sua similaridade tipológica: linguagens intimamente relacionadas e tipologicamente semelhantes podem desenvolver mais facilmente um alto grau de diassistematicidade - ou seja, a interseção comum de seus sistemas é maior - do que línguas mais distantes, que retêm uma proporção maior de idiosincrasias em seus sistemas⁵ (tradução nossa).

Já em Weinreich (1964 [1953]: 9f. *apud* HÖDER, 2014), vemos o argumento de que falantes bilíngues podem tratar dois itens lexicais de dois idiomas (ou mais) distintos como diferentes representações de uma única noção.

⁵ [...] The degree to which two varieties in contact participate in the common diasystem depends, of course, on their typological similarity: closely related and typologically similar languages can more easily develop a high degree of diasystematicity – i.e. the common intersection of their systems is larger – than more distant languages, which retain a larger proportion of idiosyncrasies in their systems (cf. original).

Também Machado Vieira (2020b, p. 40) chama a atenção para o conhecimento interlíngua que organizamos com base em diversas experiências de aquisição e aprendizagem de língua:

[...] a interlíngua constitui o repertório de padrões construcionais que viabilizam acesso a enunciados inéditos, compreensão destes e, enfim, *insights* sobre novas experiências de uso, para além do fato de que a exposição repetida a certos *inputs* linguísticos favorece o entrincheiramento de certas representações na memória do falante.

Segundo a autora, a interlíngua, em outras palavras, o repertório linguístico intitulado de *constructicon*, abarca generalizações sobre (meta)construções, lexemas, relações entre *types* construcionais ou combinação de lexemas – inclusive unidades menores que os lexemas.

Nesse sentido, entendemos que, além de ser urgente perspectivar nosso conhecimento gramatical para além da fronteira associada a um idioma, uma análise acerca da diassistematicidade que supomos haver entre instâncias do português e instâncias do espanhol, duas línguas românicas, soma subsídios à descrição de predicação que é gramaticalmente comum a essas línguas.

Esforços iniciais sobre a descrição da diassistematicidade entre ambas as línguas podem ser vistos em Penha (2021). Segundo a autora, no Brasil, é importante reconhecer o multilinguismo e o multidialetalismo, ou seja, a coexistência de diferentes línguas e/ou variedades de línguas. Se pensarmos geograficamente, somos os únicos habitantes da América do Sul a falar português como idioma oficial, já que os nossos “vizinhos” são todos hispano-falantes. Em função disso, “diversos falantes brasileiros encontram-se em situação de bilinguismo cotidiano, pois ou experimentam interlocuções em região de fronteira com países latinos ou convivem com falantes do espanhol em território nacional” (PENHA, 2021, p. 78).

PREDICAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO: VERBO (SEMI-)SUPORTE, VERBO DE CAMBIO

Predicações estruturam-se com base em predicadores. Os verbos compõem a classe predadora por excelência. No português, assim como em outras línguas, como o espanhol, o francês e o italiano, por exemplo, há verbos que, quando compatibilizados a *slots* que operam sobre elementos não verbais, se sujeitam a extensões de usos e de sentido. Com isso, passam a formar uma estrutura predicante complexa que, assim como os predicadores simples, são capazes de projetar papéis participantes que, por conseguinte, têm lugar sintático e se relacionam aos argumentos na construção de predicação que resulta em proposição verbal

(cláusula, oração), bem como lhes atribuem papéis temáticos. Classificamos essa categoria predicante de predicador complexo com verbo suporte.

Como o nome já nos sugere, o verbo suporte é aquele que serve de apoio a um elemento nominal, de natureza substantiva ou adjetiva, formando com este uma unidade complexa predicante:

- (5) O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, “*se faz de bobo*” ao se reunir com o líder espiritual tibetano, o dalai-lama, em um encontro que só serve para “irritar a China e fazer com que os chineses contestem a sinceridade de Washington” [...] [Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2014/02/22/imprensa-chinesa-acusa-obama-de-se-fazer-de-bobo-por-reuniao-com-dalai-lama.htm>]

Em (5), observamos que o verbo *fazer*, embora não se trate de um verbo pleno com sentido prototípico de produzir/construir, compatibilizado com o elemento nominal adjacente preposicionado, ou seja, na construção predicante complexa com verbo suporte, mantém a ideia de construção de algo, como a construção de uma imagem/aparência. Nesse sentido, por meio de uma opinião/crítica, vemos que o ex-presidente dos Estados Unidos é acusado de simular um comportamento que não condiz com o mesmo.

Além das instâncias com verbos suportes, podemos notar ainda possibilidades de instanciação com o que intitulamos de verbo (semi)-suporte (cf. MACHADO VIEIRA, 2018):

- (6) O pequeno hamster não é o primeiro animalzinho que fez sucesso ao *se fingir de morto* no YouTube. O cãozinho Bailey, em 2009, conquistou o mundo ao *se fazer de morto* no colo do dono. [Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/05/hamster-que-se-finge-de-morto-e-o-novo-hit-do-youtube.html>]

O verbo suporte e o verbo (semi)-suporte são diferenciados pela frequência. Se pensarmos na categoria verbal suporte, vemos elementos mais prototípicos e elementos que mais se afastam do cerne da categoria e, por conseguinte, são acionados para esse papel mais periféricamente. Dessa forma, observamos *fazer* com mais característica de suporte, ou seja, é mais acionado para a posição de verbo suporte na construção de predicação de representação e outros, como *fingir*, que não são tão frequentemente acionados como instrumentos gramaticais de verbalização de elemento nominal, mas que, dependendo do contexto, podem ser “chamados” para preencher o *slot* de verbo suporte por força de atração ou

por força de coerção. Embora seja normalmente verbo pleno, “fingir” associa-se a uma inferência semântica que está alinhada à da significação proeminente na construção (representação, simulação). Vale lembrar que o significado emerge na contextualidade do uso e que, a depender do contexto de uso semântico-pragmático em que uma estrutura predicante está inserida, esta pode desempenhar diferentes funções.

No espanhol, encontramos um (sub)conjunto de verbos, normalmente denominados *verbos de cambio* ou *pseudo/semi-copulativos* (cf. CONDE NOGUEROL, 2015), que expressam uma mudança e/ou transformação no estado; esta pode estar relacionada à idade, comportamento, forma física, *status social* e econômico, profissão, religião, ideologia, entre outras características, de um determinado referente. Sobre essa categoria verbal, Hanušová (2016, p. 9) expressa que:

[...] segundo a definição da RAE “vinculam um sujeito a um predicativo adicionando algum conteúdo, geralmente aspectual ou modal, à predicação em que atuam como elos” (2009:2835). Indica também que esta classe de verbos, “ao receber o predicativo, modifica seu significado e suas propriedades gramaticais (2011: 213)”⁶ (tradução nossa).

O verbo de mudança de estado do espanhol *hacerse* expressa a noção de mudança de vários tipos, como, por exemplo, adquirir uma profissão (*se hizo profesor*), uma nova ideologia (*se hizo comunista*), uma transformação (*hacerse vinagre el vino*) e, como mencionado na parte introdutória desta investigação, um fingimento (*hacerse la boba*):

- (7) Valerie Domínguez quedó en el imaginario colectivo como la reina que trató de aprovecharse de un programa gubernamental mal diseñado, pero cuando fue descubierta prefirió devolver la plata y ***hacerse la boba***. [Fonte: <https://razonpublica.com/dominguez-colmenares-o-la-justicia-espectaculo/>]⁷

Notamos, em (7), que a construção em destaque *hacerse la boba* sinaliza uma modalização discursiva (crítica), pois representa um ponto de vista/julgamento do emissor do texto sobre outra pessoa: fingir ser boba após tentar aproveitar-se de uma situação e se dar mal. Há, portanto, entre dados de verbo de mudança de estado

⁶ [...] según la definición de la RAE « vinculan un sujeto con un atributo añadiendo algún contenido, generalmente aspectual o modal, a la predicación en la que actúan como nexos » (2009: 2835). También indica que esta clase de verbos, « al recibir el atributo, modifican su significado y sus propiedades gramaticales » (2011: 213) (cf. original).

⁷ Valerie Domínguez permaneceu no imaginário coletivo como a rainha que tentou tirar proveito de um programa governamental mal elaborado, mas quando foi descoberta preferiu devolver o dinheiro e ***se fazer de boba*** (tradução nossa).

usos de *hacerse* que são associados ao papel de verbo suporte, uma vez que, ao operarem sobre um elemento não verbal predicante, constituem com ele um todo funcional, um predicador complexo. Destacamos, novamente, a importância do contexto de uso para detectar, entre os diferentes *tokens*, ocorrências licenciadas por predicadores complexos de representação, simulação.

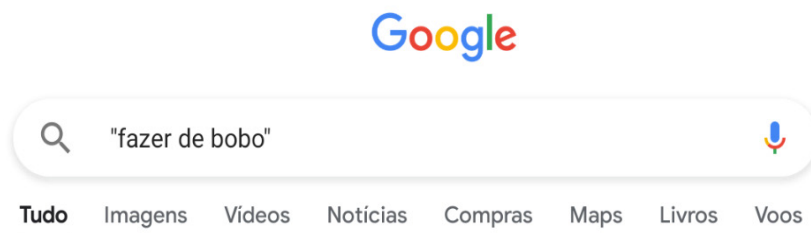
Vemos que tanto o verbo FAZER do PB quanto o verbo de mudança de estado HACERSE do EA são acionados no primeiro *slot* da construção de representação, pois, nos contextos apresentados até aqui, indicam uma simulação quando compatibilizados a um elemento nominal (substantivo ou adjetivo) em uma estrutura predicante complexa. Nesse sentido, perdem parte de seu conteúdo semântico primário, passam operar como verbalizadores de elementos que não têm, de partida, esse caráter de verbalidade e, então, formam *chunks* e, por isso, são tidos como suportes.

FORMAÇÃO DOS CORPORA E METODOLOGIA

Partimos da premissa de que a língua é apreendida a partir dos contextos reais de uso, isto é, no processo de interlocução entre os falantes. Por isso, contamos com dados examinados em contextos reais de uso, uma vez que estes nos conduzem a explicações centradas na análise empírica.

Para a coleta de dados com o verbo suporte FAZER do PB, realizamos uma busca direta na plataforma online Google, em função da sua fácil acessibilidade. Como observado na Imagem 1, cada microconstrução pensada foi pesquisada entre “aspas” com o verbo suporte no infinitivo seguido de elemento nominal introduzido pela preposição “de”:⁸

Imagem 1 – Procedimento inicial de coleta dos dados via Google.



⁸ Embora muitos dados apresentem em suas formas o pronome reflexivo SE, cabe reforçar aqui que nenhum padrão foi pesquisado com a presença do pronome, como por exemplo, “fazer-se de vítima”.

Devido à dificuldade em identificar a variedade do espanhol na coleta direta via Google, para a coleta de dados com o verbo de mudança de estado HACERSE do EA, partimos para uma busca no gerenciador de *corpus Sketch Engine* (<https://www.sketchengine.eu>, acesso em 30 de maio de 2021), uma vez que este realiza tal identificação, como pode ser notado nas Imagens 2 e 3:

Imagem 2 – Dado do Espanhol Americano segundo gerenciador *Sketch Engine*.

haciendo el huasca que es una manera práctica de **hacerse el loco** o el estúpido, respondendo a todas as acusações de ↑ ↓

escreva para pesquisar

<input type="checkbox"/>	Número de token	332315342	
<input type="checkbox"/>	Número do documento	928528	
<input type="checkbox"/>	1º domínio (por exemplo, com)	educação Fisica	
<input type="checkbox"/>	2º domínio (por exemplo, co.uk)	peru21.pe	
<input type="checkbox"/>	Data de rastreamento	16/03/2018 07:39	
<input type="checkbox"/>	doc.wordcount	1067	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma americano	5945	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma europeu	5902	
<input checked="" type="checkbox"/>	Variedade de linguagem	Espanhol_Americano	
<input type="checkbox"/>	p.heading	=== NENHUMA ===	
<input type="checkbox"/>	Título	Beto Ortiz: La caída del inca Opinión Peru21	
<input type="checkbox"/>	URL	http://archivo.peru21.pe/opinion/beto-ortiz-caida-inca-2269875	

PERTO **SALVE**

Imagem 3 – Dado do Espanhol Europeu segundo gerenciador *Sketch Engine*.

orma: pedaleando. </s> <s> Igual no es una cosa de **hacerse el loco** allá y al otro día no poder pedalear", finalizó el cicli ↑ ↓

escreva para pesquisar

<input type="checkbox"/>	Número de token	693016019	
<input type="checkbox"/>	Número do documento	1941496	
<input type="checkbox"/>	1º domínio (por exemplo, com)	py	
<input type="checkbox"/>	2º domínio (por exemplo, co.uk)	gov.py	
<input type="checkbox"/>	Data de rastreamento	12/03/2018 05:04	
<input type="checkbox"/>	doc.wordcount	77	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma americano	453	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma europeu	453	
<input checked="" type="checkbox"/>	Variedade de linguagem	Espanhol europeu	
<input type="checkbox"/>	p.heading	=== NENHUMA ===	
<input type="checkbox"/>	Título	Secretaría Nacional de Deporte :: Roa y un desafío de altura	
<input type="checkbox"/>	URL	http://www.snd.gov.py/index.php/noticias/roa-y-un-desafio-de-altura	

PERTO **SALVE**

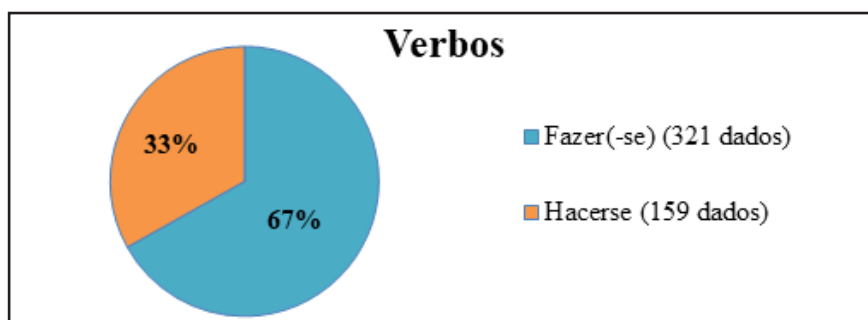
A fim de garantir o equilíbrio dos *corpora*, optamos por coletar dados até a quinta página no Google e, no *Sketch Engine*, até o quinquagésimo (50º) dado disponível na lista de resultado. Após a coleta, os dados passaram por uma triagem. Dessa forma, o *corpus* dessa investigação conta com 480 (quatrocentos e oitenta) dados.⁹ Por fim, passamos para a análise do *corpus*.

Na análise dos dados, consideramos, sistematicamente, os seguintes fatores: em termos de atributo formal, (i) o tempo e o modo do elemento verbal e (ii) a natureza do elemento nominal; em termos de atributo funcional, (i) a contribuição semântica dos construtos nos diferentes contextos em que estão inseridos.

RESULTADOS

Primeiramente, observamos a produtividade dos padrões tanto no PB quanto no EA. O Gráfico 1 revela-nos a frequência das instâncias no *corpus* com os verbos FAZER e HACERSE, ao passo que a Tabela 1 nos mostra todos os *types* coletados nas duas línguas, bem como a frequência *token/número de ocorrências deles*.

Gráfico 1 – Distribuição das instâncias no *corpus* com os verbos FAZER(-SE) e HACERSE.



Fonte: Autoral.

⁹ Cabe mencionar aqui que os dados com o verbo suporte FAZER se distribuem entre os anos de 2002 e 2020, enquanto os dados com o verbo de mudança de estado HACERSE, entre os anos de 1998 e 2018. O gerenciador de *corpus Sketch Engine* rastreou os dados do espanhol até o ano de 2018, por isso, diferentemente dos dados com o verbo suporte do PB, não há dados de anos posteriores com o verbo de mudança de estado.

Tabela 1 – Frequências *type* e *token* das instâncias no *corpus* com os verbos FAZER(-SE) e HACERSE.

Verbo suporte FAZER				Verbo de cambio HACERSE			
			%				%
1	fazer(-se) de boba	6	1,87%	1	hacerse la boba	3	1,89%
2	fazer(-se) de bobo	5	1,56%	2	hacerse el bobo	14	8,81%
3	fazer(-se) de bom homem	1	0,31%	3	hacerse la difícil	3	1,89%
4	fazer(-se) de bom moço	4	1,25%	4	hacerse el difícil	8	5,03%
5	fazer(-se) de burra	17	5,30%	5	hacerse el inteligente	8	5,03%
6	fazer(-se) de burro	17	5,30%	6	hacerse la loca	8	5,03%
7	fazer(-se) de coitadinho	9	2,80%	7	hacerse el loco	23	14,47%
8	fazer(-se) de coitado	14	4,36%	8	hacerse el sonso	4	2,52%
9	fazer(-se) de difícil	61	19,00%	9	hacerse la sota	1	0,63%
10	fazer(-se) de inteligente	10	3,12%	10	hacerse el sota	11	6,92%
11	fazer(-se) de louca	9	2,80%	11	hacerse la sueca	4	2,52%
12	fazer(-se) de louco	4	1,25%	12	hacerse el sueco	14	8,81%
13	fazer(-se) de maluca	7	2,18%	13	hacerse la tonta	9	5,66%
14	fazer(-se) de maluco	15	4,67%	14	hacerse el tonto	25	15,72%
15	fazer(-se) de morto	9	2,80%	15	hacerse la víctima	24	15,09%
16	fazer(-se) de rogado	4	1,25%				
17	fazer(-se) de salame	13	4,05%				
18	fazer(-se) de sonsa	9	2,80%				
19	fazer(-se) de sonso	19	5,92%				
20	fazer(-se) de tonta	10	3,12%				
21	fazer(-se) de tonto	10	3,12%				
22	fazer(-se) de vítima	68	21,18%				
Total		321	100%	Total		159	100%

Fonte: Autoral

Com base na observação do Gráfico 1, é possível ver que reunimos mais padrões no *corpus* do PB (67% dos usos). O *type* mais frequente com o verbo suporte FAZER é *fazer de vítima* com 68 (sessenta e oito) *tokens*, o que corresponde a 21,18% dos dados do PB. Já no EA, *hacerse el tonto* é o *type* mais frequente com o verbo de mudança de estado HACERSE, com 25 (cinte e cinco) *tokens*, totalizando 15,72% dos dados do EA. O *type* *hacerse la víctima* só ficou um pouco atrás com 24 (vinte e quatro) *tokens*, ou seja, 15,09% do total dos dados do EA. Com esse dado, notamos que, tanto no PB quanto no EA, há uma maior inclinação para o preenchimento do adjetivo *vítima/víctima* no último *slot* da construção de predicação de representação.

Analisamos os tempos e modos das expressões verbais; com isso, averiguamos que as construções de representação do PB contêm o verbo suporte FAZER: (i) nas formas nominais do infinitivo e gerúndio; (ii) nos tempos presente, pretérito perfeito e futuro do presente perifrástico do modo indicativo; (iii) nos tempos presente e pretérito imperfeito do modo subjuntivo; e (iv) no imperativo afirmativo e negativo. A disposição dos tempos e modos verbais está representada na Tabela 2:

Tabela 2 – Tempos e modos verbais das construções com verbo suporte FAZER.

Forma nominal		Indicativo			Subjuntivo		Imperativo	
Infinitivo/ Reflexivo	Gerúndio	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do presente perifrástico	Presente	Pretérito imperfeito	Afirmativo	Negativo
223/321	18/321	53/321	1/321	11/321	1/321	1/321	1/321	12/321

Fonte: Autoral.

Com base na Tabela 2, notamos que a maioria das instâncias apresentou o verbo suporte na forma nominal do infinitivo/reflexivo. Como mencionado na parte metodológica, todos os padrões pensados foram pesquisados com o verbo no infinitivo, por isso, não perdemos de vista que esse resultado é consequência direta do procedimento de coleta dos dados e que, de todo modo, esse procedimento também leva a alcançar ocorrências no infinitivo ou no gerúndio em perífrases verbais (como nos exs. “*vai se fazer de salame*” e “*tá se fazendo de maluco*” adiante). Entre os excertos (8) e (16) encontramos dados com cada tempo e modo verbal observado no *corpus*:

- (8) Lá pelas tantas, Bruno convocou Pitt para o palco. Sem *se fazer de rogado*, o ator se juntou à banda e tocou pandeiro em um cover de “Sex Machine”, de **James Brown**. [Fonte: <https://www.cifraclubnews.com.br/noticias/77974-video-brad-pitt-da-uma-palhinha-em-show-de-bruno-mars.html>] (Infinitivo)
- (9) Paguei o boleto e vcs cancelaram a compra, pausaram anúncio... Qual foi quer me tirar de otário, tá *se fazendo de maluco*? [Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-927871031-agitador-gangorra-velocidade-5-100-rpm-bivolt-_JM] (Gerúndio)
- (10) Nesta quinta-feira (25), em coletiva de imprensa, o candidato à presidência Fernando Haddad (PT) ressaltou que quem *se faz de coitado* é Jair Bolsonaro (PSL). [Fonte: https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2018/10/25/interna_politica,766485/haddad-risco-democratico-que-bolsonaro-representa-fez-quem-se-faz-de.shtml] (Presente do indicativo)
- (11) Todos nós já *nos fizemos de vítimas* em algum momento em nossas vidas. [Fonte: <https://gerandoaguias.com/vitimismo/>] (Pretérito perfeito do indicativo)
- (12) Concordo plenamente. E vai ter gente aqui que é da alguma área de fiscalização e *vai se fazer de salame* ao olhar isso e não vai fazer nada. [Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/01/>]

- mais-de-2-ton-de-alimentos-improprios-consumo-sao-apreendidos-no-rs.html] (Futuro do presente do indicativo)
- (13) É comum que a pessoa **se faça de vítima** quando sabe que fez algo errado e não quer ser punida pelo que foi feito. [Fonte: <https://tudoparahomens.com.br/por-que-as- pessoas-se-fazem-de-vitima/amp/>] (Presente do subjuntivo)
- (14) [...] Herley gostaria que algum esperto programador **se fizesse de burro** para passar para trás um esperto golpista que também finja ser burro para encontrar alguma vítima que, ainda que não seja burra, seja extremamente crédula. [Fonte: <https://www.psicologiaracional.com.br/2016/01/estelionato-se-fazer-de-burro.html>] (Pretérito imperfeito do subjuntivo)
- (15) Esse seu senso de auto-preservação eu ainda preciso desenvolver. Parabéns pelo texto, foi bom ler algo diferente de: **se faça de difícil**. [Fonte: <https://f-utilidades.com/2015/08/11/relacionamento-se-fazer-de-dificil-e-o-joguinho-da-conquista/>] (Imperativo afirmativo)
- (16) [...] **seja você mesma! Não se faça de difícil**, de desinteressada ou mesmo de desencanada quando isso não for real. [Fonte: <https://f-utilidades.com/2015/08/11/relacionamento-se-fazer-de-dificil-e-o-joguinho-da-conquista/>] (Imperativo negativo)

No que diz respeito às construções de representação do EA, notamos que estas contêm o verbo de mudança de estado HACERSE: (i) na forma nominal pronominal; (ii) nos tempos presente, pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto e pretérito imperfeito do modo indicativo; e (iii) no tempo presente do modo subjuntivo. A distribuição dos tempos e modos verbais está ilustrada na Tabela 3:

Tabela 3 – Tempos e modos verbais das construções com o *verbo de cambio* HACERSE.

Forma nominal	Indicativo				Subjuntivo
	Presente	Pretérito perfeito simples	Pretérito perfeito composto	Pretérito imperfeito	Presente
150/159	2/159	1/159	2/159	2/159	2/159

Fonte: Autoral.

A partir da Tabela 3, verificamos que, assim como ocorreu com os padrões do PB, a maioria das instâncias apresentou o verbo de mudança de estado na forma infinitiva/reflexiva. Tal resultado também está diretamente relacionado ao procedimento de coleta, já que todos os padrões pensados foram pesquisados com

o verbo na forma infinitivo/reflexivo. Entre os exemplos (17) e (22) encontramos dados com cada tempo e modo verbal observado no *corpus*:

- (17) Dice que ella no puede “*hacerse la loca*” con el sufrimiento animal. [Fonte: <https://www.latercera.com/noticia/las-defensoras-los-animales/>]¹⁰ (Pronominal)
- (18) Los milicos tuvieron conflictos entre ellos mismos – como toda banda mafiosa los tiene – también los tuvieron con sus compinches civiles por el reparto de la torta, y dentro de esos conflictos entraron algunos blancos y algunos colorados también, pero DESPUÉS de que les habían dado el mando. *Se hacen los bobos* y creen que todo el mundo es bobo. [Fonte: <https://kaosenlared.net/uruguay-operaci-n-limpieza/>]¹¹ (Presente do indicativo)
- (19) ¿Otras veces *te hiciste el loco* para zafar? Siempre sale bien hacerse el loco porque la gente le tiene mucho miedo a la locura. [Fonte: <https://www.charlygarcia.com.ar/2009/01/>]¹² (Pretérito perfeito simples do indicativo)
- (20) ¿*Te has hecho el difícil*? No sé hacer eso. [Fonte: <https://www.latercera.com/paula/rafael-gumucio-amor-hombre/>]¹³ (Pretérito perfeito composto do indicativo)
- (21) Menem se abandonaba a la faena de las privatizaciones caprichosas e irregulares, entregaba del manejo de la política económica a los ilustrados hombres del Fondo Monetario Internacional, sorteaba con habilidad su parentesco o familiaridad con personajes enlazados al lavado de dinero proveniente del narcotráfico, y el ecuaníme Solá *se hacía el tonto*. [Fonte: <https://profesionalespcm.org/Argentina/boludo.html>]¹⁴ (Pretérito imperfeito do indicativo)

¹⁰ Diz que ela não pode *se fazer de louca* com o sofrimento dos animais (tradução nossa).

¹¹ Os milicos tinham conflitos entre si – como toda gangue mafiosa os têm – também os tinham com seus comparsas civis para a distribuição do bolo, e dentro desses conflitos também entraram alguns brancos e alguns colorados, mas DEPOIS de terem recebido o comando. Eles *se fazem de idiotas* e pensam que todo mundo é idiota (tradução nossa).

¹² Outras vezes você *se fez de louco* para fugir? É sempre bom se fazer de louco porque as pessoas têm muito medo da loucura (tradução nossa).

¹³ *Se fez de difícil*? Não sei como fazer isso (tradução nossa).

¹⁴ Menem abandonou-se à tarefa de privatizações caprichosas e irregulares, entregou a gestão da política econômica aos homens esclarecidos do Fundo Monetário Internacional, esquivou-se habilmente de parentesco ou familiaridade com personagens ligados à lavagem de dinheiro do narcotráfico, e aos justos Solá *se fazia de tonto* (tradução nossa).

(22) El Presidente de turno – no sólo Daniel Ortega, todos han actuado igual – está siempre de acuerdo en que la Policía garrotee duro a “los otros” y, al mismo tiempo, está en total acuerdo en que la Policía “*se haga el sueco*” con “los suyos”. [Fonte: <https://www.envio.org.ni/articulo/4350>]¹⁵ (Presente do subjuntivo)

No polo formal analisamos também a natureza do elemento nominal envolvido na construção de representação e observamos que este pode ser tanto adjetivo quanto substantivo. As instâncias com o verbo suporte FAZER expressaram N_{adjetivo} e $N_{\text{substantivo}}$:

Tabela 4 – Natureza do elemento nominal das construções com o verbo suporte FAZER.

Substantivo	Adjetivo	
	Uniforme	Biforme
18/321	139/321	164/321

Fonte: Autoral.

De acordo com a Tabela 4, vemos que a grande maioria dos dados com FAZER (303 usos) expressa N_{Adjetivo} , sendo os adjetivos biformes os mais usados pelos emissores dos textos. As construções destacadas entre (23) e (25) exemplificam cada tipo de nome verificado no *corpus*:

(23) Para mãe de Eliza Samudio, Bruno “quer *se fazer de bom moço*”, mas “**é um monstro**” [Fonte: <https://jovempn.uol.com.br/programas/jovem-pan-morning-show/para-mae-de-eliza-samudio-bruno-quer-se-fazer-de-bom-moco-mas-e-um-monstro.html>] (Substantivo)

(24) Ele é a prova de que, para *se fazer de inteligente* nesse país, é só proferir platitudes genéricas, e ignorar solenemente as leis econômicas, dizendo que não se pode ser uma pessoa fria e sem sentimentos [Fonte: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1378>] (Adjetivo uniforme)

(25) Conheço varias virginianas que *se fazem de tontas*, e flerta com todo mundo, até sem querer, [...] [Fonte: <https://www.astrolink.com.br/forum.php?todo=viewtopic&tid=14292&>] (Adjetivo biforme)

No que concerne às instâncias com HACERSE, verificamos que os padrões expressaram apenas N_{Adjetivo} :

¹⁵ O Presidente de plantão – não só Daniel Ortega, todos agiram da mesma forma – sempre concorda que a Polícia bate “nos outros” com força e, ao mesmo tempo, está totalmente de acordo que a Polícia “*se faça de desentendida*” com “os seus” (tradução nossa).

Figura 5 – Natureza do elemento nominal das construções com o verbo *de cambio* HACERSE.

Adjetivo	
Uniforme	Biforme
55/159	104/159

Fonte: Autoral.

Com base na Tabela 5, notamos que a maioria dos construtos apresenta adjetivos biformes. Nos exemplos (26) e (27) podemos observar usos com adjetivo uniforme e adjetivo biforme, respectivamente:

- (26) Tiempo atras, en una conferencia de prensa, en EEUU, un “Periodista” intento *hacerse el inteligente*, cuestionando la decision de Un entrenador de un equipo de una Universidad de EEUU. [Fonte: <http://pickandroll.com.ar/noticias/00016450/con-la-chapa-del-candidato/comentarios>]¹⁶ (Adjetivo uniforme)
- (27) Dejen *hacerse el sonso*, para seguir perpetuando la alienación por eso estamos como estamos. [Fonte: <https://kaosenlared.net/si-yo-pudiera-cosa-imposible-mover-europa/>]¹⁷ (Adjetivo biforme)

Ao observarmos a contribuição semântica dos construtos nos diferentes contextos em que estão inseridos, verificamos que os padrões do PB e do EA, além de traduzirem diversos tipos de fingimento relacionados à falta de lucidez (*fazer-se de louca/hacerse la loca*), comportamento (*fazer-se de difícil/hacerse la difícil*) e ignorância (*fazer-se de burro/hacerse el sonso*), ainda podem indicar algum tipo de atitude do falante, ponto de vista com relação a algo/alguém/situação. Nesse sentido, podemos observar que os usos indicam modalização discursiva, isto é, são acionados pelos emissores dos textos em contextos, por exemplo, nos quais os falantes tecem algum tipo de crítica/opinião (28) e (29) a respeito de uma determinada pessoa/situação e de aproximação com o leitor por meio de dica/conselho (30) e (31):

- (28) E Xico, quem me convence de que esse cara não falou isso justamente para impressionar e *se fazer de “bom homem”* pra moça? Tem homem com

¹⁶ Há algum tempo, em uma entrevista coletiva nos Estados Unidos, um “jornalista” tentou *se fazer de inteligente*, questionando a decisão de um técnico de um time de uma universidade americana (tradução nossa).

¹⁷ Parem de *se fazer de sonso*, para continuar perpetuando a alienação, por isso que somos como somos (tradução nossa).

esse discurso de casamento todo na ponta da língua, mas vai ver depois se são bons amantes, fiéis e comprometidos. [Fonte: <https://xicosa.blogfo-lha.uol.com.br/2013/03/01/quando-o-homem-vira-mulher-de-antigamente/comment-page-1/>]

(29) Osvaldo Andrade critica a Velasco: “No hay peor mala práctica que *hacerse la víctima*” [Fonte: <https://www.latercera.com/noticia/osvaldo-andrade-critica-a-velasco-no-hay-peor-mala-practica-que-hacerse-la-victima/>]¹⁸

(30) *Se fazer de difícil* é uma ótima maneira de chamar a **atenção** de um homem e fazer com que ele veja que você vale a pena. [Fonte: <https://pt.wikihow.com/se-Fazer-de-Dif%C3%ADcil-e-Fazer-com-que-Ele-Queira-Voc%C3%AA>]

(31) [...] Además, debes darle a entender que estás dispuesta a estar con el, *hacerse la difícil* con un chico sensible no funciona y ni se te ocurra entrar en juegos de celos. [Fonte: <https://www.quecompras.net/complementos/como-tratar-a-un-hombre-sensible/>]¹⁹

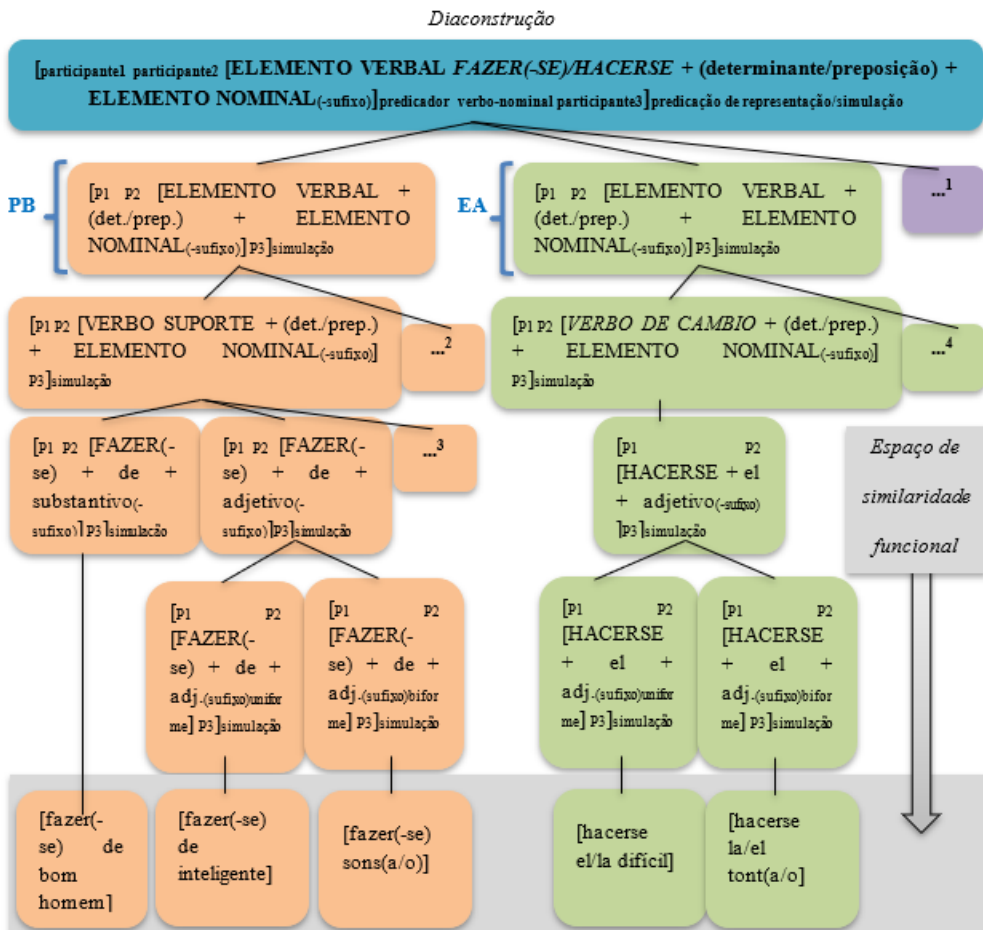
Os dados em (28) e (29) expressam críticas dos emissores dos textos com relação ao comportamento de outras pessoas que, supomos, é associado a comportamento não condizente com a realidade. Em (30) e (31), observamos o mesmo contexto entre os dados: dicas sobre como conquistar o outro. O intento de aproximação com o leitor para construir a dica está configurado por meio do uso do pronome pessoal *você* do português e conjugação dos verbos *estar* (estás) e *deber* (debes) na segunda pessoa do singular do espanhol.

A esquematização da rede de relações de semelhanças interlinguísticas entre os dados do PB e os dados do EA relacionados a instâncias que se prestam a indicar uma simulação evidencia-nos que as construções que dão margem a dados no PB e no EA estão ligadas por um conhecimento construcional que é comum e está na base das duas línguas, uma diaconstrução:

¹⁸ Osvaldo Andrade critica Velasco: “Não há má prática pior do que *se fazer de vítima*” (tradução nossa).

¹⁹ Além disso, deve dar-lhe a entender de que está disposta a estar com ele, *se fazer de difícil* com um homem sensível não funciona e nem pense em jogos de ciúmes. (tradução nossa)

Diagrama 1 – Rede construcional com perfil diassistêmico.



Como observado no Diagrama 1, a diaconstrução é o esquema mais abstrato e geral que gera construções no PB, no EA e em outras línguas românicas²⁰ (primeiras reticências na representação). A construção do PB dá margem a padrões com verbo suporte e padrões com verbo semi-suporte (segundas reticências), verificado em alguns contextos como forma alternante ao verbo suporte.²¹ A construção

²⁰ A título de ilustração, apresentamos uso do italiano com o verbo suporte *fare*: Una persona che ama *fare la vittima* sicuramente non è solita elogiare se stessa anzi. Tende a mettere in evidenza i propri difetti e la propria fragilità./ Uma pessoa que ama *fazer a vítima* certamente não costuma se elogiar pelo contrário. Tende a destacar suas falhas e fragilidade (tradução nossa) [Fonte: <https://psicologi-online.it/vittima-come-comportarsi/>].

²¹ Cf. exemplo (6).

[_{P1 P2} [VERBO SUPORTE + (det./prep.) + ELEMENTO NOMINAL_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação}
 licencia dois usos: um no qual o verbo suporte *fazer* é seguido de nome substantivo (*fazer-se de bom homem*) e outro com nome adjetivo (ambos precedidos ou não de preposição). As terceiras reticências ilustram outras configurações com outros verbos suportes do PB que também conservam a ideia de simulação.²² O padrão [_{P1 P2} [FAZER(-se) + de + adjetivo_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação} dá margem tanto a formas com adjetivo uniforme (*fazer-se de inteligente*) quanto a formas com adjetivo biforme (*fazer-se de sonsa/o*).

A construção do EA licenciada pela diaconstrução dá margem a padrões com o verbo de mudança de estado *hacerse* e padrões com verbos de apoio (verbos suportes),²³ assim como no PB (quartas reticências). A construção [_{P1 P2} [VERBO DE CAMBIO + (det./prep.) + ELEMENTO NOMINAL_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação} licencia apenas um uso, no qual o verbo de mudança de estado *hacerse* é seguido de nome adjetivo. O padrão [_{P1 P2} [HACERSE + el + adjetivo_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação} dá margem a microconstruções com adjetivo uniforme (*hacerse el/la difícil*) e biforme (*hacerse la/el tonta/o*).

Apesar da diferença formal observada entre os padrões do PB e do EA, cabe destacar a similaridade funcional dos usos:

- (32) Tenho visto, ouvido e acompanhado inúmeros relatos de pessoas que adoram ***fazer-se de coitadinho***. Percebo que ao precisar de um afeto ou carinho muitos caem no velho e único meio que é o de chamar atenção simulando

²² Penha (2021) analisa dados com *dar* (dar uma de vítima), *fazer* (fazer-se de vítima), *passar* (passar-se por vítima), *posar* (posar de vítima) e *tirar* (tirar de vítima). Além desses usos, a autora apresenta outras possíveis configurações, como *bancar de X* e *pagar de X*. Cabe ressaltar que no PB ainda encontramos construções com determinante ao invés da preposição em sua configuração: [...] agora Rihanna resolveu ***fazer a doida*** na cidade e foi para as ruas da Irlanda terminar de filmar o clipe [Fonte: <https://www.dominioPOP.com/depois-do-campo-rihanna-vai-para-a-cidade-gravar-novo-clipe/>].

²³ Em uma pesquisa rápida é possível verificarmos usos com o verbo suporte *posar*: El lunes anterior Bruno Seidel Arango creó un grupo en WhatsApp que denomino PAVA-LA PATRIA, al que vinculó a más de 250 personas, con el supuesto fin de plantear un problema de ética, libertad de prensa, responsabilidad en la opinión, y otras cosas que, a mi modo de ver, resultó ser una encerrona para ***posar de víctima y perseguido***, tratando de generar solidaridad, la cual encontró solo en sus invitados de confianza. / Na segunda-feira anterior Bruno Seidel Arango criou um grupo no WhatsApp que chamou de PAVA-LA PATRIA, que vinculou a mais de 250 pessoas, com o suposto propósito de levantar um problema de ética, liberdade de imprensa, responsabilidade de opinião, entre outras coisas que, a meu ver, acabaram sendo uma armadilha para se fazer ***posar de vítima e perseguido***, tentando gerar solidariedade, que ele só encontrava em seus convidados de confiança [Fonte: <https://periodicodebate.com/index.php/opinion/columnistas-regionales/item/10833-construir-sobre-la-deiferencia>] (tradução nossa).

seus estados imitando crianças que requerem usado até mesmo o choro.
[Fonte: <https://www.pensador.com/coitado/2/>]

- (33) Hay que ser muy cínico o *hacerse el tonto* para negar la inviabilidad de un sistema que hace aguas. [Fonte: <https://www.parlamentario.com/2017/12/19/quien-perdio-mas-con-todo-esto/>]²⁴

As construções em destaque em (32) e (33), assim como as demais exploradas ao longo do capítulo, prestam-se a configurar uma cena de representação ou uma tentativa nesse sentido.

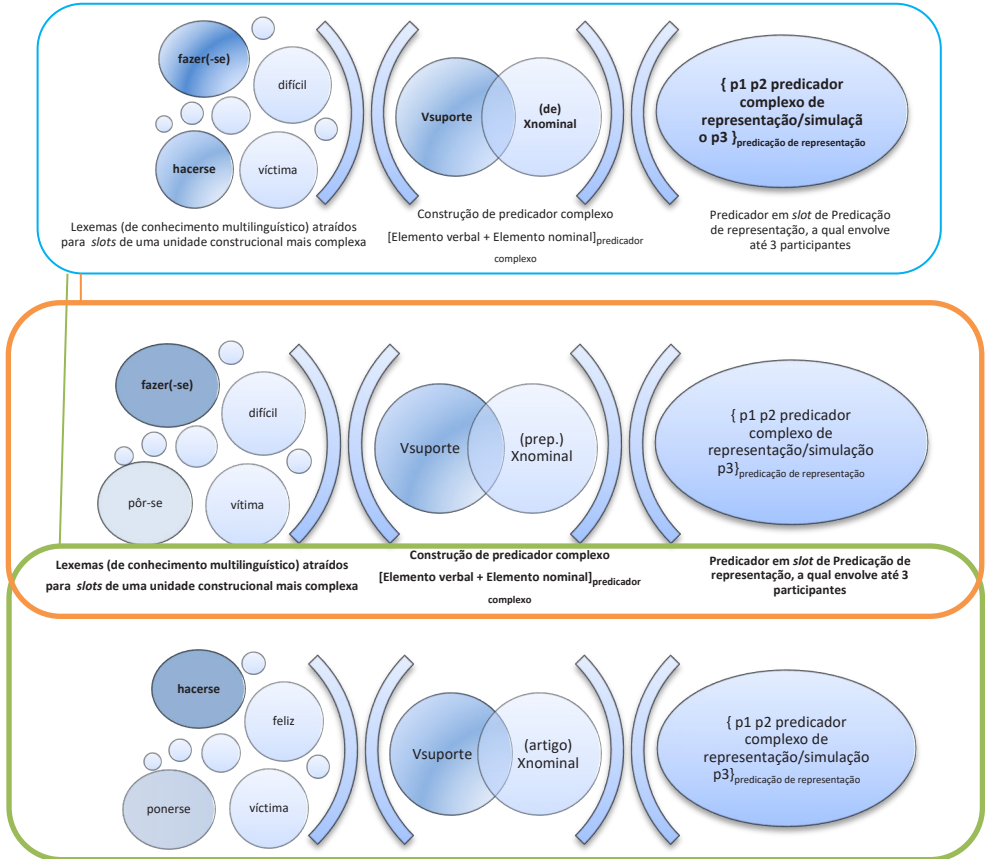
DISCUSSÃO

Em linhas gerais, a presente investigação abre caminhos, em termos operacionais e representacionais, para que o mapeamento de construções gramaticais, no Brasil, contemple diassistematicidade, que se revela na experiência de usos e é inerente ao nosso conhecimento linguístico. A concepção de língua como um conjunto de sistemas e subsistemas interconectados é cara a investigações sociolinguísticas. A diferença está na perspectivação de representação de rede construcional como heterogênea e, portanto, na promoção do debate sobre o lugar e a descrição da variação nesse referencial gramatical em termos de análises contrastivas de línguas e variedades destas. O estudo que dá contorno a este capítulo é uma contribuição brasileira nesse sentido.

O Diagrama 1 mostra-nos que a diaconstrução pode gerar não somente usos no PB e no EA, mas em outras línguas também (como o italiano) e, que, além dos padrões aqui analisados com FAZER(-SE) e HACERSE, ainda pode licenciar outros *types* construcionais em ambos os sistemas linguísticos. Alcançamos então, com base em uma amostra de dados, o primeiro *design* de uma entre outras diaconstruções de predicação comuns a línguas românicas:

²⁴ Tem que ser muito cínico ou *se fazer de tonto* para negar a inviabilidade de um sistema falho (tradução nossa).

Figura 2 – Predicação comum entre os usos da diaconstrução de representação.



Fonte: Autoral.

Concebemos, então, que lexemas verbais e nominais são atraídos para *slots* de uma construção de predicador complexo cuja configuração conta ou não com partícula/vocábulo gramatical e que, por sua vez, corresponde ao *slot* predicante numa predicação de representação verbal.

E, a partir dessa representação a que os dados nos levam, já passamos a trabalhar com a hipótese de que, ao lugar de *Vsuporte*, sejam relacionados (por atração ou coerção) outros lexemas verbais, para além de *fazer(-se)* e *hacerse*, tanto em Português quanto em Espanhol, na linha, por exemplo, de manifestações como estas: <https://www.accionpoetica.com/no-sabia-que-ponerme-y-me-puse-feliz/> (acesso em 18 ago. 2021) ou “A edição do @boninho vai lá e endeusa quem **se põe de vítima** e de vilão quem joga.” #BBB21pic.twitter.com/ 10 Mar 2021 (acesso em

18 ago. 2021). E, então, essa investigação já conduz a novas investigações. E, entre as questões que mobiliza, estão, por exemplo, estas: Com que outras configurações a construção de representação/simulação pode ser expressa? E, havendo outras, qual o grau de similaridade e de dessemelhança entre elas?

A variação por similaridade que pode ser observada entre duas ou mais línguas distintas leva-nos, ainda, aos seguintes questionamentos teórico-explicativos: Como representar o grau de diassistematicidade na rede construcional, de modo a lidar com o licenciamento de dados (conjuntos de exemplares do protótipo e exemplares periféricos) em diferentes línguas? E, por outro lado, como articular isso com as particularidades discursivo-pragmáticas, cognitivas e/ou socioculturais das experiências de uso em cada língua, potencialmente com idioconstruções?

Em suma, os resultados evidenciam a possibilidade do tratamento comparativo entre usos do PB e do EA no que diz respeito à configuração de predicadores complexos de representação/simulação; entretanto, as conclusões logradas até o momento ainda são preliminares, o que nos dá margem para novas hipóteses e uma investigação mais aprofundada futuramente sobre, por exemplo: (i) a configuração de participantes envolvidos na estrutura de representação/simulação mais entrenchada cognitivamente, pois, embora os dados evidenciem até três participantes, sendo o terceiro aquele para o qual a representação está direcionada (cf. exemplos (22) e (28)), há espaço para variação entre dois e três participantes implicados; e (ii) os frames discursivos em que se acionam os usos licenciados pela diaconstrução no PB e no EA. Afinal, outro caminho a ser explorado é aquele que vai além da combinação de construções em sentenças e perspectiva a contextualidade discursiva e pragmática como vital para se apreender a conceptualização em jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado teve como objetivo principal a análise comparativa de certas predicções em duas realidades linguísticas: o português brasileiro e o espanhol americano. Nesse sentido, operamos com o conceito de diassistema em articulação ao da perspectiva construcional, no que tem sido intitulado de gramática construcional diassistemática assumida mais recentemente no Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional).

Com base em pesquisa empírica, averiguamos que, no que tange ao polo formal, as construções de predicção de representação do PB apresentam o verbo suporte FAZER (em diferentes tempos e modos verbais) seguido de nome (substantivo

ou adjetivo). Os padrões com o verbo de mudança de estado HACERSE no EA também têm o verbo em diferentes tempos e modos verbais, e são seguidos apenas de nomes adjetivos. No que diz respeito ao polo funcional, notamos que os falantes do PB e do EA recorrem a padrões complexos para construir sentidos que designam algum tipo de simulação, um subtipo de representação. Vimos também que os construtos da construção de representação sinalizam modalização discursiva, ou seja, são acionados pelos falantes em contextos em que sobressaem inferências de, por exemplo, críticas e dicas/conselhos.

A partir da categorização até então feita, verificamos que a diaconstrução pode gerar dados no PB, no EA e, por hipótese, em outras línguas românicas. Observamos também que as construções licenciadas pela diaconstrução dão margem tanto a padrões com elemento nominal substantivo quanto adjetivo (precedidos ou não de preposição).

Por fim, esperamos que esta investigação contribua para a análise dos fenômenos linguísticos no âmbito da abordagem construcional e, por conseguinte, a perspectivação do caráter diassistêmico e heterogêneo da língua, que ainda carece de ser contemplado.

REFERÊNCIAS

- CONDE NOGUEROL, María Eugenia. *Aproximación al tratamiento lexicográfico de los verbos de cambio em tres diccionarios generales del español*. Anuario de Letras. Lingüística y Filología, volumen III, 2, año 2015: 5-23.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele. *Compositionality*. In: N. Riemer (ed.). *Semantics Handbook*. Route ledge. p. 419-430, 2016.
- HANUŠOVÁ, Bc. Barbora. *Hacerse como verbo de cambio y la problemática de su traducción al checo*. MASARYK UNIVERSITY, FACULDADE DE FILOSOFIA/ Departamento de Línguas e Literaturas Românicas/ Tradução da língua espanhola, 2016, 90-f. Tese do diploma de Mestre.
- HÖDER, Steffen. *Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures*. *Multilingual individuals and multilingual societies*. Benjamins: Kurt Braunmüller, Christoph Gabriel, p. 241-257, 2012.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems: Grammatical organisation in bilingual groups. *The sociolinguistics of grammar*. Benjamins: Tor A. Åfarli; Brit Mæhlum, p. 137- 152, 2014.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: *Uma história de investigação sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão/ organizado por Alessandra de Paula...[et al.]*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 91-112.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 19, p. 30-55, 2020a.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Língua, sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas [livro eletrônico] / organização: Roberto de Freitas Junior, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento*. RJ: UFRJ, 2020b, p. 36-56.

PENHA, Jeane Nunes da. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2021, 177f.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. GreatBritain: Oxford University Press, 2013.

PREDICAR VÍA DIACONSTRUCCIÓN DE LA REPRESENTACIÓN EN PORTUGUÉS Y ESPAÑOL

Jeane Nunes da Penha

Universidad Federal de Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidad Federal de Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

Observadas desde una perspectiva constructiva, las lenguas naturales son vistas como un complejo de construcciones gramaticales – que varían en términos de su extensibilidad y complejidad –, compuestas a partir de emparejamientos simbólicos convencionales entre *forma* (fonética-fonológica, segmental y suprasegmental, y/o morfosintáctica y/o lexical) y *significación/función* (semántica, pragmática, discursiva, cognitiva y social) (cf. GOLDBERG, 1995 y 2006), diseñados en una extensa red a través de vínculos relacionales y vínculos de herencia.

En la red, podemos verificar que ciertos patrones construccionales no provienen de una lengua específica, lo que nos lleva a la hipótesis de que en la configuración de la red existen, según Höder (2012 y 2014) *diaconstructions* (diaconstrucciones), cuya funcionalidad es aprehender lo que hay de común entre dos o más lenguas y no especificados pragmáticamente. En este sentido, partimos de una mirada construccionalista diasistemática del lenguaje para delinear la *forma* y la *significación/función* de construcciones compuestas por predicadores complejos constituidos por el verbo soporte FAZER(-SE) del Portugués Brasileño, verbo de acción o proceso de cambio, y el verbo de cambio HACERSE del Español acompañado por un elemento nominal conceptualizando, entonces, juntos, algún tipo de representación [participante1 participante2 [ELEMENTO VERBAL + (determinante/

preposición) + ELEMENTO NOMINAL(-sufijo)]predicador verbo-nominal participante3]predicación de representación, tales como: *fazer(-se) de louca*, *fazer(-se) de vítima*, *hacerse la loca* y *hacerse la víctima*.

Como objetivos, pretendemos, además del mapeo de aspectos formales y funcionales, trazar los (sub)esquemas y microconstrucciones licenciados a partir de la construcción más esquemática de la representación, que presenta una configuración de diaconstrucción, una vez que permite la activación de datos licenciados por complejos predicadores de representación en más de un idioma, es decir, tanto entre los datos del Portugués de Brasil como entre los datos del Español de América,¹ delineados por atributos formales y funcionales similares en esos idiomas.

Las construcciones gramaticales se caracterizan a partir de cuatro parámetros: (i) productividad (relacionada con la aparición de nuevos *types* constructivos y los *tokens* de su uso); (ii) composicionalidad (nivel de (no)opacidad/transparencia del vínculo semántico/sintáctico entre los polos de forma y función de los componentes de la construcción gramatical); (iii) esquematización (desarrollo de esquemas que se revelan en términos de *slots* o relación de *slots* delineados con base en atributos formales y funcionales más generales y subesquemas) (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); y (iv) contextualidad (se ocupa del grado de importancia del contexto en la inferencia del significado que se asocia a las construcciones) (cf. GOLDBERG, 2006).

Asumimos la importancia de tratar el fenómeno de la variación en generalizaciones del sesgo constructivo, y la variación por similitud se puede percibir en ambos atributos de una construcción gramatical. Vieira (2020a, p. 34) explica que el término variación es integral, por eso “también alcanza la concepción de que una lengua es un diassistema”,² en la medida en que puede construirse a partir del análisis estructural de dos o más sistemas lingüísticos. De acuerdo con Höder (2012 y 2014), sería posible interrelacionar dos idiomas y/o variedades de una misma lengua en función de similitudes funcionales y/o formales. Tal interconectividad lingüística se debe al hecho de que los hablantes multilingües son capaces de organizar su conocimiento lingüístico a partir de la abstracción y categorización

¹ Todos los datos del español se recopilaron con la ayuda del administrador Sketch Engine, que divide los datos entre variedad americana y variedad europea. Como analizamos solamente los datos caracterizados como “español americano”, adoptamos a lo largo del texto la nomenclatura Español de América. Entendemos que en América el español no es homogéneo, por eso, destacamos que no se trata de categoría sociolingüística, sino una demarcación del origen del *corpus*.

² Cf. original: “também alcança a concepção de que uma língua é um diassistema”.

de elementos de diferentes lenguas/variedades en favor del afianzamiento de un inventario lingüístico común a más de una lengua, o lingüísticamente no especificado.

La categorización interlingüística nos permite llegar al establecimiento de lo que Höder (2012 y 2014) clasifica como *diaconstruction* (diaconstrucción): generalización formal-funcional a partir de la interconexión de diferentes lenguajes y/o variedades, que aprehende lo que hay en común entre ellos. Así como el autor, creemos que es posible hipotetizar una red de construcciones diasistemáticas para diseñar construcciones que señalen algún tipo de representación entre usos del portugués brasileño y usos del español americano, ya que son sistemas lingüísticos derivados del latín vulgar.

Weinreich (1964 [1953]: 9f. *apud* HÖDER, 2014) sostiene que los hablantes bilingües pueden tratar dos elementos léxicos de dos idiomas distintos (o más) como representaciones diferentes de una sola noción. De la misma manera, Machado Vieira (2020b) llama la atención sobre el conocimiento interlengua que organizamos con base en diversas experiencias de adquisición y aprendizaje de idiomas.

Penha (2021), en un primer intento, describe la diasistematicidad entre el portugués y el español. Según la autora, en Brasil es importante reconocer el multilingüismo y el multidialetismo, es decir, la coexistencia de diferentes lenguas y/o variedades de lenguas. Esta convivencia lingüística se produciría porque “varios brasileños se encuentran en una situación de bilingüismo cotidiano, pues o viven interlocuciones en regiones fronterizas con países latinos o conviven con hispanohablantes en el territorio nacional” (p. 78).³

Como este análisis diasistemático se proyecta a partir de construcciones con el verbo de apoyo FAZER(-SE) del portugués y el verbo de cambio HACERSE del español, conviene una breve explicación de tales categorías verbales. En portugués, como en otras lenguas, hay verbos que, al compatibilizarse con elementos no verbales, sufren extensiones de usos y significados. Clasificamos esta categoría predicativa como un predicador complejo con un verbo de apoyo. Como ya sugiere el nombre, el verbo soporte es aquel que soporta un elemento nominal, de naturaleza sustantiva o adjetiva, formando con él una unidad predicativa compleja, equivalente, muchas veces, a predicadores simples (*fazer pergunta* = *perguntar*).

³ Cf. original: “diversos falantes brasileiros encontram-se em situação de bilinguismo cotidiano, pois ou experimentam interlocuções em região de fronteira com países latinos ou convivem com falantes do espanhol em território nacional”.

En portugués aún encontramos los verbos semisoportes, que se diferencian por frecuencia de los soportes. Si pensamos en la categoría verbal soporte, vemos más elementos prototípicos y elementos que están más lejos desde el núcleo de la categoría, y, por consiguiente, se accionan para el papel más periféricamente. De esta forma, observamos verbos más característicos de la categoría soporte, es decir, son más activados para la posición del verbo soporte, como *fazer* (*fazer(-se) de morto*), en la construcción de la predicación de representación y otros, como *fingir* (*fingir-se de morto*), que no se activan con tanta frecuencia como instrumentos gramaticales de verbalización, pero que, dependiendo del contexto, pueden ser “llamados” para rellenar el *slot*/espacio del verbo soporte por fuerza de atracción o por fuerza de coerción.

En español, encontramos un (sub)conjunto de verbos, llamados verbos de cambio o verbos pseudo/semi-copulativos (cf. CONDE NOGUEROL, 2015), que expresan un cambio y/o transformación en el estado y pueden estar relacionados con la edad, el comportamiento, forma física, situación social y económica, profesión, religión, ideología, entre otros rasgos. El verbo español de cambio *hacerse* expresa la noción de cambio de varios tipos, como, por ejemplo, adquirir una profesión (*se hizo profesor*), una nueva ideología (*se hizo comunista*), una transformación (*hacerse vinagre el vino*) y, aún, una simulación (*hacerse la boba*), que nos interesa especialmente en esta investigación.

El proceso metodológico se desarrolló de la siguiente manera: (i) recopilación de datos de uso (búsqueda directa en la plataforma online Google de microconstrucciones con el verbo soporte FAZER y búsqueda en el gestor de *corpus Sketch Engine* (<https://www.sketchengine.eu>, consultado el 30/05/2021) de patrones con el verbo de cambio HACERSE); (ii) ordenación de *corpora*; (iii) análisis multivariado (en el atributo formal consideramos (i) el tiempo y el modo verbal del elemento verbal y (ii) la naturaleza del elemento nominal; en el atributo funcional, (i) la contribución semántica de los constructos en los diferentes contextos en los que se insertaron).

Los resultados nos mostraron que el *corpus* compuesto por 480 (cuatrocientos ochenta) datos se constituyó a partir de 22 (veintidós) *types* construccionales del portugués, siendo *fazer-se de vítima* lo más productivo con 68 (sesenta y ocho) *tokens*, y 15 (quince) *types* construccionales del español, siendo *hacerse el tonto* lo más frecuente con 25 (veinticinco) *tokens*.

En el atributo formal, vemos que las construcciones del portugués brasileño contienen el verbo soporte FAZER – que puede expresarse en infinitivo (*se fazer de rogado*) y gerundio (*se fazendo de maluco*), presente (*se faz de coitado*), pretérito

perfecto (*nos fizemos de vítimas*) y futuro del presente perifrástico (*vai se fazer de salame*) del modo indicativo, presente (*que a pessoa se faça de vítima*) y el pretérito imperfecto (*se fizesse de burro*) del modo subjuntivo y en imperativo afirmativo (*se faça de difícil*) y negativo (*não se faça de difícil*) – y nombre sustantivo (*se fazer de bom moço*) o adjetivo (*se fazer de inteligente, se fazem de tontas*). Los patrones del español americano, por otro lado, expresan el verbo de cambio HACERSE, que puede venir en forma infinitiva/reflexiva (*hacerse la loca*), en presente (*se hacen los bobos*), pasado simple (*te hiciste el loco*) o compuesto (*te has hecho el difícil*) y pretérito imperfecto (*se hacía el tonto*) del modo indicativo y en presente (*se haga el sueco*) del modo subjuntivo. Diferentemente de los patrones del portugués, las instancias del español demostraron solo nombres de naturaleza adjetiva (*hacerse el inteligente, hacerse el sonso*).

Con relación a los sentidos empleados por tales construcciones, notamos que tanto los hablantes del portugués como del español usan patrones complejos para construir significados que designan algún tipo de representación/simulación. Además, los constructos de la construcción de representación señalan modalización discursiva, es decir, son desencadenados por los hablantes en contextos que pueden indicar, por ejemplo, crítica (*[...], quem me convence de que esse cara não falou isso justamente para impressionar e se fazer de “bom homem” pra moça?; Osvaldo Andrade critica a Velasco: “No hay peor mala práctica que **hacerse la víctima**”*) y consejos (*Se fazer de difícil é uma ótima maneira de chamar a atenção de um homem e fazer com que ele veja que você vale a pena.; [...] debes darle a entender que estás dispuesta a estar con él, **hacerse la difícil** con un chico sensible no funciona y ni se te ocurra entrar en juegos de celos.*).

A partir de la esquematización de los datos, verificamos que la diaconstrucción puede no solamente generar datos en las lenguas presentadas en esta investigación, sino otras lenguas románicas, como el italiano (*fare la vittima*), por ejemplo. La construcción con el verbo de apoyo FAZER(-SE) licenciada por la diaconstrucción da margen a patrones con elemento nominal sustantivo y adjetivo. Aunque no reunidos para esta investigación, cabe destacarnos otros patrones construccionales que también pueden ser generados por la mesoconstrucción del portugués: (i) construcciones con determinante en el lugar de la preposición *de* (*fazer a doida*); (ii) construcciones con verbos semi-soportes (*fingir-se de bobo*); y (iii) construcciones configuradas con otros verbos soportes (*dar uma de vítima, passar-se por vítima, posar de vítima, tirar de vítima, pagar de vítima* etc.). La construcción con el verbo de cambio HACERSE da margen a patrones con adjetivo, sin embargo, así como en el portugués, podemos notar otros patrones

que señalan la representación, como las construcciones configuradas con verbos de apoyo (*posar de víctima*).

En general, creemos que la presente investigación puede abrir caminos para el debate sobre el carácter diasistémico del lenguaje en las generalizaciones lingüísticas del enfoque constructivo. Defendemos la existencia de una diaconstrucción [participante1 participante2 [ELEMENTO VERBAL + (determinante/preposición) + ELEMENTO NOMINAL_(-sufijo)]predicador verbo-nominal participante3]predicación de representación capaz de generar usos en portugués y español.

La variación por similitud que se puede observar entre las dos lenguas nos llevó a las siguientes preguntas teóricas-explicativas: ¿Cómo representar el grado de la diasistematicidad en la red de construcción, de modo a tratar el licenciamiento de datos en diferentes lenguas? Y por otro lado, ¿Cómo articular esto con las particularidades discursivo-pragmáticas, cognitivas y/o socioculturales de las experiencias de uso en cada lengua, potencialmente con idioconstrucciones?

Aunque preliminares, los resultados revelan la posibilidad de un tratamiento comparativo entre los usos del portugués y los usos del español. De esta forma, esperamos que esta investigación contribuya para la reflexión continua sobre el análisis de los fenómenos lingüísticos en el ámbito del enfoque construccional y, en consecuencia, del carácter diasistémico de la lengua.

REFERENCIAS

CONDE NOGUEROL, María Eugenia. *Aproximación al tratamiento lexicográfico de los verbos de cambio em tres diccionarios generales del español*. Anuario de Letras. Lingüística y Filología, volumen III, 2, año 2015: 5-23

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Compositionality*. In: N. Riemer (ed.). *Semantics Handbook*. Route ledge. p. 419-430, 2016.

HANUŠOVÁ, Bc. Barbora. *Hacerse como verbo de cambio y la problemática de su traducción al checo*. MASARYK UNIVERSITY, FACULDADE DE FILOSOFIA/ Departamento de Línguas e Literaturas Românicas/ Tradução da língua espanhola, 2016, 90-f. Tese do diploma de Mestre.

HÖDER, Steffen. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. *Multilingual individuals and multilingual societies*. Benjamins: Kurt Braunmüller, Christoph Gabriel, p. 241-257, 2012.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems: Grammatical organisation in bilingual groups. *The sociolinguistics of grammar*. Benjamins: Tor A. Åfarli; Brit Mæhlum, p. 137- 152, 2014.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: *Uma história de investigação sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão/ organizado por Alessandra de Paula...[et al.]*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 91-112.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 19, p. 30-55, 2020a.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Língua, sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas [livro eletrônico] / organização: Roberto de Freitas Junior, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento*. RJ: UFRJ, 2020b, p. 36-56.

PENHA, Jeane Nunes da. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ. Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2021, 177f.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. GreatBritain: Oxford University Press, 2013.

VARIAÇÃO ENTRE PREDICADORES COMPLEXOS DE PERCEPÇÃO VISUAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PORTUGUÊS E FRANCÊS

Pâmela Fagundes Travassos

Universidade Federal do Rio de Janeiro/Capes

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

RESUMO: Com uma abordagem construcionista diassistemática, analisamos como se dá a alternância de predicadores complexos usados na conceptualização de percepção visual no português do Brasil (como em *dar uma olhada*) e no francês (como em *jeter un coup d'œil*). A base teórica consiste na abordagem da Gramática de Construções, na Linguística Funcional-Cognitiva e na Sociolinguística Variacionista. A metodologia envolve análise quantitativa e qualitativa de *corpora*: distribuição de frequências e medida de associação por análise colostrucional. Ao observarmos a configuração formal-funcional das construções, verificamos o estatuto de associação entre tais predicadores como unidades funcionalmente similares, verificada na potencialidade de conceptualizarem percepção visual. A diferença entre os predicadores está relacionada à configuração formal mais acionada em cada comunidade e a atributos de contextualidade.

INTRODUÇÃO

Quais as possibilidades de configurações formais e funcionais de estruturas perifrásticas com verbo-suporte estão disponíveis na variedade brasileira do português e no francês para a conceptualização de percepção visual? Partindo dessa questão, realizamos a pesquisa que subsidia este capítulo com o intuito de observar predicadores complexos que autorizam a conceptualização de percepção visual no português em comparação ao francês. Com uma análise construcionista de orientação diassistemática, observamos a variação entre construções com verbo-suporte nas línguas românicas em foco. A seguir, há alguns exemplos de usos das construções:

(1) “vc precisa **dar umas olhadinhas** nos tweets dela na época da novela... eram bem diferentes... kkkk Mas isso nunca importou pq ela não é autora de nada.” [https://twitter.com/, Português do Brasil, Acesso em: 27 set. 2020]

(2) “amg, eu tô sempre **dando uma espiada** em After, sempre voltando às origens” [https://twitter.com/, Português do Brasil, Acesso em: 27 set. 2020]

(3) “Gente eu tô louca ou o mariano ta **dando umas “oiadas”** na tays?” [https://twitter.com/, Português do Brasil, Acesso em: 27 set. 2020]

(4) « *Salut Meresha! J'apprécie ton follow. Je t'invite à **jeter un coup d'œil** à mon SoundCloud ou ma chaîne YouTube.* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021]

“Oi Meresha! Eu agradeço o seu seguimento. Convido você a **dar uma olhada** no meu SoundCloud ou no meu canal no YouTube.” [https://twitter.com/, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa]

(5) « *Tu peux au moins **jeter un œil** pour savoir ce qu'ils ont à te dire.* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 17 set. 2021]

“Você pode pelo menos **dar uma olhada** para descobrir o que eles têm a dizer para você.” [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 17 set. 2021, tradução nossa]

(6) « *J'ai pas trop envie d'aller leur **filer une vue**² sur leur pub et de voir une scène pareil toute façon mais jtrouve ça dingue aussi* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021]

¹ “Oiada” consiste em uma variação de “olhada”.

² Cabe ressaltar que, à exceção de *jeter un œil* e *jeter un coup d'œil*, as demais formas não são dicionarizadas, tampouco reconhecidas/abonadas por falantes nativos, principalmente, as formas com *porter*, *filer* e *donner*. Isso pode ser um indício de que meios de comunicação, como o Twitter se tornam um veículo de inovações, expandindo um esquema mais abstrato.

“Eu realmente não quero **dar uma olhada** em seu anúncio e ver uma cena como essa de qualquer maneira, mas também acho isso louco” [<https://twitter.com/>, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa]

Como podemos observar, tanto a variedade brasileira do português quanto o francês possuem estrutura semelhante para marcar percepção visual. Sendo assim, o nosso objetivo é explorar o estatuto de associação entre esses predicadores complexos como unidades funcionalmente similares. Pretendemos observar o grau de ligação entre os diferentes elementos que fazem parte da construção (que envolve verbo, determinante e sintagma nominal). Além disso, objetivamos averiguar os valores que emergem e, então, apresentar uma comparação dos diferentes recursos de que as línguas dispõem a serviço de exprimir uma perspectiva acerca de um estado de coisas.

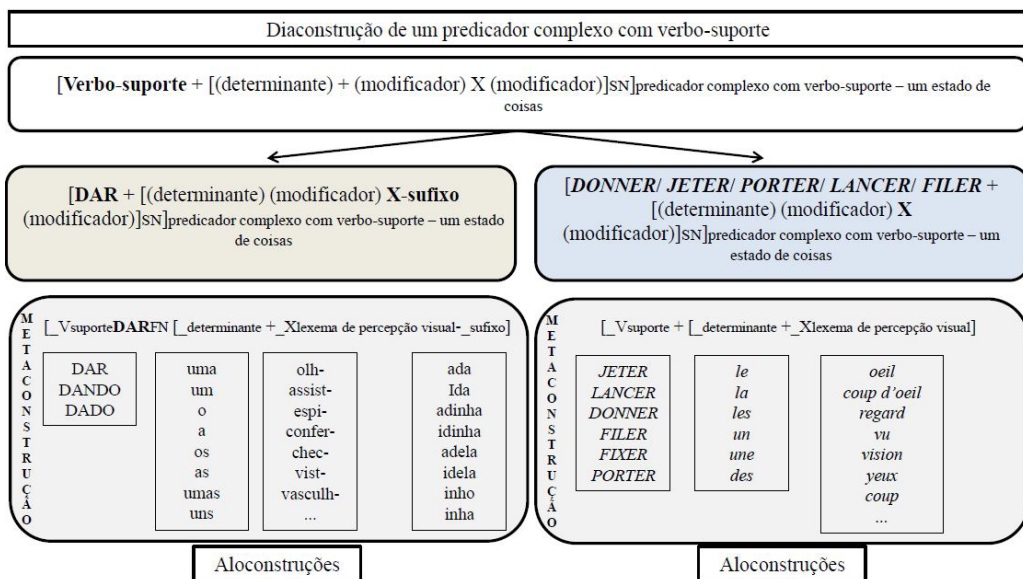
Acreditamos que há construções, como as perífrases verbo-nominais aqui sob análise, que, em determinados contextos discursivo-pragmáticos, se comportam como variantes (aloconstruções, cf. CAPPELLE, 2006). Além disso, tais perífrases não são todas elas geradas por construções específicas de uma ou outra língua (idioconstruções), mas por diaconstruções (ou seja, padrões esquemáticos que licenciam unidades em mais de uma língua). Concebemos, portanto, uma generalização emergente e rotinizada formulada a partir de dados recorrentes no uso de mais de uma língua (fator genético). Desse modo, acessamos uma representação esquemática gramatical que se relaciona ao rol de representações cognitivas, o conhecimento gramatical multilíngue/multidialetoal (HÖDER *et al.*, 2020). Então, prevemos dados licenciados por diaconstruções, além de dados gerados por idioconstruções (estas cultural e pragmaticamente relacionadas a uma língua ou variedade específica).

De acordo com Höder *et al.* (2020), as construções que são comuns a mais de uma língua ou variedade são chamadas de diaconstruções, isto é, são pareamentos forma-função não especificados ou subespecificados pragmaticamente a gerar usos em mais de uma língua ou variedade. São as construções que estão, por assim dizer, em um espaço interseccional. Por outro lado, as construções que são específicas, quanto ao valor pragmático, a uma língua ou variedade, podem ser chamadas de idioconstruções (HÖDER *et al.*, 2020). Considerando a coexistência de diaconstruções e idioconstruções³ entre as possíveis generalizações gramaticais que ficam estocadas na nossa mente como conhecimento gramatical, uma

³ Em linhas gerais, “esquema” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) é uma representação mais geral de uma língua ou variedade. Já “diaconstrução” (HÖDER, 2020) é uma representação de interseção de duas ou mais variedades ou línguas.

questão que surge diz respeito ao grau de diassistematicidade do conhecimento linguístico convencionalizado e entrincheirado ao se observarem usos em diferentes comunidades linguísticas. De modo a medir o grau de diassistematicidade, podemos observar o que há de semelhante/convergente e o que há de divergente entre as estruturas acionadas em cada comunidade de fala ou cada comunidade linguística. Segundo Höder *et al.* (2020), línguas geneticamente relacionadas e tipologicamente similares tendem a apresentar maior grau de diassistematicidade. Assim, tendo em vista que português e francês são ambas línguas românicas e, portanto, tipológica e geneticamente relacionadas, acreditamos que apresentarão um alto grau de diassistematicidade. A partir da figura que segue, podemos observar relações (verticais e horizontais) entre idioconstruções e diaconstrução aplicadas ao estudo desenvolvido acerca de construções com verbo-suporte.

Figura 1 – Representação da rede de construções que licenciam dados de predicadores complexos no português do Brasil e no francês aqui em comparação.



Fonte: Autoral.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os pressupostos teóricos que estão na base da estruturação do presente estudo têm como pilar a noção de construção como unidade linguística essencial, configurada na base do pareamento de atributos formais e funcionais. Além disso, entendemos que esquematizações construcionais advêm de *tokens* recorrentes.

Esses dão margem àquelas representações de relações forma-função que cognitivamente retemos. Desse modo, usos linguísticos em seu funcionamento natural têm papel primordial na constituição da gramática que procuramos apreender e descrever. Sendo assim, a base teórica dessa investigação cujos resultados são aqui apresentados é a vertente funcionalista da Gramática de Construções. Dentre as referências, podemos citar, por exemplo, Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014, 2017), Bybee (2010, 2015), e Machado Vieira (2004, 2016, 2018).

A partir da possibilidade de articulação da perspectiva da Gramática de Construções à Sociolinguística Variacionista, entendemos que a noção de aloconstruções, proposta por Cappelle (2006), é um conceito importante, pois diz respeito às possibilidades alternativas de uma construção parcialmente especificada, isto é, faz referência às variantes de uma construção variável que pode ocorrer nos mais diversos níveis de codificação da língua. A noção de “constructema”, concebida por Perek (2015) ou metaconstrução (LEINO; ÖSTMAN, 2005; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020), traz uma contribuição para o desenvolvimento da temática da variação construcional, na medida em que prevê um espaço de semelhança funcional/convergência entre duas ou mais construções, ou seja, uma área de neutralização das diferenças entre estas (cf. Figura 1).

Por fim, um terceiro conceito relevante para esta pesquisa é o de colexema (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003), segundo o qual unidades linguísticas são atraídas para uma construção particular. Esse último conceito será especialmente importante ao lidarmos com as possíveis configurações da construção de predicador com verbo-suporte, as relações entre os elementos que dela fazem parte (principalmente, verbo, determinante e sintagma nominal) e será exemplificado na próxima seção.

Nosso conhecimento linguístico é reorganizado constantemente, com o repertório de construções sendo frequentemente atualizado. Pensar nos conceitos de diaconstrução, idioconstrução, aloconstrução e metaconstrução⁴ nos ajuda a refletir sobre o quão multilíngue/multidialeto nossos conhecimentos individuais e coletivos podem ser.

Os dados de uso para esta pesquisa foram coletados do *Twitter*,⁵ via software Rstudio.⁶ A amostra foi constituída, portanto, de textos atuais, da modalidade

⁴ “Aloconstrução” corresponde a “variante linguística”. Já “metaconstrução”, em certa medida, é similar a “envelope da variação” em Sociolinguística.

⁵ O público usuário do *Twitter* é formado, principalmente, por homens jovens.

⁶ RStudio consiste em um software gratuito que possui linguagem de programação,

escrita e acessíveis em ambiente digital. Com relação à metodologia utilizada, a primeira etapa foi a constituição de *corpora*, seguida de uma observação dos parâmetros da construção: produtividade, esquematicidade, composicionalidade e contextualidade. Foi feita uma análise quantitativa e qualitativa. Além disso, uma análise colostrucional foi empreendida com os dados do francês coletados do *Twitter*.

No programa *Rstudio*, primeiramente, instalamos os pacotes *Twitter*, *wordcloud* e *tidyverse*, por meio do comando `install.packages("_")`. Em seguida, carregamos esses pacotes, via comando `library("_")`. Então, fornecemos os dados para registrar a sessão do R e, por fim, pesquisamos *tweets* no R e os armazenamos em objetos. Depois, realizamos a conversão para *dataframe*, visualizamos e exportamos o resultado da busca para planilha do excel. No comando para busca de dados, especificamos o verbo e o determinante e filtramos os *retweets*, de modo a não termos dados repetidos. Para cada busca *verbo + determinante*, solicitamos 1.000 sentenças de resultado que contivessem esses elementos. Sendo assim, foram feitas 8.000 buscas⁷ com DAR no infinitivo (dar + o, dar + a, dar + os, dar + as, dar + um, dar + uma, dar + uns, dar + umas), 8.000 com DAR no gerúndio (dando + o, dando + a, dando + os, dando + as, dando + um, dando + uma, dando + uns, dando + umas) e 8.000 com DAR no particípio (dado + o, dado + a, dado + os, dado + as, dado + um, dado + uma, dado + uns, dado + umas), totalizando 24.000 buscas. De modo a fazer uma seleção das construções com verbo-suporte que nos interessam, fizemos a leitura manual dos dados e, por vezes, utilizamos o recurso do filtro para auxiliar esse procedimento, assim como utilizamos esse recurso do filtro também para selecionar os elementos nominais que contivessem os sufixos *ada*, *-ida*, *-adinha*, *-idinha*, *-adela*, *-idela*, *-inho*, *-inha* (ou ainda, estruturas com constituição de sufixos anexos em paralelo, como *-adelazinha*, *-idelazinha*, *-adazinha*, *-idazinha*, estes já previstos na busca anterior de sufixos simples).

muito usada para confecção de gráficos e para análises estatísticas. Para mais informações, recomendamos o vídeo apresentado por Laís Lima, Mariana Gonçalves, Pedro Poppolino e Marcia Machado Vieira no Festival do Conhecimento da UFRJ em 2020: [https://www.youtube.com/watch?v=yD8TVpQ_FxU&list=FLLDpWV2DyWV2DyO4UWDnaVCp3SrA&index=4] *Linguística de Corpus: Introdução ao R para coleta de dados no Twitter – Minicurso – 01 de julho de 2020*. Acesso em: 16 ago. 2021. Coleta de dados na rede social Twitter: Perspectivas sobre o R para a linguística de *corpus* – [<https://www.youtube.com/watch?v=7cmjynJivwI>] Acesso em: 16 ago. 2021 – exposição feita na XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC 2020) em 25 de março de 2021 – é outro vídeo que se alinha ao primeiro.

⁷ Multiplicamos 1.000 por 8, tendo em vista que oito determinantes foram considerados: o, a, os, as, um, uma, uns, umas.

Então, organizamos os dados em arquivos do word, de acordo com forma nominal (verbo DAR no infinitivo/ gerúndio/ particípio) > determinante (o, a, os, as, um, uma, uns e umas) > sufixo (ada, -ida, -adinha, -idinha, -adela, -idela, -inho, -inha), verificando as possibilidades de articulação entre esses elementos.

Embora solicitássemos 1.000 sentenças de resultado que contivessem *verbo + determinante* com as estruturas em foco, nem sempre, o output vinha como esperávamos. Por vezes, elementos sem sufixo apareciam como resultado e, então, desconsideramos esses dados. Outras vezes, simplesmente, não havia 1.000 dados para retorno, já que a busca de dados do *Twitter*, via *Rstudio*, conta com uma janela de nove dias anteriores na coleta.

Com relação ao português do Brasil (doravante, PB), buscamos verificar as possíveis combinações e graus de atração entre elementos que fazem parte da construção com verbo-suporte: principalmente, entre verbo, determinante e sintagma nominal. Buscamos dados, no PB, somente com o verbo DAR nas três formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio), tendo em vista que, de acordo com pesquisas prévias (TRAVASSOS, 2019; DAVEL, 2019, por exemplo), o infinitivo costuma ser a forma predominante em usos dessa construção. E, então, buscamos verificar como se davam as ocorrências também nas outras duas formas nominais do verbo (gerúndio e particípio). No que se refere ao determinante, levamos em consideração as formas de artigo masculino, feminino, singular, plural, definido e indefinido (o, a, os, as, um, uma, uns e umas). E, então, buscamos quais sintagmas nominais de percepção visual com sufixo (por exemplo, olhada, assistida, espiadinha, espreitadela) ocorriam na estrutura da perífrase.

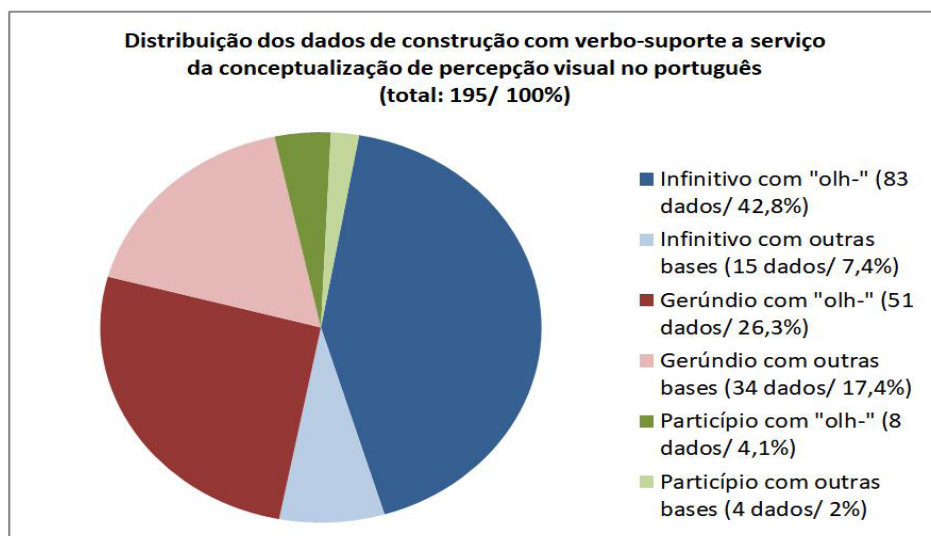
Assim como fizemos com o português do Brasil, também observamos possíveis relações entre elementos da construção com verbo-suporte no francês (principalmente, em relação ao verbo, ao determinante e ao sintagma nominal). Selecionamos seis verbos para análise: *DONNER*, *JETER*, *LANCER*, *PORTER*, *FILER* e *FIXER*, os quais acreditávamos que seriam os verbos mais prováveis a ocorrerem em uma construção que indicasse percepção visual no francês. Trata-se, no entanto, de uma lista não exaustiva e, provavelmente, outros verbos também poderiam ser licenciados nessa construção. Observamos, no francês, somente as construções com o verbo no infinitivo. Com relação ao determinante, observamos as formas no feminino, masculino, singular, plural, definido e indefinido (*le, la, les, las, un, une, des*). Buscamos, então, a partir de *verbo + determinante*, quais elementos de percepção visual estariam disponíveis nessa estrutura (por exemplo, *œil, regard, coup d'œil, vue*).

Também via *Rstudio*, buscamos dados do *Twitter* em francês. Foram feitas 36.000 buscas⁸ levando em consideração cada verbo: 6.000 buscas de *DONNER* + *determinante*, 6.000 buscas de *JETER* + *determinante*, 6.000 buscas de *PORTER* + *determinante*, 6.000 buscas de *LANCER* + *determinante*, 6.000 buscas de *FILER* + *determinante* e 6.000 buscas de *FIXER* + *determinante*. O número de palavras de cada arquivo dos verbos *DONNER*, *JETER*, *LANCER*, *PORTER*, *FILER* e *FIXER* foram, respectivamente, de aproximadamente 72.638 palavras, 52.290, 72.941, 92.021, 37.277 e 32.349 palavras, totalizando 359.516 palavras em textos analisadas.

RESULTADOS

A análise dos dados do português do Brasil do *Twitter* gerou um total de 2.497 ocorrências de construções com verbo-suporte (1.024 com o verbo *DAR* no infinitivo, 1.035, no gerúndio e 438, no particípio), dos quais 195 indicavam percepção visual (7,8%). A seguir, no gráfico, podemos ver a distribuição dos dados em função da forma nominal e da base do sintagma nominal:

Gráfico 1 – Distribuição dos dados de construção com verbo-suporte a serviço da conceptualização de percepção visual no português.



Fonte: Autoral.

⁸ Levando em consideração que há seis determinantes sendo analisados: *le, la, les, un, une e des* (1.000 x 6 = 6.000) e seis verbos (6.000 x 6 = 36.000).

Para além do fato de as expressões de percepção visual serem as mais produtivas (7,8% em relação ao total de construções com verbo-suporte) dentre todas as outras possibilidades de construção com verbo-suporte (por exemplo, *dar uma mãozinha, dar uma caminhada, dar uma forcinha*), destacamos também que as perífrases verbo-nominais que indicam especificamente percepção visual, cuja base do sintagma nominal é *olh-* (como *dar uma olhada*), representam a maior parte da amostra (142 dados/73,2% em relação ao total de expressões de percepção visual, cujo valor é de 195 dados/100%). Isso ilustra o quão cristalizada essa estrutura está no português do Brasil, sendo muito acionada na expressão de percepção visual.

A seguir, em 7 e 8, observamos usos da estrutura mais frequente no *corpus* analisado. Em 7, a expressão *dar uma olhadinha* foi usada para expressar aspecto não durativo, uma olhada rápida. Em 8, do mesmo modo, há referência a um estado de coisas breve.

(7) “podia ter **dado uma olhadinha** pra câmera, mas td bem eu perdoo” [<https://twitter.com/>, Português do Brasil, Acesso em: 27 set. 2020]

(8) “Catarina, **dando uma olhadinha** aqui no seu perfil e adoreiii! Super me identifiquei com você! Podemos ser amigas? Me manda mensagem heheeh” [<https://twitter.com/>, Português do Brasil, Acesso em: 03 out. 2020]

Nos exemplos que seguem, podemos observar usos de construções com verbo-suporte que também indicam percepção visual, mas que possuem uma base diferente de *olh-* no sintagma nominal.

(9) “nossenhora perfeitas dms.. vou **dar uma assistida** obrigada” [<https://twitter.com/>, Português do Brasil, Acesso em: 02 set. 2020]

(10) “Que tal **dar uma espiadinha** na nossa sugestão de colocar Glee de volta em canal aberto? #GleeNaGlobo” [<https://twitter.com/>, Português do Brasil, Acesso em: 02 set. 2020]

(11) “Vou **dar uma espreitadela** no trailer” [<https://twitter.com/>, Português do Brasil, Acesso em: 02 set. 2020]

(12) “se fores **dar uma vistinha de olhos** ao Correio da Manhã vais lá ler que o NOSSO país está à procura de 900 médicos para contratar... de onde os vão tirar uma vez que estão todos empregados?” [<https://twitter.com/>, Português do Brasil, Acesso em: 02 set. 2020]

Podemos perceber, a partir de usos da construção como vemos no exemplo 9, com *dar uma assistida*, que o esquema $V_{[DAR]} + SN_{[DET + X-ADA]}$ se dissemina, licenciando o preenchimento dos *slots* com outros elementos linguísticos. Em

10, há um convite e uma propaganda em jogo, cujo objetivo é atrair o leitor ao consumo do produto/serviço. Nesse caso, a construção *dar uma espiadinha*, no contexto, reforça o valor ilocucionário de convite já presente na estrutura de todo o enunciado, na medida em que situa o comportamento (a visita) como algo breve. O conjunto (estrutura do enunciado e construção) funciona como uma estratégia de convencimento. Em 11, com o uso de *dar uma espreitadela*, percebemos que a maneira de olhar (observar atentamente e escondido) está especificada na própria base verbal do sintagma nominal (“espreitar”). Já a nuance de brevidade, um olhar de relance, uma observação de longe, como de quem analisa sem se comprometer, é um significado construcional. Em 12, há, novamente, a marcação de aspecto não durativo, com a indicação de uma visualização rápida.

No que se refere à análise dos dados coletados do *Twitter* francês, observamos quais elementos não verbais de percepção visual seriam acionados na construção com os diferentes tipos de verbo-suporte e determinante. O resultado está sintetizado na tabela que segue:

Tabela 1 – Distribuição dos dados do francês em função do verbo-suporte, determinante e sintagma nominal

Construções de percepção visual	DONNER			JETER			PORTER			LANCER			FILER			FIXER	TOTAL
	Det.	Nom	Total	Det.	Nom	Total	Det.	Nom	Total	Det.	Nom	Total	Det.	Nom	Total		
	6 (0,9%)			614 (95%)			12 (1,9%)			9 (1,4%)			5 (0,8%)			0	646 (100%)
	les	vues	2	un	regard	10	le	oeil	3	le	regard	1	le	regard	1		
	un	vu	1	un	coup d'oeil	243	un	regard	3	le	visionnage	1	le	vu	2		
	un	look	1	un	oeil	356	un	oeil	1	le	oeil	4	une	vue	2		
	des	vues	2	des	regard	3	une	vision	3	les	yeux	1					
				des	coup d'oeil	2	des	oillère	2	un	regard	1					
										un	visionnage	1					

Fonte: Autoral.

Como podemos observar, o total de dados encontrados foi de 646 usos da perífrase verbo-nominal, com uma clara preferência pelo uso do verbo *JETER* (95%). *DAR*, no PB, é um verbo semanticamente desbotado, uma vez que, com sua alta frequência de uso, torna-se constantemente flexível a diferentes combinações estruturais e funcionais, o que permite extensão de usos metafóricos e metonímicos para além da noção mais básica e concreta de transferência física (BASÍLIO, 2001; COELHO; SILVA, 2014; CHER, 2004). Acreditamos que *JETER*, embora seja um verbo mais específico do que *DAR* do ponto de vista semântico, atue de forma semelhante a *DAR* quando lidamos especificamente com construções com

verbo-suporte que indicam conceptualização de percepção visual, uma vez que a construção apresenta indícios de cristalização, entrincheiramento cognitivo e convencionalização social, ao se compatibilizar, principalmente, com um determinante singular indefinido, seguido, principalmente, de *œil* (356 dados) ou de *coup d'œil* (245 dados), formando as expressões *jeter un œil* e *jeter un coup d'œil*, que, paralelamente, corresponderiam, reservadas as devidas diferenças, a usos de *dar uma olhada* e *dar uma olhadinha* no português do Brasil. Além disso, *JETER* é um verbo polissêmico que pode entrar na constituição de diversas construções, tais como: *jeter au rebut*, *jeter au vent*, *jeter dans la balance* ou construções mais substantivas como *jeter plein la vue à quelqu'un* (“impressionar”). Enquanto *DAR*, na construção, envolve, nesse caso, ficticiamente, um movimento menos brusco, mais suave, de transposição de algo abstrato (olhar) ao outro; o *JETER*, por outro lado, envolve, ficticiamente, um movimento que é mais brusco e veloz. *DAR* e *JETER* têm o sentido comum de transferência, ainda que metafórica.

Um outro dado interessante, encontrado ao acaso no processo de triagem de dados, foi o seguinte: « *Roman, et de le fusiller lui aussi du regard, avant de tourner les talons. Elle s'apprêtait à rejoindre son dortoir, seule, mais elle se stoppa nette lorsqu'elle entendit le Gaunt lancer un stupéfix.* » [<https://twitter.com/>, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021].⁹ Nesse exemplo, vemos o uso da construção *fusiller lui aussi du regard*, cujo verbo *fusiller* (“fuzilar”), integrante da expressão, apresenta, igualmente, um sentido mais brusco e veloz, tal como *fuzilar com o olhar* em português.

Outro destaque que merece consideração diz respeito às outras possibilidades de sintagmas nominais de percepção visual que podem se compatibilizar à construção com verbo-suporte. Como vemos na tabela, houve dados com *vu/vues*, *regard*, *vision*, *oillère*, *visionnage* e até com um elemento nominal proveniente de outra língua: *look* (por influência do inglês). Embora pouco frequentes, cabe ressaltar a variedade e extensão de usos desses elementos na construção, sobretudo, pensando nos diversos contextos discursivo-pragmáticos em que podem se atualizar. O objetivo deste artigo é o de apresentar, comparativamente, um panorama das configurações formais e funcionais das estruturas em foco. Portanto, foge ao escopo deste estudo uma análise mais criteriosa dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que podem exercer influência no uso de cada pareamento nos mais diversos contextos.

⁹ “Roman, **fuzile-o com o olhar** também, antes de girar nos calcanhares. Ela estava prestes a voltar para seu dormitório, sozinha, mas parou quando ouviu o Gaunt lançar um estupor”. [<https://twitter.com/>, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa].

Uma terceira observação a ser feita é a de que não foram atestados usos com o verbo *FIXER*. Esse verbo é mais usado no sentido de duração que é contrário ao de brevidade inerente a *dar uma olhada* ou *jeter un coup d'œil*, por exemplo. Além disso, há o verbo *JETER*, que é, indiscutivelmente, o preferido no uso dessa construção. Provavelmente, *jeter un œil* é o exemplar central dessa construção, embora o esquema tenha atraído outras formas. Assim, a construção como um todo indica percepção visual.

A seguir, há os exemplos de 13 a 17 com diferentes possibilidades configuracionais das construções com verbo-suporte no francês:

(13) « *Je vous invite à aller **jeter un œil** à mon dernier tweet. Je pense qu'il va vous faire plaisir* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021]

“Convido você a **dar uma olhada** no meu último tweet. Eu acho que vai te fazer feliz.” [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa]

(14) « *Allez donc **jeter un coup d'œil** au sublime travail de @B! D'autant plus que ça pourrait bien intéresser les fans de mechas, et principalement de Gundam.* » [https://twitter.com/, Francês, adaptado, Acesso em: 07 fev. 2021]

“**Dê uma olhada** no trabalho sublime de @B! Especialmente porque pode ser do interesse dos fãs de mechas, e principalmente de Gundam.” [https://twitter.com/, Francês, adaptado, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa].

(15) « *Merci de **porter un œil attentif** sur la formation des #orthoptistes limitée arbitrairement à 3 ans* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021]

“Obrigado por **trazer um olhar** atento ao treinamento de #ortotistas arbitrariamente limitado a 3 anos” [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 17 set. 2021, tradução nossa]

(16) « *Frôlé en voiture par notre ministre de l'Intérieur ce matin; n'ai donc pu lui **lancer un regard méprisant** (laissant le vent tout faire).* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021]

“Perto no carro do nosso Ministro do Interior esta manhã; Então, eu não poderia **dar a ele um olhar de desprezo** (deixando o vento fazer tudo).” [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa]

(17) « *plus qu'à espérer que BigHit mettra la perf sur BangtanTV pas envie de **fler une seule vue** à grammtruc moi.* » [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021]

“Mas do que esperar que o BigHit coloque o perf na BangtanTV não quero **girar uma única exibição** para as minhas coisas.” [https://twitter.com/, Francês, Acesso em: 07 fev. 2021, tradução nossa]

Os exemplos 13 e 14 refletem os usos mais produtivos da construção, com as expressões *jeter un œil* e *jeter un coup d'œil*. Em ambos os exemplos, há um convite em jogo¹⁰ e, assim, um uso mais intersubjetivo (particularidade desses exemplos). Em 13, o enunciador tenta atrair a atenção do seu interlocutor, de modo que ele se interesse pelo *tweet*. Em 14, há um convite ao conhecimento do trabalho de uma outra pessoa. De todo modo, a construção é usada para que, por mais que a olhada seja rápida (aspecto não durativo), o enunciador alcance o objetivo de fazer o outro conhecer e se interessar por algo. No exemplo 15, a expressão *porter un œil* foi usada metaforicamente para fazer referência a um processo cognitivo de perspectivação de uma ideia, de um ponto de vista. Em exemplos como esse, percebemos a forte relação entre visão e cognição, tal como na metáfora conceitual VER É ENTENDER. Em 16, percebemos o uso da construção *lancer un regard méprisant*, cujo sintagma nominal permite sua especificação por intermédio de um modificador (*méprisant*). Com relação a esse ponto, cabe ressaltar que, embora o foco do presente estudo esteja nos principais elementos da construção (verbo, determinante e sintagma nominal), não descartamos a relevância de outros elementos, como, por exemplo, modificadores e intensificadores, para o sentido da construção. Por fim, em 17, a construção *fler une seule vue* foi usada para fazer referência ao direcionamento da visão, à visualização.

Baseando-nos em Stefanowitsch (2013), de modo a verificar a relação entre lexema e estrutura gramatical, realizamos uma análise colostrucional do tipo covariante¹¹ dos dados do francês coletados via *Twitter*, com teste de significância estatística LogLikelihood.¹² O resultado se encontra na tabela que segue:

¹⁰ Motivo pelo qual seria interessante uma análise futura dos atos de fala envolvidos.

¹¹ Segundo Stefanowitsch (2013), há três tipos de análise colostrucional: simples, covariante e distintiva. A análise covariante busca verificar relações entre itens lexicais que ocorrem em dois *slots* da mesma construção. No presente estudo, consideramos o verbo no *slot 1* e, no *slot 2*, consideramos *determinante + sintagma nominal*. No entanto, não descartamos a possibilidade de análise mais detalhada com três *slots*: *slot 1* (verbo), *slot 2* (determinante) e *slot 3* (sintagma nominal).

¹² Há, ainda, a possibilidade de ser feito, diferentemente, com o Fisher Exact Test.

Tabela 2 – Resultado da análise colostrucional dos dados do francês coletados do *Twitter*

SLOT1	SLOT2	fs1	fs2	OBS	EXP	ASSOC	COLL.STR.LOGL	SIGNIF
jeter	un oeil	614	357	356	339,8	attr	42,45301	*****
jeter	un coup d'oeil	614	243	243	231,3	attr	30,25359	*****
lancer	le oeil	9	7	4	0,1	attr	26,75986	*****
porter	une vision	12	3	3	0,1	attr	24,71381	*****
donner	des vues	5	2	2	0	attr	20,36809	*****
filer	le vu	5	2	2	0	attr	20,36809	*****
filer	une vu	5	2	2	0	attr	20,36809	*****
porter	des oillère	12	2	2	0	attr	16,28474	*****
porter	le oeil	12	7	3	0,1	attr	15,26639	****
porter	un regard	12	14	3	0,3	attr	10,47888	**
donner	les vues	5	1	1	0	attr	9,93293	**
donner	un look	5	1	1	0	attr	9,93293	**
donner	un vu	5	1	1	0	attr	9,93293	**
lancer	le visionnage	9	1	1	0	attr	8,65797	**
lancer	les yeux	9	1	1	0	attr	8,65797	**
lancer	un visionnage	9	1	1	0	attr	8,65797	**
filer	le regard	5	2	1	0	attr	7,17281	**
lancer	le regard	9	2	1	0	attr	5,9104	*
lancer	un regard	9	14	1	0,2	attr	1,7814	ns
jeter	des regard	614	3	3	2,9	attr	0,29624	ns
jeter	des coup d'oeil	614	2	2	1,9	attr	0,19734	ns
jeter	un regard	614	14	10	13,3	rep	8,91321	**
porter	un oeil	12	357	1	6,6	rep	12,24108	***

Fonte: Autoral.

Na Tabela 2, *fs1* faz referência à frequência do item do primeiro *slot*, *fs2*, à frequência dos itens do segundo *slot*, *OBS* diz respeito à quantidade de vezes em que os itens dos dois *slots* foram, de fato, realizados conjuntamente, *EXP* refere-se à frequência esperada de realização conjunta dos itens dos dois *slots*. Na coluna *ASSOC*, há a indicação de atração ou indicação de que os elementos são repelidos. Em seguida, há as colunas relativas à força colostrucional e ao nível de significância.¹³

Como podemos perceber, em destaque amarelo, há os itens que são mais atraídos entre si, com maior força colostrucional e maior nível de significância: *jeter un œil*, *jeter un coup d'œil*, *lancer le œil*, *porter une vision*, *donner des vues*, *filer le vu* e *filer une vue*. Esses elementos, em conjunto, apresentam maior grau de integração, cristalização e de rotinização. Em contrapartida, as duas últimas expressões, em destaque azul, apresentam elementos que são repelidos entre si: *jeter un regard* e *porter un œil*. Já os elementos que estão em destaque cinza (*lancer un regard*, *jeter des regard* e *jeter des coup d'œil*) são, estatisticamente, não significativos. É importante, nesse ponto, lembrar que o verbo *JETER* foi, claramente, o mais frequente na construção, representando 95% dos dados (614 usos do total 646). Sendo assim, a soma da frequência de todos os outros verbos

¹³ O nível de significância pode ser lido da seguinte forma: ***** = significativo em $p < .00001$, **** = significativo em $p < .0001$, *** = em $p < .001$, ** = em $p < .01$, * em $p < .05$. O ns significa que não é o

(*DONNER, PORTER, LANCER e FILER*) nessa construção resulta em torno de apenas 5% dos dados. Por isso, ressaltamos que os resultados aqui apresentados devem ser vistos com cautela, sem perder de vista esse fato.

Neste estudo, buscamos apresentar um panorama das possibilidades configuracionais formais e funcionais dos predicadores complexos que são usados para conceptualizar percepção visual em duas línguas românicas: português e francês. Verificamos que o português do Brasil apresenta uma evidente preferência ao uso de construção com verbo-suporte DAR seguido de determinante e sintagma nominal, cuja base é *olh-*, como em *dar uma olhada, dar uma olhadinha*. Já, no francês, fica claro que o verbo-suporte mais frequente nessa construção é *JETER*, seguido, preferencialmente, do determinante *un* e, principalmente, dos elementos não verbais *œil* e *coup d'œil*,¹⁴ respectivamente.

Para além dessas opções patentes, encontramos, ainda, outras possibilidades de combinações entre diferentes determinantes e diversos elementos não verbais, os quais, possivelmente, são condicionados por fatores de ordem linguística e/ou social, cuja análise foge aos propósitos desta pesquisa. Percebemos, então, que a construção com verbo-suporte é acionada nas duas línguas românicas (português e francês) de forma semelhante, principalmente, por meio da estrutura *verbo (DAR/ JETER) + determinante (um/ un) + sintagma nominal (com olh-/ œil)* para expressar conceptualização de percepção visual. Portanto, o maior grau de diassistematicidade entre essas línguas, tipológica e geneticamente relacionadas, fica evidente na estrutura de predicação com predicador complexo.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados alcançados já mobilizam encaminhamentos no sentido do aprofundamento de novas questões, entre as quais, a respeito de: (i) que outros lexemas verbais ou outros elementos nominais são associados à construção verbo-nominal de percepção visual¹⁵ e (ii) que grau de diassistematicidade se delinea na ampliação deste estudo comparativo.

¹⁴ Portanto, a estrutura é praticamente idêntica, apesar dos diferentes itens lexicais convocados para a construção.

¹⁵ No português, por exemplo, há outros verbos que poderiam ser usados como verbo-suporte para percepção visual, tais como nos exemplos que seguem:

“A mobilidade nas férias deixa-nos **deitar uma olhadela** rápida ao negócio”

[<https://www.bit.pt/mobilidade-deixa-nos-deitar-uma-olhadela-rapida-ao-negocio-e-ao-mesmo-tempo-gozarmos-ferias-tranquilamente/>, acesso em: 17 set. 2021]

“Eu acho especial piada ao argumento da ‘promoção do país lá fora’, quando se **passa uma vista**

Todos os dados do português do Brasil aqui analisados são compostos pelo verbo-suporte DAR. Concentramo-nos até então em dados com DAR porque em estudos prévios (entre os quais TRAVASSOS, 2019), ele revela forte associação à construção verbo-nominal aqui em foco. Embora haja indícios de que ele, de fato, seja a opção preferida para a expressão de percepção visual nesse tipo de construção, acreditamos que seja importante, em outras pesquisas futuras que venham a se basear nesta, a observação de quais outras possibilidades verbais podem alinhar-se à configuração da perífrase verbo-nominal e, então, averiguar, comparativamente, de forma intra e interlinguística, quais categorias semânticas podem estar envolvidas. No inglês, por exemplo, encontramos expressões como *give a look*, *take a look* e *have a look*, respectivamente, com os verbos *GIVE*, *TAKE* e *HAVE* (CAPPELLE, 2020) e, no francês, há, entre outras, expressões como *jeter un œil* e *donner un coup d'œil*, com os verbos *JETER* e *DONNER*, por exemplo. Portanto, do mesmo modo, seria interessante verificar se há outras possibilidades também no português e quais são elas.¹⁶

Ainda com relação aos dados do português do Brasil aqui analisados, para além de terem sido coletados somente dados com o verbo DAR, também selecionamos somente os elementos não verbais que continham sufixo. Uma análise diassistêmica que preveja uma comparação entre diferentes variedades da língua portuguesa, como a variedade europeia, a moçambicana e a brasileira, por exemplo, possivelmente evidenciará distinções nos usos preferenciais da construção. Acreditamos que, na variedade europeia do português, por exemplo, provavelmente, haverá preferência pelo uso de *dar uma olhadela* e *dar uma vista de olhos*, diferentemente do português do Brasil, cuja primazia é o uso das construções *dar uma olhada* e *dar uma olhadinha*.

Nesse sentido, um outro encaminhamento possível seria uma comparação entre línguas românicas e línguas germânicas ou, ainda, outras, de modo a verificar se o grau de diassistematicidade seria menor em línguas geneticamente e tipologicamente mais distantes.

de olhos por sites estrangeiros percebe-se que a maioria das pessoas não terá noção em que país aquilo foi... até porque os artistas eram todos dos EUA ou UK.”

[*Sketch Engine* (Portuguese Web 2011 (ptTenTen11))]

“Primeiro, **lançando uma vista de olhos** ao futuro para deslocar dois dos arranha-céus mais altos do mundo e, depois, enfrentando um desafio aqui e agora para levar a cabo algo que nunca havia sido feito: deslocar simultaneamente dois silos enormes unidos por uma parede comum.”

[*Sketch Engine* (Portuguese Web 2011 (ptTenTen11))].

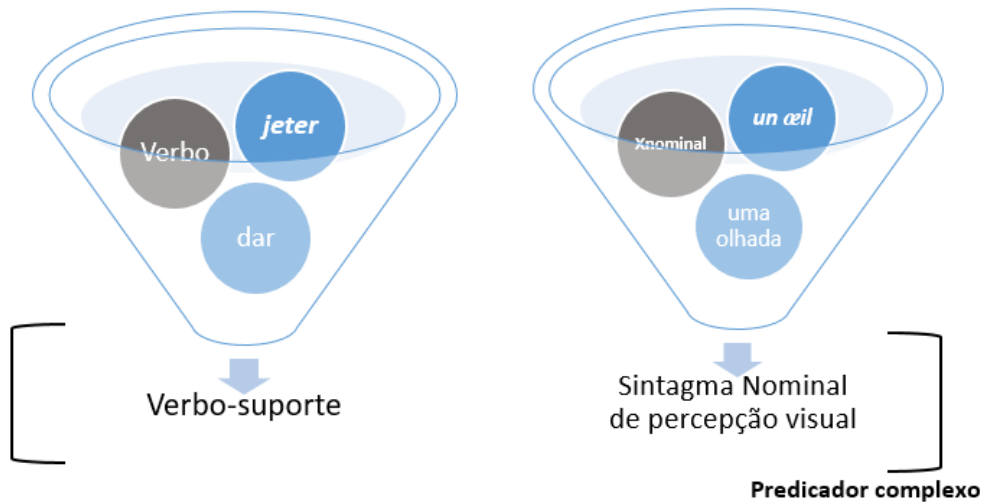
¹⁶ Conferir nota de rodapé 13 para verificação de exemplos.

No que se refere aos resultados encontrados para o francês, destacamos o fato de que os verbos sob análise foram pré-selecionados por nós, em função de buscas no Google e em dicionários, de modo a verificar as possibilidades verbais que se poderiam compatibilizar à estrutura em estudo, com base numa ótica exploratória da construção nessa língua (GROSS, 1985, 1988a, 1993). Deixamos claro que não se trata de uma lista exaustiva, podendo ser expandida em função de novas análises e metodologias de trabalho. Como o objetivo dessa investigação era o de apresentar um panorama configuracional, acreditamos que a observação preliminar dos verbos selecionados deram conta deste estudo.

Após a análise quantitativa e qualitativa dos dados do *Twitter* do francês, realizamos a análise colostrucional, cujos resultados confirmaram a análise anterior, reafirmando a informação de que as expressões *jeter un œil* e *jeter un coup d'œil* são, de fato, as expressões, cujos elementos internos apresentam um grau de atração maior entre si, o que revela um grau de fixação e de convencionalização maior dessas perífrases, além da maior frequência. Por fim, uma outra observação que merece destaque nessa análise diz respeito ao fato de que houve pouca quantidade de usos com outros verbos no francês diferentes de *JETER*. A soma de todas as outras possibilidades verbais (*DONNER*, *PORTER*, *LANCER* e *FILER*) corresponde a somente 5% do total. Isso evidencia o fato de que, para além da constatação de que *JETER* é claramente o mais frequente, a pesquisa aqui realizada pode ser replicada, futuramente, com a análise de diferentes *corpora*. Seria interessante considerar as diferenças semânticas entre as formas nominais que preenchem a posição de SN.

Por meio da análise comparativa aqui exposta, os dados de uso até então investigados levam à postulação, em ambas as línguas, de uma construção de predicador complexo de percepção visual cuja configuração prevê, em linhas gerais, a associação mais frequente de certas formas verbais e nominais em estruturas mais ou menos cristalizadas (*chunks*) como visualizamos a seguir:

Figura 2 – Predicador complexo de percepção visual: lexemas mais atraídos para os dois *slots* da construção verbo-nominal.



Fonte: Autoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da abordagem da Gramática de Construções, lidamos com a variação entre construções de predicador com verbo-suporte a serviço da conceptualização de percepção visual no português do Brasil e no francês. A partir de análise quali-quantitativa e colostrucional de dados escritos atuais, coletados do *Twitter* via *Rstudio*, observamos os *links* de associação por similaridade funcional e estrutural em função de processos cognitivos entre as construções, verificando aspectos tanto do polo formal quanto do polo funcional das expressões, assim como examinamos extensão de usos em prol de efeitos contextuais discursivo-pragmáticos, em função da marcação de aspectualidade e modalidade/intersubjetividade.

Não perdemos de vista diferentes nuances semânticas entre os verbos mais produtivos que compõem a construção nas duas línguas (*DAR* e *JETER*), por exemplo, atentando para as diferentes conceptualizações de percepção de um estado de coisas do mundo a partir de comunidades e culturas diferentes, como o Brasil e a França. Refletir sobre essa questão, por meio da observação de recursos linguísticos, remete-nos à análise de diferentes pontos de vista, de diversas perspectivas de um mesmo evento, que é, de modo geral, comum ao ser humano: a capacidade de enxergar, de perceber o mundo por meio do sentido da visão.

Nesse sentido, propusemos um panorama sobre predicadores complexos que nos dá informações sobre generalizações e especificidades entre as línguas. Ademais, fornecemos evidências em prol do desenvolvimento do estudo do fenômeno sob a ótica da Gramática de Construções Diassistêmica (HÖDER *et al.*, 2020), que envolve a ideia de que, em nosso conhecimento linguístico e na (re)construção constante dos esquemas mentais, há diaconstruções que se encontram na esquematização de mais de uma língua, gerando usos semelhantes, ainda que em comunidades diferentes.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, Margarida M. Expressões dar uma x-da: uma verificada informal. *In: Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. M. H. M. NEVES (org.), 2001.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 602-623, 2010.
- BYBEE, Joan *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for ‘allostructions’. *In: Schönefeld, D. (ed.). Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, urn:nbn:de:0009-4-6839 (Special volume of Constructions SV1-7/2006.), p.1-28, 2006.
- CAPPELLE, Bert. *Looking into visual motion expressions in Dutch, English, and French*. How languages stick to well-trodden typological paths, 2020.
- CHER, A. P. *As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em –ada no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.
- COELHO, S. M.; SILVA, S. E. de P. O continuum de gramaticalização do verbo DAR: de predicador a auxiliar. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2º sem, 2014.
- DAVEL, Alzira da Penha Costa. *As construções denominal e deverbal [DAR UMA X-(A)DA (SPREP)] numa perspectiva dos modelos baseados no uso*. Tese de Doutorado, UFRJ: Faculdade de Letras, 2019.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GROSS, Maurice. Sur les déterminants dans les expressions figées. *Langages*, 20(79), 89-117. doi: 10.3406/lgge.1985.2472, 1985.

GROSS, Maurice. Les limites de la phrase figée. *Langages*, 23 (90), 7-22. doi: 10.3406/lgge1988.1988, Paris, Larousse, 1988a.

GROSS, Maurice. Les phrases figées en français. *L'information grammaticale*, 59, 36-41. 1993.

HILPERT, Martin. Language variation and change. In: *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, cap. 8, 2014.

HILPERT, Martin; DIESSEL, Holger. Entrenchment in construction grammar. In: SCHMID, H.-J. (ed.). *Entrenchment and the psychology of language learning: How we reorganize and adapt linguistic knowledge*. Berlin: Mouton de Gruyter, 57-74, 2017a.

HÖDER, Steffen; PRENTICE, Julia; TINGSSELL, Sophia. Additional language acquisition as emerging multilingualism. *A Construction Grammar approach*, 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. *Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade*. In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (org.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. UFRJ: Faculdade de Letras, 2004.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, [S.L.], p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. DE PAULA *et al.* (org.). *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher. p. 90-112, 2018.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria. Neto de Oliveira (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

PEREK, Florent. *Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8(2), 209-243, 2003.

STEFANOWITSCH, Anatol. Collostructional analysis. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TRAVASSOS, Pamela Fagundes. *Varição e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de M. Bagno. Ver. Téc. de C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

VARIATION DES PRÉDICATEURS COMPLEXES DE LA PERCEPTION VISUELLE: UNE ÉTUDE COMPARATIVE ENTRE LE PORTUGAIS ET LE FRANÇAIS¹

Pâmela Fagundes Travassos

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CAPES

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

Avec un profil constructionniste diassystématique, nous analysons comparativement les prédicateurs complexes utilisés pour la conceptualisation de la perception visuelle en portugais brésilien et en français. Voici quelques exemples :

(1) “*vc precisa **dar umas olhadinhas** nos tweets dela na época da novela... eram bem diferentes... kkkk Mas isso nunca importou pq ela não é autora de nada.*” [https://twitter.com/, Portugais Brésilien, Accès : 27/09/2020]

« Il faut **jeter un œil** à ses tweets à l’époque du feuilleton... ils étaient très différents... lol Mais ça n’a pas d’importance parce qu’elle n’est l’auteur de rien. » [https://twitter.com/, Portugais Brésilien, notre traduction, Accès : 27/09/2020]

(2) “*amg, eu tô sempre **dando uma espiada** em After, sempre voltando às origens*” [https://twitter.com/, Portugais Brésilien, Accès : 27/09/2020]

¹ Agradecemos à Wendy Salomon e à Vanessa Meireles pela revisão do texto em francês.

« ami, je **jette toujours un coup d'œil** furtif à After, je reviens toujours aux origines » [<https://twitter.com/>, Portugais Brésilien, notre traduction, Accès : 27/09/2020]

(3) « Tu peux au moins **jeter un œil** pour savoir ce qu'ils ont à te dire. » [<https://twitter.com/>, Français, Accès : 17/09/2021]

(4) « Salut Meresha! J'apprécie ton follow. Je t'invite à **jeter un coup d'œil** à mon SoundCloud ou ma chaîne YouTube. » [<https://twitter.com/>, Français, Accès : 07/02/2021]

“*Oi Meresha! Eu agradeço o seu seguimento. Convido você a **dar uma olhada** no meu SoundCloud ou no meu canal no YouTube.*” [<https://twitter.com/>, Accès : 07/02/2021, notre traduction]

Nous cherchons à préciser le degré de connexion entre les différents éléments qui font partie de la construction grammaticale (verbe, déterminant et élément nominal). Aussi, nous essayons de connaître les valeurs qui en découlent et de présenter une comparaison des différentes ressources dont disposent les langues pour exprimer une perception visuelle.

Nous partons de l'hypothèse qu'il existe des constructions, comme les périphrases verbe-nominales ici analysées, qui, dans certains contextes discursifs-pragmatiques, se comportent comme des variantes (*allostructions*, cf. CAPPELLE, 2006). De plus, ces appariements ne sont pas spécifiques à une langue. Nous comprenons qu'il existe un espace commun d'accès à la même ressource linguistique dans différentes langues. Il s'agit d'une généralisation émergente et enracinée formulée à partir de données d'usages linguistiques récurrents. De cette façon, nous avons une grammaire multilingue/multidialectale.

Selon Höder *et al.* (2020), les constructions communes à plus d'une langue ou variété sont appelées *diaconstructions*, c'est-à-dire qu'elles sont des appariements forme-fonction non spécifiés ou pragmatiquement sous-spécifiés pour plus d'une langue ou variété. En revanche, les constructions spécifiques, en valeur pragmatique, à une langue ou à une variété, peuvent être appelées *idioconstructions*. Considérant la coexistence de diaconstructions et d'idioconstructions parmi les généralisations grammaticales possibles, une question se pose concernant le degré de diasystématicité des savoirs linguistiques conventionnels et enracinés dans différentes communautés linguistiques. Afin de mesurer le degré de diasystématicité, on peut observer ce qui est similaire et ce qui est divergent entre les structures activées dans chaque communauté de parole. Selon Höder *et al.* (2020), les langues généalogiquement apparentées et typologiquement similaires ont tendance à avoir un plus grand degré de diassystématicité. Étant donné que le portugais et le

français sont toutes les deux des langues romanes et, par conséquent, apparentées typologiquement et généalogiquement, nous pensons qu'elles présenteront un degré élevé de diassystématicité.

Notre base théorique s'appuie sur la Grammaire de Construction. Parmi les références, on peut citer Goldberg (1995, 2006), Traugott ; Trousdale (2013), Hilpert (2014, 2017), Bybee (2010, 2015), Machado Vieira (2004, 2016, 2018). Les données d'usage de cette recherche ont été collectées sur *Twitter* via le logiciel RStudio. L'échantillon était composé de textes actuels, écrits dans un environnement numérique et accessibles via celui-ci. Concernant la méthodologie utilisée, la première étape a été la constitution de *corpus*, suivie d'une observation des paramètres de construction : productivité, schématicité, compositionnalité et contextualité. Une analyse quantitative et qualitative a été réalisée. Sur la base de Stefanowitsch (2013), afin de vérifier la relation entre lexème et structure grammaticale, nous avons réalisé une analyse colostruccionnelle de type covariant des données françaises collectées via *Twitter*.

En observant la configuration formelle-fonctionnelle des constructions, nous vérifions le statut d'association entre ces prédicateurs en tant qu'unités fonctionnellement similaires, vérifié dans la potentialité de conceptualiser la perception visuelle. Nous prêtons attention aux dissemblances entre les structures. La différence entre les prédicateurs est liée à la configuration formelle la plus utilisée dans chaque communauté et aux attributs contextuels. On ne perd pas de vue les différentes nuances sémantiques entre les verbes les plus productifs qui composent la construction dans les deux langues (*DAR* et *JETER*), par exemple en prêtant attention aux différentes conceptualisations de perception d'un état de choses dans le monde de différentes communautés et cultures, comme le Brésil et la France. Réfléchir à cette question, à travers l'observation des ressources linguistiques, nous conduit à l'analyse de différents points de vue, à partir de différentes perspectives d'un même événement, qui est, en général, commun à l'être humain : la capacité de voir, de percevoir le monde à travers le sens de la vision.

Nous avons constaté que le portugais brésilien a une préférence évidente pour l'utilisation d'une construction avec le verbe support *DAR* suivi d'un déterminant et d'un élément nominal, dont la base est *olh-*, comme *dar uma olhadinha*. Nous soulignons également que les périphrases verbe-nominales qui indiquent spécifiquement la perception visuelle, dont la base de l'élément non verbal est *olh-* (comme *dar uma olhadela*) représentent la majorité de l'échantillon. Cela démontre combien cette structure est cristallisée en portugais brésilien, très active dans l'expression de la perception visuelle. En français, cependant, le total des données trouvées

était de 646 usages de la périphrase verbe-nominale, avec une nette préférence pour l'utilisation du verbe JETER (95%), suivi, de préférence, du déterminant *un* et, principalement, des éléments nominaux *œil* et *coup d'œil*, respectivement.

Un autre point qui mérite réflexion concerne les autres possibilités d'éléments nominaux de perception visuelle qui peuvent être rendus compatibles avec la construction avec le verbe support. Il y avait, par exemple, des données avec *regard*, *vue*. On s'est alors rendu compte que la construction avec verbe support est activée dans les deux langues romanes (portugais et français) de manière similaire, principalement à travers la structure *verbe (DAR/JETER) + déterminant (um/un) + élément nominal (avec olh-/œil)* pour exprimer la conceptualisation de la perception visuelle.

Par conséquent, le plus grand degré de diasystematicité entre ces langues, typologiquement et généalogiquement liées, est évident dans la structure de prédication avec un prédicateur complexe. Nous proposons une vue d'ensemble des prédicateurs complexes qui nous renseigne sur les généralisations et les spécificités entre les langues. Nous apportons des preuves du développement de l'étude du phénomène du point de vue de la Grammaire des Constructions Diasystémiques (HÖDER *et al.*, 2020), qui implique l'idée que, dans nos connaissances linguistiques et dans la (re)construction constante de schémas, il y a des diaconstructions qui se retrouvent dans la schématisation dans plus d'une langue, générant des usages similaires, même dans des communautés différentes.

RÉFÉRENCES

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 602-623, 2010.

BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for 'allostructions'. In: Schönefeld, Doris (ed.). *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, urn:nbn:de:0009-4-6839 (Special volume of *Constructions* SV1-7/2006.), p.1-28, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. Language variation and change. In: *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, cap. 8, 2014.

HILPERT, Martin; DIESSEL, Holger. Entrenchment in construction grammar. In: SCHMID, Hans-Jörg (ed.). *Entrenchment and the psychology of language learning: How we reorganize and adapt linguistic knowledge*. Berlin: Mouton de Gruyter, 57-74, 2017a.

HÖDER, Steffen; PRENTICE, Julia; TINGSSELL, Sofia. Additional language acquisition as emerging multilingualism. *A Construction Grammar approach*, 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. *Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade*. In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (org.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. UFRJ: Faculdade de Letras, 2004.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, [S.L.], p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. DE PAULA *et al.* (org.). *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher. p. 90-112, 2018.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria. Neto de Oliveira (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefanowitsch. Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8(2), 209-243, 2003.

STEFANOWITSCH, Anatol. Collostructional analysis. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

USOS DE CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS EM JORNAIS EM PORTUGUÊS DO BRASIL E EM FRANCÊS

Érika Ilogti de Sá

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de
Professores

Maria Maura Cezario

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

RESUMO: O capítulo traz resultados de pesquisa sobre os usos de circunstanciais – mais precisamente, locuções adverbiais temporais e aspectuais –, com os seguintes objetivos: a) comparar os usos dos circunstanciais no português e no francês, a partir de jornais de públicos semelhantes no Brasil e na França e b) analisar os papéis desses circunstanciais na escrita, levando em conta a sua ordenação e os seus papéis semânticos. Utilizamos os pressupostos teóricos do Funcionalismo Norte-americano para compreendermos as variações de sentidos dos circunstanciais do domínio do tempo e as variações de posição na oração. A comparação de duas línguas irmãs, mas com tendências de ordenações frasais diferentes, permitiu-nos verificar que há divergências e convergências nos usos dos circunstanciais.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, diferentes trabalhos de caráter funcionalista têm se dedicado à análise e à compreensão dos usos dos advérbiais no português, entre eles, Ilari *et alii* (1990); Martelotta (1994); Andrade (2005); Brasil (2005); Paiva (2007, 2008, 2011, 2012); Ilogti de Sá (2009, 2015); Arena e Ilogti de Sá (2020); Ilogti de Sá, Paiva e Cezario (2020). Isso ocorre, entre outros motivos, porque os advérbiais constituem construções de natureza diversificada, apresentam funções variadas e diversas possibilidades de posição na oração, sendo, por consequência, de difícil classificação.

Neste trabalho, sob a ótica dos pressupostos teóricos do Funcionalismo Norte-americano, realizamos um estudo de circunstanciais – mais precisamente, locuções advérbiais temporais e aspectuais –, com os seguintes objetivos gerais: a) comparar os usos dos circunstanciais no português e no francês, a partir de jornais de públicos semelhantes no Brasil e na França; e b) analisar os papéis desses circunstanciais na escrita, levando em conta a sua ordenação e os seus papéis semânticos. Analisamos apenas os circunstanciais codificados como locuções advérbiais que traziam as noções de tempo ou aspecto (GIVÓN, 2001). Serviram como dados para a nossa análise casos como os quatro apresentados a seguir:

- (1) **Lors de son interrogatoire**, le commandant Schettino s'est pourtant targué d'être un "bon commandant". [notícia – Le Monde]
- (2) Les deux amants se sont rencontrés **en 1996**. [notícia – Le Figaro]
- (3) A Associação de Jornais dos EUA lançará **em abril** uma campanha publicitária. [editorial – O Globo]
- (4) Ele já conseguiu adiar essa decisão **mais uma vez**, contando com uma Suprema Corte outrora manipulável. [notícia 16 – Folha de São Paulo]

É esperado que o valor semântico exercido por esses circunstanciais influencie na posição que eles ocupam na frase: por exemplo, as locuções com valor dêitico ou localizador devem aparecer predominantemente na margem esquerda pelo fato de que podem possuir alcance de modificação maior, localizando vários estados de coisas; já aquelas com valor aspectual tendem a ocorrer nas adjacências do verbo, pelo fato de que a própria categoria de aspecto é mais inerente à predicação.

Coletamos e codificamos todas as orações em que o circunstancial de tempo ou de aspecto ocorria, analisamos o papel semântico e fizemos cruzamentos de fatores¹ para obtermos os resultados aqui apresentados. Utilizamos como *corpus*

¹ O programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), um pacote estatístico desenvolvido para as ciências sociais, foi utilizado como ferramenta para nos auxiliar na

notícias e editoriais de diferentes jornais, a saber: *Folha de S.Paulo* e *O Globo* – jornais brasileiros – e *Le Figaro* e *Le Monde* – jornais franceses. Os textos foram recolhidos no período de 2007 a 2015, no próprio *site* dos veículos de informação e na sua versão impressa, no caso de alguns jornais brasileiros.²

O total de dados recolhidos em cada um dos jornais é apresentado na tabela a seguir. Como podemos observar, selecionamos um total de 1.243 dados válidos para análise – 574 para o português e 669 para o francês.³

Tabela 1 – Quantidade de dados em cada gênero

Jornal	notícias	editoriais	Dados por língua	total
O Globo	155	135	português: 574	290
Folha de S.Paulo	169	115		284
Le Figaro	196	103	francês: 669	299
Le Monde	183	187		370
Total	703	540	1.243	1.243

Fonte: Ilogti de Sá (2015).

Apesar das evidentes diferenças estruturais entre o português e o francês,⁴ o estudo comparativo entre eles sugere que há possíveis pontos de convergência, notadamente no que diz respeito à ordenação desses circunstanciais (cf. ILOGTI DE SÁ, 2015). Dessa forma, acreditamos que nosso trabalho pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento das análises comparativas entre línguas românicas.

VALORES SEMÂNTICOS DOS CIRCUNSTANCIAIS DE TEMPO E ASPECTO

Neste trabalho, consideramos os tipos semânticos já estudados em Ilogti de Sá (2009, 2015), baseados em Martelotta (1994) e em Ilari (2001), por darem conta

frequência das ordenações em relação ao papel semântico dos circunstanciais aqui analisados.

² O *corpus* foi composto por 20 editoriais e 20 notícias de cada um dos jornais analisados, ou seja, 40 textos de cada jornal em cada língua, totalizando 80 textos em francês e 80 em português.

³ Nesse conjunto de ocorrências, consideramos apenas aquelas que apresentam valor temporal ou aspectual, descartando os casos em que se superpunham outros valores, como lugar, modo ou intensidade.

⁴ Por exemplo, em relação à representação do sujeito, no português brasileiro, observamos a coexistência entre seu preenchimento e seu apagamento, apesar da crescente preferência pela forma plena nos últimos anos (cf. DUARTE, 1993a, 1993b, 1995). Em contrapartida, o francês é considerado uma língua prototipicamente de sujeito preenchido (cf. GRÉVISSE, 2011).

de algumas noções aspectuais para as quais esperamos motivações específicas de ordenação. Os valores que encontramos, a partir da análise dos dados, formam um *continuum* semântico que parte do mais temporal (valor de localizador) para o mais aspectual (valor reiterativo). Os papéis semânticos analisados que encontramos foram:

- (a) Papel de localizador: situa um evento em um ponto preciso do tempo, atribuindo maior valor temporal ao circunstancial. Em outras palavras, verificamos, nos exemplos (5) e (6), que esse tipo de locução determina o momento exato do evento descrito.

(5) **Em outubro de 2002**, Berlusconi cometeu uma gafe com Cacciari, o colega dinamarquês Anders Rasmussen e Veronica. [editorial – O Globo]

(6) Or, ce record devrait être battu **cette année**. [editorial – Le Monde]

Em (5), a locução *em outubro de 2002* mostra a data precisa em que Berlusconi cometeu a gafe, e, no exemplo (6), o circunstancial temporal *cette année* (*neste ano*) indica quando o recorde deverá ser batido (*ce record devrait être battu*). Esse valor temporal é o de maior produtividade tanto no português quanto no francês, em todo o *corpus* analisado.

- (b) Papel reiterativo: expressa um evento que se repete no tempo, iterativo, correspondendo ao valor aspectual.

(7) No momento, a inércia parece não cobrar preço. No futuro, ele poderá revelar-se, **mais uma vez**, muito elevado. [editorial – Folha de São Paulo]

(8) L'armée qui a une longue tradition d'intervention dans la vie publique en Egypte, se retrouve donc **de nouveau** au pouvoir au Caire. [editorial – Le Monde]

No exemplo (7), vemos que o circunstancial aspectual *mais uma vez* indica que o *preço* – retomado pelo pronome *ele* na oração – será revelado novamente em determinado período de tempo. Em (8), a locução adverbial *de nouveau* (*de novo*) indica que as Forças Armadas (*L'armée*) se encontram (*se retrouve*), mais uma vez, no poder do Cairo, ou seja, é um evento que ocorreu algumas vezes durante um período de tempo.

- (c) Papel durativo: representa o valor aspectual que expressa um evento duradouro no tempo. Os dados a seguir são ilustrativos desse valor semântico:

(9) **Durante o trimestre**, mais 29 mil pessoas assinaram o serviço básico de televisão a cabo [editorial – O Globo]

(10) En particulier la France, l'Espagne et l'Italie, |qui n'ont eu de cesse de soutenir Ben Ali **pendant ses vingt-trois ans de règne**. [editorial – Le Monde]

Nos exemplos (9) e (10), o circunstancial expressa, respectivamente, a duração do tempo em que houve um grande número de assinaturas de televisão a cabo – *durante o trimestre* – e em que o apoio foi dado por França, Espanha e Itália – *pendant ses vingt-trois ans de règne* (*durante seus vinte e três anos de reinado*).

(d) Papel delimitativo: corresponde ao circunstancial que delimita o tempo do evento, seja no início, no meio ou no fim, como podemos notar nos exemplos abaixo.

(11) Embora constituam de 60% a 65% da população nacional e hoje detenham o governo, os xiitas foram reprimidos durante o regime do ditador sunita Saddam Hussein,| que comandou o país **no período de 1979 a 2003**. [editorial – Folha de São Paulo]

(12) **Depuis son entrée en campagne le 7 décembre**, sa progression l'a même fait atteindre un niveau d'intentions de vote légèrement supérieur à celui qu'il avait en 2007. [notícia – Le Monde]

No exemplo (11), o circunstancial *no período de 1979 a 2003* determina o início e o fim do evento assinalado anteriormente. Em (12), a locução *Depuis son entrée en campagne le 7 décembre* (*desde sua entrada na campanha em 7 dezembro*) demarca o início do progresso de aumento nas intenções de voto.

(e) Papel de simultaneidade: corresponde ao valor em que eventos ocorrem no mesmo momento. Em função de seu importante papel coesivo – ligar dois ou mais eventos ocorrendo simultaneamente –, é esperado que as locuções com este valor semântico apresentem uma posição mais fixa na oração.

(13) **Em paralelo**, o STF também sancionou medida a respeito dos chamados embargos declaratórios. [editorial – Folha de São Paulo]

(14) Plusieurs personnes hurlent **en même temps**. [notícia – Le Figaro]

Nos dois exemplos apresentados, as locuções *em paralelo* e *en même temps* indicam, respectivamente, que a sanção realizada pelo STF ocorreu de maneira simultânea ao evento descrito anteriormente e que muitas pessoas efetuavam uma ação (*hurlent*) ao mesmo tempo.

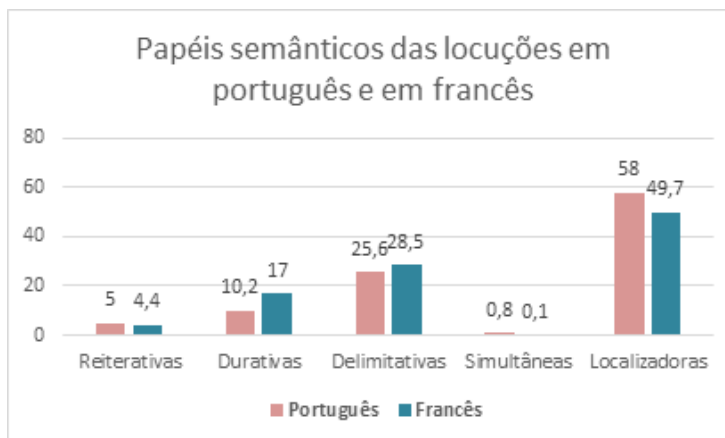
Nossas expectativas iniciais eram, em relação às duas línguas, (a) que os circunstanciais com valor temporal (locuções localizadoras) ocupassem mais a margem esquerda da oração e (b) que, por outro lado, aqueles com valor mais

aspectual (em particular as locuções reiterativas) estivessem mais presos ao verbo, ocupando, por isso, posições mediais.

Utilizamos os pressupostos teóricos da corrente Funcionalista Norte-americana por julgarmos que o posicionamento dos circunstanciais possui motivação muito mais discursiva do que propriamente sintática. O Funcionalismo considera a linguagem como um instrumento de interação social e concebe que a gramática emerge do uso e é moldada por fatores comunicativos e cognitivos.

Para tanto, a próxima seção trará uma breve análise do nosso objeto de estudo a partir da ordenação dos circunstanciais e sua semântica nas orações. Antes, porém, fazemos, a seguir, algumas considerações acerca das tendências observadas a partir da comparação dos dados nas duas línguas.

Gráfico 1 – Papéis semânticos das locuções adverbiais de tempo ou aspecto em português e em francês.



Fonte: Autoral.

Nos jornais brasileiros analisados, encontramos 334 ocorrências de circunstanciais com valor localizador temporal, ou seja, 58% dos 574 dados. Os circunstanciais com valor delimitativo apresentaram-se como o segundo tipo mais produtivo, com 25,6% do total (147 ocorrências). Em sequência, tivemos as locuções durativas, representando 10,2% do *corpus* (59 dados), e as reiterativas, com 5% dos dados (29 dados). O valor simultâneo apareceu em apenas 5 casos, contabilizando apenas 1% do total.

Em francês, assim como em português, o valor semântico mais produtivo foi o localizador, com 333 dados (cerca de 50% do total de 669 encontrados no *corpus*). Em linhas gerais, encontramos na língua francesa uma maior quantidade

de locuções com valores delimitativo e durativo: o primeiro tipo apareceu em 28,5% dos dados (191 casos) e o segundo, em 17% (114 dados). Locuções de valor aspectual, reiterativo, são representadas por apenas 30 casos, contabilizando apenas 4,4% do total. Por fim, só houve 1 caso de circunstancial simultâneo no *corpus*, identificado no exemplo (15), retomado em sequência.

(15) Plusieurs personnes hurlent **en même temps**. [notícia – Le Figaro]

Dessa forma, vemos que os papéis semânticos são os mesmos e a distribuição de uso é muito semelhante em termos estatísticos.

POSIÇÃO DAS LOCUÇÕES NO PORTUGUÊS E NO FRANCÊS

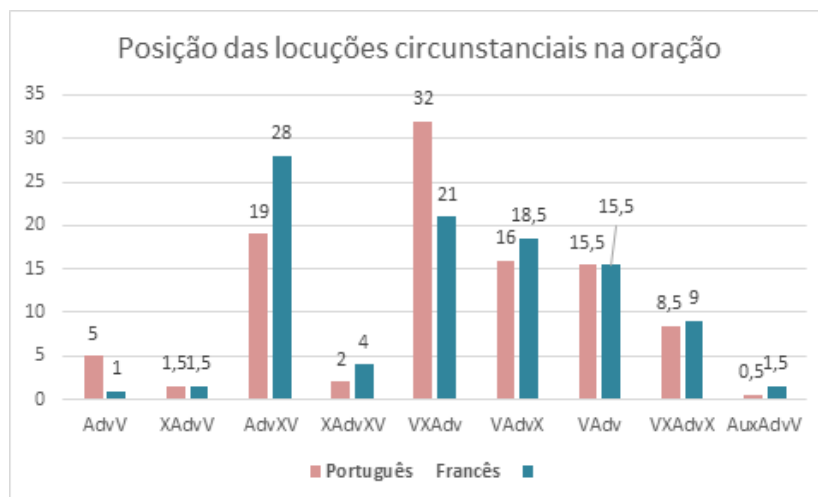
Nas duas línguas estudadas, as locuções podem ocorrer em diferentes posições na oração. Observamos as seguintes posições para as locuções adverbiais temporais ou aspectuais nas línguas estudadas:

- posições pré-verbais: AdvV, XadvV, AdvXV e XadvXV;
- posições pós-verbais: XVAdv, VadvX e Vadv;
- posição entre o auxiliar e o verbo principal: AuxAdvV.

Nessa descrição, Adv é a locução adverbial, V é o Verbo e X é qualquer elemento que possa aparecer de forma interveniente, como outro adverbial, o sujeito ou o objeto.

Os resultados nas duas línguas podem ser vistos no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Posição das locuções circunstanciais na oração.



Fonte: Autoral.

Uma diferença já pode ser notada a partir do Gráfico (2) no que diz respeito aos dados das posições dos circunstanciais no português e no francês. No português, verificamos que a maior quantidade de circunstanciais temporais foi usada na margem direita da oração com um elemento X entre ela e a forma verbal (VXAdv) – 184 locuções, num total de 574, o que equivale a 32%. Observamos, ainda, que houve uma diferença de 13 pontos percentuais entre essa posição e a segunda ordenação com maior quantidade de dados no português, a posição pré-verbal AdvXV (19% do total). Tal ordenação foi a predominante nos textos jornalísticos franceses, ocorrendo em 28% dos dados (187 casos do total de 669).

Em linhas gerais, o gráfico mostra uma inversão entre a primeira e a segunda posição entre o português e o francês, já que 142 locuções francesas (21%) se posicionaram na margem direita e afastadas do verbo (ordenação VXAdv, a predominante nos textos brasileiros). Embora a diferença em francês não tenha sido na mesma proporção que a observada em português, percebe-se uma tendência da língua francesa ao posicionamento do circunstancial temporal para a margem da oração.

Nas demais posições, não houve uma diferença muito significativa entre as duas línguas analisadas. A posição medial e pós-verbal imediatamente após o verbo (VAdvX) apareceu em terceiro na preferência das locuções tanto em português, com 91 dados (16%), quanto em francês, com 125 ocorrências (18,5%).⁵

Em seguida, obtivemos, com exatamente a mesma porcentagem no português e no francês, 15,5% dos circunstanciais em margem direita colados ao verbo (VAdv). Imediatamente após, diferença irrelevante entre as duas línguas, surgem os dados na posição VXAdvX – 8,5% em português (50 dados) e 9% em francês (61 dados).

Ao compararmos os resultados obtidos nas duas línguas, verificamos, no português, uma tendência das locuções, a princípio, à posposição em relação ao verbo. Contudo, em francês, esse circunstancial se mostra mais produtivo antepondo-se a ele em posição de margem esquerda com um elemento X entre a locução adverbial e o verbo (AdvXV).

⁵ Esse elemento X se apresentou, em muitos casos, como um complemento verbal (cf. ILOGTI DE SÁ, 2015).

OS USOS DE CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS EM NOTÍCIAS E EDITORIAIS DE JORNAIS

Todas as notícias que compõem nossa amostra foram recolhidas da versão digital do jornal e possuem uma estrutura próxima ao que de fato conhecemos pelo gênero notícia (linguagem mais direta, mais objetiva e mais narrativa). Além disso, todas, tanto as brasileiras quanto as francesas, pertenciam à seção que os veículos chamam de “Notícias do Mundo”, para manter a mesma temática desenvolvida no texto.

Para Marchuschi (2008, p. 156), os gêneros textuais apresentam padrões sociocomunicativos, mas devemos ter cuidados para que “não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social [...]”. O autor diferencia gênero de tipo textual, indicando a noção de tipo como a sequência linguística na qual o texto vai se materializar, e o gênero como o texto em si, já materializado no processo comunicativo.

Partindo da afirmação de que o gênero textual apresenta as intenções comunicativas, esperamos que a ordenação do circunstancial seja motivada por esse objetivo. Sendo assim, partimos de dois gêneros compostos principalmente por tipos de texto distintos: o gênero notícia, composto basicamente por narração, e o gênero editorial, composto, em sua maioria, por argumentação e exposição. Em sequência, alguns exemplos dos dois gêneros, retirados de nossa amostra:

Notícia

A característica principal da notícia é ser um gênero jornalístico em que o repórter narra fatos que ocorreram há pouco tempo ou naquele mesmo dia. A notícia é um gênero pretensamente objetivo, marcado por um certo afastamento do locutor e que privilegia as ações, os eventos e os participantes. Na tradição jornalística, a notícia responde às perguntas “quem?”, “como?”, “por quê?”, “onde?” e “quando?” logo no início do texto, no parágrafo chamado *lead* (ou *lide*).

(16) O líder supremo iraniano, o aiatolá Ali Khamenei, advertiu **nesta quinta-feira** que seu país atingirá os interesses americanos no mundo se for atacado. Em discurso perante comandantes da Força Aérea iraniana divulgado pela televisão, Khamenei lembrou que “é impossível deixar sem resposta a invasão da nação iraniana.[...]”

A Casa Branca repudiou **nesta quinta-feira** as ameaças do aiatolá Ali Khamenei, e afirmou que os Estados Unidos não têm a intenção de entrar em guerra com o Irã.

Khamenei se referiu aos “rumores” de um possível ataque americano contra o Iraque, e acrescentou que estas questões “não assustam” o Irã, pois não é a primeira vez que o país é atacado pelos EUA.

O líder se mostrou convencido de que “os inimigos não cometerão tal erro, já que sabem muito bem que desta forma poriam em perigo seus próprios interesses”. **No mesmo dia do duro discurso de Khamenei contra os EUA**, o Irã testou com sucesso um míssil terra-mar de alcance de 350 km. O teste foi realizado durante o segundo dia de manobras aeronavais na região do Golfo, informou a TV estatal. [notícia 1 – O Globo]

Editorial

O editorial é um gênero textual que tem como objetivo mostrar a opinião do jornal sobre determinado assunto em pauta no momento, sendo, portanto, um tipo de texto argumentativo. Geralmente, os editoriais, por representarem a voz do jornal, não são assinados. Entretanto, tal prática não é realizada pelos jornais franceses. Neles, os editoriais normalmente possuem uma assinatura, mas se assemelham estruturalmente ao que no Brasil é reconhecido como esse gênero.

(17) Não se pode acusar o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), de falta de tenacidade. Ele se agarra ao cargo com rara contumácia.

As desditas do senador tiveram início no final de maio, quando a revista “Veja” afirmou que ele teve despesas pessoais pagas pelo lobista Cláudio Gontijo, da empreiteira Mendes Júnior. O dinheiro bancaria pensão de Mônica Veloso, com quem o senador tem uma filha.

(17a) **De lá para cá**, a situação do presidente do Senado deteriorou-se. Recorreu à pecuária para justificar a origem do dinheiro - Gontijo seria só um amigo que repassava o dinheiro do próprio Renan Calheiros à mãe de sua filha.

Os primeiros problemas a respeito dessa versão surgiram quando se verificou que, para chegar a seu patrimônio declarado, Renan teria de conseguir com seu rebanho alagoano uma lucratividade bem superior à registrada em regiões mais tradicionais, como São Paulo e Rio Grande do Sul. Para piorar as coisas para o senador, soube-se logo a seguir que as notas apresentadas por Renan para sustentar suas afirmações incluíam recibos com irregularidades e emitidos por empresas de fachada.

(...)

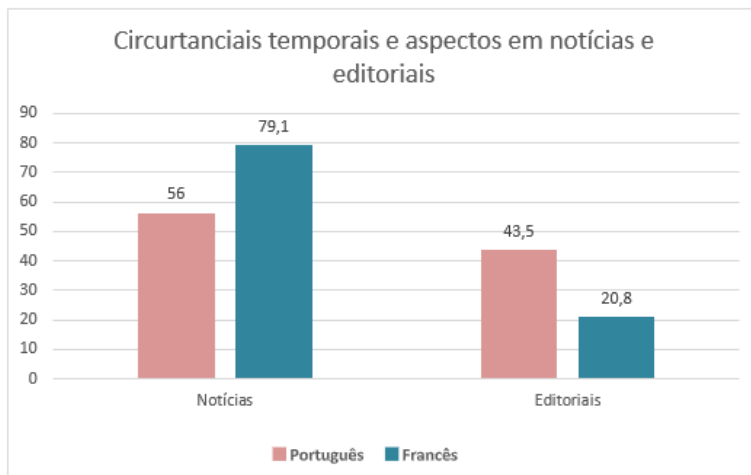
(17b) **Em paralelo às batalhas em torno da contabilidade rural**, surgiram outras denúncias, também negadas pelo senador. Teria favorecido a cervejaria Schincariol, que comprou uma fábrica de Olavo Calheiros, irmão de Renan. Teria adquirido, com recurso a testas-de-ferro, uma rádio e um jornal em Alagoas, no valor de R\$ 2,5 milhões. A história foi confirmada pelo usineiro João Lyra, atual desafeto do presidente do Senado, que seria sócio do senador na empreitada.

(17c) Finalmente, veio a público **nesta semana** o resultado da perícia da PF. A polícia diz que os documentos apresentados pelo senador não são suficientes para sustentar a sua história. Afirmo que a papelada apresenta lacunas graves, como a ausência de registro de despesas de custeio na atividade pecuária. O pagamento de mão-de-obra, por exemplo, só aparece na movimentação de 2006 e não na dos anos anteriores. Outros problemas incluem a multiplicação do gado.

(17 d) **Em 2004** surgiram cem reses na criação, sem que haja registro de compra ou de nascimentos. Como os peritos apontaram um déficit nas contas de 2005, Renan Calheiros aparece agora com um empréstimo de R\$ 178 mil tomado à empresa Costa Dourada Veículos. [editorial 11- Folha de São Paulo]

Ao compararmos os resultados dos usos dos circunstanciais temporais em jornais escritos em português e em francês, vemos que essas construções são mais comuns nas notícias do que em editoriais nas duas línguas, pois são usadas, sobretudo, para localizar os eventos no tempo, o que é muito mais necessário em notícias. Nosso resultado geral já indica uma grande quantidade de locuções localizadoras, o que conseguimos observar nas notícias, um gênero mais narrativo, em que a localização temporal é essencial no texto. No entanto, há uma diferença entre as duas línguas analisadas, como podemos verificar no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 – Circunstanciais temporais e aspectuais em notícias e editoriais



Fonte: Autoral.

Vemos que, em francês, o uso dos circunstanciais é muito mais comum nas notícias, com cerca de 80% dos dados nesse gênero. Isso está ligado às tendências de ordenação de palavras em geral, conforme observaremos na seção da discussão. Tal resultado nos indica uma diferença no comportamento dos circunstanciais nos dois gêneros: em francês, como os editoriais possuem um caráter mais argumentativo que os brasileiros – embora sejam assinados –, o uso dos circunstanciais não é frequente como nas notícias.

DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos uma discussão desses resultados a partir do cruzamento dos resultados entre:

- (a) o papel semântico e a posição dos circunstanciais; e
- (b) a posição dos circunstanciais e os dois gêneros estudados, sempre comparando os usos nas duas línguas.

A seguir, verificamos, na Tabela (2), os resultados obtidos nos jornais brasileiros a partir da análise do cruzamento dos papéis semânticos com as posições dos circunstanciais na oração:

Tabela 2 – Semântica locução e Ordem de palavras no Português

Ordem/ Semântica		Reiterativa		Durativa		Delimitativa		Simultânea		Localizadora	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pré- Verbais	AdvV	4	14	2	3	7	5	0	0	16	5
	XAdvV	1	3	1	2	3	2	0	0	4	1
	AdvXV	2	7	12	20	32	22	3	60	61	18
	XAdvXV	0	0	0	0	2	1	0	0	9	3
Pós- verbais	VXAdv	8	27,5	17	29	59	40	1	20	99	29,5
	VAdvX	6	20,5	8	13,5	16	11	0	0	61	18
	VAdv	4	14	11	19	17	11,5	1	20	56	17
	VXAdvX	4	14	8	13,5	11	7,5	0	0	27	8
VXAdvX		0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,5
Total		29	100	59	100	147	100	5	100	334	100

Fonte: Ilogti de Sá (2015).

Nossa hipótese era que o valor semântico localizador da locução propiciasse o uso nas margens, em particular na margem esquerda, por localizar imediatamente o evento descrito. Entretanto, verificamos que a posição prototípica do circunstancial localizador em português é a margem direita. Ao amalgamarmos algumas ordenações, percebemos que, dos 334 dados de circunstanciais localizadores, 155 permaneceram na margem direita do verbo (99 casos em VXAdv e 56 em VAdv) e apenas 77 se situaram na margem esquerda da oração (61 dados em AdvXV e 16 em AdvV). Essa distribuição corrobora a já constatada em Ilogti de Sá (2009).

Os circunstanciais delimitativos apareceram em 26% do *corpus* e sinalizaram para as mesmas tendências de uso das locuções localizadoras. Do total de 147 dados, 59 (40%) ordenaram-se à direita do verbo (VXAdv) e 32 (22%) à esquerda da oração (AdvXV) – nos dois casos, com um elemento X interveniente: 17 (11,5%) na margem direita imediatamente após o verbo, VAdv; 16 (11%) em posição VAdvX.

Ao amalgamarmos as ordenações com os circunstanciais delimitativos, percebemos a mesma predileção pela margem direita. Em 147 dados com tais circunstanciais, 76 estavam na margem direita (59 em VXAdv e 17 em VAdv) – 52% desse total – e apenas 39 na margem esquerda (32 em AdvXV e 7 em AdvV), representando 26,5%. Verificamos que as locuções delimitativas possuem a mesma

ordenação das locuções localizadoras; portanto, essa distinção semântica não se mostra relevante para a ordenação dessas locuções.

As locuções adverbiais com valor durativo apresentaram uma produtividade menor, com 59 ocorrências de 574 dados – 10% do total do português. Entretanto, a diferença numérica não trouxe alterações nas tendências de uso desses circunstanciais. Dos 59 casos, 17 (29%) correspondem à margem direita com o X entre os elementos, VXAdv, e 12 (20%), à posição AdvXV. As demais ordenações pospostas ainda se mostraram produtivas: em 19% (11 dados), os circunstanciais aparecem na posição VAdv; em 13,5% (8 dados), na posição VAdvX; e, com a mesma quantidade, encontramos a ordem VXAdvX.

As locuções adverbiais reiterativas são aquelas consideradas mais aspectuais dentre todas as semânticas estabelecidas para as locuções. Por ser o aspecto uma categoria mais inerente ao verbo, esperávamos que esses circunstanciais fossem os mais propícios a posições mediais. Em todo o *corpus*, encontramos 29 locuções adverbiais com esse valor semântico, dentre as quais, ainda mantendo a tendência geral de ordenação para o português, observamos 8 (27,5%) em posição VXAdv, ou seja, na margem direita da oração. Nossa expectativa só foi confirmada ao somarmos os casos de circunstanciais em posições próximas ao verbo. Dessa forma, verificamos a ocorrência de 15 dados – 6 (20,5%) VAdvX, 4 (14%) AdvV, 4 (14%) VAdv, 1 (3%) XAdvV.

Com relação aos circunstanciais indicativos de simultaneidade, esperávamos que aparecessem preferencialmente na margem esquerda da oração, pois possuem um valor coesivo importante com o discurso antecedente. Em português, dos 5 que possuíam tal valor semântico (no total de 574 dados gerais), 3 deslocaram-se à esquerda, conforme o previsto. No entanto, pouco podemos afirmar em função da quantidade muito reduzida de ocorrências.

A análise da semântica dos circunstanciais em português mostra que os padrões de ordenação destes constituintes são independentes, como já indicado em Ilogti de Sá (2009). Com uma amostra de dados ampliada/reformulada, percebemos que o papel semântico dos circunstanciais temporais e aspectuais pouco influencia o deslocamento dos adverbiais para posições diferentes da margem direita. Apenas os de valor claramente aspectual, como os reiterativos, apresentam uma tendência mais nítida de se posicionarem mais próximos ao verbo.

Veremos em (3) que os circunstanciais, em francês, apresentam tendências diferentes das encontradas no português:

Tabela 3 – Semântica da locução e ordem de palavras no Francês

Ordem/ Semântica		Reiterativa		Durativa		Delimitativa		Simultânea		Localizadora	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pré- Verbais	AdvV	0	0	3	2,5	1	0,5	0	0	3	1
	XAdvV	0	0	2	1,5	5	2,5	0	0	4	1
	AdvXV	7	23	30	26	70	36,5	0	0	80	24
	XAdvXV	0	0	1	1	10	5	0	0	13	4
Pós- verbais	VXAdv	4	13	26	23	39	20,5	0	0	73	22
	VAdvX	8	27	21	18	19	10	0	0	77	23
	VAdv	8	27	20	17,5	26	14	1	0	48	14,5
	VXAdvX	2	7	10	9	18	9,5	0	0	31	9,5
AuxAdvV		1	3	2	1,5	3	1,5	0	0	4	1
Total		30	100	114	100	191	100	1	0	333	100

Fonte: Ilogti de Sá (2015).

Nossa expectativa inicial era que os circunstanciais localizadores predominassem na margem esquerda da oração – hipótese não comprovada em português. Dos 333 dados do francês com esse valor semântico, 80 (24%) deslocaram-se para a posição AdvXV. Em seguida, destacam-se duas ordens pós-verbais com número significativo de ocorrências: 77 dados (23%) aparecem em VAdvX e 73 (22%) em VXAdv.

Esses primeiros resultados apontam uma diferença significativa no que concerne à comparação entre as duas línguas. Conforme exposto, esperávamos que, em francês, língua em que o sujeito é obrigatoriamente preenchido, a quantidade de circunstanciais sem margem esquerda não fosse a preponderante, para não comprometer o equilíbrio sintagmático em função do peso maior à esquerda do verbo, cf. Votre e Naro. 1986. Entretanto, verificamos que a posição geral predominante do circunstancial no francês é uma das predominantes para a locução localizadora, a ordenação AdvXV. Mesmo que a diferença para a segunda ordenação não tenha sido significativa, percebemos que a tendência, nessa língua, ao contrário do português, é a colocação do temporal no início da oração.

Para os circunstanciais delimitativos, verificamos a mesma tendência à margem esquerda, e, dessa vez, com uma variação considerável em relação à segunda posição. Dos 191 dados de locuções adverbiais com valor delimitativo, em 70 (36,5%), as locuções se posicionaram na margem esquerda da oração,

posição AdvXV, a preferida pelos circunstanciais franceses no geral. A diferença para a segunda ordem ocupada pela locução adverbial foi de 16 pontos percentuais – atestamos 20,5% dos dados (39 casos) em posição VXAdv. Com relação às delimitativas, a margem direita da oração não é a preferencial, nem quando amalgamamos os dados, pois a margem esquerda aparece 71 vezes (70 AdvXV e 1 AdvV) e a margem direita, 65 (39 VXAdv e 26 VAdv).

Os resultados para os circunstanciais durativos no francês foram mais próximos às tendências encontradas em português, embora ainda com a preponderância da margem esquerda da oração. Nas 114 ocorrências de adverbiais com esse valor semântico, observamos 30 (26%) na ordem AdvXV, seguida da ordem VXAdv, com 26 dados (23%). Outras duas posições pós-verbais ainda sobressaem: VAdvX, com 18% (21 casos), e VAdv, com 17,5% (20 dados).

Para o circunstancial reiterativo, entretanto, a proximidade em relação ao verbo aparece mais claramente. Das 30 ocorrências de circunstanciais reiterativos, 16 posicionaram-se imediatamente após o verbo (8 em cada posição, VAdvX e VAdv, contabilizando 27% para cada uma) e 1 apresentou-se entre o auxiliar e o verbo principal da locução verbal. Não fica excluída, no entanto, uma certa recorrência da ordem mais produtiva do francês que ocorreu em 7 dados (23% em AdvXV).

O valor semântico da locução mostrou-se de extrema relevância para a comparação entre as duas línguas. A partir desse fator, percebemos que há uma diferença entre a preferência de ordem no francês e no português. Embora as posições pós-verbais sejam as mais produtivas, a ordenação predominante da locução adverbial em francês é a sua anteposição ao sujeito da oração, ou seja, AdvXV, distinguindo-se do português, no qual verificamos a posição final como prototípica (margem direita).

Com relação ao estudo dos gêneros textuais, nossa expectativa era que o circunstancial temporal não se deslocasse para a margem esquerda da cláusula nas notícias a fim de não provocar rupturas do fluxo narrativo. Como vemos na tabela a seguir, relativa aos dados do português, dos 324 dados pertencentes a esse gênero, em 101 (31% desse total) as locuções apareceram na ordenação VXAdv. Outras duas posições pós-verbais foram as preferencialmente ocupadas pelos circunstanciais: na ordenação VAdvX, apareceram 62 dados (19%) e, na VAdv, 54 (17%). A margem esquerda, na posição AdvXV, corresponde a apenas 17% dos dados (54 ocorrências). Se somarmos as ocorrências em posições na margem esquerda da cláusula, contabilizaremos somente 68 casos (54 AdvXV e 14 AdvV) de circunstanciais iniciando a sentença no gênero em questão, ou seja, apenas 21% desses 324 dados. Tais resultados comprovam nossa hipótese inicial

de que a locução temporal não apareceria à esquerda do verbo no gênero notícia, corroborando resultados de Paiva (2007), Ilogti de Sá (2009, 2015) e Lessa (2012):

Tabela 4 – Gênero Textual X Ordem – no Português

Ordem/Gêneros		Notícias		Editoriais	
		N	%	N	%
Pré-Verbais	AdvV	14	4,5	26	6
	XAdvV	4	1	5	2
	AdvXV	54	17	56	22,5
	XAdvXV	4	1	7	3
Pós-verbais	VXAdv	101	31	83	33
	VAdvX	62	19	29	11,5
	VAdv	54	17	35	14
	VXAdvX	31	9,5	19	7,5
AuxAdvV		0	0	1	0,5
Total		324	100	250	100

Fonte: Ilogti de Sá (2015).

Não obtivemos a mesma comprovação no que diz respeito aos editoriais. Para nós, esse gênero favoreceria o aparecimento dos circunstanciais no início da sentença, já que o editor faria mais referências a sua argumentação anterior, por exemplo, e o escopo do circunstancial não se restringiria à predicação verbal. No entanto, dos 250 dados neste gênero, em 83 (33% desse total) as locuções se mantiveram na margem direita da cláusula, na posição prototípica do circunstancial temporal/aspectual no português (VXAdv). Nossa expectativa era que as locuções temporais predominassem na ordenação AdvXV, posição predominante das locuções adverbiais temporais/aspectuais. Em português, a margem esquerda da cláusula permaneceu sendo a segunda opção de ordenação para o circunstancial, indo de encontro às nossas expectativas e aos resultados obtidos em Ilogti de Sá (2009) e Lessa (2012).

Na amostra de dados de português, os resultados demonstram que a ordem não marcada do português – a margem direita – só não é a preferencial do circunstancial nos casos em ele possui uma função semântica mais específica para além da função de localizar os eventos no tempo. O fator gênero textual, apesar de revelar, nos editoriais uma quantidade relevante de locuções adverbiais na margem esquerda, não se mostrou relevante para explicar a posição do circunstancial temporal/aspectual no início das sentenças.

Os resultados para o francês se distinguem dos observados para o português, como podemos ver a seguir:

Tabela 5 – Gênero Textual X Ordem – no Francês

Ordem/Gêneros		Notícias		Editoriais	
		N	%	N	%
Pré-Verbais	AdvV	1	0,5	5	2
	XAdvV	3	1	8	2,5
	AdvXV	97	25,5	90	31
	XAdvXV	7	2	17	6
Pós-verbais	VXAdv	88	23	54	18,5
	VAdvX	82	21,5	43	15
	VAdv	54	14	49	17
	VXAdvX	40	10,5	21	7
AuxAdvV		7	2	3	1
Total		379	100	290	100

Fonte: Ilogti de Sá (2015).

A Tabela (5) revela um resultado interessante. Ainda que a posição AdvXV tenha aparecido em maior quantidade no gênero notícia (97 dos 379 dados – 25,5% desse total), observamos o predomínio geral das ordenações em que o circunstancial se encontra à direita do verbo. Em sequência, obtivemos 88 ocorrências (23%) de VXAdv, 82 (21,5%) de VAdvX, 54 (14%) de VAdv e 40 (10,5%) de VXAdvX. Portanto, ao amalgamarmos as posições na margem direita e as próximas ao verbo, verificamos que, de fato, os circunstanciais aparecem preferencialmente em posições pós-verbais nas notícias dos jornais franceses. Os resultados, dessa forma, comprovam nossas expectativas iniciais.

No entanto, vemos que os casos nos quais o circunstancial se encontra em posições pré-verbais no gênero notícia representam 31% dos dados. Isso ocorre porque o francês apresenta uma forte tendência de anteposição do circunstancial ao sujeito, isto é, margem esquerda da oração, principalmente quando o mesmo possui funções dentro do discurso, cf. Charolles, 2003. Nas notícias, a recorrência do circunstancial à esquerda pode ser motivada pela necessidade de focalizar imediatamente para o leitor as coordenadas temporais do evento narrado.

Os dados presentes nos editoriais mostraram uma tendência similar à apresentada nas notícias. Dos 290 casos de circunstanciais temporais e aspectuais

neste gênero, em 90 (31%) as locuções se deslocaram para a margem esquerda da cláusula, corroborando nossa hipótese de que o gênero editorial propiciava o aparecimento de locuções adverbiais na margem esquerda da oração. As posições pospostas ao verbo ainda se mostraram produtivas, mas a diferença da posição principal do circunstancial (AdvXV) para a segunda posição (VXAdv) foi de mais de 12 pontos percentuais: na ordem VXAdv, encontramos 54 dados (18,5%) contra 90 (31%) em AdvXV.

Esse resultado demonstra a tendência diferenciada do português e do francês no que concerne ao uso da margem esquerda na escrita jornalística. Em português, essa posição é preenchida pelo circunstancial em casos muito específicos, ao passo que, em francês, essa parece ser a posição predominante do circunstancial temporal/aspectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente capítulo, observamos e analisamos, em duas línguas românicas – o português e o francês –, a ordenação dos circunstanciais de tempo e aspecto nas orações, com base em uma amostra de notícias e editoriais. Alguns pressupostos do Funcionalismo norte-americano, que preveem diferentes funções para as diversas possibilidades de uso das formas linguísticas, serviram como ponto de partida para a nossa análise.

Ainda que os resultados apontem para o predomínio dos circunstanciais temporais e aspectuais à margem direita da cláusula no português e no francês, encontramos diferenças quanto à ordenação mais recorrente em cada uma das línguas. Se, por um lado, no português, observamos a preferência pela ordenação VXAdv (posição pós-verbal), por outro, no francês, a ordenação preferencial é AdvXV (posição pré-verbal). A semântica da locução trouxe diferenças significativas na comparação entre as duas línguas, pois apenas as locuções com valor durativo e reiterativo mostraram tendências de uso mais próximas. No francês, ao contrário do português, observamos nítida inclinação à posição AdvXV, com a locução antecedendo o sujeito.

Com relação ao gênero textual, o resultado demonstra a tendência diferenciada do português e do francês no que concerne ao uso da margem esquerda, na escrita jornalística. Em português, essa posição é preenchida pelo circunstancial em casos muito específicos, ao passo que, em francês, essa parece ser a posição predominante do circunstancial temporal/aspectual. Além disso, houve uma

comprovação da hipótese de predominância do uso dos circunstanciais temporais em notícias, devido ao seu caráter narrativo.

Com este trabalho, buscamos contribuir para o estudo contrastivo entre duas línguas românicas tendo em vista os pressupostos teóricos da linha funcionalista, com a análise voltada para aspectos semânticos e estruturais dos usos de circunstanciais em dois gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Queli. *Ordenação das Locuções Adverbiais de Tempo em editoriais*. Dissertação de mestrado em linguística, UFRJ, 2005.

ARENA, Ana; ILOGTI DE SÁ, Érika. “No ano passado, a ‘Vakinha’ ganhou um ponto fixo. Desde então...”. Uma análise funcionalista de circunstanciadores temporais. *Revista (Con)textos Linguísticos – Estudos funcionalistas: discurso e gramática*. v. 14. n. 28. 2020.

BRASIL, Ângela Varela. *Ordenação de circunstanciais na escrita: um estudo contrastivo entre PB e PE*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CHAROLLES, Michel. De la topicalité des adverbiaux détachés en tête de phrase. *In: Charolles, Michel; Prévost, Sophie. (ed.) Adverbiaux et topiques, Louvain la Neuve, Travaux de Linguistique, 47, 2003, p. 11-51.*

DUARTE, Maria Eugênia Lima. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.). Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993a. p. 107-128.

DUARTE, Maria Eugênia Lima. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. *In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.). Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Da UNICAMP. 107-128. 1993b.

DUARTE, Maria Eugênia Lima. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas. 1995.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In: CASTILHO, A. T. Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

ILARI, Rodolfo. *A Expressão do Tempo em Português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ILOGTI DE SÁ, Erika Cristina. *Ordenação de Locuções de tempo e Aspecto em Textos Jornalísticos: uma Abordagem Funcionalista*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009.

ILOGTI DE SÁ, Erika Cristina. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristina; PAIVA, Maria da Conceição; CEZARIO, Maria Maura. Ordem de circunstanciais temporais em português e francês: motivações discursivas. *Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Volume 16, Número Especial Comemorativo, 2020. p. 646-665.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GRÉVISSE, Maurice. *Le bon usage. Grammaire française*. EDITION J. DUCULOT S. A. - 15^o Edition. 2011.

LESSA, Marcia da Silva. M. *Ordenação de circunstanciais temporais e locativos na escrita jornalística contemporânea*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Os Circunstanciadores Temporais e sua Ordenação: Uma Visão Funcional*. Tese de doutorado, UFRJ, 1994.

PAIVA, Maria da Conceição. Ordem não marcada dos circunstanciais locativos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; YACOVENCO, Lílian Coutinho (org.). *Caminhos em Linguística*. Vitória: NUPLES/DLL/UFES, 2002, p. 16-3.

PAIVA, Maria da Conceição. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Cláudia. (org.). *Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro, 7Letras, p. 254-264, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição. Configurações XSV e XVS no português contemporâneo: complementaridade sintático-semântica e discursiva. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, n. 8, p. 245-270, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição. Restrições a posição de spreps temporais na modalidade falada. *Alfa: revista de linguística*, v. 56, n. 1, 29-53, 2012. Acessível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4960/4130>.

PAIVA, Maria da Conceição *et al.* Padrão não marcado de ordenação de circunstâncias temporais: regularidades e divergências entre fala e escrita.

Linguística: Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística, UFRJ, v. 3, n. 1, p. 69-88, 2007.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony. *A Emergência da sintaxe como um efeito discursivo*. Rio de Janeiro, 1986. p. 454-81. (Relatório final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação).

USAGES DES CIRCONSTANCIELS TEMPORELS ET ASPECTUELS DANS LES JOURNAUX EN PORTUGAIS BRÉSILIEN ET EN FRANÇAIS¹

Érika Ilogti de Sá

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de
Professores

Maria Maura Cezario

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

RÉSUMÉ : Le chapitre apporte des résultats de recherche sur les usages des circonstanciels – plus précisément, des locutions adverbiales temporelles et aspectuelles – avec les objectifs suivants : a) comparer les usages des circonstanciels en portugais et en français, à partir de journaux dont les lecteurs ont un profil sociologique similaire au Brésil et en France, et b) analyser les rôles de ces circonstanciels à l’écrit, en tenant compte de leur ordre et de leurs rôles sémantiques. On utilise les présupposés théoriques du fonctionnalisme nord américain pour comprendre les variations de sens en ce qui concerne les compléments circonstanciels de temps et d’aspect et les différentes positions qu’ils occupent dans la phrase. La comparaison de deux langues sœurs, mais avec des tendances

¹ Agrademos à Professora Clarisse Assis pela revisão do texto em francês.

d'organisations phrastiques différentes, a permis de vérifier qu'il y a des divergences et des convergences dans les usages des circonstanciels.

CONTEXTUALISATION

Au cours des dernières années, différents travaux de nature fonctionnaliste ont été consacrés à l'analyse et à la compréhension des usages des adverbes en portugais, parmi lesquels Ilari et alii (1990) ; Martelotta (1994) ; Andrade (2005) ; Brasil (2005) ; Paiva (2007, 2008, 2011, 2012) ; Ilogti de Sá (2009, 2015) ; Arena et Ilogti de Sá (2020) ; Ilogti de Sá, Paiva et Cezario (2020). Cela se produit, entre autres, parce que les adverbes sont des constructions de nature diversifiée, ont des fonctions variées et des possibilités différentes de position dans la phrase, et sont donc difficiles à classer.

Dans ce travail, à la lumière des présupposés du fonctionnalisme nord-américain, nous avons réalisé une étude des circonstanciels – plus précisément, des locutions adverbiales temporelles et aspectuelles – avec les objectifs généraux suivants : a) comparer les usages des circonstanciels en portugais brésilien et en français, à partir de journaux à audience similaire au Brésil et en France et b) analyser les rôles de ces circonstanciels par écrit, en tenant compte de leur ordre et de leurs rôles sémantiques. Nous avons analysé seulement les circonstanciels codés comme des phrases adverbiales qui apportaient les notions de temps ou d'aspect (GIVÓN, 2001).

Les quatre données suivantes ont servi de données pour notre analyse :

- (1) **Lors de son interrogatoire**, le commandant Schettino s'est pourtant targué d'être un "bon commandant". [notícia – Le Monde]
- (2) Les deux amants se sont rencontrés **en 1996**. [notícia – Le Figaro]
- (3) A Associação de Jornais dos EUA lançará **em abril** uma campanha publicitária. [editorial – O Globo]
- (4) Ele já conseguiu adiar essa decisão **mais uma vez**, contando com uma Suprema Corte outrora manipulável. [notícia 16 – Folha de São Paulo]

On s'attend à ce que la valeur sémantique exercée par ces circonstances influence la position qu'elles occupent dans la phrase : par exemple, les phrases avec une valeur déictique ou locative devraient apparaître principalement sur la marge gauche car elles ont une plus grande portée, localisant divers états de choses ; celles qui ont une valeur aspectuelle, en revanche, ont tendance à se

produire à proximité du verbe, car la catégorie aspect elle-même est plus inhérente à la prédication.

RÔLES SÉMANTIQUES DES CIRCONSTANCIELS TEMPORELS ET ASPECTUELS

Dans ce travail, nous considérons les types sémantiques déjà étudiés dans Ilogti de Sá (2009, 2015), basé sur Martelotta (1994) et sur Ilari (2001), car ils rendent compte de certaines notions aspectuelles pour lesquelles nous attendons des motivations spécifiques d'ordination. Les rôles que nous avons trouvés, à partir de l'analyse des données, forment un continuum sémantique qui part du plus temporel (valeur locative) au plus aspectuel (valeur réitérative). Les rôles sémantiques analysés que nous avons trouvés étaient :

- (a) Rôle de localisation : localise un événement à un moment précis, en attribuant une plus grande valeur temporelle au circonstanciel. Autrement dit, nous avons vérifié, dans les exemples (5) et (6), que ce type de locution détermine le moment exact de l'événement décrit.
- (b) Rôle réitératif : exprime un événement qui se répète dans le temps, de manière itérative, correspondant à la valeur d'aspect.
- (c) Rôle duratif : représente la valeur d'aspect qui exprime un événement qui dure dans le temps. Les données suivantes illustrent cette valeur sémantique.
- (d) Rôle délimitant : correspond au circonstanciel qui délimite le temps de l'événement, que ce soit au début, au milieu ou à la fin, comme on peut le voir dans les exemples ci-dessous.
- (e) Rôle de simultanéité : correspond à la valeur dans laquelle les événements se produisent en même temps. En raison de leur rôle cohésif important - reliant deux événements ou plus se produisant simultanément - les locutions avec cette valeur sémantique devraient avoir une position plus fixe dans la phrase.

Nos attentes initiales étaient, par rapport aux deux langages, (a) que les circonstanciels à valeur temporelle (localisateurs) occupent plus la marge gauche de la proposition et (b) que, d'autre part, ceux ayant plus de valeur aspectuelle (en particulier les locutions réitératives) étaient plus attachés au verbe, occupant donc des positions médianes. Nous utilisons les présupposés théoriques du fonctionnalisme nord-américain car nous croyons que le positionnement du circonstanciel a une motivation beaucoup plus discursive que syntaxique, s'éloignant des approches plus formalistes. Cette distance se produit parce que le fonctionnalisme considère

le langage comme un instrument d'interaction sociale et parce qu'il conçoit que la grammaire émerge de l'usage et est façonnée par des facteurs communicatifs et cognitifs.

MÉTHODOLOGIE

Nous avons collecté et codé toutes les phrases dans lesquelles circonstanciels temporels et aspectuels se sont produits, analysé le rôle sémantique et effectué des croisements de facteurs pour obtenir les résultats présentés ici. Nous utilisons comme *corpus* les nouvelles et les éditoriaux de différents journaux, à savoir : *Folha de S.Paulo* et *O Globo* – journaux brésiliens – et *Le Figaro* et *Le Monde* – journaux français. Les textes ont été collectés de 2007 à 2015, sur le site Internet des sites d'information et dans leur version imprimée, dans le cas de certains journaux brésiliens.

Le *corpus* se composait de 20 éditoriaux et 20 articles d'actualité de chacun des journaux analysés (40 textes de chaque journal dans chaque langue, pour un total de 80 textes en français et 80 en portugais brésilien). Nous avons sélectionné un total de 1.243 données valides pour l'analyse – 574 pour le portugais et 669 pour le français.

RÉSULTATS

Dans les journaux brésiliens analysés, nous avons trouvé 334 occurrences de circonstanciels avec une valeur de localisation temporelle (58% des 574 données). Les circonstanciels à valeur délimitante étaient les deuxièmes plus présents, avec 25,6% du total (147 occurrences). Dans l'ordre, nous avons eu les phrases duratives, représentant 10,2% du *corpus* (59 données), et les réitératives, avec 5% des données (29 données). Le rôle simultané n'est apparu que dans 5 cas, représentant seulement 1% du total.

En français, comme en portugais, le rôle sémantique le plus productif était le localisateur, avec 333 données (environ 50% du total des 669 trouvées dans le *corpus*). En général, on retrouve dans la langue française un plus grand nombre de phrases avec des valeurs de délimitation et de durée : la première apparaît dans 28,5% des données (191 cas) et la seconde, dans 17% (114 données). Les déclarations à valeur réitérative, plus aspectuelles, sont représentées par 30 cas (4,4% du total). Enfin, il n'y avait qu'un seul cas circonstanciel simultané dans le *corpus*.

Nous avons observé et analysé, en deux langues romanes – le portugais brésilien et le français – l'ordination des circonstanciels temporels et aspectuels dans

les phrases, dans l'écriture du portugais et du français. Pour cela, nous utilisons un *corpus* de nouvelles et d'éditoriaux des journaux. Certaines hypothèses du fonctionnalisme nord-américain qui prévoient des fonctions différentes pour les différentes possibilités d'utilisation des formes linguistiques ont servi de point de départ à notre analyse.

Bien que les résultats indiquent la prédominance des circonstanciels temporels et aspectuels sur la marge droite de la phrase en portugais et en français, nous avons trouvé des différences concernant l'ordre le plus récurrent dans chacune des langues. Si, d'une part, en portugais, on observe la préférence pour l'ordre VXAdv (position post-verbale), d'autre part, en français, l'ordre préféré est AdvXV (position pré-verbale). La sémantique des phrases a apporté des différences significatives dans la comparaison entre les deux langues, car seules les phrases à valeur durative et réitérative ont montré des tendances similaires d'utilisation. En français, contrairement au portugais, on observe une inclinaison vers la position AdvXV, précédant le sujet.

En ce qui concerne le genre textuel, le résultat démontre la tendance différente du portugais et du français concernant l'utilisation de la marge gauche dans l'écriture journalistique. En portugais, cette position est occupée par le circonstanciel dans des cas très précis, alors qu'en français, cela semble être la position prédominante du circonstanciel temporel/aspectuel. De plus, il y avait des preuves de l'hypothèse de la prédominance de l'utilisation des circonstanciels temporels dans les nouvelles, en raison de son caractère narratif.

CONSIDÉRATIONS FINALES

À partir d'une quantité considérable de données tirées de journaux brésiliens et français, nous cherchons à contribuer à l'étude des usages des locutions adverbiales dans les journaux brésiliens et français, en nous concentrant sur les différents rôles sémantiques de cette classe de mots et leurs usages dans les nouvelles du journal et les éditoriaux. Ainsi, nous avons pu apporter de nouvelles informations concernant la comparaison des aspects syntaxiques et sémantico-discursifs de deux langues néo-latines.

RÉFÉRENCES

ANDRADE, Queli. *Ordenação das Locuções Adverbiais de Tempo em editoriais*. Dissertação de mestrado em linguística, UFRJ, 2005.

ARENA, Ana; ILOGTI DE SÁ, Érika. “No ano passado, a ‘Vakinha’ ganhou um ponto fixo. Desde então...”. Uma análise funcionalista de circunstanciadores temporais. *Revista (Con)textos Linguísticos – Estudos funcionalistas: discurso e gramática*. v. 14. n. 28, 2020.

BRASIL, Ângela Varela. *Ordenação de circunstanciais na escrita: um estudo contrastivo entre PB e PE*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

ILARI, Rodolfo *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

ILOGTI DE SÁ, Erika Cristina. *Ordenação de Locuções de tempo e Aspecto em Textos Jornalísticos: uma Abordagem Funcionalista*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009.

ILOGTI DE SÁ, Erika Cristina. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristina; PAIVA, Maria da Conceição; CEZARIO, Maria Maura. Ordem de circunstanciais temporais em português e francês: motivações discursivas. *Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Volume 16, Número Especial Comemorativo, 2020. p. 646-665.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Os Circunstanciadores Temporais e sua Ordenação: Uma Visão Funcional*. Tese de doutorado, UFRJ, 1994.

PAIVA, Maria da Conceição. Ordem não marcada dos circunstanciais locativos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; YACOVENCO, Lílian Coutinho (orgs). *Caminhos em Linguística*. Vitória: NUPLES/DLL/UFES, 2002, P. 16-3.

PAIVA, Maria da Conceição. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Cláudia (org.). *Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro, 7Letras, p. 254-264, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição. Configurações XSV e XVS no português contemporâneo: complementaridade sintático-semântica e discursiva. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, n. 8, p. 245-270, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição. Restrições a posição de spreps temporais na modalidade falada. *Alfa: revista de linguística*, v. 56, n. 1, 29-53, 2012. Acessível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4960/4130>.

PAIVA, Maria da Conceição *et al.* Padrão não marcado de ordenação de circunstâncias temporais: regularidades e divergências entre fala e escrita. *Linguística: Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística*, UFRJ, v. 3, n. 1, p. 69-88, 2007.

AS ORGANIZADORAS

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

É professora-pesquisadora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro. Doutora e mestre pela UFRJ, tem experiência na investigação de: variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfosintáticos (construções de referenciação, predicação, modalização, intensificação e atenuação discursivas). Coordena: o Projeto brasileiro PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos e predicações; o Projeto franco-brasileiro VariaR – Variação em Línguas Românicas – em parceria com Vanessa Meireles (UPVM); o Projeto brasileiro CAPES PrInt – Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa (PPGLEV-UFRJ). Participa do grupo de estudos Discurso & Gramática. É membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística no biênio 2021-2023. Integra, desde 2014, a coordenação do eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Coordena esse GT desde 2018. Coordena a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É editora-chefe da *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários* da UFRJ. É Pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa. Sua produção bibliográfica inclui outras obras publicadas pela editora Blucher. cf. <https://www.researchgate.net/profile/Marcia-Vieira-7>.

E-mail: marcia@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796977308756789>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2320-5055>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar> / <https://variav.wixsite.com/variav>

VANESSA MEIRELES

Professora de Língua Portuguesa, Cultura e Literatura do Brasil na Universidade Paul Valéry - Montpellier 3 (França). Membro da equipe de pesquisa Recherches sur les Suds et les Oriens (ReSO). Diretora Adjunta do Departamento de Português. Membro do Conselho ReSO e do Conselho LEA (Línguas Estrangeiras Aplicadas). Responsável pedagógica do Diploma Universitário em Português do Brasil (Portugais du Brésil: langue, culture, interactions). Coordena o posto aplicador de Montpellier do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Coordena, em parceria com Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ), o Projeto VariaR: Variação nas Línguas Românicas. Antes de integrar o quadro de docentes efetivos da Universidade Paul Valéry, atuou como professora de Português e Cultura lusófona em várias universidades e institutos de língua na França. Possui Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) com dignidade acadêmica *Magna cum Laude*. Na França, obteve, com dignidade acadêmica máxima, um Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva (Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis, 2009), um Mestrado em Estudos Lusófonos (Université Sorbonne Nouvelle, 2011) e um Doutorado em Linguística (Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis, 2014). Seu trabalho se concentra na Linguística da Língua Portuguesa. Os objetivos de sua pesquisa são, por um lado, no campo da Fonologia, examinar as especificidades da variedade brasileira do Português (como acento, sílaba e certos fenômenos vocálicos), e, por outro lado, no campo da Análise do Discurso, analisar as ligações entre os fenômenos linguísticos e as manifestações culturais. Outra parte de sua pesquisa diz respeito a aspectos do ensino do Português para alunos de língua francesa.

E-mail: vanessa.meireles@univ-montp3.fr

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324681765530227>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1980-9681>

Projeto de pesquisa: <https://variav.wixsite.com/variav>

OS AUTORES

ANA MARIA BRITO

Doutora em Letras, especialidade em Linguística Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (1988), Agregação em Linguística, pela mesma Universidade (2003) e é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 2004, tendo-se jubilado em janeiro de 2021. Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto de 1976 ao corrente ano em cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em Linguística. Membro do Centro de Linguística da Universidade do Porto desde 1976, ano da sua fundação. Entre as suas responsabilidades de administração académica mais recentes, podemos citar que, de 2014 até final de 2020, foi diretora do Curso de Doutoramento em Ciências da Linguagem e Diretora de Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto de 2010 a 2020. É autora e coautora de vários livros na área da Linguística, nomeadamente da Gramática da Língua Portuguesa, Caminho, Lisboa, 2003; autora de cerca de 140 títulos em vários temas de Sintaxe Comparada, numa perspetiva de interface Semântica Lexical-Sintaxe e Morfologia-Sintaxe (orações relativas, sintaxe do Sintagma Nominal, possessivos, nominalizações deverbais, infinitivo nominal, comparativas, consecutivas, construções ditransitivas).

Tem interesse pela morfossintaxe da LGP, com alguns artigos já publicados em coautoria com Celda Morgado.

E-mail: ambarrosbrito@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4013-2406>

CLARISSA FONTENLOS FIGUEIRA

Graduada em Letras – Licenciatura em Português-Latim – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrou a equipe de graduandos em iniciação científica do Projeto PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos – projeto coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. Atualmente é professora de língua portuguesa da rede privada de Ensino do Rio de Janeiro.

E-mail: clarissa-fig@hotmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7158528949383060>

Projeto de pesquisa: <https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

DANIELLE KELY GOMES

Professora Adjunta II do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua na Graduação e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). É membro colaborador do GT de Sociolinguística da ANPOLL, associada à ABRALIN, à ALFAL e à APL. Doutora e Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012 e 2006, respectivamente), Bacharel e Licenciada em Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003/2004). Dedicar-se a pesquisas em teorias fonológicas, nas interfaces aquisição da linguagem/aprendizagem da escrita, contato linguístico e análises contrastivas entre variedades do Português.

E-mail: daniellekgomes@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3754354682648780>

ELIETE FIGUEIRA BATISTA DA SILVEIRA

Possui Bacharelado e Licenciatura em Português-Literaturas (1990), mestrado e doutorado em Letras Vernáculas (1996, 2003) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado em Língua Portuguesa pela Universidade de Lisboa (2013-2014) com financiamento da CAPES. É membro efetivo do GT de Sociolinguística da ANPOLL e associada à ABRALIN e à ALFAL. Atualmente

ocupa o cargo de Professor Associado III na Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na graduação e pós-graduação, bem como coordena o projeto de extensão universitária - CLAC - Redação. Organiza e participa de eventos nacionais e internacionais, divulgando sua pesquisa nas áreas de Letras e Linguística, ênfase em Língua Portuguesa, envolvendo os seguintes temas: aquisição da linguagem/aprendizagem da escrita e teorias fonológicas; ensino, variação e mudança linguísticas; estudos de base sociolinguística nos diferentes níveis da língua.

E-mail: elietesilveira@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2171617984971953>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6928-2614>

ÉRIKA ILOGTI DE SÁ

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Professora de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Atualmente é subchefe desse Departamento. Também é pesquisadora do Grupo de Discurso e Gramática da UFRJ.

E-mail: erikailogtidesa@gmail.com; erikacisa@yahoo.com.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7588587841421147>

Projeto de pesquisa: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>

HELOISA DA COSTA MIRANDA

Professora de Língua Portuguesa do Município do Rio de Janeiro (SME/RJ), onde atua desde 2012, em turmas de EJA e Ensino Fundamental II. Graduada em Letras Português/Italiano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - 2008. Durante a graduação, foi monitora de Italiano no CLAC. Especialista em Língua e Literatura Italiana pela UFRJ/2009. Mestre em Língua Portuguesa (PROFLETRAS/UFRJ) - 2016, sob a orientação da Profa. Dra. Leonor Werneck dos Santos. Doutorado em Letras Vernáculas/UFRJ em andamento, sob a orientação da Profa. Dra. Leonor Werneck dos Santos. Membro do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT) na UFRJ desde 2013. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Linguística de Texto, gêneros textuais escritos e orais, referência, oralidade e ensino.

E-mail: heloisamiranda2014@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2334705419872115>

Projeto de pesquisa: <https://www.instagram.com/gplint.ufrj/>

HEGLYN PIMENTA

Pesquisadora associada na área de linguística na Universidade de Paris 8, onde ela integra a unidade de pesquisa *Structures formelles du langage* (UMR 7023). Sua pesquisa atual engloba temas como as teorias fonológicas, a fonologia das línguas românicas e a variação linguística, levando em conta dados de evolução diacrônica, dados sincrônicos de variedades padrão e não padrão de português e dados de fonologia experimental. Mais recentemente, ela se interessa também por dados sobre a aquisição típica e atípica da linguagem, tendo codirigido um mestrado na Université de Tours sobre tal assunto em 2020. Após uma graduação em Letras modernas português-francês pela Universidade de São Paulo, a autora inicia sua pesquisa sobre vogais nasais durante o mestrado em linguística na Sorbonne (Université Paris IV), onde, através da análise das primeiras obras metalinguísticas escritas em português, ela trabalha sobre a relação entre a representação grafemática e a representação fonológica das vogais nasais no século XVI. Hoje especialista da nasalidade vocálica em português, sua tese, defendida em 2019 na Université Paris 8, integra dados de evolução diacrônica, de variação dialetal e de fonética experimental a uma análise formal das vogais e dos ditongos nasais do português (especialmente do português europeu). Além do assunto mais específico da relação entre a estrutura silábica e a nasalidade vocálica, sua pesquisa trata de outros temas tais que a relação entre acentuação e peso silábico, a representação fonológica dos diferentes tipos de segmentos pós-vocálicos em português (codas, glides de ditongos e nasalidade), e a determinação dos elementos de que são compostos os fonemas.

E-mail: heglyn@gmail.com

Curriculum: <https://www.sfl.cnrs.fr/heglyn-pimenta>

HERVÉ LIEUTARD

É professor universitário no Departamento de Estudos Occitanos da Universidade Paul-Valéry (Montpellier 3), membro da equipe ReSO e Diretor da Revista Lengas. É autor de várias publicações, entre as quais « Minuscules et capitales : systèmes graphiques des langues de France et d'ailleurs » (2019), « Vocalas mejanas e alternàncias vocalicas en occitan e en francés d'òc » (2017), « Emergència e elaboracion d'un occitan oficial escrich prediglossic : l'exemple del Pichòt Talamus », (2017), « L'occitan, langue officielle du consulat de Montpellier » (2016), « La Recherche en occitan à l'Université de Montpellier » (2015), e « La grafia classica de l'occitan al servici de l'antroponimia medievala » (2014), « Lo

tractament eterosillabic de las muta cum liquida en occitan » (2014). É diretor adjunto da Faculdade de línguas e culturas estrangeiras e regionais (UFR2/UPVM) desde setembro de 2021.

E-mail: herve.lieutard@univ-montp3.fr

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1017-3998>

JEANE NUNES DA PENHA

Mestra em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, habilitação: Português-Espanhol. Foi aluna de Iniciação Científica entre 2015-2017, sendo bolsista FAPERJ entre 2016-2017. No âmbito acadêmico, concentra-se em estudos de Morfossintaxe sob o enfoque da Linguística Funcional-Cognitiva, da Sociolinguística e da abordagem da Gramática de Construções, seguindo a Linha de Pesquisa: Língua e Sociedade: variação e mudança. Integra o projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. Possui estudos sobre (i) o uso de perífrases verbo-nominais com os verbos suportes DAR e FAZER na modalização do discurso, (ii) o pareamento forma-função de construções com os verbos suportes DAR, FAZER, PASSAR, POSAR e TIRAR seguidos de elemento nominal preposicionado e, atualmente, (iii) a construção [ELEMENTO VERBAL + DET./PREP. + ELEMENTO NOMINAL]_{representação} através de uma abordagem construcional diassistêmica.

E-mail: jeane.nunes@letras.ufrj.br, jeanee07@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5562543165718460>

Projeto de pesquisa: <https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

LAURA ÁLVAREZ LÓPEZ

É professora titular de Português no Departamento de Estudos Românicos e Clássicos da Universidade de Estocolmo, Suécia. Desenvolve pesquisas principalmente nas áreas da Sociolinguística e da Linguística de Contato. Estuda os fatores sociais e linguísticos que estão por trás de processos de variação e mudança, principalmente em contextos multilíngues. Tem interesse especial nas abordagens transdisciplinares visando a estudar as relações entre língua, cultura e sociedade, sobre tudo em comunidades afro-latino-americanas e afro-ibéricas.

É membro da ACBLPE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola) e da ABRE (Associação de Brazilianistas na Europa).

E-mail: laura.alvarez@su.se

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1291250686615341>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4223-6084>

LEONOR WERNECK DOS SANTOS

Professora Titular de Língua Portuguesa da UFRJ, onde atua desde 1995, com Mestrado e Doutorado pela UFRJ. Pós-doutorado na Universidade Aberta-Portugal, sob a supervisão da Profa. Dra. Isabel Roboredo Seara (2018), e na Universidade Federal do Ceará, sob a supervisão da Profa. Dra. Mônica Cavalcante/UFC (2013), com Bolsa Pós-Doutorado Sênior do CNPq. Ex-professora de ensino fundamental e médio (Colégio Pedro II, rede municipal e particular do Rio de Janeiro). Atua na graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Letras Vernáculas e é ex-professora do ProfLetras, da disciplina “Texto e ensino”. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística de Texto, gêneros textuais, referenciação, articulação textual, literatura infantil e juvenil e ensino de leitura. Membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL.

Site: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor> Instagram: @gplint.ufrj

E-mail: leonorwerneck@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3802276062054027>

Projeto de pesquisa: <https://www.instagram.com/gplint.ufrj/>

LÍVIA RODRIGUES CORDEIRO

Licencianda do curso de Letras-Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dedicou-se à investigação da variação do artigo definido diante de pronomes possessivos na variedade do Português de São Tomé, sob orientação da Prof.^a e Dr.^a Danielle Kely Gomes (UFRJ). Tem interesse em teorias fonológicas, no fenômeno morfossintático de concordância verbal, em análises contrastivas e comparativas entre variedades do Português e na interface fonologia-sintaxe.

E-mail: liviarodrigues20@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6379465056807789>

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

É professora-pesquisadora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro. Doutora e mestre pela UFRJ, tem experiência na investigação de: variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfosintáticos (construções de referenciação, predicação, modalização, intensificação e atenuação discursivas). Coordena: o Projeto brasileiro PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos e predicções; o Projeto franco-brasileiro VariaR – Variação em Línguas Românicas – em parceria com Vanessa Meireles (UPVM); o Projeto brasileiro CAPES PrInt – Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa (PPGLEV-UFRJ). Participa do grupo de estudos Discurso & Gramática. É membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística no biênio 2021-2023. Integra, desde 2014, a coordenação do eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Coordena esse GT desde 2018. Coordena a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É editora-chefe da *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários* da UFRJ. É Pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa. Sua produção bibliográfica inclui outras obras publicadas pela editora Blucher: por exemplo, “Dimensões e experiências em Sociolinguística”, 2019. cf. <https://www.researchgate.net/profile/Marcia-Vieira-7>.

E-mail: marcia@letras.ufrj.br, marciamv@ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796977308756789>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar> / <https://variar.wixsite.com/variar>

MARCOS LUIZ WIEDEMER

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Preto), e cursou ainda o doutorado sanduíche na Erfurt Universität (Erfurt-Alemanha), na área de Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Christian Lehmann. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Licenciado em Letras-Português/Inglês pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente é professor adjunto de linguística - 40 horas com dedicação exclusiva na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

na Faculdade de Formação de Professores. Foi Coordenador Geral do PPLIN - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (Stricto Sensu) - gestão (2016-2018/2018-2020) e Chefe do Departamento de Letras (2015-2016) da Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) - São Gonçalo/RJ. Foi professor do Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPEG) de 2011-2013. É membro (pesquisador) do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFF) e do Grupo de Pesquisas – Grupo de Estudos Sociofuncionalistas – (UFMS) e lidera o Grupo de Pesquisa “Interfaces Linguísticas” (UERJ). Juntamente com Marcia dos Santos Machado Vieira coordenou o GT-Sociolinguística da ANPOLL (2018-2021). Foi membro do Conselho (Estudos Linguísticos) da ANPOLL (2018-2020) e foi Coordenador da Comissão - Linguística e Cognição - da Abralín (2020-2021). Membro do Corpo de Embaixadores da Olimpíada Brasileira de Linguística. Coordenador do Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino (LABLETRAS/UERJ). Vice-presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) (2021-2013). Atua na área de docência (graduação e pós-graduação) e pesquisa em linguística, língua portuguesa e metodologias. Possui publicações em anais de eventos nacionais e internacionais, e em periódicos especializados. Áreas de interesse: Gramática de Construções; Modelos Baseados no Uso; Linguística Cognitivo-Funcional e Sociolinguística.

https://www.researchgate.net/profile/Marcos_Luiz_Wiedemer

E-mail: mlwiedemer@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4237755696513203>

MARIA MAURA CEZARIO

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia e do Programa de Linguística da mesma universidade. É Coordenadora do Grupo de Estudo Discurso e Gramática e realiza pesquisas na área de Linguística Funcional Centrada no Uso.

E-mail: mmcezario@letras.ufrj.br; mmcezario@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7183632335615140>

Projeto de pesquisa: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>

PÂMELA FAGUNDES TRAVASSOS

Doutoranda do curso de Língua Portuguesa do Programa de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados e predicacões: estabilidade, variação e mudança construcional), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. De março a agosto de 2021, realizou estágio de Doutorado Sanduíche (bolsa CAPES PrInt) na Université de Lille (França), no laboratório “Savoirs, Textes, Langage”, sob a supervisão do Prof. Dr. Bert Cappelle. Integra, como estudante colaboradora, o Projeto VariaR – Variação em Línguas Românicas –, coordenado pelas pesquisadoras Vanessa Meireles (Université Paul Valéry - Montpellier 3) e Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ). É membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Concentra-se em estudos de Morfossintaxe à luz das perspectivas Sociofuncionalista, Funcional-Cognitiva e da abordagem da Gramática de Construções, seguindo a Linha de Pesquisa: Língua e Sociedade: variação e mudança. Courseou Mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) na UFRJ (bolsa CAPES em 2017 e bolsa FAPERJ Nota 10 em 2018). É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui licenciatura em Letras (UFRJ), habilitação: Português-Literaturas (bolsa CNPq no período de Iniciação Científica - 2014 a 2016). É professora da rede municipal do Rio de Janeiro.

ORCID ID: orcid.org/0000-0002-0683-9742

E-mail: fagundespamela@letras.ufrj.br, fagundespamela@hotmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9943814815338406>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar> / <https://variar.wixsite.com/variar>

PAULO VITOR LIMA DA GAMA SOARES

Graduando em Licenciatura em Letras: Português-Espanhol pela Faculdade de Letras da UFRJ (FL/UFRJ). Desenvolve, desde 2018, pesquisas de iniciação científica sob orientação da Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão nos âmbitos da fonética-fonologia e morfossintaxe de variedades do português. Atuou como monitor de extensão do projeto Elaboração e Publicação de Artigos Científicos, coordenado pelo Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio e, durante o período do projeto, atuou na revisão de textos do periódico LaborHistórico (Revista de

Linguística Histórica Românica). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Subprojeto: Espanhol da UFRJ e monitor bolsista da disciplina Sintaxe da Língua Portuguesa (LEV300) na FL/UFRJ.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2181885509060339>

SILVIA CAROLINA GOMES DE SOUZA GUERREIRO

Possui Bacharelado e Licenciatura em Português-Literaturas (2013), mestrado em Letras Vernáculas (2017) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Doutoranda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com financiamento da CAPES. Participa de eventos nacionais e internacionais divulgando sua pesquisa nas áreas de Letras com ênfase em Língua Portuguesa, com os seguintes temas: variação, fonética e fonologia, mudança linguística, avaliação subjetiva, crenças e atitudes.

E-mail: silviacarolinasouza@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5581690475670362>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2188-9235>

SILVIA FIGUEIREDO BRANDÃO

Professora Titular de Língua Portuguesa, Doutora em Letras Vernáculas (UFRJ), atua desde 1978, na Área de Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ. Em 2009, realizou estágio pós-doutoral, com bolsa CAPES, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2008 e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. No Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, que coordenou no biênio 1991-1993, desde 1990 desenvolve e orienta pesquisas no âmbito da Sociolinguística Variacionista e da Dialectologia, em especial nos campos da Fonética-Fonologia e da Morfossintaxe. Entre 1994 e 1996, coordenou o GT de Sociolinguística da ANPOLL, e, entre 2000 e 2004, o Projeto VARPORT (Análise Contrastiva de Variedades do Português), de Cooperação Internacional - CAPES-GRICES (Brasil-Portugal). Em 2014, foi eleita vogal da ALFAL. Autora de *A geografia linguística no Brasil* (São Paulo: Ática, 1991) e organizadora de *Duas variedades africanas do Português: aspectos fonético fonológicos e morfossintáticos* (Blucher, 2018), com publicações no Brasil e no exterior, organizou, ainda, com Maria Antónia Mota, da Universidade de Lisboa, *Análise contrastiva de variedades do Português: primeiros estudos* (Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003), e, com Silvia Rodrigues Vieira, *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e*

propostas (Fac.Letras-UFRJ, 2004) e Ensino de gramática: descrição e uso (São Paulo: Contexto, 2007).

E-mail: silvia.brandao@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4418246461990211>



Les chapitres réunis dans cet ouvrage forment un ensemble diversifié et riche de collaborations pour la communauté internationale des chercheurs intéressés par la description du portugais et des autres langues romanes. Aux importantes contributions à la description des variétés nationales du portugais et à la distinction des caractéristiques propres aux différentes variétés du portugais (portugais européen, portugais brésilien, portugais santoméen, portugais mozambicain) s'ajoutent des contributions qui visent à comparer le portugais avec d'autres langues romanes (espagnol, italien et français), dans une perspective d'observation et d'étude de la variation linguistique en tant que diassystème.

Les diverses thématiques abordées et les analyses linguistiques proposées se fondent sur différentes approches théoriques complémentaires: la sociolinguistique variationniste, la géolinguistique et la dialectologie, le fonctionnalisme, la linguistique fonctionnelle-cognitive, la grammaire de construction (diasystématique) et la linguistique textuelle.

Hervé Lieutard

(Université Paul Valéry/Montpellier 3)

France, octobre 2021.



openaccess.blucher.com.br



Blucher Open Access